FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

Praça do Leões - Fortaleza-CE - Fotos das Capas: Maurício Albano

EXPRESSÃO GRÁFICA E EDITORA

ISSN 0102-6020

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

ANO CXXIV
v. 80
2019

REVISTA DA

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

ANO CXXIV – v. 80 – 2019

REVISTA DA

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

ANO CXXIV – v. 80 – 2019

Patronos

1. Adolfo Caminha
2. Álvaro Martins
3. Antônio Augusto
4. Antônio Bezerra
5. Papi Júnior
6. Antônio Pompeu
7. Clóvis Beviláqua
8. Domingos Olímpio
9. Fausto Barreto
10. Padre Mororó
11. Barão de Studart
12. Heráclito Graça
13. D. Jerônimo Tomé
14. João Brígido
15. Capistrano de Abreu
16. Franklin Távora
17. Joaquim Catunda
18. Moura Brasil
19. José Albano
20. Liberato Barroso
21. José de Alencar
22. Justiniano de Serpa
23. Juvenal Galeno
24. Lívio Barreto
25. Oliveira Paiva
26. Soares Bezerra
27. Soriano de Albuquerque
28. Mário da Silveira
29. Paulino Nogueira
30. Rocha Lima
31. Farias Brito
32. Cônego Ulisses Pennaforte
33. Rodolfo Teófilo
34. Samuel Uchoa
35. Tomás Pompeu
36. Senador Pompeu
37. Tomás Lopes
38. Tibúrcio Rodrigues
39. Araripe Júnior
40. Visconde de Sabóia

FORTI NIHIL DIFFICILE
Divisa de Beaconsfield

Revista da Academia Cearense de Letras

Ano CXXIV – v. 80
2019

Diagramação eletrônica
Antônio Nailton

Revisão
Giselda Medeiros

Capa
Fotos de Maurício Albano

Ficha Catalográfica

C387r REVISTA da ACADEMIA CEARENSE de LETRAS
Academia Cearense de Letras. -Fortaleza, v.1- ; n.1- ; 1896-

2019, v. 124, n. 80

1. Literatura brasileira - Periódicos - Ceará. 2. Academia Cearense de Letras – História.

ISSN: 0102-8820 CDD: 869.05

Academia Cearense de Letras
Fundada em 15 de agosto de 1894
Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Diretoria do Biênio 2019/2020

Presidente de Honra	–	José Murilo Martins
Presidente	–	Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez
Vice-presidente	–	Juarez Fernandes Leitão
Secretário Geral	–	Flávio Leitão
Secretário Geral-Adjunto	–	José Batista de Lima
Diretor de Finanças	–	Giselda de Medeiros Albuquerque
Diretor Cultural	–	Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa
Diretor de Publicação	–	Noemi Elisa Aderaldo
Diretor de Patrimônio	–	Linhares Filho
Conselho Fiscal	–	Ednilo Soares, Francisco, Ernando Uchoa Lima e Pio Rodrigues Neto

Comissão de Redação desta Revista
Noemi Elisa Aderaldo – Presidente
Linhares Filho – Sânzio de Azevedo
Flávio Leitão – Giselda Medeiros

Revisão
Giselda Medeiros

Colaboração:
Madalena Figueiredo – Bibliotecária CRB 3/311

Sede da ACL
Palácio da Luz
Rua do Rosário, 1
CEP: 60055-090 – Fortaleza – Ceará – Brasil
Telefone: (85) 3226 0326
E-mail: acdeletras@gtmail.com
Horário de Funcionamento:
Segunda a Sexta-feira, de 8h:00 às 16h:00

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

1. As colaborações devem ser encaminhadas à Comissão de Redação em CD, acompanhados de cópia impressa, digitada em Microsoft Word.
2. Na primeira página deverão constar o título do trabalho, o nome do autor e a sua qualificação.
3. Os títulos de livros, revistas e jornais devem ser colocados em itálico, e não entre aspas.
4. As colaborações, cujos autores não sejam acadêmicos, deverão ser aprovadas pela Comissão de Redação.

Aceitam-se permutas.

- As ideias e conceitos emitidos pelos colaboradores são de sua única responsabilidade.

Sumário

1ª PARTE – HOMENAGENS

Saudação a Pedro Paulo Montenegro
Linhares Filho 17

Ao Mestre Pedro Paulo Montenegro
Linhares Filho 26

Adeus a Pedro Paulo Montenegro
Linhares Filho 27

Oi, Sérgio
Pedro Henrique Saraiva Leão 28

2ª PARTE – ESTUDOS

Iracema, uma ficção fundadora
Lúcio Alcântara 31

Encontro com Irmã Dulce
Noemi Elisa Aderaldo 41

A última Flor do Lácio
Luciano Maia 47

Lirismo do Silêncio
Giselda Medeiros 49

Escritoras contemporâneas de língua portuguesa a serem lembradas em 2019: Agustina Bessa-Luís; Stella Leonardos; Sophia de Mello Breyner Andersen
Beatriz Alcântara 52

De Linhares Filho
Cronos e Cromos, de Leite Jr. 57
Franciscos: moradores do Céu, de Vianney Mesquita 61

Jornalismo crítico de Tibúrcio Rodrigues
Pádua Lopes 63

Cecicília Meireles
Graça Fonteles 79

3ª PARTE – POESIA

Poemas de Daniel Varujan / Traduções de *Luciano Maia*
A Sementeira 87
Cruz de Espigas 88
Contemplação
Giselda Medeiros 90
Veneza
Révia Herculano 91
Fugaz...
Ana Luiza Almeida Ferro 92

4ª PARTE – PROSA DE FICÇÃO

Crime sem castigo
Flávio Leitão 97
Uma casa toda mãe
Batista de Lima 104

5ª PARTE – ENTREVISTA

Como e porque sou e não sou bibliófilo (2018)
Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes 109

6ª PARTE – DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

Solenidade de Posse da Acadêmica Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, na presidência da ACL, e da Diretoria, no Biênio 2019-2020 121

Discurso pronunciado por Angela Gutiérrez em solenidade de sua posse como primeira Presidente da Academia Cearense de Letras, em 30 de janeiro de 2019 123

Discurso de Saudação ao novo Acadêmico da Academia Cearense de Letras, Pádua Lopes, no Palácio da Luz, em 26 de fevereiro de 2019
José Augusto Bezerra 133

Discurso de Posse do Acadêmico Pádua Lopes, na cadeira 38 da ACL
Pádua Lopes 143

Discurso pronunciado, como orador oficial, pelo Sócio Efetivo José Augusto Bezerra, no 132º Aniversário do Instituto do Ceará, no Palacete Jeremias Arruda, em 11 de março de 2019
José Augusto Bezerra 151

Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, no 30º aniversário de sua fundação, no Auditório José Albano, no Centro de Humanidades da UFC, em 8 de março de 2019
Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez 158

Discurso de Saudação à nova Acadêmica da Academia Cearense de Letras, Grecianny Carvalho Cordeiro, no Palácio da Luz, em 21 de março de 2019
César Barros Leal 173

Discurso de Posse da Acadêmica *Grecianny Carvalho Cordeiro,* na cadeira 08 da ACL
Grecianny Carvalho Cordeiro 181

O Brilho do acadêmico Murilo Martins
Mauro Benevides 189

Discurso de Saudação ao novo Acadêmico da Academia Cearense de Letras, Tales de Sá Cavalcante, no Palácio da Luz, em 15 de abril de 2019
José Augusto Bezerra 191

Discurso de posse do Acadêmico Tales Montano de Sá Cavalcante, na cadeira 09 da ACL
Tales Montano de Sá Cavalcante 198

Conferência de Abertura do III Encontro de Estudos Clariceanos, "Como uma Flor(a) é feita", pronunciada pela Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, no Auditório José Albano, do Centro de Humanidades da Universidade de Federal do Ceará, em 28 de maio de 2019 207

Discurso em Cerimônia de Comemoração do Centenário da Casa de Juvenal Galeno, em 28 de julho de 2019
Angela Gutiérrez 225

Discurso de Saudação pronunciado pela Profa Titular Odalice de Castro Silva, na Solenidade de Entrega do Título de Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará à Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, no Auditório da Reitoria, em 9 de agosto de 2019
Odalice de Castro Silva 228

Discurso pronunciado pela Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, ao receber o título de Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará
Angela Gutiérrez 233

Discurso pronunciado pelo Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará, Henry de Holanda Campos, na Solenidade de entrega do título de Professora Emérita à Professora Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez
Henry de Holanda Campos 246

Saudação acadêmica a Murilo Martins, Ednilo Soarez, Flávio Leitão e Linhares Filho, pronunciada pelo Vice-presidente da Academia Cearense de Letras, em cerimônia de comemoração dos novent'anos do primeiro e dos oitenta anos dos outros acadêmicos, no Ideal Clube, em 13 de agosto de 2019
Juarez Leitão 253

O segredo da Boneca Russa e a revelação da romancista Celma Prata, discurso de apresentação pronunciado pela Escritora Angela Gutiérrez, na XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará, em 23 de agosto de 2019.
Angela Gutiérrez 262

Palavras a minha irmã e madrinha Dulce, a 20 de setembro de 2019 na Igreja de N. Senhora de Lourdes, em Missa de Trigèssimo dia
Linhares Filho 267

Conferência pronunciada no Programa de Comemoração do Centenário de Estrigas, promovido pela Secult-Ce e pelo MiniMuseu Firmeza, Estrigas e Nice no território mítico de Mondubim e nas Artes do Ceará, no Centro Cultural Dragão do Mar, em 26 de setembro de 2019
Angela Gutiérrez 269

Discurso pronunciado pela Acadêmica Grecianny Carvalho Cordeiro, como oradora oficial, na Solenidade de Entrega da Medalha Antônio Martins Filho à Escritora Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, pela Academia Fortalezense de Letras, no Palácio da Luz, em 16 de outubro de 2019
Grecianny Carvalho Cordeiro 277

Discurso pronunciado pela Escritora Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, ao receber a Medalha Antônio Martins Filho, concedida pela Academia Fortalezense de Letras, no Palácio da Luz, em 16 de outubro de 2019
Angela Gutiérrez 284

Discurso da Presidente da Academia Cearense de Letras, Acadêmica Angela Gutiérrez, na Solenidade de Comemoração dos 125 anos da ACL e 30 anos de sua sede no Palácio da Luz, em 21 de novembro de 2019
Angela Gutiérrez 293

Discurso pronunciado pela Presidente Elinalva Alves de Oliveira, na Solenidade de Entrega da Medalha Cândida Galeno, concedida pela Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB, em sessão no Palácio da Luz, em 5/12/19
Elinalva Alves de Oliveira 302

Discurso pronunciado pela Escritora Profa Dra Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Presidente da Academia Cearense de Letras, ao receber a Medalha Cândida Galeno
Angela Gutiérrez 306

Homenagem a dois escritores oitentões!
Lourdinha Leite Barbosa 311

Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes: a Benemérita Senhora do Bem
Gizela Nunes da Costa 322

Os Mecenas da Santa Casa de Sobral, proferido em Sobral, em 1.6.2000, na solenidade comemorativa dos 75 anos do funcionamento da Santa Casa de Sobral
Francisco Marialva Mont'Alverne Frota 325

7ª PARTE – TRANSCRIÇÕES

De *Pedro Henrique Saraiva Leão*
Nano Medicina 335
Medicina do Genoma..... 337
Tempo & Eternidade..... 339

8ª PARTE – O LIVRO DA ACADEMIA

Carlos Gondim, o poeta da Angústia
Sânzio de Azevedo 343

9ª PARTE – LITERATURA INTERCONTEXTUAL

Episódios de infância e de leituras
Virgilio Maia, com a colaboração de Elberty Oliveira 371

Canudos recortes
Côca Torquato 387

10ª PARTE – NOSSOS MORTOS

Pedro Paulo Montenegro † 9.6.2019 413

11ª PARTE – ATA DAS SESSÕES

Ata da sessão de 17 de janeiro de 2019 417
Ata da reunião da diretoria no dia cinco de fevereiro de 2019 418
Ata da sessão de abril de 2019 421
Ata da sessão de maio de 2019 423
Ata da sessão de julho de 2019 429
Ata da sessão de agosto de 2019 431
Ata da sessão de setembro de 2019 432
Ata da sessão de outubro de 2019 437

12ª PARTE – RELAÇÃO DOS ACADÊMICOS E SEUS ENDEREÇOS

Relação dos Acadêmicos e seus endereços 443

1ª Parte

Homenagens

SAUDAÇÃO A PEDRO PAULO MONTENEGRO[1]

Linhares Filho

Reúne-se solenemente o egrégio Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará sob a presidência da Profª Maria Helena Pitombeira, Vice-Reitora, substituindo o operante Reitor Roberto Cláudio Frota Bezerra, para outorgar o título de Professor Emérito, com a maior justiça e consenso, ao Professor Doutor Pedro Paulo de Souza Montenegro. E é com inexcedível honra e com a satisfação mais intensa que recebo a missão de saudá-lo neste momento, e julgo que se me oferta a palavra não só por ser eu um dos seus colegas que ainda hoje se consideram seus alunos, mas também por haver tido a iniciativa de, junto à Coordenação do Curso de Mestrado em Letras, depois junto ao Departamento de Literatura, propor a concessão desse título a tão insigne mestre, ideia logo acolhida por todos os integrantes de ambos os colegiados, em seguida pela Diretora do Centro de Humanidades, Profª Dra. Maria Elias Soares, com aprovação unânime dos participantes do Conselho desse Centro para, finalmente, receber a concordância plena do Conselho Universitário.

A unanimidade explica-se. O Prof. Pedro Paulo Montenegro foi, como um dos fundadores da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta Universidade e, como tal, primeiro Professor Titular de Teoria da Literatura da Instituição, um dos principais responsáveis pela orientação acertada e moderna dos estudos literários nessa Faculdade, em consonância com as correntes mais atuais da Teoria da Literatura no Brasil e no Ocidente, advindo o professor de Curso de Pós-Graduação nessa disciplina, pela Universidade de Madri, sob

1 Palavras na solenidade de entrega do título de Professor Eromérito da UFC ao Prof. Pedro Paulo Montenegro. Texto extraído de *Novos Documentos Universitários* nº 11 – Série Discursos Acadêmicos nº 1 – Coordenadoria de Comunicação Social, UFC, 1998.

a direção dos professores Rafael Balbín e Carlos Bousoño. Exercendo o magistério com comprovada eficiência, com dedicação e brilho excepcionais, cedo se impôs ao acatamento e à admiração de colegas e alunos pelo seu magistral saber, mostrando em suas aulas grande discernimento do fato literário, mercê de seu preparo, fundamentado na leitura crítica da obra dos maiores nomes da Literatura mundial e na experiência como pesquisador.

Assisti às suas aulas, com o maior apreço e interesse, em várias fases de minha formação intelectual, como seu aluno de Teoria da Literatura I e II, de Literatura Comparada e, posteriormente, já graduado e lecionando no Curso de Letras, lhe frequentei o Curso de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literárias, em nível de Pós-graduação. Posso testemunhar-lhe as virtudes didáticas, o talento do conhecedor do assunto que expõe e o devotamento de precursor, de quem desbravava caminhos em matérias que se deviam ministrar em primeira mão nesta Universidade com metodologia a ser inaugurada pelo professor na unidade universitária a que se aplicavam as referidas disciplinas. Imagine-se a capacidade do Prof. Pedro Paulo de manter a atenção de uma classe de sessenta alunos, na qual me inseria, da disciplina Literatura Comparada, ministrada sem microfone e de modo pioneiro entre nós. Considere-se, ainda, a aptidão e o altruísmo de ele enfrentar como lente um Curso de Pós-graduação como aquele a que aludi, dirigido aos seus próprios colegas, porque ele era o primeiro e único pós-graduado na área de Letras Vernáculas nesta Universidade, e todos tínhamos necessidade de qualificar-nos por exigência do Ministério da Educação.

Esse memorável Curso de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literárias representou o despertar para a qualificação, em nível de Mestrado e Doutorado, de muitos professores do Curso de Letras que começaram a frequentar centros universitários mais

adiantados dentro e fora do País, bem como constituiu a semente dos cursos de Mestrado em Letras da nossa Universidade, num dos quais, o de Literatura Brasileira, o Prof. Pedro Paulo Montenegro, antes de aposentar-se ministrou aulas e mesmo após sua aposentadoria, transmite ainda seus ensinamentos a diversas turmas, sem receber remuneração, o que comprova exemplarmente o seu desprendimento e dedicação pelas dignas causas do Magistério superior.

Vi sempre o perfil do nosso homenageado como um homem cioso do seu saber, mas sem a empáfia dos autossuficientes, cordial, mas nunca servil, dirigindo-se aos seus discípulos com o entusiasmo de um temperamento vibrátil e apaixonado, sublinhando e reiterando aspectos do discurso didático de modo conveniente, entremeando as exposições com gracejos que afastam a monotonia, mas sempre mantendo a dignidade humana e a seriedade dos argumentos, convencendo os ouvintes com a força de quem professa o que transmite. Fora de classe, um homem de trato afável com quem o procura, aluno ou colega, para a orientação, o conselho, o esclarecimento. E eis a fisionomia do professor dotado de mente, coração e nervos, isto é, em toda a sua dimensão humana, a fisionomia padrão de um mestre.

Com o Prof. Pedro Paulo Montenegro é que, em nosso meio, várias gerações de professores e/ou críticos aprenderam a diferença entre crítica pura e crítica impura, entre a impressionista e a expressionista, para a eleição da crítica operocêntrica ou ergocêntrica, aquela que parte da obra em si, do intrínseco literário, embora sendo motivada pela intuição impressionista e podendo ajudar-se secundariamente com elementos extrínsecos. Com o professor é que essas gerações aprenderam a visualizar, através da crítica, o homem integral, o físico, o fisiológico, o psicológico e o social, a conceber a Literatura como suprarrealidade, mimese e catarse. Com o professor é que tais gerações tiveram notícia de "sincronismo", hermenêutica e juízo de valor, do

apolíneo e do dionisíaco segundo Nietzsche, do *docere et delectare*, de Horácio; das funções da Literatura consoante Raul Castagnino, das características dos estilos de época conforme Hibbard e outros; de teorias como a das camadas superpostas, de Roman Ingarden, a da *obra aberta*, de Umberto Eco, a da impessoalidade da poesia, de T. S. Eliot, e a do *entre-texto*, de Eduardo Portella. Sobretudo essas gerações ouviram do Prof. Pedro Paulo Montenegro a divulgação e o elogio da chamada nova crítica, baseada no *new-criticism* anglo-americano, na explicação de textos franceses, na estética de Croce, no formalismo russo e na estilística espanhola. E as referidas gerações viram desfilar nomes, com suas ideias e doutrinas filosófico-literárias, como os de Aristóteles, Platão, Descartes, Hegel, Spencer, Kant, Bergson, Saussure, Baly, Dámaso Alonso, Amado Alonso, Carlos Bousoño, Ortega y Gasset, Ernst Fischer, Alfonso Reyes, Herder, Vossler, Leo Spitzer, Spingarn, Helen Gardner, Sílvio Romero, José Veríssimo, Araripe Júnior, Fidelino de Figueiredo, Tristão de Athayde, Afrânio Coutinho, Novalis, Baudelaire, Mallarmé, Roland Barthes, Gaston Bachelard, Valéry e tantos outros.

Ao lado do magistério, o Prof. Pedro Paulo Montenegro exerceu o jornalismo, o ensaio e a crítica literária, publicando, nesses dois últimos campos, três respeitáveis livros, que ora resumem, ora completam a sua atividade magisterial: *Convivências*: anotações e apreciações (1966); *A Teoria Literária na Obra de Araripe Júnior* (1974) e *Situações & Interpretações Literárias* (1996).

Na apresentação do primeiro livro, o autorizado crítico Braga Montenegro já divisava a intuição crítica do laureado desta noite, escrevendo: "E ao lado dêsse cabedal teórico de que o Prof. Pedro Paulo se serve, dispõe êle de uma acentuada predisposição crítica, sem a qual não seria capaz de formular, sob critérios próprios, os ensaios de que se compõe o presente livro." Esse volume constitui o

resultado de dois tipos de convivência: uma com os grandes nomes da Literatura do mundo, através de acuradas leituras, e outra com seus mestres através do ensinamento deles. E a uma terceira convivência se dirige: à dos alunos pelo relacionamento didático.

Nesse livro, encontram-se reflexões sobre Literatura, obra literária, gênero literário, Estilística, Crítica Literária, comentário de texto, a posição estética de Croce e a ética da estética de Valéry. Propõem-se *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, como obra de arte literária; interpretam-se dois poemas de Pedro Salinas; explicam-se o heróico e o picaresco em *A Glória de D. Ramiro*, de Enrique Larreta; apresentam-se Cavalcanti Proença e Josué Montello; estuda-se criticamente a novela *Dois de Ouros*, de Fran Martins, e as crônicas de Mílton Dias, notadamente o livro *As Cunhãs* e, por fim, em oito trabalhos, se estudam pontos de Literatura Hispano-Americana. Sublinhemos desses trabalhos o estudo sobre o "Modernismo em Literatura Espanhola", onde se focalizam os nomes de Rubén Dario, Antonio Machado, Manuel Machado e Ramón Jiménez. Salientemos ainda a análise sob o título "Um Grande Poema Uruguaio" acerca do poema épico-lírico *Tabaré,* de Zorrilla de San Martín, "o mais sentido e mais belo poema americano", como afirma o ensaísta, que diferencia o Tabaré símbolo do Tabaré pessoa, e considera o seu autor com "muito mais êxito do que nossos Santa Rita Durão e Basílio da Gama."

O ensaio *A Teoria Literária na Obra de Araripe Júnior* origina-se da dissertação de Mestrado do Professor Montenegro, cursado na Universidade de Madri e revalidado na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse livro, o autor numa pesquisa cuidadosa, com equilíbrio e perspicácia, estuda a *Obra Crítica* do cearense Tristão de Alencar Araripe Júnior, um dos maiores críticos brasileiros, apontando-lhe os "princípios e critérios" que constituem uma Teoria da Literatura nessa obra, constatando "a intuição, a sensibilidade e a acuidade"

desse crítico e concluindo que "três grandes linhas nortearam a Crítica Literária em mãos de Araripe Júnior: o sentido nacional de sua obra, a inquietação universal de que foi alvo o seu espírito e a preocupação metodológica sempre presente em leituras e escritos". (p. 107) Mostra Pedro Paulo que "ambientalista como discípulo de Taine", ao contrário de Sílvio Romero, que defendia a "raça" como principal determinante da gênese da cultura e da literatura, Araripe Júnior elegia o "meio" como fator preponderante, criando a teoria da "obnubilação brasílica". Aponta, ainda, a erudição do enfronhado na tradição clássica e a informação nas correntes do pensamento da atualidade do mesmo escritor, e deduz que Araripe Júnior "Pôde, assim, com a serenidade de um comparatista moderno, submeter aos delineamentos de uma conjectura própria o grandioso temário da literatura universal". (p. 94)

Situações e Interpretações Literárias é a mais vasta e diversificada coletânea de trabalhos do homenageado, e a que apresenta a sua mais refinada capacidade crítica. Engloba trinta e dois títulos, abrangendo a maior variedade de escritores antigos e modernos, diferentes pela época, pelo gênero, pela estética, pelo tema. O crítico sabe compreender todos, interpretá-los e julgá-los, sejam eles da Literatura Cearense, Brasileira, Portuguesa, Espanhola ou Inglesa.

Sânzio de Azevedo, na apresentação desse livro, afirma ser ele "obra que confirma o domínio pleno que Pedro Paulo Montenegro tem da crítica literária." E Francisco Carvalho na orelha do volume considera "A generosa intuição [do autor], aliada aos seus profundos conhecimentos de teoria literária, hauridos em instituições acadêmicas credenciadas ou na sua convivência diuturna com escritores e especialistas de renome internacional".

Na impossibilidade de focalizar cada ensaio do livro, destaco alguns por simples nomeação, sem demérito dos demais, todos

excelentes, embora estes me pareçam mais bem realizados "Uma Estrutura Agrária Romanceada" (sobre romances de Rachel de Queiroz); "Graciliano Ramos"; "Para uma Leitura de Castro Alves"; "Moreira Campos – o Contista"; "A Memorialística de Martins Filho"; "A Obra Científica e Literária de Pedro Henrique Saraiva Leão"; "Mais um Livro de Francisco Carvalho"; "*Dom Quixote* e a Evolução do Romance Moderno" e "*O Décimo Homem*", de Graham Greene". Nesses textos o autor parece mais sensível na captação precisa das características essenciais dos escritores, na interpretação de seus *enunciados* e *enunciações*, de seus objetivos e mensagens, na compreensão de suas estruturas e na identificação do verdadeiro contributo que dão à Literatura ou à Cultura em geral.

Através de amostras que apresento a seguir, sente-se o peso do pensamento crítico, sintético, original, arguto e judicatório de Pedro Paulo Montenegro. Falando sobre o romance *João Miguel*, de Rachel de Queiroz, conclui:

"Mas a temática é extraída do meio hostil do interior cearense na década de 1920 e da crueldade da vida de criaturas em estado sub-humano, com muito de verdade, o que nos leva a pensar muito seriamente no documento através do monumento.

Precisamente isso é o que mantém a assombrosa vitalidade de todos os chamados romances de 30 no Brasil." (p. 65)

Conheçamos outras afirmações do crítico:

"O conto é fundamentalmente síntese porque se no romance e na novela vamos encontrar em determinado momento um clímax, o conto deve ser o próprio clímax." (p.95)

"O Quixote e o Sancho mais propriamente se completam do que se repelem." (p. 180)

Falando sobre o referido romance de Graham Greene, escreve:

‘São inegavelmente as grandes ideias, aquelas que levam ao questionamento radical do homem, as capazes de estruturar as grandes obras literárias. Aqui se pode notar como o conteúdo determina prioritariamente a forma e não esta àquele.

Dostoievsky, Tolstoi, Proust, Machado de Assis e outros grandes da Literatura Universal trabalharam tais materiais. A trivialidade temática só pode gerar superficialidade formal e tudo termina na lassidão da obra.” (p.186)

Por todas essas considerações, Magnífica Reitora, senhoras e senhores, o crítico, ensaísta, Acadêmico, Professor Livre-Docente do magistério do Exército, antigo Pró-Reitor, Doutor Pedro Paulo Montenegro faz jus ao título de Professor Emérito desta Universidade, título por cuja outorga ela mais se engrandece, mostrando à Nação que premia e exalta um obreiro da Educação, da Cultura, da Ciência e do Humanismo, pelos quais o País e a humanidade devem libertar-se e progredir. De fato, enquanto no Brasil, à beira de uma recessão que sacrificará ainda mais o povo, não se destinar mais dinheiro, no orçamento da União, à Educação, à Cultura e à Saúde do que o que se destina ao pagamento dos juros de nossa dívida externa, não teremos um País suficientemente humanizado e desenvolvido.

Professor Doutor Pedro Paulo de Souza Montenegro:

Aqui estou comovido para trazer-vos como vosso colega, mas também como vosso aluno, a saudação da nossa Universidade no dia em que Araripe Júnior faz oitenta e sete anos de falecido e no ano do sesquicentenário de nascimento desse cuja obra estudastes, enxergando em sua crítica “intuição, sensibilidade e argúcia”. Aqui vim dizer-vos que essas mesmas virtudes esta Universidade divisa em vosso ensaio e em vossa crítica. Aqui vim agradecer-vos em nome desta Instituição e, particularmente, do Curso de Letras e do Mestrado em Literatura

Brasileira, o haverdes sido a semente promissora, o pórtico benfazejo da formação de um pugilo de pesquisadores, professores, ensaístas e críticos, que com teses universitárias e outros trabalhos ilustram humanisticamente a nossa *Alma Mater*. Agradecer-vos também pela contribuição do ensino de Pós-graduação, que com desprendimento vindes exercendo entre nós, apesar de vossa aposentadoria. Aqui vim para confessar que sois, entre os percalços e as lutas do magistério e da vida literária, um dos nossos exemplos, um dos nossos espelhos, um grande padrão. Aqui vim, finalmente, convocar-vos para que continueis o vosso trabalho fecundo e vivificante sempre que para isso solicitado, mas já a partir de agora com a justa consagração do título que conquistastes de Professor Emérito!

AO MESTRE PEDRO PAULO MONTENEGRO*[2]

Para Germana

Linhares Filho

Mestre de mestres, muita luz trouxeste
às letras do Ceará, vindo de Espanha,
e as lucubrações foram o teu teste,
com o qual teu alunado ainda ganha.

Sensível, o teu faro de inconteste
pesquisador o campo nos amanha
da Teoria, até ver-se que se veste
o ensino com tua marca e com tua manha.

Convivências com o texto e com o aluno,
eis os focos do teu trabalho uno,
sempre a partir de Dámaso e Bousoño.

O teu forte legado permanece:
entre gerações novas brilha e cresce,
elevando o Saber, o Ser e o Sonho.

2 De *Itinerário*: quarenta e cinco anos de poesia [com algumas modificações] / Linhares Filho.

ADEUS A PEDRO PAULO MONTENEGRO

Linhares Filho

Amigo e Mestre, essa tua ausência
sentem a Universidade e a Academia
diante de tua magistral ciência,
que às várias mentes grande luz trazia.

No exercício da lúcida docência
brilhaste com critério e com mestria,
ilustrando a acadêmica existência,
que ora contempla tua face fria.

Mas as lições e os livros que deixaste
ficam atualizando-te a presença,
tesouros que não sofrerão desgaste.

Com os amigos, os filhos e Germana
ficará sempre uma saudade imensa,
que há de lembrar-te em nossa faina humana.

São Paulo, 10/06/2019.

Oi, Sérgio[3]!

Já contava contigo para me inaugurares como presidente desta Academia. Com tua fala fácil, fluente, fecunda.

Não esqueço nossos planos de mudar algumas leis naturais! Assim, os dias não mais anoiteceriam, pois tornados apenas bruma leve, até nova aurora.

Tampouco feneceriam as flores, pois ficariam polinizando seu perfume e a nos aerar os pulmões.

Nem todos os rios desembocariam mais no mar: alguns aqui quedariam, reverdejando nossos sonhos.

Leríamos novamente todos os livros.

Continuaríamos a pesquisar uma vacina contra os rigores da morte e a falta de fé; e aquele elixir, não para eternizar nossa existência, e sim prolongar a vida antes de desaprendermos humildemente a agradecer por ela.

Pena teres sido chamado antes. Quem sabe para seres recebido ainda jovem, com aquela juventude perene que os anos concedem a alguns, e estavas sempre disposto a domar as dores do mundo, puro qual recém-nascido.

Quanta saudade, Sérgio!

Au revoir!

Pedro Henrique Saraiva Leão

(X/2019)

3 Homenagem prestada ao Dr. Sérgio Gomes de Matos, por ocasião da sessão que o rememora na Academia Cearense de Medicina, a qual ele pertencia. Fazia parte igualmente de Academia Cearense de Médicos Escritores (ACEMES).

2ª Parte

Estudos

IRACEMA, UMA FICÇÃO FUNDADORA

Lúcio Alcântara

Louvo o Padre, louvo o Filho
E louvo o Espírito Santo.
Idem louvo, exalto e canto
O prosador, grande filho
Do norte, e que no deserto
Do romance nacional
Ergueu, escorreito e diserto,
Seu mundo, – um mundo imortal.

Louvado do Centenário de Iracema
Manuel Bandeira

A identidade cultural de um povo

Os países da América Latina que se tornaram independentes no século XIX forjaram a nacionalidade, embalados na literatura feita de ficções que reescreveram a história, ao romancearem a realidade. A emancipação política foi acompanhada da construção de referências literárias, marcos da identidade cultural de cada povo. No Brasil, isso aconteceu graças ao talento criador de José de Alencar, que adaptou o romance medieval europeu à nossa realidade, na busca de autonomia cultural, ao fundar com o indianismo um estilo brasileiro, no conteúdo e na linguagem, para se contrapor ao cânone lusitano vigente na colônia. Antes de José de Alencar, o francês Ferdinand Denis (1796-1890), o chileno naturalizado brasileiro Santiago Nunes Ribeiro (*-1847) com seus textos prodrômicos, *Resumo da história literária do Brasil* -1826, *Da Nacionalidade da Literatura Brasileira*-1843, respectivamente e, em 1856, Domingos José Gonçalves de Magalhães

(1811-1882), na *Confederação dos Tamoios,* abordaram a temática indianista sem conseguirem, todavia, alcançar a repercussão lograda pelo escritor cearense. Os dois estrangeiros realçaram a importância da natureza como substrato essencial à criação de uma literatura nacional, possíveis influências nas escolhas estéticas alencarinas. Ao encomendar a Gonçalves de Magalhães o poema, o imperador Dom Pedro II, atento ao liame existente entre literatura e história, tinha em mente, através daquela obra, contribuir para a unicidade cultural do país recém-emancipado. Ao fundar e prestigiar o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e patrocinar o livro de Gonçalves de Magalhães, o imperador visava construir a identidade nacional, como uma continuidade europeia, que evitasse reproduzir aqui a desordem e o esfacelamento do domínio espanhol na América Latina em múltiplos países.

As notícias criavam muita expectativa em torno do livro que o autor escrevia, enquanto cumpria missão diplomática na Europa. Lançado, foi recebido com reserva, alvo de impiedosa crítica por parte de Alencar. Este, redator-gerente do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, publicou ali uma série de oito textos (Agosto-1856) sob o pseudônimo de Ig, posteriormente reunidos em livro sob sua chancela. Segundo esclareceu, Ig seriam as iniciais de Iguassu, a heroína do poema, recurso utilizado para ocultar sua identidade, um artifício que evitasse a sobreposição do autor ao argumento. A contenda revelou o polemista que anos depois iria confrontar Joaquim Nabuco e até Dom Pedro II nas *Cartas de Erasmo*. Nos reparos que fez sobre a *Confederação dos Tamoios*, o escritor concentrou-se em aspectos estéticos e retóricos da obra, deplorando sua conformação épica, por julgar a epopeia formato inadequado para alcançar os objetivos a que se propunha. Para ele, "a forma com que Homero cantou os gregos não serve para cantar os índios". Carecia um canto novo capaz de captar

as especificidades do Brasil e a "experiência histórica no tempo e no espaço", a exuberância da natureza, as tradições e costumes indígenas, a idealização heroica dos índios, bondade natural, abordagens a seu ver ausentes do poema o qual não estaria à altura do assunto, padecendo de falta de arte em suas descrições. Em socorro do poeta, diante da contundência das críticas, levantaram-se seus defensores, Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879) e Frei Francisco Mont'Alverne (1794-1858), manifestando-se pela imprensa sob o título *O amigo do poeta* e, o próprio monarca, com o rótulo *Outro amigo do poeta*. Sem conseguir transpor suas ideias para o prometido poema *Filhos de Tupã*, iria confirmá-las, como resposta definitiva aos ataques sofridos, ao publicar o romance *O Guarani* (1857), inicialmente em folhetim, primeiro de sua tríade indianista.

Ao confiar a execução de seu projeto literário nacionalista, Dom Pedro II escolheu prestigiado literato, líder inconteste nessa área, espécie de "chefe da literatura nacional". Espírito modernizador, introduziu junto com Porto-Alegre e Francisco de Sales Torres-Homem (1794-1858) o romantismo no Brasil, ao fundarem a revista *Nitheroy Brasiliense* (1836), grupo consolidado mais tarde, na sequência das congêneres *Minerva Brasiliense* (1846) e *Guanabara* (1849). Médico de formação, mas sobretudo diplomata, Gonçalves de Magalhães era conservador na política, adepto da ordem institucional configurada no projeto imperial e, ao mesmo tempo, inovador na literatura. Ao transplantar o romantismo europeu, marcado pelos "ideais libertários e a rebeldia do artista em relação à ordem vigente"[1], para o ambiente tropical, foi incapaz de adaptá-lo às peculiaridades locais, motivo da rejeição à sua composição poética. Enquanto isso, José de Alencar introduziu musicalidade na prosa, derramada em excessos líricos; poetizou o índio; elevou a natureza exuberante à

1 Pereira, Elvia Shirley Ribeiro. Um fabulador da nacionalidade, José de Alencar. p.97

condição de personagem, a maior inspiradora; deixou à solta sua poderosa imaginação, a qual pairou acima dos fatos, narrativa que assinalou a ruptura com o padrão literário e linguístico da antiga metrópole. A transfiguração romântica foi a opção abraçada com o propósito de criar um novo estilo sem desconhecer documentos históricos que compulsou desde quando estudante de Direito em Olinda. Enquanto os românticos europeus ofereciam o cenário da natureza para estimular a autorreflexão, ele a considerava como obra divina cuja contemplação extasiada aproximava o homem de Deus. Em sua afoiteza, instaurou a segunda geração romântica ao lado de Gonçalves Dias e outros protagonistas. Assim, opunha-se ao romantismo que privilegiava os fatos, de cunho moralizante, voltado para "louvar as virtudes e deplorar os vícios", adotado por Magalhães. Ao pesquisar sobre a atuação de intelectuais católicos no Brasil, nas décadas de 20 a 40, deparei-me com uma citação de Henri Louis Bergson (1859-1941) que ajuda a explicar como o amor do romancista à terra natal colaborou para criar o Brasil por escrito, mediante seus textos melodiosos. A esse sentimento, capaz de produzir um "trabalho especial do pensamento" que eleve o homem espiritualmente até Deus, o filósofo francês denominou *intuição*[2]. Assim se expressou: "Qualquer um que se dedique à composição literária poderá comprovar a diferença entre uma inteligência abandonada a si mesma e uma que, vivificada pelo fogo da emoção, nascida de uma relação entre o autor e o assunto de que trata, é uma *intuição*"[3].

2 intuição: conhecimento imediato de um objeto na plenitude de sua realidade seja este objeto de ordem espiritual ou material. Novo Aurelio Século XXI, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.3ª edição, 1999

3 Rodrigues, Cândido Moreira. A Ordem, uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte, Autêntica/Fapesp. 2005. pp 95, 96

"Iracema. Lenda do Ceará" – uma alegoria fundadora para todo o Brasil Doris Sommer, pesquisadora americana, ao se debruçar sobre a literatura da América Latina criou o conceito original de *ficção fundadora* a partir de romances publicados em diversos países da região no século XIX e início do XX. A imaginação criativa em simbiose com a realidade dos fatos formula com feição romântica a proposta nacionalista, alicerce das nações emergentes. A fundamentação da ideia, o levantamento das obras por país, a análise de cada uma de "per si" integram o conteúdo do livro de sua lavra, *Ficcional Foundations – The National Romances of Latin America*. Nessas novelas, destituídas de profundidade filosófica, os objetivos políticos de interesse público são alcançados através do amor, de paixões privadas, sem distinguir entre a "ética política e os sentimentos eróticos, o nacionalismo épico e a sensibilidade íntima". Narrativas das vicissitudes de casais atraídos e ao mesmo tempo separados pelas distâncias físicas e sociais. Vide Ceci e Peri; Iracema e Martim, símbolos revezados na atribuição de gênero aos filhos da terra. A partir dessas alegorias e sua larga ressonância popular se construíam as identidades das novas nações. Menciono a seguir, a título de exemplo, algumas dessas obras, respectivos autores e países de origem:

Cuba – *Sab* (1841) Gertrudis Gómez de Avellaneda
Argentina – *Amalia* (1851) José Marmol; *Martin Fierro* (1872) José Hernandez
Colômbia – *María* (1867) Jorge Isaacs
Uruguai – *Cumandá* (1879) Juan León Mera; *Tabaré* (1888) Juan Zorilla de San Martin; *Ariel* (1900) José Enrique Rodó
República Dominicana – *Enriquillo* (1882) Manuel de Jesus Galván
México – *El Zarco* (1901) Ignacio Altamirano

No Brasil foram selecionados dois livros: *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865) as quais segundo a professora competem entre si como duas faces da ficção fundadora da literatura nacional. José Aderaldo Castelo alertou para o fato de que a cronologia dos três romances indianistas de Alencar, *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874) não guarda consonância com os períodos históricos nos quais se desenrolam as respectivas tramas[4]. *Ubirajara*, o único onde não aparece o colonizador, cuida da época pré-cabralina; *Iracema*, da colônia e *O Guarani* do tempo dos grandes senhores de terra, mais próximo do escritor. *Iracema*, deles o mais popular, nutrido de sensibilidade que tocou a alma das pessoas; a "súmula poética" dos outros dois romances, condensa os valores da trilogia envolvidos nas reminiscências nostálgicas do torrão natal. A descrição extasiada da natureza, a musicalidade do texto impregnado de nativismo, o emprego abundante de expressões indígenas e a originalidade idiomática, fizeram do enredo lendário de *Iracema* uma alegoria que fundava um povo dando os primeiros passos rumo ao futuro de um Brasil liberto.

Sem ser épico, este "poema em prosa" trilhou caminhos românticos ao celebrar o encontro de duas raças unidas pelo amor, matriz de uma pátria nova, brotada da paixão nacionalista. A aproximação idílica entre Iracema e Martim é a representação do espírito conciliador e cordial, tido como um traço histórico, verdadeiro apanágio da civilização brasileira. A assimilação de Martim pelos autóctones é a mensagem sociológica da forma como acolhemos o que é estranho, o que vem de fora. A imagem de Moacir como fruto dessa união é a confirmação da "mestiçagem amorosa" e do hibridismo de culturas como valores típicos de uma sociedade que nascia, da raça nova que surgia da pena formadora de brasileiros.

4 Pereira, Elvya Shirley Ribeiro. Um Fabulador da Nacionalidade – José de Alencar. p.110

"Iracema" – 140 anos, em 2005: palácio, livro e estátua

A larga popularidade alcançada pelo autor e sua obra confirmaram a previsão de Machado de Assis de que o livro haveria de durar. Ao permanecer, instituiu-se de forma natural como um ícone da nação, uma vaga que batizou cidades e mulheres, produtos industriais e casas de comércio; incorporou ao cotidiano metáforas textuais que fizeram dos "verdes mares" sinônimo de Ceará. Inspirado nessas réplicas do original patrocinei a edição de *IRACEMAS*, belo apanhado crítico e iconográfico dessa musa ameríndia. Desde seu aparecimento, em 1865, sucederam-se muitas edições, inclusive em outros idiomas. Há uma, rara, em latim, de Belém do Pará, bizarria explicada pelos autores como forma de atrair seus alunos para o estudo daquela língua. O sopro inovador lançado por Alencar sobre as letras da ex-colônia o entronizou, por mérito e não pela cronologia, como patriarca do romance brasileiro que deu cores auriverdes à língua portuguesa.

Quando era governador do Ceará, transcorreram 140 anos da primeira edição de *Iracema, Lenda do Ceará*. Servi-me da data para executar ações evocadoras do mito que germinou em nosso solo, segundo palavras do próprio escritor, saído da alma de um filho ausente . Entre outras iniciativas, destinadas a revigorar em nosso povo o sentimento de apego à terra e o orgulho de pertencê-la, como alavancas espirituais de promoção do desenvolvimento, denominei de "Palácio Iracema" a sede do Governo. Ali, mandei edificar nos jardins uma estátua monumental da sedutora índia - autoria do artista Zananzanan: uma Iracema revestida de cristais a brilharem ao sol dos trópicos; poderosa metáfora da aura luminosa que envolve a primeira mãe de nossa gente.

Conclusão

A consagração de José de Alencar como "representante máximo do romantismo brasileiro"[5] não se deu sem contestações, em vida e póstumas, todavia sem o removerem do pedestal da glória a que fora alçado. Objeções concentradas mormente na inverossimilhança das narrativas poetizadas ao extremo e da liberdade com que manejou a língua portuguesa. De sua época ressaltam como mais consistentes as de Franklin Távora, seu conterrâneo, e as de Joaquim Nabuco com quem entreteve notável disputa. Távora, ao dirigir a partir de Recife as *Cartas de Semprônio a Cincinato*, pseudônimo de Feliciano de Castilho, adversário de Alencar a serviço do imperador, adicionou ao que era uma querela política a componente literária. Devido à dupla militância era atacado por opositores e desafetos pelos dois flancos: puniam o deputado ao criticar o escritor, atingiam o romancista para ofender o político. O fel da política, as frustrações da carreira e o amargor do ostracismo intelectual tornaram sua alma, em definitivo, um escaninho de desencanto e ressentimento. Em dois textos, *Carta ao Dr. Jaguaribe* (Agosto-1865) e *Como e Porque Fui Romancista* (1873), valiosas autobiografias literárias, o autor reconhece defeitos, num exercício de autocrítica, quando *Iracema* já havia ido à estampa; no segundo, menciona as influências hauridas das leituras de Fenimore Cooper, Walter Scott, Chateaubriand e outros, mas ao recusar o plágio afirma ter sido a natureza sua única mestra. Quanto às restrições sobre a linguagem empregada vindas de defensores da ortodoxia vernacular as refutou ao argumentar que sua construção seria obra do amálgama de raças no solo brasileiro; para ele "todos os povos de gênio musical possuem uma língua sonora e abundante". Gladstone Chaves de Melo (1917-2001), renomado filólogo, considera em percucientes estudos sua contribuição

5 Alencar, José de. Iracema (Lenda do Ceará). Edição Comemorativa do Centenário. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 1965. p.28

para o enriquecimento da língua portuguesa e reputa "*Iracema* como a obra mais alencariana de Alencar, sua obra prima." Cândido Jucá Filho, outro respeitado gramático, em minucioso estudo apontou no mesmo livro "raros senões que caracterizam toda feitura humana"[6]. Conclui, por invocar Rui Barbosa para quem "as variantes dialetais de aquém e além-mar opulentam, mas não destroem, nem substituem".

De algum modo, devemos a Gonçalves de Magalhães o prefácio do novo, mas foi Alencar quem escreveu os livros fundadores da nacionalidade. A libertação política chegou-nos pelas mãos de D. Pedro I, intérprete de suas circunstâncias; a emancipação da literatura e língua nacionais coube a José de Alencar, erigido, com justiça, à condição de pai do romance brasileiro.

6 Alencar, José de. Iracema 1865 Lenda do Ceará-1965. Edição do Centenário. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro pp. 333-402

Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4642>. Acesso em 15 set. 2020.

_____. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 1990. 76p.

_____. *Iracema*: lenda do Ceará. 2. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1870. 260 p.

_____. *Iracema*: *lenda do Ceará 1865-1965*: edição do centenário. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1965. 424 p.

_____. *Iracema*: (lenda do Ceará); edição comemorativa do centenário. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965. 220 p.

_____. *Sonhos d'ouro*: romance brasileiro. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1951. 403 p.

CEARÁ. Governo do Estado. *Iracemas*: imagens de uma lenda. Ed. comemorativa dos 140 anos de publicação do romance "Iracema" de José de Alencar. Fortaleza: Gabinete do Governador, 2006.. 196 p.

CRISTINA, Ferreira; THIAGO, Lenz. Nature and indigenous in the poem a Confederação dos Tamoios: the fictional history in the romantic Brazil of Magalhães and Alencar. Disponivel em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2236-46332019000300202&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 15 set. 2020.

LEMOS, Ana Cátia Silva de. *Criando uma literatura nacional*: a participação estrangeira e seus reflexos na crítica de José de Alencar. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23200 >. Acesso em: 25 set. 2020.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. *Um Fabulador da nacionalidade José de Alencar*. Disponível em: < http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/14/um_fabulador_da_nacionalidade_jose_de_alencar>. Acesso em: 15 set. 2020.

POLÊMICA sobre a Confederação dos Tamoios. Disponível em: < http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5282/polemica-sobre-a-confederacao-dos-tamoios-jose-de-alencar-x-goncalves-de-magalhaes>. Acesso em: 01 set. 2020.

RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem*: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica/Fapesp, 2005. 232p.

SOMMER, Doris. *Foundational fictions*: the national romances of Latin America. Los Angeles: University of California Press, 1991. 418 p. (Latin American Literature and Culture, 8)

SOBRE a crítica a Gonçalves de Magalhães (3...): em busca de uma forma histórica para a literatura brasileira em formação. Disponível em: < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11351/11351_4> Acesso em: 15 set. 2020.

ENCONTRO COM IRMÃ DULCE

Noemi Elisa Aderaldo

Irmã Dulce! Com este simples, mas bem adequado nome, tornou-se conhecida, mundo afora, nos últimos tempos. Sua incomparável, singularíssima figura que começou, anos atrás, a ser chamada de "Anjo bom da Bahia", da qual é Santa Padroeira, passou a ser, agora, "Anjo bom do Brasil", tal a grandeza ímpar de sua personalidade e da sua vida de Santidade extrema, como um exemplo na história humana.

Suas inegáveis características continuam a ser mundialmente, cada vez mais estudadas, reconhecidas e difundidas, com a apaixonada dedicação do seu "amor ao próximo" mais abandonado e mais miserável.

Começa quase ainda criança a vocação da Irmã Dulce. Naquele então, logo tornou-se devota de Santa Teresinha do Menino Jesus, da qual recebe grande influência espiritual, e é fortemente atraída pelo ideal do Franciscanismo.

Assim, contacta a Ordem terceira de são Francisco, o que a leva a aproximar-se da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, na qual ingressa.

Irmã Dulce adere à linha de pobreza evangélica, que irá caracterizar fundamentalmente a sua vida, ao lado da sua absoluta consagração aos miseráveis.

Também se irmana e se devota profundamente a Santo Antônio, que fizera uma opção incondicional pelos pobres.

O crescimento de Irmã Dulce na santidade também a leva a uma arraigada experiência prática o mais aprofundado misticismo.

Diversas vezes estive com ela, em Salvador, na década de 60, no Convento Santo Antônio, onde se alojava junto à sua Congregação.

Guardo para sempre as formidandas, afortunadas e inapagáveis impressões causadas pela sua Presença e pela sua fala simples e amistosa.

Impressionava a Luz que seu rosto emitia, e bem assim a profundeza do seu olhar e a ternura da sua voz.

Era igualmente notável a impressão de extrema leveza que seu corpo, magro e ágil, transmitia.

Era, enfim, uma figura que em todos os detalhes perfeitamente exprimia uma espécie santificada, beatífica levitação.

Quando, certa vez em que separava os remédios por especialidade, os quais recebera em suas andanças de pedinte, disse-lhe que meu pai era médico, mas que minha mãe, seguindo seu exemplo, também os receitava, e relatei-lhe o que ocorrera quando a funcionária de nossa casa tivera um choque com a penicilina que ela lhe dera; Irmã Dulce riu, e continuou: "mas ela continua a receitar, não continua? " Afirmei-lhe que sim, e ela acrescentou: "Deve-se sempre receitar, sempre", com muita ênfase. E continuou: "seu pai estava presente para resolver o problema, não estava? Foi Deus, enfatizou, que o colocou ali".

Num outro dia levou-me para conhecer o hospital que organizara. Lembro-me de que os lençóis eram os mais brancos que eu já vira, e no seu respaldar, as camas eram encimadas por leves cruzes de madeira.

Passamos por um local onde estavam suas "crianças", como ela chamava os dementes, aleijadas e pessoas com todos os tipos de males físicos e mentais, que trazia para ali e os ajudava. Fiquei atônita, mas ela apertando a minha mão, disse: "É preciso ver".

Reservava muitas vezes para mim remédios de aliviar a falta de ar, e completava sempre: "não compre; você é estudante"... mas eu já iniciara meu trabalho na Universidade de Brasília.

Lembro-me de sua fisionomia feliz ao dizer-me: "Hoje consegui um caminhão de alimentos para os meus pobres"... e aludiu à figura de Paes Mendonça, dono de uma rede de supermercados em Salvador.

Irmã Dulce parece anular-se para enaltecer os de mãos vazias, e até na sua linguagem. Diante dos que nada sabem, dos excluídos "dessa outra vida de aquém-túmulo", no dizer de Guimarães Rosa. A outra é, na verdade, esta mesmo.

Impressiona como uma tão frágil criatura pode carrear tão impressionantes ações de generosidade em todos os sentidos, não só pelos pobres, mas especialmente pelos miseráveis.

Irmã Dulce se revezava, permanentemente, em solicitações de todas as espécies pelos seres humanos mais necessitados e nas situações das mais extremas misérias.

Transmite a sensação de que milagrosamente se multiplicava, o que vem implicitar a impressão de ajuda sobrenatural. Que se pense na imensa diversidade e complexidade de estruturas práticas e de situações sociais envolvendo estilos de vida, profissões "status" econômico, atividades as mais variadas e, enfim, todos os aspectos de vida existentes numa grande metrópole como a cidade de Salvador (Ba).

Ora, o ser humano povoa tudo isso, e as situações humanas são as mais diversas possíveis. Nesse rol, em face das imensas desigualdades e das injustiças decorrentes dos diversos aspectos regimentais, um grande número de seres humanos vegeta ou se perde na pobreza ou, pior ainda, na miséria, na direção da doença, ou da morte. Essa é a realidade em que vivemos...

Imagine-se alguém que pretenda, através da ajuda humanitária, aliviar os sofrimentos das pessoas assediadas por tais traumas, e que, para isso, convoque outras pessoas e a própria Graça do senhor que tudo pode.

Este alguém se desdobra de todas as maneiras para minorar os sofrimentos e convoca todas as ajudas possíveis.

Este é, precisamente, o caso dela. Em prol disso, anos a fio, torna-se múltipla e convoca outros irmãos, muitas vezes abordando

até mesmo autoridades e dirigentes de várias instâncias políticas e governamentais, líderes de organizações, etc.

Apesar de frágil e atacada com frequência por doenças físicas, como problemas de garganta e de pulmão, Irmã Dulce dedicou-se, incansavelmente, a infindáveis providências e ações, aulas para jovens iniciantes, práticas de alfabetização e de apostolado, angariação de roupas, de alimentos, de remédios e de todas as espécies materiais (como lâminas, folhas de zinco, mesinhas, etc.) que pudessem auxiliar na vida dos seus protegidos.

Improvisou um ambulatório para assistência médica a eles, vítimas de desnutrição, doenças, desemprego, etc.

Consegue criar o Círculo Operário da Bahia, destinado a oferecer proteção social, assistência nas oficinas, escolas às famílias, assistência médica, odontológica, farmacêutica, jurídica, etc.

Sob os cuidados desse círculo Operário, faz entrar em funcionamento a Escola Santo Antônio, para crianças e jovens das famílias dos operários e dos que não podiam manter os filhos nos estudos. A Escola também oferecia cursos para iniciação no mercado de trabalho; tinha oficinas como marcenaria, mecânica, alfaiataria, carpintaria, além de datilografia; e para as moças, aprendizado em cozinha, costura, etc.

Irmã Dulce anteviu a necessidade de fortalecer as profissões de nível técnico voltadas para os menos favorecidos, e não para a elite privilegiada.

Um dos seus maiores empenhos era pelos chamados "meninos de rua".

Pedia esmolas nas instituições de todo tipo, e criara o Centro de Recuperação de Menores Abandonados, que também recebia os flagelados da seca do Nordeste. E nesse rol de instituições beneficentes, surge também, apesar de sua revelia pelo nome, o Centro de Obras Sociais Irmã Dulce.

A maior das dificuldades por ela enfrentadas era a de angariar recursos para elas, fossem as já instituídas, fossem as ainda em planejamento.

Muito sofreu também perante as incompreensões e atitudes intransigentemente ortodoxas da sua Ordem em relação às suas atividades beneficentes, que cresciam assustadoramente, sem que ela, ordem, pudesse abraçá-las.

Irmã Dulce prosseguiu, apesar de tudo, também reunindo, para isso, a ajuda de outras pessoas, grupos e autoridades.

Mergulhada num mar de doenças, fome e precariedades, vivia e obsessivamente lembrava a dramática situação do mundo em todas as instâncias possíveis. E aumentava, sem cessar, a quantidade de marcantes episódios da sua santidade e da sua grandeza humanitária.

Diante da sua fragilidade física, a figura da Irmã Dulce, perante a sua obra gigantesca, constitui, já por si, um verdadeiro Milagre, pois é a Força Divina que a sustenta e impele.

Enfim, toda essa Vida e toda essa Obra têm o seu irrefragável fundamento no âmago de uma Santidade alicerçada em sua união mística com o Divino, com o Senhor Supremo, a cuja infinitude ela se entrega plenamente, como uma criança ao pai.

Assim, entrega e consagra todo o seu ser e os seus atos a este pai, buscando unir-se a ele, ou mais, tornar-se uma com Ele.

Isto é o que habita e fortalece todo o ser e toda a alma de Irmã Dulce nos seus atos e em toda a sua Vida.,

Ela também, sem dúvida, não era mais ela: era os necessitados, que introjetava. Seu alento, apesar da fraca saúde, para sair de manhã cedo como pedinte, depois de passar a noite aspirando oxigênio, prova isso. Participava, assim, da "Comunhão dos Santos", tendo como lume a Imitação de Cristo, como assegura José Raimundo Galvão no seu livro: "Dulcíssima Caridade".

O incessante e extremado rol de suas ações cotidianas leva de certa forma, a encobrir, em aparência, seu lado místico e contemplativo, mas a verdade é que esta Santa incomparável, apesar de silenciosa a tal respeito, e tendo se apaixonado pelo ideal franciscano, orava permanentemente, jejuava e se penitenciava, em sua simplicidade, no silêncio; unia a Contemplação à sua Ação e, numa palavra, com Cristo fundiu completamente a sua Alma.

O trabalho polivalente de Irmã Dulce em prol dos incontáveis miseráveis sofredores totalmente desprotegidos deve ser visto, na verdade, como a maneira pela qual extrojetava o seu profundo Amor pelo Divino, que ela em tudo via projetado, não somente anulando as distâncias entre os inumeráveis Filhos de Deus, mas também entre estes, como um todo, e o próprio Deus de que são Filhos. Todos, assim, são Irmãos com um mesmo Pai! Este, ao que nos parece, é o segredo da sobre-humana Santidade de Irmã Dulce.

Sua Vida e Obra constituem, de certa forma, uma resposta às cíclicas indagações e elucubrações filosóficas acerca da relação entre sujeito e objeto, entre os irmãos da espécie humana, entre um e outro, pois os une com um alento que respira pelo pulmão do mundo, tornando-se excepcionalmente uniplural, sob o paradigma de Deus. Esta, a metafísica implícita na Ação de Irmã Dulce, pois podemos dizer que para ela tal como para Jacob Boehme, "A Unidade é o sustentáculo da Multiplicidade, a revelação da Unidade".

Cumpre-me, por imensurável gratidão, declarar que esse pré-ensaio dedicado à Irmã Dulce, só foi possível pela solícita compreensão da irmã Marly Fontes Oliveira, que se dispôs a auxiliar-me, tanto por meio de conversas coloquiais absolutamente verossímeis, quanto através do envio de livro – chão humanístico imprescindível –, D.V.D. e entrevista com a figura encantadoramente bela da Irmã de todos os brasileiros.

A ÚLTIMA FLOR DO LÁCIO

Luciano Maia

Quando em 1919, em seu livro *Tarde* (publicação póstuma), o maior poeta cívico do Brasil brindou a nossa língua com o precioso soneto "Língua Portuguesa", outrora lido, copiado e recitado nas escolas do país, constante das antologias paradidáticas, numa época em que as lições guardavam um vínculo estreito com a crença em nosso futuro, a Linguística Românica já dava seus largos passos para um conhecimento mais aprofundado da matéria, entre os estudiosos.

Olavo Bilac (1865-1918), poeta culto, não detinha, entretanto, conhecimentos de Linguística Românica suficientes para saber que a língua romena, a preciosa relíquia da latinidade do Império Romano do oriente europeu era a verdadeira última flor do Lácio.

A Dácia *(mutatis mutandis*, o território da atual Romênia) foi incorporada ao Império Romano no ano 106 da nossa era, portanto há mais de 130 anos após a conquista, em 29 A.C. da Lusitânia (*mutatis mutandis*, o atual território de Portugal).

Friedrich Diez (1794-1876), tido como o criador da Linguística Românica, Walther von Wartburg (1888-1971), Iorgu Iordan (1888-1986), Carlo Tagliavini (1903-1982), Heinrich Lausberg (1912-1992) e outros luminares dos estudos neolatinos, elaboraram a cronologia do "nascimento" das línguas românicas a partir dos primeiros documentos conhecidos, escritos em cada uma dessas línguas.

Até hoje, tem-se a língua francesa (Juramento de Estrasburgo, 842) como a mais antiga, sendo a nossa do final do século XII (um auto de partilha datado de 1192) e a romena registrada em 1521, a célebre carta de Neacsu de Câmpulung, sobre uma incursão dos turcos no Danúbio.

Desejo aqui prestar uma tripla homenagem: à língua de Camões, Bocage, Pessoa, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, nomes vinculados a todo o merecido prestígio deste "rude e doloroso idioma"; à língua de Mihai Eminescu, Emil Cioran, Mircea Eliade, Marin Sorescu, expoentes da sonora, fácil e difícil língua dos Cárpatos e do Danúbio e ao poeta Olavo Bilac, também ele um primoroso artífice da língua, amante do "viço agreste e do aroma de virgens selvas e de oceano largo" do idioma predestinado a ser falado como língua materna em todos os continentes do nosso planeta.

A última flor do Lácio, em escala cronológica, é a língua romena, mas a nossa língua portuguesa, com o tributo que lhe prestou o poeta, vem juntar-se a esta pérola do latim danubiano, por uma licença de que só os poetas podem se valer, tornando-se ainda mais próximas as duas línguas laterais da latinidade (o português no oeste e o romeno no leste da Europa). As duas línguas românicas em que se pode dizer: *eu fui professor de gramática poética latina,* sem a necessidade de se mudar uma única palavra.

LIRISMO DO SILÊNCIO

Giselda Medeiros

O Escritor indiano, Poeta e Educador – Tagore – ao lado de Gandhi, uma das figuras mais populares e queridas da Índia contemporânea, ressalta em um de seus ensinamentos que "A música sente o infinito no ar; a pintura o sente na Terra. A poesia o sente na Terra e no ar porque sua palavra tem o sentido que caminha e a melodia que voa".

Com efeito, por meio da Poesia, podemos criar outro mundo "mais bonito ou mais intenso ou mais significativo ou mais ordenado – por cima da realidade imediata", como diz Ferreira Gullar. Ela, a poesia, alicerçada na palavra, traz a magia de poder recriar esse mundo objetivo, que nos cerca, em outro mundo mais humano, provido de cores, paixão e beleza, ou seja, o poeta nos leva a enxergar a beleza, o amor, enredando-nos nos liames de sua subjetividade. É como se ganhássemos novos olhos para ver o invisível e recriarmos nosso mundo mais solidário e mais acolhedor.

É isso o que acontece ao abrirmos o livro de Graça Roriz Fonteles, já trazendo no título a direção do que vamos encontrar nos meandros do seu silêncio, porto do lirismo, que é o caminho por onde escorrem as palavras, vestidas em seu rigor poético. Vejamos esses versos do poema "Sombra":

Oh! Por quem me tomas
sombra amiga?
Tu és silêncio
Eu sou vida!

Lirismo do Silêncio (IMPRECE, Fortaleza, 2019), conforme sugere o título, é um livro, cuja matéria-prima é talhada com a força interior do eu, do subjetivismo, de que a Autora, travestida em eu lírico se apropria para chorar suas dores, o sofrimento diante da efemeridade das cousas, a angústia em face da finitude do homem, sempre à mira da morte que, inexoravelmente, o tornará pó, comprovando, assim, sua condição imanente de ser ontológico. Aludem ao que dissemos, os versos abaixo, do poema "Cotidiano":

... tudo desigual
e eu igual
no cotidiano do silêncio
proscênio de milênios
e tudo igual
ou des-igual
ao ser
que desejo ser

Já no início do livro, a Autora nos brinda com uma apresentação, que nos vem como uma mensagem para atingir a sensibilidade do seu leitor, um tipo de introito para depois chegar ao altar da Poesia, e ali deixar o óbolo de sua contemplação metafísica. E adverte:

O poeta discorda, acorda,
Dá a cor,
Sob o olhar cúmplice do amor.

Convém salientar que a Autora busca, em sua criação, captar a essência das cousas, dos seres, ao seu redor, e, contemplativamente, vai pintando nos intervalos da brancura do papel as palavras, bem arrumadas, cuidadosamente, criando seu bordado poético, – o poema.

E, diga-se, são poemas, na maioria, curtos, caracterizados pela concisão e justeza, vazados em linguagem bem trabalhada, já que a Autora utiliza-se de imagens coloridas, metáforas, antíteses, sinestesias, entre outras, que dão ao estilo um toque de estesia, necessária ao texto poético.

Assim é que, caro leitor, abrimos-lhe as portas desse precioso *Lirismo do Silêncio,* com o pensamento unido ao de Sartre, ao admitir que "as palavras trazem mais realidade que as coisas, uma vez que a palavra escrita desperta um universo sempre em verdadeiro anacronismo, um diálogo incessante a prender autor e leitor numa relação de cumplicidade". E é, reiteramos nós, por meio da palavra, que podemos empreender essa viagem encantatória, esse transfigurar de emoções, para que, enfim, se efetue essa cumplicidade quase divina.

Por fim, deixo com você, leitor, o convite para essa travessia. A porta está aberta, "penetra surdamente no reino das palavras", mas não desperte o silêncio que dormita em sua concha acolchoada de lirismo.

ESCRITORAS CONTEMPORÂNEAS DE LÍNGUA PORTUGUESA A SEREM LEMBRADAS EM 2019

Beatriz Alcântara

- **AGUSTINA BESSA-LUÍS**

*(PORTUGAL * 1922, 15 outubro/Amarante = 03 junho/Porto, 2019)*

Uma das autoras mais expressivas da Literatura de Língua Portuguesa Contemporânea estreou em 1949 com "Mundo Fechado". Em 1954 houve seu reconhecimento criativo com o romance "A Sibila".

Agustina foi autora com vários romances adaptados a filmes e peças teatrais, a exemplo, "As Fúrias" (1995), em parceria com Filipe La Féria, no Teatro D. Maria II.

Considerável parte de sua obra foi traduzida para o francês, castelhano, inglês, alemão, grego, dinamarquês (contos infantis) e romeno.

Incontáveis premiações, de maior relevo: Prêmio Camões, Prêmio União Latina de Literaturas Românicas e Prêmio Grã-cruz da Ordem de Santiago do Mérito Científico, Literário e Artístico (2006).

Mais conhecida do que lida, segundo dizeres da própria Agustina, sua morte recente, aos 96 anos, a todos seus leitores e expectadores cênicos, entristeceu.

"*A melhor impressão que a poesia nos pode dar é esta: ficar de coração vagabundo, deixando a vareja estalar na janela as asas grossas, e não dar por isso, como um cão surdo."*

- **STELLA LEONARDOS**

*(BRASIL * 1923, 01 agosto/Rio de Janeiro = 11 junho/Rio de Janeiro, 2019)*

Stella Leonardos, uma escritora cujo nome ao ser mencionado, desde logo se concebia uma figura gentil, bem posta a sorrir, culta e generosa, inteiramente voltada ao universo da Arte e Literatura no Brasil, rés norte-sul, sem distinção.

Na poesia, sua primeira publicação, "Passos na Areia", datou de 1940, a ela seguindo "E Assim se Formou Nossa Raça", "A Grande Visão", "Amanhecência" e, mais recente, "Memorial da Casa da Torre", em 2010.

Tradutora de autores estrangeiros em: francês, espanhol, inglês, italiano, catalão e provençal. Stella também integrou grupos teatrais, sua estreia ocorreu com a bem-sucedida peça "Palmares", no ano 1944.

Seguindo preceitos acadêmicos modelares, S.L. integrou e dirigiu muitas das maiores instituições literárias sediadas no Rio de Janeiro: entre as demais, Associação Brasileiras de Escritores, a Academia Carioca de Letras e o Pen Clube do Brasil.

Sempre revestida de grande prestígio literário, aos 96 anos, Stella Leonardos faleceu em sua cidade mãe, no dia 11 de junho de 2019.

"Existe uma voz na pedra?"
Lá no alto daquela pedra
mora um colomi de pedra
chamado Itacolomi.
O colomi, lá da pedra
me fala: – Não queiras ouro.

Menino, teu ouro é outro.
Escuta, Antônio Francisco,
tuas mãos querem lavrar.
Procura tornar mais que ouro
a pedra que te encontrar.

(Aprendiz de Escultor)

- **SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN**

*(PORTUGAL * 1919, 06 novembro/Porto = 02 julho/ Lisboa, 2004)*
Centenário de Nascimento

As mais sentidas palavras que nos chegam da obra de S.M.B.A. são apresentadas pelos versos de "Inscrição" – *Quando eu morrer voltarei para buscar / Os instantes que não vivi junto ao mar.*

Dividida entre a Literatura e a atividade cívica contra o Governo Salazarista, Sophia foi candidata pela Oposição Democrática nas eleições legislativas de 1969, sócia fundadora da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e, após a Revolução dos Cravos, em abril 1971, veio a ser Deputada à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista – PS. Ecos dessa ação política/partidária encontram-se registrados em seu "O Livro Sexto"

A produção literária de Sophia, genialidade bastante diversificada, evoluiu entre Poesia, Conto, Teatro, Literatura Infanto/Juvenil, Ensaio e Tradução.

O POEMA

O poema me levará no tempo
Quando eu já não for eu
E passarei sozinha
Entre as mãos de quem lê.
O poema alguém o dirá às searas e
Sua passagem se confundirá
Com o rumor do mar e o passar do vento.
O poema habitará o espaço mais concreto e mais atento.
No ar claro nas tardes transparentes suas sílabas redondas
Ó antigas ó longas eternas tardes lidas
Mesmo que eu morra o poema encontrará
Uma praia onde quebrar as suas ondas.
E entre quatro paredes densas
De funda e devorada solidão
Alguém seu próprio ser confundirá
Com o poema no tempo.

Agustina Bessa-Luís, Stella Leonardos e Sophia de Mello Breyner Andresen, três legítimas escritoras contemporâneas de Língua Portuguesa que, ao partirem, deixaram um legado insuperável do seu tempo, testemunho e angústia da busca inominada de se procurar enquanto se depara com uma verdade para além de si-próprias e de suas potencialidades.

Três mulheres, três escritoras, passageiras do século XX que as entregou à desconhecida sorte de vivenciar descobertas que se revelaram por si sós sob olhos alheios enquanto as revestiam de arte, a vaguear entre o sentir fluido e a rigidez da letra sobre um quase extinto papel vencido pela tecnologia, acreditando-se verdade única, posto que a inteira palavra, mão humana sobre papel, evadia-se.

Conheci pessoalmente Agustina e Stella e sinto orgulho por ter com elas encontrado oportunidade de aproximar, em outrem, o olhar contemporâneo estendido à centelha que a ARTE desperta em um conhecimento quase inesperado, por revelador.

De Sophia, não tinha eu ainda vida a me ocasionar um encontro em forma de Arte. Porém, em um Colóquio que assistia em São Paulo, à mesa, ouvi referência de uma possível injustiça por ela haver sido preterida na atribuição do Prêmio Nobel. Em silêncio fiquei. Dias depois, consultei um primo beirão muito erudito. A consulta rendeu. Pelo correio, chegou um exemplar, alentado, da Assírio &Alvim com a "Obra Poética de Sophia de Mello Breyner Andresen". Nunca mais nos separamos!

Fortaleza, 14.06.2019

CRONOS E CROMOS, DE LEITE JR.

Linhares Filho

Recebo como um prêmio, ante a mediocridade e o cabotinismo poéticos do nosso meio, o criativo livro de poemas de José Leite Jr., intitulado *Cronos e Cromos*, uma verdadeira exceção dentre tantas ofertas que me chegam: uma belíssima coleção de versos numa estreia que já impõe, em nossa convivência artística, sua força de poesia.

Lera apenas do autor o poema "Clipe", conhecido há alguns anos, o qual revejo à p.15 da coletânea. Ao conhecê-lo, senti logo que o seu criador se anunciava como um grande poeta. De fato, tal peça se apresenta como uma espécie de padrão do engenho criativo e da valorização de coisas simples, os quais repontam em diversos poemas do livro, determinando um dos caracteres da poética em estima, sublinhando-se aí o cultivo moderno do processo intelectivo.

Ao lado disso, distingue-se em Leite Jr. a utilização do metapoema, como foi detectado por Batista de Lima na apresentação da obra. Já no segundo poema, "Profissão de Fé", (p.14) essa marca se encontra por entre jogos de palavras e alusiva ao dom do poetar. Mas é no poema "Coroa em Dez Pés" (p.69) que melhor se acha o metapoema, representando a união do poeta com o pintor, relacionamento esse que aparece em numerosos poemas, o que é apontado pela orelha escrita por Eduardo Luz. Aliás, a partir do primeiro poema do livro, a paronomásia do título que faz jogo de palavras com o vocábulo "cromossomos", salienta a existência do pintor ligado ao poeta, a qual se verifica na personalidade do autor. Considerem-se, nesse sentido, os seguintes versos, em que, de permeio, aparece também a figura de Cronos (Saturno para os romanos) representado pela palavra tempo: "Para que o tempo reflore na estação, / Peço as tintas e tela da canção, / Pois em cromos verseja esta paleta / Que confunde o pincel com a caneta / Quando o tempo tomou coloração." (p.72)

O poeta, muitas vezes, trata o seu tema com uma originalidade tal que pode ser compreendida como visão ultrapessoal na focalização de certos objetos que fogem ao comum de seres poetizáveis, e isso pode ser definido pelo verso que escreveu : "Em dez pés conto a minha versão." (p.14) Trata-se de algo que se aproxima do que Mickel Duffrene concebe como essência e autenticidade do poético: "uma entonação particular na linguagem do mundo".

Por outro lado, "Tradução" nega, paradoxal mas legitimamente, a validez da palavra para traduzir o amor: "Não pode haver maior contradição / Que ter o seu amor interpretado". (p.80) Embora a expressão do silêncio no amor seja também uma linguagem... De qualquer forma, o poema supracitado constitui uma das peças mais bem construídas sobre o amor no livro, semelhando no valor conteudístico e estrutural dois outros acerca desse sentimento: "Canção de Tempo" (p. 81) e "Rosa-dos-ventos". (p.61) No primeiro, o signo de Cronos do título do livro, comandando o envelhecer, eclode magnificamente. E leia-se que o poeta concebeu o "viver demais" da segunda estrofe não como duração, mas como essência. Isso por causa do "inefável poema dos zelos" da amada. Desta que, pelo "riso da voz" e pela "luz do olhar", fornece a "Imagem que no tempo vai ficar".(Ibidem) No outro poema, uma décima cheia de metáforas marítimas, a imagem da amada reaparece neste verso que ostenta uma ambiguidade criativa baseada na polissemia da palavra "mastro", em que um dos sentidos traz sugestão sensual: "No meu mastro, eu hasteio a tua imagem".(p.61)

"Saltimbanco"(p.74) figura como uma das mais bem construídas composições, podendo-se até entender que a quebra de ritmo no último verso – "A poesia de um saltimbanco", um octossílabo finalizando um texto de decassílabos) – seja significante do esvaziamento da "plateia" ante o "cansaço artístico". E vê-se que o saltimbanco retrata o próprio autor.

"Relógio" (p.98) sobretudo depois que muitos outros poetas versejaram sobre ele, Drummond, Cassiano Ricardo e vários outros, assoma no livro com força inexcedível de poesia. Afinal, em sua materialidade mecânica, o relógio representa o mito que preside todo o livro, Cronos ou o tempo, diante do qual o poeta toma consciência da insignificância e efemeridade da vida: "E em tua ampulheta não passo de um pó".

Não posso deixar de registrar a presença de poemas referentes aos pintores da admiração do poeta-pintor (Raimundo Cela, Bandeira, Aldemir Martins, Hélio Rola e Descartes Gadelha) e dos que celebram os intelectuais a que Leite Jr. consagra apreço: "Elegia a Patativa" (p.87), "Monumento a Moreira Campos"(p.88) e "Amor Eterno".(p.89) Considero os três extremamente belos. Sendo o último dirigido ao amor recíproco entre mim e minha mulher Mariazinha, reputo-o de uma delicadeza e generosidade que nos comoveram, tanto mais que o autor fez bordar-se o poema numa fronha que nos ofertou por ocasião de nossas Bodas de Ouro. Vale, nesse poema, a urdidura com que os versos entrelaçam os partícipes do casal pela Graça, celebrando-se com chave de ouro uma "Eterna vida para tanto Amor", verso que intertextualiza não a ideia, mas a dicção de um de Camões: "Para tão longo amor tão curta a vida".

Esse mimo de Leite Jr. justifica-se pela proximidade magisterial entre nós, uma vez que fomos colegas na UFC, lecionando ambos a mesma disciplina, Literatura Portuguesa.

Como D. Pedro II quis repousar a cabeça num travesseiro com terra do Brasil, para ter a ilusão, no exílio, de repousar em nossa Pátria, desejo repousar, ao morrer, a cabeça no travesseiro envolvido com a fronha que celebra o nosso Amor conjugal e representa, pelas palavras poéticas, a própria Poesia, esta terra fecunda e dom divino, que orienta a nossa vida.

Mesmo que adote o autor uma cosmovisão muito pessoal, o que é próprio do espírito poético, alguns poemas acumulam –, pelo hermetismo e de modo paradoxal –, o engenho intelectivo e um clima algo surrealista, duas atitudes que podem ser modernas, e que comparecem no livro, que considero, quase geralmente, de alto nível em sua mensagem e em seus processos.

Quero terminar estas notas referindo-me ao poema com que o poeta Leite Jr. encerra o seu volume de versos, a composição "Pastoral". (p.100) Trata-se de um belo poema em que se pintam os atributos do Criador: "De mãos suaves, intangível Ser, / Não és matéria e tudo fabricaste". Porque não é matéria, entende o poeta que "tudo" do "nada" de Deus "tem a essência". E termina o poema com esta visão filosofante, pastoril e poética que justifica o título: "Se és futuro, és presente e és passado, / A Via Láctea segue o teu cajado."(Ibidem)

Conclui-se que, pela beleza e criatividade de tantos versos admiráveis, o livro *Cronos e Cromos* vem conquistar um espaço luminoso na Literatura Cearense contemporânea, anunciando para o seu autor uma caminhada artística pontilhada de glória.

FRANCISCOS: MORADORES DO CÉU, DE VIANNEY MESQUITA

Linhares Filho

Depois dos comentários críticos autorizados, abrangentes e cheios de sensibilidade, assinados, respectivamente, pelo professor, teólogo e acadêmico Myrson Lima, pelo professor, engenheiro e teólogo Duílio Reis da Rocha e pelo médico cirurgião Fernando Antônio Mesquita, todos pronunciando-se sobre o magnífico livro *Franciscos: Moradores do Céu,* de autoria do polígrafo e professor Vianney Mesquita, pouco resta falar acerca dessa obra e do seu festejado autor.

Diante das biografias dos catorze santos de nome Francisco, criteriosamente apresentadas pela erudição, competência teológica e linguística do cristão católico Vianney Mesquita, o que fica no coração e na mente do leitor é uma vontade imensa de ser bom, de seguir as virtudes dos vários santos e santas focalizados. E acredito que esse deve ter sido o desiderato maior da mensagem do grande hagiógrafo de quem me honro de ser amigo e admirador.

Avultam no livro a pesquisa acurada, o espírito de sensibilidade cristã e a fidelidade aos dogmas católicos, que orientaram a escritura do precioso livro, trabalho que surgiu inspirado pelas virtudes franciscanas do santo que precedeu na glória a todos os outros eleitos que se retratam no aludido livro e, de modo mais próximo, suscitado pela tese de igual valor, *Francisco de Assis, Alegria e Santidade na Pobreza*, escrita pela competência e piedade da escritora Socorro Lima Mesquita, digna consorte de Vianney. Importante salientar que a vida conjugal do casal Mesquita constitui, antes dos dois livros escritos, realçados aqui, um verdadeiro livro aberto e vivo de virtudes heroicas.

Não se pode esquecer que uma obra como essa em causa, *Franciscos: Moradores do Céu* foi concebida com grande sensibilidade

poética, graças à *vis poética* do seu autor, demonstrada em outras oportunidades como em ... *E o Verbo se Fez Carne* sobre parte do Evangelho de São Lucas.

Como conclusão deste meu pequeno testemunho, vai uma proposta a Vianney Mesquita. Já que ele se chama João e que não é menos rica a quantidade de santos com esse nome no céu, que ele proceda a uma pesquisa dos seus xarás glorificados para matéria de um novo livro de sua autoria. E espero que, como corolário dos Joões moradores do céu, Deus contará na glória com o próprio João Vianney Mesquita, pois como este mesmo prevê num poema:

Quando Ele me tirar a vida, então,
Arrepender-se-á da decisão
E acederá que eu viva novamente.

JORNALISMO CRÍTICO DE TIBÚRCIO RODRIGUES

Pádua Lopes

Nasceu no Ipu, em 11 de agosto de 1869, Tibúrcio Rodrigues que iria protagonizar um episódio marcante na história do Jornalismo cearense por sua coragem cívica e independência política durante o período em que o Brasil adotou a forma republicana de governo. Apesar de morrido aos 29 anos de idade, suas qualidades intelectuais e integridade moral foram admiradas e exaltadas, a ponto de seu nome haver sido escolhido para ser o Patrono da Cadeira nº 38 da Academia Cearense de Letras.

Seu pai era Francelino Rodrigues de Sousa, nascido em 1841, em Canindé, que se transferiu para o Ipu na década de 1870 e lá se casou com Sabina Rodrigues de Sousa, com quem teve 7 filhos. Os quatro primeiros por ordem de nascimento foram: José Martins de Sousa, Manuel Rodrigues Martins, Martinho Rodrigues Sobrinho e Tibúrcio Rodrigues de Sousa.

Para compreensão do contexto familiar, é preciso mencionar que seu avô Inácio Rodrigues de Sousa se casou com Maria Francisca de Santana e o casal, além do mencionado Francelino, tiveram outros filhos, com destaque para Martinho Rodrigues de Sousa, que foi advogado provisionado e solicitador do foro de Maranguape. Escrevendo para jornais em Fortaleza, conseguiu influência política e se elegeu deputado provincial pelo Partido Conservador. Através de seu prestígio, o irmão Francelino foi nomeado secretário da Câmara de Baturité e, em seguida, tabelião em Maranguape.

Acompanhando seus pais, Tibúrcio Rodrigues saiu do Ipu para morar em Baturité, onde funcionavam algumas tipografias que confeccionavam jornais e variados impressos. Com apenas 19 anos, publicou o jornal *O Rouxinol* naquela cidade. Por causa da

transferência do pai, teve de ir para Maranguape; depois, seguiu para Fortaleza a fim de fazer o curso preparatório do Liceu do Ceará.

Entre 1890 e 1891, se casou na Capital com Elvira Garcia, filha do desembargador Manuel de Sousa Garcia do Tribunal da Relação do Ceará. Do consórcio, nasceram duas filhas: Violeta e Maria José.

Seu tio, agora deputado federal Martinho Rodrigues, o chamou para trabalhar no jornal *O Norte*, que havia fundado em 14 de abril de 1891, com outros próceres, para ser o órgão da ala dissidente do Centro Republicano de Fortaleza. Essa entidade, que fora constituída pouco antes da Proclamação da República, abrigou os conservadores e liberais da decaída Monarquia, que juntos formaram o Partido Republicano Cearense. A convivência entre tais correntes antagônicas nunca foi pacífica. O rompimento entre elas se dera porque, em março anterior, o líder republicano histórico João Cordeiro propôs que o Partido se colocasse em oposição ao presidente Deodoro da Fonseca, sob o pretexto de que favorecia os interesses da ala dissidente.

As relações partidárias internas se azedaram mais quando o presidente da República nomeou o general Clarindo de Queiroz para governar o Ceará. O cargo de vice-governador seria preenchido por indicação do Partido Republicano, que por acordo escolheu o nome do deputado Martinho Rodrigues. Estava o Congresso Constituinte Cearense trabalhando na elaboração da primeira Constituição do Estado e, na sessão de 7 de maio, realizou separadamente as eleições para governador e vice. O general Clarindo de Queiroz foi eleito tranquilamente, mesmo porque sua eleição era mera formalidade, pois já estava nomeado para o cargo. Mas, na eleição do vice-governador, a ala ortodoxa, de João Cordeiro, não respeitou o acordo celebrado e lançou a candidatura concorrente do coronel Benjamin Liberato Barroso, que saiu vitoriosa.

A traição partidária não abalou o deputado Martinho Rodrigues, que continuava influente no governo e através do *O Norte* dava apoio incondicional ao presidente Deodoro da Fonseca e ao governador Clarindo de Queiroz. Mas o marechal Deodoro da Fonseca pretendeu dar um golpe de estado e foi obrigado a renunciar à Presidência da República em 23 de novembro de 1891. A reviravolta política convulsionou o Brasil. A situação do governador do Ceará ficou insustentável, porque havia apoiado a tentativa de golpe e o novo presidente da República, Floriano Peixoto, desfechou uma campanha para eliminar todos os amigos do marechal resignatário. Tendo se recusado a entregar o cargo, o governador Clarindo de Queiroz foi deposto em 17 de fevereiro de 1892 depois de um bombardeio do Palácio do Governo pelos cadetes da Escola Militar de Fortaleza. No combate travado, 13 pessoas morreram.

Tendo seus adversários tomado o governo, o deputado Martinho Rodrigues foi abruptamente jogado na oposição. Perdidas suas bandeiras de luta, *O Norte* se declarou apartidário e equidistante das correntes políticas.

Com a guinada política no plano federal, a ala ortodoxa do Partido Republicano Cearense ofereceu apoio ao presidente Floriano Peixoto e empalmou o poder local com o major Benjamim Liberato Barroso alçado a governador do Estado. Em virtude de negócios particulares, João Cordeiro tinha ido morar no Rio de Janeiro, deixando uma lacuna na liderança partidária. O senador Antônio Pinto Nogueira Acióli preencheu esse vácuo ao criar o Partido Republicano Federalista em 1° de junho de 1892, com a fusão do Centro Republicano e da União Republicana. Pouco antes, havia fechado os órgãos *Libertador* e *Estado do Ceará* para fundar o *A República*, que circulou de 9 de abril de 1892 a 22 de janeiro de 1912, para o suporte partidário.

Habilmente, o senador Nogueira Acióli dirigiu o 2º Congresso Constituinte Cearense e conseguiu ser escolhido vice-presidente na chapa encabeçada pelo candidato a presidente José Freire Bezerril Fontenele, ambos eleitos indiretamente pelos constituintes na sessão de 12 de julho de 1892. As baterias do *O Norte* foram direcionadas com ferocidade contra o novo governante estadual.

Por sua vez, o deputado Martinho Rodrigues, que havia criado o Partido Republicano Democrata, amargava o ostracismo político. Para agravar as circunstâncias, o deputado federal cearense fora preso durante 8 meses no Rio de Janeiro, porque apoiou o manifesto dos 13 generais, em 1º de abril de 1892, contrário aos interesses do presidente Floriano Peixoto. Entrementes, as dificuldades asfixiavam o *O Norte* que havia suspendido duas vezes as edições por causa de ataques a suas instalações. No terceiro atentado, em 30 de setembro de 1893, parte da oficina foi destruída, fechando o jornal em definitivo. Os seus redatores ficaram desempregados.

Por esse tempo, para sustentar a família, Tibúrcio Rodrigues exercia a advocacia, atuando no Tribunal de Júri e no Tribunal da Relação. A oposição carecia de um órgão para aglutinar simpatizantes e angariar prosélitos para o Partido Republicano Democrata. Libertado da prisão, o deputado Martinho Rodrigues juntou os correligionários para fundarem o *Ceará,* aproveitando a oficina do extinto *O Norte*, devidamente restaurada. O novo jornal circulou a partir de 1º de novembro de 1895 e, posteriormente, Tibúrcio Rodrigues se integrou à sua redação.

Paralelamente à atividade de jornalista, Tibúrcio Rodrigues era despachante da Alfândega de Fortaleza e se desentendeu com o inspetor Manuel Alves da Silva, que baixou a portaria de 22 de agosto de 1897, obrigando os funcionários da repartição a fazerem declaração escrita de não lesar o fisco, sob pena de demissão a bem do serviço

público. Indignado com os termos daquele ato administrativo, ele dirigiu uma petição ao inspetor dizendo que a portaria era absurda e preferia ser demitido a firmar aquela declaração. O pedido não foi atendido pela autoridade alfandegária que ganhou do peticionante, em revide, um artigo contundente publicado em 28 de agosto no *Ceará*.

Sentindo-se sem perspectiva em Fortaleza, ele embarcou com a família no navio "São Salvador" com o objetivo de se fixar no Amazonas como advogado. Ao fazer escala no porto de São Luís, no Maranhão, ele tomou conhecimento de que o inspetor lhe retribuíra o artigo publicado com uma suspensão de três meses. Ali mesmo, a bordo do navio, escreveu outro artigo, sob o ofensivo título "**O tartufo**", que somente foi publicado em 14 de dezembro pelo *Ceará*, demora que muito o aborreceu porque considerou uma falta de solidariedade dos colegas de redação. Ainda naquele mês de dezembro, ele retornou a Fortaleza para requerer licença de seis meses na repartição para tratar de assuntos particulares. A licença foi indeferida e, em seu lugar, o inspetor lhe aplicou a pena de demissão sumária do cargo.

O redator do *Ceará* tinha razão de ressentimento com seus colegas. O artigo "**O tartufo**" saiu nas colunas ineditoriais, tendo ao lado uma nota com a informação de que o redator-chefe João Oto do Amaral Rodrigues "tinha caído doente". Não havia dúvida: a direção do jornal usou de uma evasiva para se isentar de responsabilidade pelo artigo de Tibúrcio Rodrigues, embora não lhe negasse o espaço para manifestar sua opinião. Ou seja, fora uma publicação "de favor" e não, de solidariedade. Atente-se que, antes, o jornal havia publicado uma matéria simpática ao inspetor da Alfândega, para facilitar a composição das alianças partidárias para o pleito de senador em 1897. Vale ser considerado ainda que o dito inspetor fora nomeado em 1896 pelo ministro da Fazenda que favorecia o Partido Republicano Federalista.

Pressentindo que não teria apoio no *Ceará* para publicação de novos artigos e não aguentando ficar silente ante a injusta demissão, Tibúrcio Rodrigues escreveu o opúsculo *O intrujão (História de um cavalheiro de indústria)* em que atribuiu sua dispensa como despachante às opiniões emitidas naquele jornal. Acrescentou que o inspetor Manuel Alves da Silva recebera "carta branca" do ministro da Fazenda, para perseguir adversários políticos, tanto que foram demitidos três outros despachantes por serem filiados ao Partido Republicano Democrata. O opúsculo fez também acusações de irregularidades administrativas na repartição fiscal. Ainda denunciou o cancelamento das compras de livros e talões da Alfândega na Litografia Cearense, porque na sua oficina era impresso o jornal *Independente*, cujo sócio Joaquim da Costa Sousa era da oposição.

Começou a escrever *O intrujão,* ainda, em Manaus. Para evitar constrangimento, não contratou a oficina do *Ceará*. O livreto foi impresso na tipografia de Cunha, Ferro & Cia., situada na Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco) nº 33. Concluída a impressão em 29 de janeiro de 1898, o opúsculo obteve enorme repercussão em Fortaleza. Enquanto isso, o inspetor Manuel Alves da Silva foi agraciado com uma promoção para a Bahia, saída honrosa encontrada para aquele servidor público, ao mesmo tempo em que era abafado o escândalo causado pelas denúncias.

Deveras decepcionado com a falta de solidariedade de seus companheiros de jornal, vergados às conveniências políticas, e sem vez nos demais órgãos de imprensa, submissos ao governo, Tibúrcio Rodrigues amargurava frustração. Seu ânimo ainda foi desgastado quando o seu tio, Martinho Rodrigues, protetor de sua família e a quem muito admirava, desistiu de se candidatar à reeleição para deputado federal. Terá sido nesse transe que se convenceu da necessidade de ter o próprio jornal. Precisava de um órgão independente, livre dos

conchavos políticos, para externar suas opiniões sem dar satisfação a quem quer que seja.

Convocou para a empreitada o irmão mais velho, José Martins. Os dois caíram em campo com determinação férrea e, em 27 de março de 1898, circulou o primeiro número do *O Rebate.* O semanário fora impresso na oficina do *Ceará,* tinha pequeno formato, as páginas medindo 21,5cm por 28,5cm, e trazia esta epígrafe no alto da capa: "**Rindo digo a verdade**".

Suas finalidades e diretrizes foram expressas no editorial da edição nº 1:

"Nossa pena não está adstrita a interesses políticos de qualquer espécie. Vamos entrar na luta sem esmorecimentos, embora sejam bem sérios os riscos a que nos expomos. Embora! Quem luta por um ideal não teme.

"Queremos: primeiro, a liberdade dos cearenses, vitimados pela tirania de meia dúzia de aventureiros políticos. Queremos a integridade da Constituição republicana, mistificada por um governo ímprobo, desrespeitador dos mais sagrados direitos dos cidadãos. Queremos a moralidade da administração, hoje tão estragada com os monopólios indecentes, com os fornecimentos escandalosos, pela parentela governamental; com os contratos, altamente onerosos e inúteis ao Estado. (...)."

A respeito da característica do jornal, o historiador GERALDO DA SILVA NOBRE, no livro *Tibúrcio Rodrigues, a Imprensa e a República* (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1986, pág. 146), assim se pronuncia: "*O Rebate* de Fortaleza caracterizou-se como "órgão crítico", qualificação dada aos jornais de conteúdo predominantemente em forma de comentários, sem a finalidade precípua de noticiar, porém selecionando fatos que servissem ao

propósito de apontar, condenar abusos e desmandos, omissões e prevaricações das autoridades visadas."

Os responsáveis pelo conteúdo editorial (notas, notícias, comentários não assinados) eram os irmãos Tibúrcio e José Martins, cujos nomes nessa ordem de prioridade constaram do cabeçalho do jornal a partir do nº 6, de 7 de maio. Na mesma edição, passou a figurar também o endereço do escritório e da redação à Rua Municipal (atual Guilherme Rocha) nº 16-A. O jornal teve diversos colaboradores. Tibúrcio Rodrigues era encarregado dos comentários de primeira página, os quais escrevia com rapidez e com poucas correções no original. Por ser costume na época, ele também usou pseudônimos: Santerre e Tabaréu.

Em seu nº 7, com o editorial "**Força contra força**", o jornal aumentou a acidez das críticas à administração estadual. O fato acarretou desconforto para a direção o *Ceará*, em cuja oficina *O Rebate* era impresso, porque poderia ser lançada sobre ela a suspeição de conivência com as delações do *O Rebate*.

Para superar o impasse, os irmãos trataram de montar uma oficina própria. O primeiro jornal impresso na tipografia adquirida, de nº 13, veio com o formato maior, medindo 30,0cm por 43,0cm, sendo a última página reservada aos anúncios. O editorial do nº 14 noticiava a aquisição do maquinário, comentando: "Em vez de um mal fizeram-nos um bem. Despimos o alheio, vestimos o nosso". Concluindo: "*O Rebate*, fique acentuado, não recebe inspirações de ninguém".

Cada vez mais, o público prestigiava a linha enérgica do jornal. Os comerciantes e admiradores de Tibúrcio Rodrigues publicaram anúncios comerciais para financiá-lo, desafiando a ira do governante. A edição do nº 19 informava que a tiragem fora aumentada para 2.000 exemplares, o que era uma quantidade excepcional para a época. A abrangência do órgão exasperou elementos governistas que

mandaram apreender os exemplares nas mãos dos vendedores na rua. Na edição seguinte, de nº 20, com o título "**Paga o boró**", o jornal denunciou a violência e o policial responsável pela apreensão. Todavia, os vendedores ficaram intimidados e não aceitaram os jornais para vender na edição seguinte. Conta o historiador EUSÉBIO DE SOUSA no artigo "**A imprensa do Ceará dos seus primeiros dias aos atuais**" que, em face da recusa dos jornaleiros, Tibúrcio Rodrigues, "sem olhar o perigo a que se expunha, sobraçando um maço de jornais, ia pelas ruas de Fortaleza distribuindo sua atrevida gazeta." (in *Revista do Instituto do Ceará*, 1933, T. 47, pág. 7-45).

O nome de José Martins foi retirado do cabeçalho do nº 20 e uma nota justificou que o irmão viajara para o Amazonas, onde fixaria domicílio. Então, Tibúrcio Rodrigues ficou sozinho com a responsabilidade do jornal que passou a ser bissemanal, às quartas-feiras e sábados, numa demonstração da boa receptividade do público leitor. A edição do nº 21 publicou várias acusações virulentas contra o presidente do Estado. Como reação, um grupo de governistas tomou os exemplares de um vendedor, na entrada de um circo, e os destruiu, rasgando-os. O incidente foi narrado na edição seguinte sob o título "**Brutos!**".

O Rebate encerrou sua história na edição nº 22, uma quarta-feira, dia 31 de agosto de 1898, por causa da publicação do editorial intitulado **"À bala!",** cujos parágrafos finais continham esta insinuação perigosa:

"Portanto, aquele que primeiro levantar o bacamarte e derribar o primeiro tirano, nunca será um assassino! Será nosso salvador, o precursor de nossa liberdade! Não querem dar-nos a liberdade? Pois conquistemo-la. À BALA!"

Grande parte dessa edição foi também rasgada. No dia seguinte, 1º de setembro, o major Ranulfo Lira, cumprindo ordem do chefe de Polícia, intimou Tibúrcio Rodrigues a fechar a oficina e suspender

imediatamente a publicação do jornal. Altivo, o jornalista respondeu ao major que *O Rebate* sairia "amanhã às 9 horas". Com efeito, no dia 2, saiu reimpressa a edição nº 22, com a tarja de "2ª Edição" e a paginação alterada.

No mesmo dia 2, o *A República*, órgão porta-voz do governo, noticiou que *O Rebate* tivera a circulação proibida pelo chefe de Polícia. Acrescentou que a medida fora tomada porque o jornal, em conluio com o vice-presidente do Estado, Carlos Miranda, tramava o assassinato do presidente Nogueira Acióli. Mas, como acima foi dito, Tibúrcio Rodrigues não obedeceu à ordem policial. E, nesse mesmo dia 2, o major voltou às 10 horas, com os soldados da Guarda Cívica, cercou a oficina e consumou a interdição. Uma multidão se formou no local, protestando contra o fechamento do órgão oposicionista. A força policial dispersou a multidão que fugiu às carreiras para a Praça do Ferreira, nas proximidades do Palácio do Governo. O tumulto foi interpretado como a suposta tentativa de deposição, fazendo com que o presidente Nogueira Acióli saísse às pressas do Palácio, em carro fechado, e se recolhesse ao quartel do 2º Batalhão de Infantaria do Exército para se proteger.

O órgão governista *A República* reiterou na edição de 6 de setembro a versão de que o presidente do Estado fora vítima de uma conspiração entre o vice-presidente Carlos Felipe Rabelo de Miranda e o jornalista Tibúrcio Rodrigues para depô-lo. O primeiro visando a assumir o cargo de presidente, e o segundo para ser a "eminência parda" do novo governo. Ficou provado que tudo era mentira; os acusados nem amigos eram; muito menos, cúmplices de um golpe político. O presidente Nogueira Acióli aproveitou o incidente para, com a força de sua autoridade, liquidar os dois oponentes irredutíveis. Essa imputação falsa atingiu seus objetivos, pois levou à cassação do

mandato do vice-presidente pela Assembleia Legislativa, em 19 de outubro de 1898, e calou o único jornal crítico do governo.

Ao ter sua oficina interditada, Tibúrcio Rodrigues escreveu três boletins, em 1º, 4 e 20 de setembro, denunciando a arbitrariedade da interdição e declarando que sua vida estava sob ameaça de bandidos a serviço do governo. No Boletim de 4 de setembro, ele escreveu dramaticamente: "*O Rebate* não morreu!". Todos esses boletins somente foram publicados pela família depois da morte de seu redator, porque as tipografias, advertidas pela polícia, se negaram a imprimi-los.

De saúde frágil, Tibúrcio Rodrigues provavelmente sofria de insuficiência cardíaca, patologia que a medicina ainda não podia diagnosticar. Quando viu seu sonho se evanescer, sua trincheira de luta desmoronar, convicto de que a interdição ao jornal não seria levantada, ele adoeceu gravemente. Recebeu em casa a visita de muitos amigos que o ajudaram naquela enfermidade da qual não se recuperaria. Manteve a lucidez e a consciência até o fim. Uma semana antes (dia 20), acamado, escreveu o terceiro boletim e cessaram as palpitações de seu coração em 27 de setembro de 1898. Seu corpo foi velado em sua residência, na Rua Major Facundo, nº 138, e enterrado no dia seguinte. Houve comoção popular com a notícia de sua morte e um grande cortejo fúnebre conduziu seu corpo ao Cemitério São João Batista.

Para atenuar a repercussão da morte, junto ao público, o presidente Nogueira Acióli levantou o interdito da oficina em 14 de outubro. A família e os amigos de Tibúrcio Rodrigues aguardaram o transcurso do trigésimo dia do óbito para fazer circular uma publicação, em forma de jornal, com seis páginas e o título ***Tibúrcio Rodrigues: Homenagem de seus amigos e admiradores***. O artigo principal, de primeira página e não assinado, se reporta ao fechamento do jornal e ao falecimento de seu redator:

"Conhece esta Capital inteira a vida agitada, mas coberta de aplausos e de simpatias, *d'O Rebate*, que fechamos com a presente edição. (...).

"Nesse momento, a população do Ceará, aquela que é honesta, levou mãos ao rosto, – soltou um grito... e tombou com Tibúrcio Rodrigues."

A publicação era ilustrada com a foto do busto do jornalista morto, em posição formal, vestido de paletó e uma pequena gravata. Reproduzida por clichê, a imagem é precária, mas permite observar que ele era magro, rosto severo, testa larga, cabelos bastos e repartidos ao meio e usava bigode.

A publicação ainda continha manifestações pesarosas de amigos e artigos de colaboradores que exaltaram a personalidade, a coragem e a independência do homenageado. Destaca-se o título do artigo assinado pelo padre Furtado: "**Armas em funeral! Morreu um bravo!"**

A bajulação dos áulicos do presidente Nogueira Acióli e o temor de seu temperamento vingativo fizeram cair no esquecimento temporário o jornalismo crítico do *O Rebate* que não transigiu com a corrupção dos governantes e a prepotência dos poderosos. O nome de seu intimorato redator foi resgatado para a História em 1930. O jovem José Martins Rodrigues, que era filho de Martinho Rodrigues Sobrinho, irmão de Tibúrcio Rodrigues, convidado para integrar a Academia Cearense de Letras, escolheu o nome honrado do tio para ser o Patrono da Cadeira nº 36 da entidade. Como seu tio, José Martins Rodrigues era jornalista e advogado e havia ingressado na vida pública, na qual fez carreira brilhante mercê de seus dotes intelectuais e inquebrantável integridade moral. Na reestruturação ocorrida na Academia Cearense de Letras em 1951, Tibúrcio Rodrigues passou a ser o Patrono da Cadeira nº 38.

A existência curta e tormentosa do *O Rebate*, que se confunde com a própria vida de Tibúrcio Rodrigues, seu redator-chefe, não passou despercebida ao olhar agudo do professor GERALDO DA SILVA NOBRE, autor do livro *Tibúrcio Rodrigues, a Imprensa e a República* que constitui a principal fonte biográfica sobre aquele jornalista. Esse criterioso historiador terá sido o último a manusear e pesquisar os exemplares originais do *O Rebate* que repousavam no catálogo da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Essa e outras coleções de jornais foram destruídas por um incêndio nos arquivos da Biblioteca, perdendo-se a prova documental desse período da História.

Na abrangente obra *O Ceará* (3ª edição. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1966. p. 305), MARTINS FILHO e RAIMUNDO GIRÃO, no traçar o perfil das personalidades nascidas no Município do Ipu, anotaram no verbete **Tibúrcio Rodrigues**: "Jornalista de notável combatividade".

Um ser humano complexo como qualquer outro, com qualidades e defeitos, Tibúrcio Rodrigues foi, sobretudo, um produto de sua época na qual o jornalismo se confundia com as paixões políticas. O jornal era um meio de comunicação social potente e inovador, eis que o primeiro publicado no Estado – *Diário do Governo do Ceará* – circulou em 1º de abril de 1824. Desde então, todas as correntes políticas fizeram uso intensivo desse tipo de papel impresso (então, chamado "órgão"), para difundir suas ideias e opiniões, mas principalmente como instrumento de defesa e arma de ataque aos adversários. Na maioria das vezes, as agressões eram de ordem pessoal e absolutamente mentirosas. Não obstante, de algum modo, os jornais cumpriram o objetivo de informar os acontecimentos e de desmascarar as condutas públicas indignas. Aos poucos e por atalhos sinuosos, essas folhas impressas contribuíram para a elevação do debate político e para a moralidade da administração pública.

Os episódios conhecidos da vida de Tibúrcio Rodrigues sugerem que ele foi partidário e tinha temperamento inflexível, uma junção geradora de problemas evitáveis e de posições extremadas. Cometeu o erro de não discernir a importância estratégica do plano de extensão da rede de telefonia para o interior do Estado, alegando que o projeto seria um desperdício do dinheiro público e abriria as portas à corrupção. O fervor da cruzada moral turvou sua visão do desenvolvimento econômico e algumas de suas suspeições extrapolaram o limite da razoabilidade.

Não há, porém, como deixar de respeitar e aplaudir a firmeza de suas convicções, a pureza de seu idealismo, sua ética incompatível com a venalidade, pois não recuou jamais de suas opiniões para tirar vantagem pecuniária para si ou para o jornal. Por esse aspecto, seu comportamento já seria uma exceção honrosa. Mas ele também enfrentou a mão pesada do Estado e as denominadas forças invisíveis do poder. Inegavelmente, ele exibiu uma coragem pessoal extraordinária, porque não cedeu à ameaça, não temeu cara feia e absorveu prejuízos materiais. Expôs sua integridade física quando apontava os vícios administrativos que medravam nos gabinetes oficiais. Nunca abdicou do dever de informar. Aceitou o desafio de ser Jornalista.

Abstraídas as demasias, a crítica de Tibúrcio Rodrigues ao presidente Nogueira Acióli se revela procedente dentro da perspectiva histórica. Com efeito, esse governante não hesitava em abusar do poder visando a tolher as liberdades do cidadão e a esmagar as oposições. Quando *O Rebate* circulou, cumpria o presidente do Estado o terceiro ano de seu primeiro mandato, e esse leão já mostrava suas garras. Seus métodos ardilosos e intimidantes aprofundaram as raízes à medida que ele se consolidava no governo até estabelecer a oligarquia no Ceará. Senhor absoluto do mando político, ele perseguiu

os inimigos e ignorou os anseios populares. E, como todo déspota, um dia, os acontecimentos que ele pretendia controlar com mão de ferro tomaram uma direção imprevista, mudando radicalmente sua sorte. Foi apeado do Palácio do Governo em 25 de janeiro de 1912 e desterrado do Ceará no dia seguinte.

Depois de Tibúrcio Rodrigues, outros jornalistas assumiram a voz cáustica da oposição. João Brígido, que fundou o *Unitário* em 1903, e Valdemiro Cavalcante, fundador do *Jornal do Ceará* em 1904, fustigaram nas páginas desses órgãos aquele mesmo presidente do Estado que parecia usar uma capa impermeável à crítica, capa tecida pela coercitiva hegemonia partidária e pela ligação estreita que manteve com os presidentes da República durante 16 anos.

O jornalismo de Tibúrcio Rodrigues foi quase heroico e constitui um exemplo para a geração contemporânea que sequer ouviu falar de sua trajetória destemida e impoluta. Os políticos e agentes públicos, tanto de ontem quanto de hoje, só elogiam a imparcialidade do jornalismo quando a matéria atinge seus rivais ou desafetos. Quando eles próprios são alvo de revelações comprometedoras nas reportagens investigativas, replicam que o jornalista é venal, irresponsável, mentiroso; ameaçam-no com processos criminais, censura e pedidos milionários de indenização por dano moral. É; os métodos aciolinos estão atualizados com nova roupagem e terminologia. São necessários outros Tibúrcio Rodrigues, munidos com outros *O Rebate*, para restabelecer a verdade, investigar as operações nocivas ao erário, desnudar as hipocrisias, esclarecendo a opinião pública aturdida com a massiva propaganda institucional e as notícias que desinformam veiculadas pelas plataformas digitais.

Foram os jornais que acolheram as primeiras manifestações literárias no Ceará, de Juvenal Galeno a Adolfo Caminha e Antônio Sales. Os poetas, romancistas e cronistas escreveram para as folhas

e nelas publicaram suas produções. Os órgãos no século XIX eram políticos (a maioria), ou literários, ou ainda político-literários. O texto bem escrito era (e é) um pressuposto do Jornalismo assim como era (e é) da Literatura. Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras, foi cronista permanente dos jornais do Rio de Janeiro, e essas publicações o tornaram mais conhecido e reverenciado.

Entre seus ilustres membros, a Academia Cearense de Letras teve dezenas de jornalistas, e figura, em seu quadro de Patronos, um representante legítimo do Jornalismo, simbolizando o reconhecimento dessa atividade que concedeu o imprescindível espaço para o desabrochar da Literatura cearense. O nome do Patrono Tibúrcio Rodrigues foi uma escolha mais do que acertada, feliz.

CECÍLIA MEIRELES E O FRUIR DO LIRISMO

Graça Fonteles[7]

Há pouco mais de um ano, ao folhear o jornal *Folha de São Paulo*, deparei-me com a propaganda de uma página sobre a novela Jezabel. Naquele contexto, chamou-me a atenção a seguinte frase questionadora: "Pensa que o empoderamento feminino é de agora?". Ao ler aquele desafio, instintivamente me reportei ao início do século XX, quando a poetisa de origem portuguesa açoriana, Cecília Meireles, nasceu. Naquela época, os costumes da sociedade vigente, sem sombra de dúvida, eram bem mais rigorosos do que estes do século XXI, onde o olhar sobre o empoderamento feminino abriu seu leque para "mares nunca dantes navegados". Cecília, desde cedo teve seu talento reconhecido e, aos nove anos, recebe um prêmio das mãos do grande poeta parnasiano Olavo Bilac, que era, na época, Inspetor Escolar no Rio de Janeiro. Ambos tiveram obras reconhecidas em Portugal.

Assim, dou início às loas dirigidas a essa grande poetisa Cecília Meireles, cujos passos, tocados por seu singular lirismo, encontrados em sua produção poética, a conduziram, *a posteriori*, a ser considerada como uma das fundadoras da literatura feminina no Brasil. Noviça em um universo pontificado pelo masculino, sua ascensão ao pódio, como uma das maiores poetisas brasileiras, faz jus a sua ousadia no enfrentamento da selva de preconceitos de uma sociedade obscurantista, através das

7 Graça Roriz Fonteles, é natural de Fortaleza-Ceará, é poetisa, formada em Odontologia, Mestre em Farmacologia e Ciências da Religião, e Doutora em Letras. Autora do livro de poesias *Garimpo de Sonhos* (2000); *Cecília Meireles – Lirismo e Religiosidade* (2010); o livro de memórias *No Colo de minha Mãe* (2013); *O Sagrado no Olhar Feminino* (2016) e *Lirismo do Silêncio* (2019). "Repensando Cecília Meireles", In: *Quaderns de Versàlia*, *IX*, Barcelona, (2019). Participou de dezesseis antologias com poesias e prosas. Membro da Academia Fortalezense de Letras (AFL), Academia Cearense de Cultura (ACECULT), União Brasileira de Escritores (UBE) e da Rede de Escritora Brasileira (REBRA).

letras. Certa vez, ao ser inquirida, chegou a confessar que "uma certa ausência do mundo" poderia ser considerada seu grande defeito; isso posto, talvez essa "ausência", seja precisamente sua maior qualidade, que a direcionou para seu *ab imo pectore*[8], fonte de onde fluíram seu lirismo, sua verve e a grandiosidade de seu poetar, tornando-a, assim, capaz de lapidar ausências e dores adormecidas, enquanto espera o irromper de asas durante os anos de sua puerilidade para, posteriormente, abri-las em pleno voo à caça de diamantes literários. Assim trabalha o eu lírico que a caracteriza açoitado pelo lirismo e cativo das memórias. A jornada do eu lírico é o resultado de um processar sob o véu da interpretação, o registro em uma linguagem poética de sensações e emoções que transitam entre o olhar e o coração. Como se o eu lírico fosse o primeiro a ver e elucidar essas emoções, em seu virginal olhar. Em 1919, adentrou o mundo das letras pela porta principal, ao lançar *Espectros*, opúsculo de dezessete belos sonetos. Esses sonetos, primícias de uma poetisa que sabe perlustrar de forma escorreita sua verve, já deixam entrever o sentimento místico e religioso que acalanta a sua alma pueril. Quando da publicação de seu segundo livro, em 1923, a poetisa lança em edição geminada *Nunca mais...* e *Poema dos Poemas*. Nesse segundo volume, *Poema dos Poemas*, o eu lírico inebriado por muitas letras, em parceria com o Simbolismo, cujos resquícios vicejantes de uma época que estava a se extinguir ainda persistem, descreve um rito de passagem do profano para o sagrado, e, faz uma oferenda ao ser divino, o Eleito,

A Ti,
Ó Sol do último céu,
Por quem sofre
Toda a imensa miséria
Da minha treva...

8 Expressão com origem em Virgílio, que traduz a profundidade de um sentimento.

O eu lírico, se posta, uma vez mais resplandecente em sua originalidade e realiza a nostalgia de um tempo edênico, celestial, onde aguarda a comunhão pura e singela com o Eleito. Estes dois livros iniciais foram incluídos apenas em publicações póstumas, pois a própria autora considerava sua obra a partir do livro "Viagem" (1939), premiado pela Academia Brasileira de Letras.

A poetisa não carece de apresentação, que esta já é feita por seus versos que seguem seduzindo e, enquanto houver amantes da poesia, a magia navegará os mares de sua criação, entre os acidentes de dores e amores vivenciados na infância e retrabalhados pelo olhar do eu lírico que divisa o sagrado, entre ausências, perdas, ou mesmo nos atropelos comuns da vida. Parte a poetisa em busca de novas trilhas literárias. Apesar de sua compleição aparentemente frágil, trazia dentro de si uma força capaz de vencer adversidades circunstanciais comumente encontrada em uma sociedade de costumes arraigados e plena de restrições próprias da época. Nessa vivência singular, esculpe o poema que, há muito gestado, agora vem à luz. Sua obra determina seu poetar como nascedouro de um universo onírico, quiçá desconhecido até então, cuja experiência criativa, agora alada, torna-se capaz de alçar voos estelares, percorrendo distâncias com a velocidade da luz, tão íntimas e tão próximas do eu lírico. Tomada pela graça da simbologia, a poetisa em sua verve se apossa de luz, até mesmo na sombra, como em *Solombra*, seu último livro de poemas, publicado em 1963, no qual o lirismo voeja em seus vinte e oito poemas instigados por sombras, silêncio, solidão, possivelmente a proximidade da morte a consumia e, encerra o poema 22 com a pergunta enigmática: "Que labirintos bebem meu rosto?" A epígrafe desperta a atenção do leitor que se debruça sobre o livro instando-o a devorá-lo pela leitura: "Levantei os olhos para ver quem falara. Mas apenas ouvi as vozes combaterem. E vi que era no Céu e na Terra. E disseram-me: Solombra". A palavra

estranha que remete ao arcaísmo de sombra. Surpreendente é o poema "Motivo", no qual, ela define poeta ao versejar: "Eu canto porque o instante existe/e a minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste:/ sou poeta". Dessa forma expressa o desejo de usar a palavra poeta, ao referir-se ao seu poetar. Em distintas maneiras o eu lírico declina do próprio ser, seu autorretrato e o indeclinável escondem-se nas entrelinhas e reticências tornando esses singulares poemas, harmônicos e dissonantes ao desabrochar de cada reticência "— Em que espelho ficou perdida a minha face?" E as andanças por mares, viagens aportam no *Mar absoluto* com seu "Retrato obscuro": "(...) sei quando ela fala, que é diferente de todos, / e, mesmo quando se parece comigo, fico sem /saber se sou eu".

Daí a se pensar que dois eu líricos encontram-se e se miram. Contudo, há, ainda a dúvida de suas identidades. Mas o que verdadeiramente importa ao leitor é a pureza que se desnuda a cada versejar. É o emergir de um mundo interior que vai, com ousadia, fazer o leitor como sombra, deixando-o ser o acompanhante de uma jornada poética. Em misto de lirismo, no fruir dos sentidos e do espírito, une os mundos. Assim, em "Crônicas de Viagem-2", ela pontua como o rastro de um cometa "Luz da Holanda":

> É uma luz preciosa que deixa em todas as coisas um nimbo de ouro. Tão leve, tão delicada, tão doce (...). É uma luz esvoaçante (...) que se desprende e joga-se para longe, (...) (...) E a luz deliciosa passeia pelas dunas, vai muito longe, até onde as espumas do mar se aglomeram, indecisas (...)

Observa-se que o eu lírico pontifica entre a luz e as sombras, a pautar uma realidade sublimada, onde pegadas de sonhos se transmutam em debuxos alados, como bem disse a poetisa em carta,

de 1938, publicada na "Introdução" de *Poesia completa*, em 1993, ao confessar, para sua amiga, como seu amor pela Índia a influenciara:

> À noite, no meio do sonho, parecia que me despertava no corpo, e andava por singulares caminhos, com atmosferas coloridas, onde certos vultos deslizavam, atravessaram-me, e eu os inalava, e assim nos comunicávamos. (...) Era um arrebatamento.

A noite e as sombras continuam a vaguear por seu eu lírico, como no poema "Um", dos "Doze Noturnos da Holanda":

(...) Árvores da noite...Pensamento amante...
—Transporta-me a sombra, na altura profunda,
aos campos felizes onde se desprende
o diurno limite de cada criatura. (...)

Muitas viagens por mares e ares faziam-na delirar, tomada de emoções que enchiam seu peito de poeta e, abstendo-se do excesso, compõe sua escrita, em *Crônicas de viagem-1*, descreve a percepção lírica como parte dessa nova terra:

> Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É *expor-se* a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física — mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma forma de meditar.

Cecília foi muito além do poetar, destacando-se em todas as áreas em que pontificou, desde o ensino como professora, além de educadora, jornalista, escritora e tradutora. Sempre com desvelo, sendo que sua estrela continua a brilhar através de suas obras acrônicas. Sua fortuna crítica é riquíssima, não apenas por sua qualidade poética, mas, igualmente, por fornecer ao leitor ideias capazes de serem retrabalhadas no universo de ausência e dores de cada um.

3ª Parte

Poesia

POEMAS DE DANIEL VARUJAN[1]
TRADUÇÃO DE LUCIANO MAIA

A SEMENTEIRA

(Daniel Varujan – tradução *Luciano Maia*)

É o semeador. – Ergue-se vigoroso
Entre os raios dourados do ocaso.
Os campos da pátria, aos seus passos,
Estendem escancarada a própria nudez.
O seu avental está repleto de grãos
Colhidos às estrelas. As espigas de um ano, ressequidas,
Aguardam a palma da sua mão gigante
Que desponta sobre os campos como uma aurora.
Semeia, camponês – em nome do pão da tua casa
Não conheça limite o teu braço;
Estes grãos que espalhas vão se derramar
Amanhã sobre a cabeça dos teus netos.
Semeia, camponês – em nome do miserável faminto
Não saia diminuída a tua mão;
Hoje um pobre, no candeeiro do templo,
Derramou a última gota de azeite para a colheita de amanhã.

1 Daniel Varujan (1884-1915), poeta armênio, hoje reconhecido como um clássico da literatura armênia, graças ao trabalho de divulgação de Antonia Arslan, professora de Literatura Italiana em Padova. Daniel Varujan foi vítima, aos 31 anos de idade, do genocídio perpetrado pelo governo turco sobre a população armênia, desde o início do século XX e que em 1915 ceifou a vida de mais de 1 milhão e meio de vidas armênias, pelo simples fato de não abandonarem a fé cristã para se tornarem mulçumanos.

CRUZ DE ESPIGAS

(Daniel Varujan – tradução *Luciano Maia*)

Ofereço-te, Mãe, as primícias da minha colheita.
Consagra-as sobre o teu altar onde, desde séculos,
a cera alourada das nossas colmeias
difundem luz e lágrimas.
Tu, santa protetora da terra dos meus pais,
aos quais concedeste a imortalidade do paraíso;
o botão tornaste flor, a esperança uma aurora
que sorri à minha cabana.
Tu, esta cruz de espigas, entrançada com as minhas mãos,
aceita, Mãe. Em meio do meu trigo
elas pendiam como virgens de cabelos ruivos
transbordantes de sol e maduras.
Sob a minha foice, com a geada ainda sobre a cabeça,
caem como um raio ceifado da lua.
Nenhuma calhandra bicou
as suas fileiras intactas.
Eu as entrancei, cabeleira sobre cabeleira,
na cruz do teu Filho ferido de morte
cujo sangue, fogo santo de cada Páscoa
bebem os nossos sulcos.
Entrancei-as às minhas esperanças, aos meus desejos:
a seiva dos campos, o fogo do sol.

O relâmpago das relhas do arado e o ímpeto do meu braço viril,
a prece dos meus netos.
Mãe, bendiz esta cruz de espigas e doa aos nossos campos
um verão de ouro e uma primavera de pérolas;
os celeiros estarão mais cheios, mais luz
darão as velas ao teu altar.
Faz, te peço, que – como nos dias antigos –
quando de campo em campo virás a passear,
os espinhos não toquem os teus pés, mas apenas as papoulas
frementes como o nosso coração.

CONTEMPLAÇÃO

Giselda Medeiros

Acaso escutas um tropel insano,
que vai desvirginando as alvoradas,
e desce pelas tardes languescentes
até romper o útero da noite?!

Repara, olha, vê as alvas crinas
desse ginete posto em cavalgadas
indômitas e assaz apavorantes
diante de nós, humanos, e perplexos!

Para um instante, sai de teu casulo,
contempla, tudo, tudo ao teu redor
como se fora tua última imagem.

Então compreenderás: é tão pequeno
e tão efêmero esse contemplar...
Por isso, sorve a vida inteiramente!

VENEZA

Révia Herculano

Distraio-me entre vielas,
gôndolas a perder noção ...
Sensual, a água lambe a barra do casario.
Do sol, raios escondidos, sonho submergido
Mais tarde, a lua o seu brilho fácil presenteia
e anda e anda cercando atônita a Catedral.
Na Madona, estrelas pendem orvalho,
há ouro no lábio dos anjos,
ouro no manto do Altíssimo.
Tear bizantino, fios sem Minotauro,
dores tecendo crenças...
Comunicam Corinto,
ágoras milenares,
o Apóstolo Paulo anunciando a Palavra!

FUGAZ...[2]

Ana Luiza Almeida Ferro[3]

Fugaz...

Como as lágrimas caprichosas
que descem silenciosas
pelos córregos de tua face...

Como os grãos de areia
que se perdem anônimos
ninguém que os cace...

Fugaz...

Como o brilho efêmero
de teu olhar enigmático
nas sombras do dia...

Como a marcha da vida
no desfile do tempo
a morte como guia...

Fugaz...

2 Originalmente publicado no livro *Versos e anversos* (2002)

3 Membro efetivo da Academia Maranhense de Letras. Sócia correspondente da Academia Cearense de Letras. E-mail: alaferro@uol.com.br.

Como o eco de tua voz
que se repete no vazio
de um monólogo a dois...

Como o trigo sem o joio
a terra sem a seca
a boca com o arroz...

Fugaz...

Como tuas palavras ao vento
folhas soltas de estação
sem culpa, sem dolo...

Como a chuva copiosa
que cobre mansões e casebres
e desaparece pelo solo...

Fugaz...

Como a força de tua mão
que molda um império
cimento sobre barro...

Como a brisa matutina
que acaricia o orvalho
mas deixa o sarro...

Fugaz...

Como a água que escorre
entre teus dedos impotentes
e escorrega pelo bueiro...

Como o risco do relâmpago
que cruza o fundo azul
e se finda ávido, ligeiro...

Fugaz...

Como o vulcão de teus lábios
em esplêndida erupção
paixão sem essência...

Como a chama vacilante
que espera paciente
o fim da existência...

No final
tudo passa
tudo é fugaz
até o amor
se bater ponto
e não se abrir por inteiro
como a flor da manhã...

Fugaz...

4ª Parte

Prosa de Ficção

O CRIME SEM CASTIGO

Flávio Leitão

"A verdade é a certeza de cada um."
(Diógenes, o cínico)

Dona Maria da Conceição Augusta dos Anjos e Silva tinha régio e pomposo nome, apesar de sua humilde e despretensiosa origem, razão por que os amigos simplificavam chamando-a, tão somente, pelo carinhoso epíteto Maroca.

Não tivera sorte no casamento. Não que seu marido, o Raimundinho da Preta Joana, conhecido por Mundoca, fosse má pessoa. Muito pelo contrário, era homem conhecido pela sua dedicação ao duro trabalho de lavrador de terras improdutivas, carentes de chuva e de frutos. Homem de mãos nodosas, calejadas pelo uso diário da enxada, do alvorecer das frias madrugadas dos tempos invernosos ao repouso do astro-rei, no morno crepúsculo das tardes avermelhadas de verão.

Nunca se ouvira falar que tivesse sido desregrado ou que vivesse alcoolizado em algum dos inúmeros cabarés da cidade, cortejando as mulheres de vida fácil.

Cruz das Almas, a terra de nascimento de Da. Maroca e de seu Mundoca, era um simples lugarejo encravado no sertão árido do nordeste da Bahia, contando com apenas 4.800 insignificantes criaturas, distribuídas por mais de 30 léguas nas diversas pequenas fazendas que circundavam o povoado, não se sabendo o porquê de tão grande número de casas de recurso.

O fato é que, naquelas lonjuras do sertão baiano, as mulheres eram naturalmente desprestigiadas por seus companheiros. Justificavam-se da atávica e machista atitude, valendo-se do único deslize que cometera Santo Agostinho, o filho de Santa Mônica e bispo de Hipona, quando determinou às mulheres o castigo do silêncio.

Vaticinara o Santo Doutor: "A maior virtude da mulher é o silêncio". Por isso, os homens de Cruz das Almas exigiam o silêncio de suas mulheres em resposta a seus frequentes folguedos extraconjugais.

Mas até os gregos de reconhecido conhecimento filosófico tinham os seus deslizes com referência à mulher. Quando Édipo foi banido de Tebas, cego, no exílio, acompanhado de suas duas filhas, expressou-se: "Essas meninas, ao contrário, dão-me, apesar de seu sexo, o alimento de cada dia e a segurança nas estradas".

Assim, o infortúnio de Maroca não foi decorrente de defeitos morais naquele que ela havia escolhido para complementar-lhe a vida pelo resto de seus dias. A infelicidade do casal fora determinada por esses desígnios incompreensíveis e imperscrutáveis de Deus, que permitiu ter Mundoca contraído, com apenas 15 dias de casado, uma tosse que o levou, celeremente, ao passeio com Caronte, o detestável barqueiro do Rio Estige, pelas águas que o conduziriam para a eternidade de Hades.

Após repetidas crises de tosse, tosse rouca, bitonal, estridulosa e dolorosas ânsias de vômitos de sangue vermelho vivo, em consequência da ruptura de cavernas que a tuberculose pulmonar havia salpicado em seus pulmões, cortou-lhe o fio da vida a terceira parca. Despediu-se Mundoca deste ingrato mundo, deixando Maroca no frescor de seus 25 anos.

Maroca, apesar de ser mulher jovem, de rijas carnes, ancas largas, corpo escultural e naturalmente apta às danações carnais, não chegara a engravidar no curto período de intensa e inesquecível gala que, prazerosamente, lhe proporcionara Mundoca.

Assim, mesmo diante do excepcional desempenho esperado de mulher inupta, no momento maior da vida conjugal, os inesquecíveis jogos amorosos envolvidos por grande ânsia e maior volúpia, não lograram que Mundoca deixasse, no virgem e vigoroso útero de Maroca, a semente de rebento que perpetuasse a linhagem dos dois.

Apesar de extremo viço, Maroca prometera a Mundoca ser apenas dele, de modo a amargurar toda sua existência sem conhecer mais nenhum outro varão.

O espírito maternal de que naturalmente fora dotada, contudo, deixava-a muito entristecida e angustiada, exigindo-lhe um filho. Por essa razão, Maroca aceitou, como uma dádiva misericordiosa da Providência, o filho indesejável que Narbelina – a Nega Narbé da pensão da Olga – tivera como resultado de uma paixão extremada com um gringo que fora explorar petróleo no sertão baiano.

O menino recebeu o nome de Absalão, em batizado pouco concorrido na simplicidade aconchegante da capela de Santa Terezinha, a mais próxima da fazenda de Maroca, quando compareceram algumas mundanas e menor número de amigas de Maroca.

Cresceu o menino forte e bonito em virtude do gritante contraste da pele cor do ébano e do verde-esmeralda de seus olhos, com um narizinho arrebitado.

Era simpático e desenvolvia-se célere, embalado pelo extremo amor que Maroca lhe devotava. Ao completar três anos, a mãe adotiva tomou a decisão de dar-lhe um irmãozinho. Não era bom que Absalão crescesse na solidão, sem a benfazeja companhia de um irmão, com quem dividisse as agruras e as alegrias da vida.

Maroca, permita-me lembrar-lhe, caro leitor, havia jurado no leito de morte de seu inesquecível Mundoca que jamais conheceria outro varão. Para honrar o solene compromisso e, ao mesmo tempo, saciar sua vocação maternal dando um irmão para Absalão, resolveu perfilhar o décimo segundo filho gerado por Tereza, uma prima pobre de extrema fertilidade, que dera à criança o estranho nome de Acaz.

Soube-se, depois, que, sendo a mãe biológica uma pentecostal fundamentalista, escolhera o nome em homenagem ao 12º rei de

Judá, apesar de sabê-lo um mau rei por ter promovido a idolatria e sacrificado seu próprio filho a deuses pagãos.

Receberam os dois irmãos, por parte dos moradores da pequena fazenda de Da. Maroca, o explicativo apelido de "Café com Leite", em face do contraste da reluzente negritude de Absalão com a cor branco-amarelada de Acaz.

Cresceram os dois embalados pelo canto matinal dos pássaros, pelo sonoroso barulho dos pequenos córregos nos exíguos invernos, pelo cantar longínquo de galo "pé-duro", enfrentando, por outro lado, valorosamente, a sequidão dos anos de seca, arando a terra na esperança de vê-la frutificar, cuidando do gado sequioso e faminto.

E, finalmente, tornaram-se adultos. Absalão era a cordura personificada, trabalhador empedernido, querido por todos, irradiava simpatia, prestativo, um certo grau de humildade. Quem sabe a cor o estigmatizava?

Acaz não ficava atrás em matéria de trabalho, mas tinha a postura do branco colonizador, arrogante, certo ar de superioridade, sempre com o nariz acima da linha horizontal dos olhos, dado a farras colossais e a bebedeiras homéricas.

Era a repetição do determinismo histórico, vendo-se, de um lado, uma África oprimida, dominada, explorada, vilipendiada e, do outro, o colonizador branco usurpador, atroz e arrogante.

Dizem que, com frequência, se estranhavam, ficando emburrados, mas nada que perdurasse.

Assim, afora essas nítidas desigualdades de físico e de comportamento, ambos viviam numa aparente harmonia.

Longos anos se passaram e Da. Maroca chega à provectude, completando 80 venturosos anos.

Nesse mesmo dia, depois de uma festa com a presença de todos os moradores da pequena fazenda, onde a cachaça foi oferecida com

a mesma abundância com que o vinho foi servido nas bodas de Caná, por mais um desígnio inexplicável de Deus, sofreu Da. Maroca o que o povo chama de "ramo". Ficou a desditosa senhora paralítica de todo o lado direito de seu corpo, incapaz de entender o que se lhe dizia, também incapaz de responder.

Os dois irmãos haviam ouvido, cada um de seu quarto, um baque surdo, estranho, incomum, às quatro e meia da manhã e acorreram, solícitos, ao quarto da mãe, encontrando-a no chão, desacordada, a camisola encharcada de urina, sem forças, desacordada.

Cada um expressou, à sua maneira, a dor que sentia. Absalão, contrito, comedido, enxugava discretamente as lágrimas e mostrava um olhar de profunda e intensa dor e, desesperado, acocorou-se no chão, as mãos sustentando sua cabeça, o olhar perdido...

Acaz vociferava, culpava Deus por tão grande desgraça e não via razão para, daquele dia em diante, tê-lo como protetor e fonte de consolação. Blasfemava e puxava os cabelos numa atitude irracional. Mostrava grande sofrimento e perguntava-se: que maldade fizera sua mãe para ser merecedora de tão grande castigo?

Foi muito feliz a afirmação do Corifeu, analisando o comportamento de Creonte e Eurídice diante da morte do filho: "Silêncios excessivos me parecem tão graves quanto o exagerado, inútil pranto".

Mas, como não há mal que sempre dure, aos poucos, voltou a fazenda às atividades de rotina, plantando nos períodos de chuva, amargando a sequidão do açude, o emagrecimento e até a morte do gado, nos frequentes e dolorosos tempos de seca.

Os irmãos voltaram à vida de rotina, e Da. Maroca passou a ser tratada por uma cuidadora.

Alguns meses após a tragédia do acidente vascular cerebral que destruíra definitivamente a vida de Da. Maroca, a cuidadora,

ao adentrar o quarto, percebeu algo estranho. Os olhos de Da. Maroca pareciam querer gritar, pedir socorro, denunciar. Suas vestes estavam levantadas até os flácidos seios, a perna paralítica estava despudoradamente afastada da perna sã, e uma observação mais acurada deixou clara a presença de viscoso e pegajoso líquido branco-esverdeado, com forte odor acre, misturando-se aos ralos e embranquecidos pelos pubianos da velha senhora.

Maria das Graças, a cuidadora, era mulher experiente e logo se apercebeu que ato ignominioso havia sido perpetrado contra a indefesa velhinha, presa ao leito, paralítica de um lado do corpo, incapaz de dizer palavra e muito menos de entendê-la.

Algum monstro desprovido dos naturais sentimentos de respeito, de decência e de ética, com que nascem todos os seres humanos, segundo o iluminista Jean-Jacques Rousseau, aproveitara-se, covarde e violentamente, da incapacidade física de Da. Maroca e do silêncio que a doença lhe impusera, estuprando-a, cometendo, assim, duplo e repugnante crime.

Tomadas as devidas providências, um perito confirma ter havido conjunção carnal. O caso, finalmente, chega à Justiça.

São, naturalmente, suspeitos os dois irmãos, únicos moradores com a provecta senhora. Acaz atribui a Absalão o horripilante crime. Absalão, por sua vez, sofre, arrasado, a dor da acusação. Defende-se apresentando testemunha que ouvira ter Acaz dito em alto e bom som, por vária vezes, num dos lupanares da cidade, sob efeito de intensa libação etílica, que "tudo faria para evitar que o irmão fosse o herdeiro da fazenda Aqueronte".

No júri, os advogados de ambos os lados defendem, enfática e peremptoriamente, a inocência de seus constituintes.

A única prova confirmada foi a afirmação leviana de Acaz, informando que faria tudo ao seu alcance no sentido de ter a fazenda Aqueronte exclusivamente na sua posse.

Seu defensor garantia que aquilo era próprio do espírito boquirroto de Acaz, que fora uma brincadeira dita sob intenso domínio de Baco, que, afinal de contas, Acaz prendia-se à vítima por dois fortes laços: o parentesco de primo em segundo grau e a adoção legalizada em cartório.

A pobreza do Judiciário no sertão baiano não tivera recursos para realizar a pesquisa do DNA no líquido espermático encontrado nas partes pudendas da pobre velha, método que identificaria cientificamente o hediondo criminoso.

Por falta de provas, o Juiz arquiva o caso, lamentando a impossibilidade de ser feita justiça, deixando a decisão final para o Plano Divino...

UMA CASA TODA MÃE

Batista de Lima

Encontrei aquela casa consternada de ausências tantas. O velho alpendre de abas pandas gemeu boas-vindas que mal se ouviram. Parecia um chapéu velho, procurando a cabeça do seu dono. Ao abrir a porta, partida em duas, ouvi gemido de dobradiças acometidas de passado. Lá estava a sala que foi tão grande e amiudou não sei por quê. A rede azul, avarandada, deixou lembrança escrita em versos que o armador recita e canta. Um Jesus Cristo tão pequenino sofre sozinho no colo da mãe parede. Ao lado dele traças com fome se banqueteiam do Coração que é de Jesus.

A casa está ali, na planície deserta, como um navio que encalhou num mar que foi embora. Entrar pela porta da frente requer sair pela porta dos fundos e atravessá-la como a ferir um corpo mais morto do que vivo. No percurso entre entrada e saída o clã se ergue na algazarra da memória. Ali, a vida brotou, exuberou-se e feneceu. Nada mais funciona como nos tempos da ventura. Nem o couro da raposa consegue espantar os morcegos que festejam o abandono. Nem a janela que ficou aberta consegue trazer o vento para o dentro daquele convento de ratos. Até parece que por ali ninguém passou.

A velha casa tem seu oitão, limitando dentro com fora, separando o sul do norte com léguas de separação. O seu telhado vetusto encobriu noites de lua, mas também de escuridão, com chuvas relampejantes que o nascente sempre enviou. O pouco capim que resiste a alguns metros de seu solo faz surgir a vaca preta, do leite mais branco e espumoso que se alojou na lembrança. Na parte mais baixa do seu entorno, a velha cacimba aterrada resiste em barreiras de argila que o tempo não conseguiu soterrar. Na ladeira mais à frente, o caminho

está mais torto, mostrando a dentadura cariada de uma cerca só de estacas. Vendo daqui não dá para ver onde vai dar essa estrada.

Certa vez um cego de guia, de viola, saco e rima, por esse caminho chegou, cantou na boca da noite, rimando dor com amor, e na madrugada fugiu, levando a moça em botão. Por essa ladeira chegou a carne fresca da vila, um deputado vivaz, trazendo promessas falsas e levando os votos na mão. Com tanto tempo passado, a terra aqui ficou mais baixa e das costelas das barreiras a fome mostra suas garras. Dá pra ver ainda, à noite, certas estrelas antigas, e uma lua triste e sozinha, bordando saudades no céu. Fugindo dessa rotina, é a casa que se descortina, somando sorte com sina.

Em frente àquela casa, um juazeiro havia, que nascera sem espinho, ali se brincava de rei, quem em seus galhos subia. Um curral fincado ao sul guardava vacas de leite, e quando de nossa mãe apartávamos, de mamar quando bebês, era a vaca mais leiteira que suas tetas nos dava. Tinha ao norte cana e corgo, uma mangueira mais velha que todo mundo da terra. Aquele riacho se fez rio e nos tragou e levou, em busca do litoral, pôs-nos anéis em cada dedo, e mais fundura nos bolsos, mas não levou com a gente a bonança ali fincada. Nessa hora de retorno, só a casa resta em pé como ilha que se afoga nas águas do esquecimento.

Aquela casa ali sozinha, tipo Inês posta em sossego, mesmo morta ainda reina. Sai dali calada e triste, e se instala na saudade, com seu tempo de alegria, pão de arroz, milho e canjica, melancia e cajarana. Lado triste dessa volta é não ver povo dali, não ver pai e não ver filho, não ver fartura em volta, nem rede azul no alpendre. Casa velha abandonada, no teu dentro ganhei vida e agora aqui fora, tento voltar e não consigo. Foi seu tempo de ternura que as águas do dia levaram. Aquela casa toda mãe no dia em que a dona partiu, também ela dali se foi.

5ª Parte

Entrevista

COMO E POR QUE SOU E NÃO SOU BIBLIÓFILO (2018)

ENTREVISTADO: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
ENTREVISTADORA: Hanna Sandy

> «Hay quienes no pueden imaginar un mundo sin pájaro; hay quienes no pueden imaginar un mundo sin agua; en lo que a mi se refiere, soy incapaz de imaginar un mundo sin libros».
>
> *Jorge Luis Borges*

PERFIL

Nome. *Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes*

Idade. *83 anos*

Escolaridade. *Doutor em Sociologia e Pós-Doutor em História Antropológica... (França)*

Atividade profissional. *Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará*

Bibliofilia

Como o Sr. conheceu a bibliofilia?

Na verdade, nunca participei efetivamente de 'Bibliofilia'; mas desde minha infância sempre vivi às voltas com livro. E até minha Primeira Biblioteca pessoal, me foi enviada pelo Presidente da República GETÚLIO VARGAS, em resposta a uma cartinha que lhe enviei aí nos meus 8 ou 9 anos de idade. O acervo de livros na casa paterna era diminuto, mas havia uma obra maravilhosa, em vários volumes: *O TESOURO DA JUVENTUDE* – eu me deitava de bruços no chão, entre duas camas para me esconder da vigilância de meu pai (cuja preocupação maior era a feitura dos deveres escolares),

e mergulhava nos inúmeros 'Livros' que compunham essa obra: «Fábulas de ESOPO», «O Livro dos Por quês», «História das coisas», etc. Daí para frente eu fui ampliando o acervo e meu horizonte de conhecimentos.

O que os livros e a leitura significam para o Sr.?

Essas indagações de largo espectro são perigosas, porque ou exigem longas explanações, ou sugerem respostas monossilábicas e tolas do tipo: **tudo!** Todavia, serei breve, respondendo indiretamente: quem ensina desde os 16 anos de idade e possui hoje uma biblioteca de cerca 30.000 títulos, dá para imaginar o que eles significam! Mas quero insistir em 'por que afirmei que não sou propriamente um **bibliófilo'**, pois não presto um culto a livros raros: mesmo reconhecendo sua relevância nesse sentido, os livros são para mim instrumentos de trabalho e de fruição estética!

Como o Sr. realiza a aquisição de seus livros?

Outra questão que eu diria mal formulada, porque elide a questão básica do tempo ou das épocas. Na minha adolescência, por exemplo, não possuindo recursos próprios, usei alguns estratagemas de acesso aos livros [*excluído evidentemente a consulta a bibliotecas, como a do Lyceu do Ceará, a Biblioteca Pública, e mais tarde bibliotecas de universidades*]: **1)** eu aprendi a encadernar livros, num manual de uma coleção portuguesa e com meu irmão mais velho – então, as pessoas traziam as obras e se me interessavam eu as lia antes de devolvê-las reparadas; como eu não possuía instrumentos adequados, portanto, sem prensa, etc., após costurar os cadernos, usava duas tábuas grossas e lisas, punha o volume entre as duas e por cima os dois grandes volumes do *Diccionario da Língua Portugueza* de Candido de Figueiredo, sentava sobre o conjunto e ficava a estudar

ou a ler simplesmente; e para cortar as aparas das margens, levava o livro a uma gráfica perto de casa, onde um funcionário as cortava na guilhotina, pagando eu Cr$0,50; **2)** já no Curso Científico do Lyceu, como frequentava todas as principais Editoras e Livrarias de Fortaleza, eu recolhia os Catálogos, levava isso comigo ao colégio e apresentava-os a Professores e colegas estudiosos, eles assinalavam o que queriam adquirir, eu levava isso aos livreiros, estes encomendavam tudo em confiança, eu recebia os pagamentos integrais e repassava aos livreiros, com 10% do valor como pagamento de meu trabalho; assim, conseguia um fundo para aquisição do que mais tinha necessidade naquele momento, e não pesava no orçamento de meus modestos Pais. Até hoje, com Internet, Google, e tudo quanto é *media of mass communication*, recebo catálogos, boletins bibliográficos do País e do Exterior, e vou fazendo minhas aquisições diretamente, embora continue a frequentar livrarias... Quero chamar a atenção para um fato singular de Fortaleza naquela época, além de bons velhos sebos, ela sediava a maior parte das mais importantes editoras e livrarias do Brasil e até do exterior, ou seja possuíam escritórios de seus representantes oficiais: **Editora Globo** de Porto Alegre, **Companhia Editora Nacional**, **Edições Melhoramentos**, **Francisco Alves Editora**, **Edições de Ouro – Tecnoprint**, etc.; e *El Ateneo*, a maior livraria e editora de Buenos Aires, ficava nos altos da esquina da rua Major Facundo com rua Pedro Pereira, hoje é uma Casa dos Relojoeiros! E a facilidade com que então se importavam livros estrangeiros! Algumas das melhores obras que possuo em minha biblioteca foram adquiridas por esse tempo.

Como começou a sua biblioteca?

Já respondi acima como foi isso!

Qual o primeiro livro raro que o Sr. adquiriu? Ainda o possui?

Já afirmei que nunca me preocupei com a aquisição de 'livros raros'. Já defini acima que significam os livros para mim: uma fonte de conhecimento, de lazer e de prazer e, como tais, constituem também objeto de fruição estética, sobretudo quando estes são bem editados, às vezes tão ricamente feitos quanto ao papel, às ilustrações, às fontes de caracteres e à arte gráfica em geral. Raridade pode ser real pelo tempo decorrido, mas também podem ser um artifício de *marchands!* Enfim, devo possuir ainda alguns livros "raros" pela criteriologia de bibliófilos profissionais e decerto alguns desses são algumas das obras que ganhei de Getúlio Vargas, o ditador, na minha infância.

O Sr. possui alguma outra coleção sem ser de livros (ex. gravuras, vídeo, fotografias)?

Tenho a impressão que a única coisa que eu organizo é a minha cabeça e um pouco meus sentimentos. Outra vez, na infância e princípio da adolescência, fiz coleções de 'carteiras de cigarros' – como se dizia então –, caixas de fósforos, tampinhas de garrafa, selos; construí com minhas mãos um pombal no quintal da casa paterna e durante mais de 7 anos percorria a pé a Fortaleza de então em busca de criadores de pombos raros de raças diversas... Paralelamente, ia crescendo minha biblioteca e, quando estudante em Paris (1959-1960), nas grandes férias de Verão, fiz longa viagem por vários países da Europa, tendo comprado na Alemanha boa máquina fotográfica com que me iniciei em fotografias documentais e estéticas; mas nunca cuidei de formar coleções e minhas gavetas estão cheias dessas fotos e gravuras, sobretudo populares; além disso, com meu interesse musical diversificado, possuo também um acervo significativo de discos de vário formato, CDs, e vídeos..., e quadros originais ou em reprodução. Percorri então, visitando livrarias, bibliotecas, museus e

monumentos, inúmeras cidades, ou em vários momentos ulteriores residi, estudei, ensinei, pesquisei, participei de conferências, de Banca de Doutorado, etc., e adquiri obras e documentos,: Paris, Marselha, Havre, Montpellier, Grenoble, Avignon, Lyon, Toulouse, Nîmes, Strasbourg, Aix-la-Chapelle, Tours, Orleans, Poitiers, Bordeaux, Reims, Bretanha; Londres; Bruxelas, Louvain, Bruges; Amsterdam; Suíça: Bâles, Lucerna, Zurique; Salzburg (Áustria); percorri a Itália desde Veneza até Nápoles (e Herculano e Pompéia), e nesse longo percurso incluí Bolonha, Florença, Ravena, Perugia, Siena, Roma, etc.; Alemanha: Heidelberg, Colônia, Bonn, Berlim; Espanha: Barcelona, Madrid, El Escurial, Segóvia, Ávila, Toledo, Córdoba, Sevilla, Granada, Vigo; Argentina; México; EUA: Califórnia (Los Angeles, San Francisco, Berkeley, Riverside), Chicago, Boston, Nova York, Canadá, etc.

O Sr. possui alguma coleção temática? Como surgiu este tema?

Continuo reagindo ao seu viés, pois insisto em que não sou bibliófilo em sentido tradicional do termo, nem colecionador: a variada temática de minha Biblioteca (que é meu acervo dominante) possui um horizonte vasto de temas (ciências, lógica, epistemologia, matemática e estatística filosofias, história, sociologias, antropologias, política, economia, psicologias e psicanálise, artes e música, religiões, teatro, literaturas e suas teorias e divisões internas), e evidentemente alguns destes são dominantes e retratam meu percurso de vida e intelectual.

Quais os critérios do Sr. ao adquirir um livro para sua coleção?

Mais uma vez uma questão como esta não se coaduna com as narrativas e argumentos que expus acima! **Adquiro livro por seu conteúdo!** Você teria razão talvez em falar de 'coleções' se, por

exemplo, ir completando ao longo de seu lançamento os volumes da *História da Civilização Brasileira*, que Sérgio Buarque de Holanda *et Al.* organizaram; ou os volumes de *Os Pensadores* da Abril Cultural – todavia, considero isso por seu conteúdo e importância, mas não como "minha coleção"!

O Sr. procura conhecer o contexto histórico das obras que adquire?

Parece óbvio que sim, sobretudo se levarmos em conta as obras que se tornam **clássicos** de todas as culturas e nações!

Quais os critérios do Sr. ao adquirir um livro para sua coleção?

[REPETIDA]

Qual a sua aquisição mais recente?

Por coincidência, fiz uma aquisição recente de uma obra de grande formato e de grande valor, que se enquadra nesse critério: ***DEBRET E O BRAZIL* – Obra completa!**

O Sr. possui obras sobre Fortaleza?

Não só possuo dezenas de obras, fotos, ilustrações, documentos etc. sobre Fortaleza, como participo com contribuições minhas em obra relevante sobre a cidade.

O Sr. já realizou descobertas acerca da história de Fortaleza por meio de alguma obra em sua coleção?

Você se fixou nessa ideia de "coleção" a ponto de restringir o significado de **minha biblioteca**, mas enfim é coerente com o rumo restrito que traçou para seu estudo. Pelo volume de documentos que possuo a esse respeito, pelas discussões de que tenho participado,

conferências proferidas sobre o tema, estudos e observações pessoais, é óbvio que realizei alguns registros nesse sentido. De certo modo, em virtude de minhas atividades de professor e pesquisador ao longo de tantos anos ***sou parte ainda que diminuta da história desta Cidade!***

Como é a sua relação com os livros?

Tentar responder a essa indagação seria **me repetir** em face dos vários comentários que expressei anteriormente.

Quais os cuidados que o Sr. toma para conservar a sua coleção?

Desde sempre e ao longo dos anos, na medida em que foram surgindo recursos – alguns deles tóxicos, que felizmente foram sendo substituídos –, e num clima equatorial propício ao desenvolvimento de pragas nocivas aos livros e documentos, uso com regularidade esses materiais defensivos. Sobretudo depois que deixei minha casa da Rua Tomás Acioly, 1505 (Dionísio Torres) e iniciei extenso registro e limpeza dos materiais para transportá-los para minha atual residência [*Rua Dr. Márlio Fernandes, 140 – Guararapes*], constatei infelizmente a perda de cerca de 300 obras e inúmeros documentos de pesquisa histórica destruídos silenciosamente pelos cupins; daí para frente, nos últimos 14 anos, renovo contrato anual com uma Empresa de controle biológico de pragas, o que representa uma despesa altíssima.

Os livros do Sr. Possuem alguma marcação, como um ex-libris?

Desde meus primeiros livros, tenho o costume de assiná-los e datá-los, assim como, quando adquiridos fora de Fortaleza, registro o local da compra. E me espanto quando abro algum de meus livros e o descubro virgem, o que me dá a insegurança de ignorar **onde** e **quando** o adquiri!

Para o Sr. como é adquirir livros raros hoje em relação a quando o Sr. começou a sua coleção?

Não faz sentido responder a esse questionamento, pois já afirmei que, não obstante apreciar uma obra rara, eu não cuido disso em meu acervo e muito menos me preocupo em buscá-los, visto que **raro para mim é o conteúdo e a significação de um livro**.

O Sr. Freqüenta sebos?

Sempre frequentei sebos (desde os antigos de Fortaleza, como Gurgel), e quase por toda parte no Brasil: Rio de Janeiro, Petrópolis, Nova Friburgo, São Paulo, Campinas, São José do Rio Pardo, Porto Alegre, Gramado, Florianópolis, Blumenau, Curitiba, Vitória, Belo Horizonte, Ouro Preto, Brasília, Salvador, Porto Seguro, Aracaju, Maceió, Recife e Olinda, João Pessoa e Campina Grande, Natal, Mossoró, Fortaleza, Sobral, Cariri, Limoeiro do Norte, Teresina, São Luís, Belém e Manaus. Paralelamente, quero assinalar ou narrar um fato que caracteriza minha conduta com relação a obras e documentos rarefeitos que busco em função de algum trabalho que esteja realizando: algum tempo atrás, estive em Lagoa Seca, localidade próxima de Campina Grande, participando (no antigo convento de Franciscanos alemães, transformado em pousada) de um simpósio sobre história da Igreja da região (NE); participava também do evento o Bispo de Guarabira que, no último dia, partia para visita pastoral de várias paróquias de sua diocese, e sem pensar muito decidi largar naquele instante minha passagem de volta e acompanhá-lo nesse percurso; meu interesse real era aproveitar a ocasião para, nas velhas paróquias da área do Brejo da Paraíba, coletar livros antigos e documentos (v.g., *As Missões Abreviadas*, etc.) sobre a **religiosidade popular,** que eu investigava então, e assim por onde passava nesse percurso de dois dias fui conseguindo doações ou empréstimos (de que depois tirei cópia e devolvi o original).

Para o Sr. O que é um livro raro?

Já disse isso anteriormente! Não pretendo me repetir.

Para o Sr. qual a importância de livros antigos, raros?

Dentro da perspectiva como os encaro, tais obras são relevantes como fontes e registros de épocas da história dos conhecimentos e das artes, bem como dos marcos de seu desenvolvimento.

O Sr. já realizou doações a arquivos/bibliotecas públicas?

Sim, com alguma frequência transfiro cópias de livros (de minha autoria ou de que participo, ou duplicatas de outras obras e periódicos, que adquiro), para bibliotecas como as do Instituto do Ceará (Histórico, Antropológico e Geográfico), da Academia Cearense de Letras, da UFC, da UECE, etc. E boa parte de duplicatas que recebo, eu as repasso para alunos de pós-graduação mais próximos e amigos. De vez em quando, levo algumas dessas obras minhas ou de outros autores e as sorteio em sala de aula.

O Sr. tem contato com outros bibliófilos? De que maneira?

Disponho de pouco tempo de frequentar os colecionadores de "obras raras"; mas sempre que a **Associação Brasileira de Bibliófilos** [criada aqui no Ceará e de que sou associado] promove algum almoço ou jantar de confraternização para seus membros, costumo participar, sobretudo, como ocasião de rever amig(a)os.

O Sr. compartilha da definição de Mindlin da bibliofilia como uma "loucura mansa"?

Ignorava esse aforismo de José Mindlin. Mas me tornei seu amigo, anos atrás, num sábado no meio da tarde, quando costumava passar pela Livraria do Gabriel, no centro, início da Rua Assunção:

fui entrando, e Gabriel, que estava sozinho na loja vazia, me chamou e fomos ao fundo da livraria, onde me deparei com um vetusto senhor, sentado num tamborete a fuçar velhos livros, e Gabriel, em sua exagerada hipérbole, me apresentou: – *Dr. Mindlin, quero lhe apresentar o maior intelectual do Ceará!* Eu ri daquele exagero, pois não se possui escala para medir tal fenômeno e considero sinceramente que há muitos estudiosos entre nós que são evidentemente mais relevantes do que eu. Ficamos amigos; e jantei ou almocei com ele doutras vezes que veio ao Ceará. Além disso, sou amigo e colega de Betty Mindlin, sua filha antropóloga.

Como o Sr. vê o futuro da bibliofilia em relação às tecnologias?

Não vejo nem pretendo ver, a despeito de ter escrito dois ou três artigos sobre essa questão. Mas penso que o objeto **livro** tende a se perpetuar, mesmo sob novas formas.

6ª Parte

Discursos e Conferências

SOLENIDADE DE POSSE DA *ACADÊMICA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ*, NA PRESIDÊNCIA DA ACL, E DA DIRETORIA, NO BIÊNIO 2019-2020

Posse da Diretoria:

Tenho a honra de dar posse à diretoria da Academia Cearense de Letras no biênio 2019-2020, assim como a seu Conselho Fiscal, no mesmo período.

Cumprimentos:

Cumprimento o Presidente de Honra de nossa Academia, Dr. José Murilo Martins, os membros da mesa: Acadêmico Ubiratan Diniz de Aguiar, Presidente da Academia Cearense de Letras no Biênio 2017-2018; Dr. Henry de Holanda Campos, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará; Dr. Fabiano dos Santos Piúba, Secretário da Cultura do Estado do Ceará; Dr. Lúcio Alcântara, Presidente do Instituto do Ceará; Bibliófilo José Augusto Bezerra, Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos; Escritora Celma Prata, Presidente da Sociedade Amigas do Livro, que aqui representam também todos os membros de suas instituições e entidades; Saúdo, muito especialmente, os membros da nova diretoria há pouco empossada e todos os acadêmicos da ACL.

Saúdo cada uma das pessoas presentes a essa solenidade, amigas e amigos, escritoras e escritores, professoras e professores, membros das instituições culturais e científicas e autoridades de nosso município e de nosso Estado.

Agradecendo o apoio imprescindível à Academia, apresento cordiais saudações às entidades e personalidades beneméritas de nossa instituição: à Família Dias Branco, representada pela Sras Consuelo Dias Branco e Regina Dias Branco e pelo casal Sr. e Sra Cláudio Dias

Branco e ao Dr. Geraldo Luciano Mattos Júnior, Vice-presidente do Grupo M. Dias Branco, à Família de Airton Queiroz, à Fundação Beto Studart e, muito especialmente, ao Governo do Estado do Ceará, aqui representado pelo Secretário da Cultura e pelo Secretário do Meio Ambiente do Estado do Ceará, Prof. Artur Bruno. Registro, com prazer, a presença dos ex-reitores, Antônio Albuquerque e René Barreira, da UFC, Cláudio Régis Lima Quixadá da UECE. Saúdo com carinho Dona Suzana Ribeiro, nossa querida Rainha da Cultura.

Envio beijos para meu amado marido Oswaldo Gutiérrez, Casa do meu ser, e para nossos queridos Oswaldo Filho e Priscila, Daniel e Sunny, Angela Laís e Davi, e nossos adoráveis netos e netas: Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa. Abraço meus irmãos, irmãs, cunhadas, sobrinhos e sobrinhas, primos e primas.

Se cumprimentei os presentes, lembro agora aqueles que já partiram para o Reino da Paz, São tantos rostos de gente amiga, da família, aqui da Academia, que gostaria ver aqui...

Nomeio, com honra e profunda emoção, os dois eternos habitantes da minha saudade, meu pai, Luciano Cavalcante Mota, meu Mestre maior na arte da vida e da literatura, e minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, minha grande amiga, graciosa contadora de histórias, que me fez desejar também contar as minhas.

DISCURSO PRONUNCIADO POR *ANGELA GUTIÉRREZ* EM SOLENIDADE DE SUA POSSE COMO PRIMEIRA PRESIDENTE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, EM 30 DE JANEIRO DE 2019

Imagino que muitos ou todos aqui presentes recordam o filme, *Oito e meio*, obra clássica do genial cineasta Federico Fellini. Ao assistir a ele, pela primeira vez, em meus verdes anos, causou-me profunda impressão acompanhar as indisfarçáveis angústias do protagonista – um famoso diretor de cinema, *alter-ego* de Fellini, interpretado por Marcello Mastroianni –, que não conseguia decidir por onde nem como iniciar seu novo filme.

Nesses últimos dias de janeiro, em escala bem menos dramática, e em curto tempo, aconteceu-me algo parecido. Acossada por um sem número de ideias, conceitos, histórias, memórias, projetos, textos lidos e textos que escrevera, tudo no entorno da Academia, fiquei parada diante da folha em branco na tela, como o poeta de Machado de Assis diante da folha de papel, na intenção de escrever o "Soneto de Natal". Lembram o poema? Recorto alguns de seus versos:

Um homem, – era aquela noite amiga-
Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga
Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca,
A pena não acode ao gesto seu.

Minha situação, porém, era diferente da que descreve Machado: não me faltava inspiração, sofria, ao contrário, o chamado *l'embarras de richesse*, ou a abundância de opções. Pois bem, meditei um pouco e dei asas a um possível diálogo, sugerido pelo soneto, perguntando à folha em branco: Deveria eu apresentar e analisar o conceito de Academia, a partir da origem do nome na Antiga Grécia, quando designava o grupo de estudiosos de filosofia, a Escola de Atenas, que se reunia em torno de Platão, no Jardim de Academos? Acompanharia a trajetória dessa palavra e de suas acepções ao longo dos séculos? Lembraria a *Académie française*, fundada por Richelieu, em 1635, e que se tornaria modelo de tantas outras academias na Europa e, mesmo, no mundo? Recordaria a Academia Real das Sciencias de Lisboa, de 1779, modelo a que nossa Academia mais se aproximou em sua primeira fase? Recontaria a História da Academia Cearense, seu pioneirismo no Brasil? Falaria dos primeiros intelectuais que, por inspiração de Guilherme Studart, reuniram-se na intenção de fundar uma Academia no Ceará? Lembraria a importância do intelectual Thomaz Pompeu, escolhido pelo grupo pioneiro para presidir a instituição que seria criada? Recordaria a noite de 15 de agosto de 1895, quando, em sessão magna nos salões da Fênix Caixeiral, a Academia Cearense comemora seu primeiro aniversário? Mas, já escrevi sobre essa noite: "Perante acadêmicos e convidados, Dr. Thomaz Pompeu, presidente da instituição, apresta-se a ler o discurso que escrevera para a solenidade. Um silêncio respeitoso aguarda suas palavras. Lembremos: o orador da noite é 'o mestre consagrado. *Primus inter pares*', nas palavras de Teodorico da Costa. Ou, como diria Farias Brito: 'uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais'". "Ao longo de sua fala, Dr. Pompeu instaura temas de grande importância para a vida da Academia, muitos ainda vigentes nos dias de hoje: o conceito da missão da Academia

como criadora e difusora de conhecimento e cultura e como espaço de compartilhamento da pesquisa em ciências e em letras; a pertinência da dúvida e do descontentamento como geradores de inovação; o respeito à diferença e à tradição, entre outros."

Refleti e, mirando a folha em branco na tela, murmurei: Existem Academias que são como catedrais medievais, constroem-se por longos anos... E enquanto se constroem, pedra sobre pedra, "num desenho mágico", como diria Chico Buarque na pungente canção-poema "Construção", atravessam tempos de intenso labor e tempos lentos de espera, tempos de incertezas e tempos de esperança e glória.

Talvez valesse a pena, então, apresentar os tempos de construção cultural de nossa Academia, suas fases de dispersão e seus tempos de reconstrução, as já famosas quatro fases de sua vida: iniciadas em 1894, 1922, 1930 e a última, em 1951, a partir de quando a Academia não mais interrompeu suas atividades... Ou falar da fase de nomadismo, chamemos assim, o período em que a Academia não tinha sede e viveu sob vários tetos? Ou, ainda, comentar outro modo de dividir o tempo da Academia, em antes e depois de sua instalação no Palácio da Luz?

A folha, insensível às minhas palavras sobre o passado da Academia, calada estava, calada ficou. Percebi que não se animara com minhas perguntas. Digo-lhe que sem relembrar e conhecer a História, incorre-se em erros ao inventar o futuro. De todo modo, deixo os assuntos das perguntas, lembrando que, felizmente, a História da Academia há muito vem sendo pesquisada e escrita, e esses estudos foram publicados por acadêmicos do passado, como Manoel Albano Amora, Dolor Barreira, Raimundo Girão, e pelos do presente, Sânzio de Azevedo e Murilo Martins, entre os principais. E, além do mais, costumamos expor e analisar textos sobre temas de nossa História em sessões mensais e nas solenes, como as de aniversário

da instituição. Ao apresentar o precioso livro de consulta: *Academia Cearense de Letras, História e Acadêmicos*, publicado em 2013, por nosso Presidente de Honra, José Murilo Martins, o acadêmico Sânzio de Azevedo, considerado nosso maior pesquisador de Literatura Cearense, [ou como dizia minha filha, Angela Laís, nos seus quase dois anos de idade, omaiópequishadôdelitelatulachearenshedumundô, gracinha que aprendeu quando me acompanhava, algumas vezes, em reuniões de Departamento na UFC] pois bem, Sânzio terminou seus comentários ao livro com a seguinte observação: "obra que servirá, doravante, de base a quantos queiram conhecer a Academia Cearense de Letras". Aliás, é importante ressaltar que Dr. Murilo deixa como maior emblema de sua gestão como presidente da Casa, a ideia e o esforço de reunir, enriquecer e organizar o acervo de memória da instituição, criando o Memorial da Academia.

Neste momento de minha primeira fala como Presidente da Academia Cearense de Letras, dirijo meu olhar para o belo e imenso painel que está diante de mim, intitulado *Abolição dos Escravos*, datado de 1938, e convido os presentes a também o olharem com atenção, não só por ser uma obra do grande artista plástico do Ceará, Raimundo Cela, conhecido no país e mundo afora, por constituir-se em importantíssima peça de arte do acervo de nossa sede e por seu simbolismo com relação à Terra da Luz e ao Palácio da Luz.

Ilumino-a agora para marcar algo que me toca profundamente. Explico-me: Em 1962, em seu discurso de posse, o escritor Eduardo Campos revela-nos: "– Não ajuízo a que ponto corresponderá à verdade a informação de que Alba Valdez está fixada na admirável alegoria que Raimundo Cela, com a sua inspiração de mestre, eternizou no Palácio da Luz. Se lá não está, que clamorosa injustiça! - pois não se poderá admitir que à maior demonstração de nossa capacidade de

reação e amor à liberdade não se tenha, para o nosso testemunho e a nossa reverência, a presença de Alba Valdez."

Sim, a presença de Alba Valdez nesta sala, como modelo para a personagem alegórica da Liberdade – seja lenda ou fato histórico –, encanta-me e espero que meu encantamento chegue também aos que me ouvem. Lembro-lhes que Alba Valdez foi a primeira mulher a pertencer a nossa Academia, tendo sido convidada única, na reestruturação de 1922. E foi chamada a fazer parte de uma sociedade de homens de Letras, expressão corrente à época, por seus méritos como professora, cronista em jornais de Fortaleza e de outras cidades, por seus livros, por sua luta indormida pela educação e cultura e pelo respeito à dignidade das mulheres. Não creio que Alba imaginasse que, no século XXI ainda perduraria a luta por essas mesmas bandeiras.

Após o falecimento de Thomaz Pompeu em 1929, houve outra reestruturação da ACL, em 1930, e nela, vários acadêmicos de 94 e de 22 não foram incluídos na composição da entidade. E a Academia voltou a ser uma instituição exclusivamente masculina, pois Alba Valdez não mais constava da lista de acadêmicos. Em artigo contundente, que intitulou "De Pé", publicado no *Jornal do Comércio* de Fortaleza, em 22 de maio de 1930, Alba reclama da descortesia que sofrera e considera que todas suas patrícias, especialmente as que, em suas palavras, "mourejam na seara das letras", foram também ofendidas. Posteriormente, em 1936, ingressou no Instituto do Ceará, e, no ano seguinte, na Academia Cearense de Letras, cumprindo o lema de nossa Academia, "Forti nihil difficile", (Aos fortes (ou pertinazes) nada é difícil, divisa de Lord Beaconsfield, proposta por Thomaz Pompeu para a Academia, e até hoje vigente. Que a fortaleza e a inteireza dessa mulher inspirem todos os membros de nossa Casa!

Permito-me contar-lhes uma pequena cena que, de certa forma, explica como e porque eis-me aqui, na Casa de Thomaz Pompeu, como é conhecida a Academia, em homenagem a seu primeiro presidente:

– Angela, por que você até agora não se candidatou a uma vaga na Academia? Perguntou-me um dia, Artur Eduardo Benevides, Presidente da Academia Cearense de Letras e Professor Titular do Departamento de Literatura, a que eu também pertenço. Quando ensaiei alegar que não me sentia à altura dos grandes nomes da Casa, o Poeta me interrompeu:

– Angela, todos os acadêmicos a querem na Academia! E você não quer entrar na Casa de seu bisavô?

O argumento final foi decisivo para que me animasse a candidatar-me à Academia, e também serviu de mote para meu discurso de posse, em que procurei contar minha formação literária entre dois momentos: o da menina de quase cinco anos, despedindo-se da casa, onde nascera, e do retrato de seu bisavô, "vivo no retrato e nas histórias que a menina ouvia, todos os dias, naquela casa", e a mulher que, entrando na Casa de Thomaz Pompeu, reencontra o mesmo rosto antigo e amigo em outros retratos do bisavô que povoam o Palácio da Luz.

Se à época, meu discurso narra os sonhos da criança imaginativa que adora ouvir histórias que a mãe e o avô contam e que se impressiona com as estantes altas, plenas de livros, da biblioteca do bisavô; a precoce leitora que só solta os livros que o pai escolhe para suas leituras quando chega à última palavra do texto; a mocinha que acompanha o pai, cinemeiro de fino gosto, a salas de cinema e já ousa interpretações próprias dos filmes que assiste; a moça que entra na Universidade e a considera como sua casa, que continua a ler, muito mais do que lhe é exigido e se entristece porque vive em tempos angustiantes do país de boca calada, tempos que perduram por anos e

anos; a mulher jovem que encontra no magistério sua missão e adota uma frase de Guimarães Rosa, pela voz de Riobaldo, como divisa – "Mestre é quem de repente aprende", pois aprecia em seu ofício a simultaneidade de ensino/aprendizagem como um modo de interagir com alunos e alunas, incentivando-os à visão crítica da literatura e do mundo, à reflexão sobre as questões literárias, à apreciação da literatura em suas relações com outras Artes, com a História, com a vida; a professora que escreve e esconde o que escreve porque tudo lhe parece pequeno diante do imenso talento de seus autores preferidos. Até o dia em que, animada pelo marido, entrega os manuscritos de seu primeiro romance a alguns ex-professores e colegas, Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Horácio Dídimo, Sânzio de Azevedo... e, de repente, transforma-se em escritora, sem descuidar-se da Universidade - em que foi fundadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, que neste ano completa 30 anos, diretora-fundadora do ICA, diretora da Casa de José de Alencar, membro da Administração Superior e do Conselho da Editora -, nem da carreira universitária, cursando mestrado na UFC, doutorado e pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais.

Aqui estou, na Academia, há vinte e um anos. Se já tinha a honra de habitar, desde a juventude, uma casa cultural, a Universidade Federal do Ceará, Casa de Antônio Martins, Filho, há duas décadas recebi, também, honra de habitar a Academia Cearense de Letras Casa de Thomaz Pompeu, e, desde 2013, o Instituto do Ceará, Casa do Barão de Studart.

No ano passado, instada por amigas e amigos da Academia a candidatar-me à presidência da ACL, convidei alguns e algumas colegas, formamos um grupo e lançamos a Chapa Natércia Campos, assim intitulada em homenagem à inesquecível acadêmica, grande ficcionista, autora da famosa obra *A Casa*, mulher bela, inteligente, culta e corajosa.

Nesta solenidade, há alguns momentos, mudando um pouco o ritual da cerimônia, convidei os membros da nova Diretoria para ficarem comigo na frente da mesa de honra para dar-lhes posse, com a intenção de, assim, significar que trabalharemos como grupo, aliás, bem de acordo com o espírito gregário que sempre marcou a vida literária no Ceará, desde o tempo do Outeiros, que se reuniam neste Palácio, na segunda década do século XIX. Contar com essa plêiade, uso aqui, sem medo, a antiga expressão, de acadêmicos e acadêmicas que formam a Diretoria da ACL, a começar pelo vice-presidente Juarez Leitão, continuando com Secretário Geral Flávio Leitão, Secretário Adjunto Batista de Lima, Diretora Financeira Giselda Medeiros, Diretora Cultural Lourdinha Leite Barbosa, Diretora de Publicação Noemi Elisa Aderaldo, Diretora de Comunicação Beatriz Alcântara, Diretor de Patrimônio Linhares Filho, Diretor Jurídico Ernando Uchoa Lima, é garantia de êxito em nossa missão.

Considerando que a Academia é uma construção cultural que se faz ao longo do tempo, lembramos que, para edificá-la, seus fundadores conceberam um projeto de instituição, a partir de modelos já existentes, imprimindo, porém, forte cunho de interesse na Cultura e na Ciência do Ceará. Em quase 125 anos, cada presidente, entre os 16 que me precederam, com apoio das respectivas diretorias e dos demais acadêmicos, deixou seu legado à consolidação da Academia Cearense de Letras.

Em 2 de novembro de 1989, (Vamos comemorar os trinta anos desta data!!), quando a Academia recebe oficialmente sua sede definitiva, o Palácio da Luz, em cerimônia, com a presença do então Governador Tasso Jereissati, o presidente Dr. Cláudio Martins (gestão de 1975-1992), que lutou por essa conquista, sela seu legado à instituição, pois a partir desse momento, a Academia pôde melhor cumprir sua missão precípua: a atuação cultural.

Tendo o Presidente José Augusto Bezerra (em sua gestão de 2013 a 2016), com dedicação ímpar, empreendido o grande projeto de recuperação do Palácio da Luz e sua adaptação às necessidades da Academia, e o Presidente Ubiratan Aguiar, em sua gestão de 2016 a 2017, efetuado a reforma do espaço térreo de nossa sede para instalação do Memorial da Academia, acreditamos que será possível dedicarmo-nos à missão primordial da instituição, a que nos referimos. Ainda há por realizar, é certo, algumas obras menores de ajustes do térreo, assim como providências para segurança dos acervos.

Ao prepararmos a programação cultural para nossa gestão, a Literatura e o Autor Cearense constituirão seu ponto fulcral. Pretendemos ampliar e organizar atividades, que já realizamos eventualmente, como visitas de estudantes ao Palácio da Luz, com explicação da História da ACL e a do Palácio da Luz, com base nos nossos acervos (pinturas, fotos, objetos); incentivar estudos sobre autores cearenses e pesquisa em nossa Biblioteca; promover atividades sobre obras de acadêmicos do passado e do presente; promover encontros com todos os elos da cadeia de produção do livro: do autor a livrarias; incentivar outras atividades não necessariamente de grande porte, como reuniões de clubes de leitores, saraus de poetas, oficinas de criação, exposições; retomar o já renomado Ciclo de Conferências da ACL e sua publicação; organizar e ampliar o acervo de nosso Memorial; assegurar a continuidade da publicação da *Revista da Academia*; aprimorar nosso *site* e a divulgação de nossas atividades, enfim, abrir nossas portas a encontros com a rica cultura cearense e a parcerias com a Secult e a SecultFor, e com outras instituições e entidades culturais e de ensino.

À leitura da lista de algumas das possíveis atividades da Academia em 2019 e 2020, alguém poderá pensar que revelam muito otimismo para os tempos tão sombrios que vivemos! Não, não sou Candide,

personagem de Voltaire, a imaginar que vive no melhor dos mundos possíveis! Ao contrário, sei que atravessamos um período histórico de dificuldades tão graves que a Cultura vem sendo vista, por alguns, como um adorno, um luxo, e não como uma das expressões fundamentais da individualidade e da coletividade, da nacionalidade e da própria humanidade. Evidentemente, nosso poder de realizar não tem a mesma dimensão de nossa capacidade de sonhar. Diz uma expressão italiana que *Dal dire al fare c'é in mezzo il mare*. Mas, se seguirmos a divisa da Academia – Forti nihil difficile – (Benjamin Disraeli) e contarmos com o apoio necessário, poderemos ultrapassar as ondas do increspado *mare magnum* e contribuir para a formação cultural e cidadã, construindo o que Paulo Freire chamava "o historicamente possível".

Uma palavra de solidariedade aos que sofrem a tragédia de Brumadinho e aos que trabalham para amenizar a dor dos que perderam seus entes amados.

Encerramento da Solenidade:

Antes de encerrar essa sessão nobre, agradeço ao Presidente Ubiratan pelas palavras gentis, aos membros da Mesa e aos convidados, pela presença e a Regina Fiúza, Cláudia Queiroz e Madalena Figueiredo, assim como aos funcionários da casa, Sr. Nunes, Walter e Arteiro, pelo apoio à realização desse evento.

Ao Sistema Verdes Mares, pelas excelentes matérias sobre nossa posse, em televisão, jornal impresso e *on-line*, assim como ao jornal O POVO de hoje, assim como às TVs Assembleia e Ceará e a outras referências e notas na imprensa sobre esta solenidade.

Convido a todos e todas para o coquetel que será servido no Salão Nobre do Palácio, onde a Diretoria receberá os cumprimentos.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO NOVO ACADÊMICO DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, PÁDUA LOPES, NO PALÁCIO DA LUZ, EM 26 DE FEVEREIRO DE 2019

José Augusto Bezerra

Prezados membros da mesa diretora, já nomeados, os quais saúdo nas figuras da nossa Presidente, romancista e professora Angela Gutierrez, e do escritor e político, Lúcio Alcântara, Presidente do Instituto do Ceará. Queridos confrades, autoridades, familiares, amigos e convidados, que emolduram o recinto deste magno auditório, no Palácio da Luz, em noite tão especial.

No livro falas acadêmicas, da ACL, onde repousam os discursos de saudação e de aceitação dos confrades da entidade, podemos ver que não existem, nem de leve, duas posses iguais. Cada uma tem seu charme, *glamour* e fascínio. Seu mistério, emoção e significado.

A entrada de um novo membro numa Academia da magnitude e importância da ACL torna-se extraordinário para qualquer literato, pois sai ele da vida cotidiana e entra na imortalidade. Passa a ser um imortal não apenas, como pensa a maioria, pelos trabalhos que publica, mas, sobretudo, pela Instituição da qual passa a fazer parte, que, essa sim, é imortal. Nós passamos, mas a ACL não. Os anais da Academia Cearense de Letras, já têm 125 anos e quando tiverem 200, 300 ou 500 anos, como várias Academias no mundo já têm, neles constará que um dia fomos parte viva da ACL.

Neste momento em que estamos festejando a chegada do primeiro imortal do ano de 2019, podemos olhar para trás e ver como o tempo flui rápido dentro da sua eternidade. Há exatos cinquenta anos, em 1969, ocorreu o envio da primeira mensagem eletrônica do mundo, por dois computadores, entre a Universidade

de Los Angeles e o Instituto de Pesquisas de Stanford, nos EUA. Era o começo da internet e o início da revolução virtual que tanto tem impactado as comunicações e mudado completamente o nosso mundo. Igualmente, há 50 anos, o primeiro homem pousava na lua, transformando radicalmente a interatividade do ser humano com o universo, abrindo caminho para milhares de novas invenções e possibilitando a globalização, que reinventou a convivência entre as nações. A cultura, nesse ano de 2019, pode começar lembrando os quatrocentos anos do primeiro reconhecimento oficial de Portugal à nossa terra, pois foi em 1619 que o Rei Felipe II nomeou Martim Soares Moreno como Capitão-mor da nossa região. O Ceará, é, então, oficialmente, quatrocentão, e vamos comemorar isto, com certeza, aqui e em Portugal.

Pode, também, comemorar a chegada de mais um excepcional membro à entidade, Pádua Lopes. Um homem que não apenas viu os cinquenta anos passados, que mencionamos, com suas revoluções, inclusive políticas, mas que deles participou, vivenciando e divulgando, pois a comunicação em nosso Estado, nesse meio século passou pelas mãos de uns poucos monstros sagrados do jornalismo cearense e entre eles lá estavam Lucio Brasileiro e o querido novel Acadêmico Pádua Lopes, aos quais, quando Presidente dessa entidade, tive a honra de oferecer-lhes, individualmente, homenageando a epopeia de toda a nossa imprensa, uma medalha de ouro, nos 120 anos da ACL.

Pádua Lopes é Piauiense, mas tendo nascido em Luzilândia, no Piauí, em 1946, mudou-se para o Ceará em 1948. Ou seja, dois aninhos no nosso Estado irmão e pouco mais de setenta anos em Fortaleza.

Estudou o primário no Colégio Lourenço Filho e fez o exame de admissão no Colégio Cearense. O curso ginasial no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza. O científico no Colégio Cearense e no

Liceu, e o Curso Superior na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, graduando-se em Ciências Jurídicas e Sociais.

Como vimos, tendo estudado em importantes colégios e também por muitos anos no seminário Arquidiocesano, adquiriu um sólido conhecimento humanístico em várias áreas. Destaco, entretanto, três vertentes, nas quais se tornou referência: no Jornalismo, no Direito e na Literatura, sendo membro efetivo das três respectivas entidades a elas ligadas: Associação Cearense de Imprensa; Instituto dos advogados do Ceará e agora também da Academia Cearense de Letras, a mais antiga do gênero, no país.

Como jornalista, procurou seguir os passos, não só de grandes vultos brasileiros das letras, que também foram da imprensa escrita, como José de Alencar, Machado de Assis, Rachel de Queiroz e Euclides da Cunha, mas, também de grandes expoentes locais, desde o Padre Mororó, passando por ícones como João Brígido, Jáder de Carvalho, Eduardo Campos, Demócrito Rocha, Adísia Sá, Geraldo Nobre, Lúcio Brasileiro, Edilmar Norões e seu filho Paulo César, nosso PC, Cid Carvalho, e tantos outros, pois esta é apenas uma leve amostra dos gigantes dessa classe de profissionais que tanto tem feito por nosso povo.

Começou sua atividade nessa seara com apenas dezesseis anos de idade, em 1962, motivo pelo qual o seu registro de jornalista profissional é apenas o de nº 15, um dos primeiros da Delegacia Regional do Trabalho. Com 19 anos, em 1965, já participou da *entrevista coletiva concedida pelo mítico Governador da Guanabara, Carlos Lacerda, na cidade do Crato,* representando o Correio do Ceará, jornal de onde se tornou revisor até 1966. De imediato, em 1967 tornou-se *redator da Ceará Rádio Clube e da Televisão Ceará, canal 2*, por cinco anos, e, logo após, *redator político do Jornal Unitário por dezesseis anos*, até 1982. De 1982 a 1985, *redator político do*

Jornal Diário do Nordeste, onde, nesse último ano, tornou-se Diretor Superintendente até hoje. Ou seja, por 34 anos tem sido Diretor Superintendente de um dos maiores jornais do Brasil, tendo recebido a confiança e servido com honra ao Grupo Edson Queiroz, o qual, por coincidência, é um dos grandes benfeitores desta casa de Tomás Pompeu.

Conhece as digitais desse casarão onde estamos, pois aqui trabalhou fazendo inúmeras reportagens, durante os períodos de atividade de vários Governadores. Rememora ele episódios e, particularmente, lembra a antiga arquitetura do "Palácio da Luz". Fez centenas de artigos e reportagens em jornais, os mais diversos, sobre temas valiosos. Destacamos alguns, a saber: *"Reflexões sobre a excentricidade*", na revista SNOB (Fortaleza), 1964; "*Como se faz um jornal moderno",* no jornal *Correio do Ceará*,1966; Uma extensa série de 13 artigos, em edições consecutivas, intitulados "*Estudos jornalísticos*", no jornal *Unitário*,1966/1973; outra série de crônicas, com o título de *"Croniqueta social*", sob pseudônimo de *Resende de Carvalho*, no jornal UNITARIO, 1969; dois artigos: *"Profissão: Jornalista*", e *"A chave da verdade*", no suplemento DN Gente, jornal *Diario do Nordeste*, 1982/83; *"O aspecto psicológico da austeridade*", no jornal *O Estado* (Fortaleza), 1983; "*Aldemir Martins, um artista e muitas habilidades*", no encarte especial PPE BRASIL, em 2001; *"100 edições nos 100 anos de 'Os Sertões"*, no jornal *Diario do Nordeste*, 2002.

Destaco ainda algumas das várias colunas em que escreveu: "*Coluna do Estudante*", no jornal *Correio do Ceará*, 9 edições; Coluna *"Agenda Parlamentar*", no jornal *Unitário*, *150 edições*; *"Agenda Política"*, no jornal *Unitário*, 928 edições e Coluna (sem título fixo), publicada três vezes por semana, na terceira página do jornal *Diario do Nordeste*, 507 edições.

Por esta amostra, podemos ver quão exímio homem de comunicação é o nosso novo confrade. Só os exemplos aqui apresentados no jornalismo dariam para enfeixar vários alentados livros sobre importantes gêneros literários.

A segunda área em destaque é a do Direito. Advogado inscrito na OAB/CE desde 1970; Foi Membro efetivo do Conselho Seccional, 1982 a 1985 e Membro do Tribunal de Ética, 1987 a 1989, da OAB/CE; Indicado pelo Conselho da OAB/CE para a Comissão de Concurso Público de Provas e Títulos, para o cargo de Procurador do Estado do Ceará. 1984; Indicado pelo Conselho da OAB/CE, para compor *lista sêxtupla para a vaga de Desembargador, no Tribunal de Justiça do Estado do Ceará.1984;* Juiz Efetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, categoria Jurista, mandato de 1988 a 1992; Procurador da Fazenda Nacional, 1ª Categoria, de 1992 a 1996, quando se aposentou; Indicado pelo Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, em sessão plenária de 22.09.1994, para *compor a lista tríplice, para preenchimento da vaga de Desembargador, pelo quinto constitucional.*

Observemos os temas difíceis de apenas algumas das suas concorridas palestras: "*Execução Fiscal*", no Seminário de Direito Tributário. 1984, na Universidade de Fortaleza; *"O Exercício do Poder Constituinte*", em conjunto com os Professores Celso Bastos e Valmir Pontes Filho, no Seminário "Propostas para a Constituinte", na OAB/CE.1985. *"Inelegibilidade e Desconstituição de Mandato",* no 2º Congresso Brasileiro de Advocacia em Encontro Nacional, promovido pela OAB/CE. Fortaleza. 1991; *"A Justiça Eleitoral e a Necessidade de sua Reforma"*, em 1992, para os estagiários do XVII Ciclo de Estudos sobre Política e Estratégia, a convite da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, no Ceará; *"Indústria de liminares ou fonte de justiça?",* I Seminário de Direito Processual Norte/Nordeste,

em Fortaleza. 1995. Debatedor na conferência *"Sistema Eleitoral e Vida Partidária",* proferida pelo Ministro do STJ Cláudio Santos, UFC; 1988.

Destacaremos, por questão de tempo, apenas alguns dentre as dezenas de trabalhos jurídicos seus, publicados em todo o Brasil, sobre temas delicados. A saber: "*Impugnação de mandato",* na REVISTA DE DIREITO PÚBLICO, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990; "*A identificação do sujeito passivo da obrigação*", in PARECERES DA PROCURADORIA-GERAL DA FAZENDA NACIONAL. Brasília: Imprensa Nacional, 1993; *"Perda da posse e do direito preferencial ao aforamento de terreno de marinha"*, in PARECERES DA PROCURADORIA-GERAL DA FAZENDA NACIONAL, Brasília: Imprensa Nacional, 1994; *"Publicidade institucional de governo no período eleitoral",* in CADERNOS DE DIREITO CONSTITUCIONAL E ELEITORAL, nº 21. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1993; *"Ilegitimidade do Ministério Público para recorrer da decisão da Junta Eleitoral",* na *Revista brasileira de direito eleitoral*, Fortaleza, nº 5, 1991;

Nesse contexto observemos que o reconhecimento jurídico de Pádua Lopes, tem sido referência bibliográfica em livros importantes como o do Professor HUGO DE BRITO MACHADO, intitulado *Mandado de Segurança em matéria tributária*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1994. p. 71. É reconhecido por todos por sua argúcia, polidez, dedicação, discrição, lealdade e competência. Em muitos casos, tais reconhecimentos foram materializados em comendas, as quais simbolizo em apenas uma por questão de síntese: *Ordem do Mérito Judiciário Militar, outorgada pelo Superior Tribunal Militar, em solenidade em Brasília, 2008.*

Senhoras e senhores, eis, portanto, uma das mais ricas carreiras jurídicas já ocorridas no Estado do Ceará.

Como último destaque, mencionaremos a literatura, que é o uso estético da linguagem escrita. Sendo um aficionado leitor desde criança, tornou-se, como já demostramos, um exímio conhecedor da língua: revisor, *redator, articulista, cronista, contista, palestrante, colunista, escritor, debatedor, romancista, crítico e bibliófilo.* Também ensaísta, onde relevo o ensaio "*Os Sertões, de Euclides: História de um Êxito Editorial"*, publicado na revista *Scriptorium*, volume 02, Fortaleza, que lhe abriu uma janela em nivel nacional, por lhe proporcionar importante amizade com Alberto Venâncio Filho, imortal da Academia Brasileira de Letras.

O seu romance *Safira não é Flor*, foi coroado de êxito, por seu enredo e tessitura textual, modernos e originais. Recebeu crítica altamente positiva de diversos expoentes das nossas letras. Mas é importante saber que já poderia ter sido impresso há quase uma década. Sua intensa atividade profissional, sua personalidade desambiciosa, além das atividades de bibliófilo, adiaram a edição da obra.

Seus trabalhos e pesquisas sobre diferentes povos chamaram a atenção e foi convidado oficialmente, para estudo das suas culturas, pelos governos da República Federal da Alemanha, em 1987 e em 2000; dos Estados Unidos da América, em 1992 e da República da Índia, em 2006. Posso afirmar, pelas conversas que tive com o Pádua, que ele lá não foi fazer turismo e aproveitou cada minuto para enriquecer seus conhecimentos. Basta ver o entusiasmo e até fascínio com que me descrevia, por exemplo, a cidade de Mogúncia, atual Mainz, na Alemanha, onde foi impressa a Bíblia de Johann Gutenberg, o primeiro livro editado com uma prensa de tipos móveis, no mundo. Para se ter ideia da importância do convidado, aquela prensa sagrada, que raramente pode ser vista, foi posta para funcionar, só para ele, no momento da sua visita, e uma página do impresso foi-lhe oferecida.

Em outro momento, visitou a maravilhosa Biblioteca da cidade de Weimar, cidade dos clássicos Alemães, em cuja biblioteca estava guardado o famoso mapa de Martin Waldseemüller, o primeiro a mencionar o nome América e o único exemplar existente no mundo. Naquela oportunidade, também, como uma especial deferência ao visitante, foi-lhe permitido subir ao primeiro andar e ter acesso ao local de trabalho que pertenceu a Goethe. Local tão simbólico que foi preservado, exatamente como estava, no dia em que o grande pensador alemão faleceu.

Por estes últimos parágrafos, podemos ver o amor que Pádua tem aos livros e, que apesar de ser uma referência em tudo que tem feito, nos vários gêneros mencionados, e em outras áreas, como apresentações de livros, de catálogos, de prefácios, de mesas redondas, e tudo o mais, vislumbro na sua essência literária, o bibliófilo, interligando cada assunto, jornalístico, Jurídico e literário que tem vivido. Existem poucos bibliófilos de alto nível no Brasil, sendo Pádua Lopes um deles, e às vezes aqui, nós cearenses, nem sabemos disso.

Não confundir colecionador com bibliófilo, pois o primeiro tem apenas a mania de ter livros, e o segundo, conforme diz o significado da palavra, ama os livros. Compreende-o como se fora um bom amigo. Sabe o seu valor exterior, estético e o seu valor interior, invisível para a maioria. Onde foi feito, como e por quem foi escrito, conhece a sua importância histórica e a quem pertenceu, por seus ex-líbris, interpreta os seus segredos reais e pesquisa os imaginários. Sabe que cada livro é uma obra de arte, tem fetiches e coisas tais que não ousaria agora mencionar, pois fogem ao escopo dessa saudação. Na Idade Média os livros, nos mosteiros, eram presos por correntes e ai de quem atentasse contra eles. Em cada um havia colado, de acordo com a importância da obra, um anátema (sentença de maldição), dada pela igreja em nome de Deus, para quem o danificasse ou roubasse.

Como disse na Sereia de Ouro, quando falei em nome dos recebedores do troféu, em 2010: "Defino o bibliófilo como aquele que deseja preservar pelo menos um exemplar de cada livro ou documento importante, para a posteridade. Ou seja, enquanto os ecologistas procuram resguardar o que a natureza criou, os bibliófilos se esforçam para proteger o que as mentes criaram, pois, tanto o meio ambiente quanto a memória humana, não têm substitutos".

Pádua Lopes é vice-Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos e vivaz colaborador da revista *Scriptorium*. José Mindlin, nosso orientador na Bibliofilia, entrou na Academia Brasileira de Letras por unanimidade, o que é muito raro, como uma reverência ao fato de ele ser um grande bibliófilo. Nos países mais cultos e que leem mais, os bibliófilos são tidos em alto conceito. Considerados uma espécie de arqueólogos e guardiães da cultura, nacional e universal.

Pádua Lopes doou ao Memorial Clóvis Beviláqua, todas suas obras raras, de Direito, para a Biblioteca de Livros Raros do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, em 2007. E, em 2015, doou a notável coleção com que fez a exposição "100 Edições nos 100 Anos de Os Sertões", na Oboé e na Bienal, em 2002, além de 210 obras raras sobre a figura mística do cearense Antônio Conselheiro, sendo esta uma das mais importantes coleções do gênero no Brasil, à Universidade de Fortaleza, estando expostos na Biblioteca de Acervos Especiais da Unifor.

Ao apagar das luzes, ainda tenho que abrir um parênteses para uma informação extra, necessária, principalmente para os jovens, que buscam luzes para o futuro. Como já mencionei, a palavra bibliófilo significa amante dos livros e desejo fazer um esclarecimento aos que pensam que milionários não têm tempo para lê-los. Pelo contrário. Falaremos então sobre os três homens mais ricos do mundo: Jeff Bezos, dono da Amazon: 112 bilhões de dólares. Bill Gates, dono da

Microsoft: 90 bilhões de dólares. Warren Buffet, megainvestidor: 84 bilhões de dólares. Todos têm a leitura como hábito e são apaixonados por livros. Jeff Bezos, casado com uma escritora, começou a empresa Amazon vendendo livros via internet e foi com isso que prosperou. Hoje, desenvolve a 8ª versão do Kindle, leitor de livros digitais, e continua um estudioso voraz. Bill Gates, é um importante bibliófilo. Revelou durante uma entrevista ao programa 60 Minutes, da rede americana CBS, que uma de suas maiores fontes de inspiração é um manuscrito de Leonardo da Vinci conhecido por "Codex Leicester", que comprou por 31 milhões de dólares em 1994. Dizem que continua a ler três livros por semana, desde a sua juventude. É considerado o embaixador mundial da leitura. Warren Buffet, só começa o dia após ler os seis mais importantes jornais do mundo. Ao todo, entre livros e outras leituras, calcula que dispende 80% do seu tempo diário, lendo. E sempre diz: meu sucesso depende de estar atualizado e do meu cérebro estar exercitado. No fundo, todos esses homens são amantes dos livros e não chegaram ao topo por acaso, mas, também e sobretudo, por uma rígida disciplina de leitura e informação.

Enfim, meu bom amigo Pádua Lopes, agora confrade, palavra que significa irmão, eu e todos os outros membros dessa entidade, recebemo-lo com os braços abertos e os corações fraternos.

As portas da ACL hoje estão escancaradas, as luzes acesas, o piso dado brilho, os convidados já chegaram e tudo está belo, com flores e ares de festa. Igual à casa da mãe que recebe um filho, o qual, vez por outra, vinha visitá-la, mas que, agora, com ela vem morar e dela cuidar, definitivamente!

Que Deus abençoe esta aliança entre o homem e a imortalidade, da qual todos nós, aqui presentes, somos padrinhos e testemunhas.

Entra, grande homem, aqui é o teu lugar!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO PÁDUA LOPES, NA CADEIRA 38 DA ACL

Pádua Lopes

Ao instalar-se o governo do comendador Antônio Pinto Nogueira Acióli, as baterias da oposição foram contra ele apontadas com a fundação, em 27 de março de 1898, do jornal *O Rebate*. O órgão tinha à frente o jornalista Tibúrcio Rodrigues (1869-1898), cujos artigos causavam enorme repercussão na opinião pública. Contribuindo para as hostilidades, o governante praticava desmandos e abusos de poder. Em várias ocasiões, os aciolistas radicais rasgaram o jornal ou impediram sua circulação. Uma vez, o próprio Tibúrcio Rodrigues resolveu enfrentá-los e saiu às ruas vendendo pessoalmente os exemplares. Depois de sucessivas intimidações, o jornalista reagiu com um editorial em que declarava que a situação só poderia se resolver à bala. Foi o suficiente para o presidente do Estado se julgar ameaçado de morte e se refugiar no quartel do exército. Enquanto isso, a polícia interditava o jornal em 2 de setembro de 1898. O ato violento abalou a saúde frágil do jornalista que, não suportando os padecimentos morais, veio a falecer vinte e cinco dias depois. *O Rebate* fechou com seis meses, Tibúrcio Rodrigues morreu com 29 anos.

Esse foi um dos episódios dramáticos da instabilidade política que vergastou o Ceará em decorrência da Proclamação da República. O nome de Tibúrcio Rodrigues não consta nos grupos literários que desabrocharam no seu ciclo de vida, mas teve participação ativa nos movimentos políticos. Publicou o opúsculo-denúncia *O intrujão* – história de um cavalheiro da indústria; editou o jornal *O Rouxinol*, em Baturité, e integrou a redação das folhas políticas *Norte* e *O Ceará*.

Aquela pena vigorosa e aquela coragem viril se tornaram emblemáticas. Tanto que Tibúrcio Rodrigues foi escolhido para ser um dos patronos desta Academia Cearense de Letras. O combativo advogado José Martins Rodrigues (1901-1976) escolheu o nome e foi o primeiro a tomar posse na Cadeira nº 38 em 21 de maio de 1930. Começou trabalhando como redator do *O Nordeste* e *Correio do Ceará*, tendo depois fundado e dirigido o jornal *O Estado*. Seus atributos o encaminharam para a política, tendo se destacado como secretário de Estado e deputado federal. Ainda é reconhecido como um dos homens públicos mais íntegros e intelectualmente preparados que o Ceará já teve.

Sucedeu-o na Cadeira nº 38 o senador Francisco Menezes Pimentel (1887-1973), mais conhecido por sua trajetória política. Tomou posse na Academia em 10 de maio de 1951. Ele escreveu artigos para os jornais *O Nordeste* e *O Estado*. Como governador e interventor federal no Ceará foi um homem muito poderoso em meados do século passado.

O ensaísta, crítico literário, jornalista e poeta F. S. Nascimento foi o terceiro ocupante da Cadeira nº 38, tendo tomado posse em 12 de novembro de 1973. Nascido no Município de Serrita, em Pernambuco, em 14 de outubro de 1926, Francisco de Sousa Nascimento se mudou ainda criança com a família para o Crato, onde fez o curso de Técnico de Contabilidade e lançou a revista *A Província*, restaurou o jornal *A Classe* e participou da fundação do Instituto Cultural do Cariri. Transferindo-se para Fortaleza, publicou artigos literários no jornal *O Povo* e nas revistas *Clã*, *Aspectos* e da Academia Cearense de Letras. Foi nomeado diretor da Divisão de Intercâmbio Cultural e, em seguida, diretor da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará. Exerceu também as funções de vice-secretário e de assessor da Secretaria de Cultura do Ceará. Participou

da criação da Academia Brasileira de Cordel e do Centro Cultural dos Cordelistas. Casou-se com Jacira Carvalho Nascimento, com quem teve dois filhos Marciano e Pablo, que lhe deram quatro netos.

O valor intelectual e a aptidão para a pesquisa literária de F. S. Nascimento eram patentes desde o seu livro de estreia, *Conflitos e Tendências*, que recebeu o Prêmio Cidade de Fortaleza, em 1967, na categoria crítica literária.

Sua obra-prima, *A estrutura desmontada*, foi publicada em 1972 e relançada em 2009. O livro revela que ele estava atualizado com os avanços da crítica literária, ao escrever uma das primeiras obras no Brasil dentro dos princípios propostos pelo formalismo russo e o *New Criticism* norte-americano. Essas correntes do pensamento abandonavam os métodos tradicionais de crítica literária e propunham a abstração da obra em relação ao autor e ao meio social, centralizando-a nos elementos objetivos de sua realização técnica, ou seja, na estrutura da composição e nos componentes linguísticos da narrativa.

Na introdução do livro, F. S. Nascimento sintetiza seu próprio pensamento: "Caberá ao crítico verificar o problema do equilíbrio dos personagens, ambientes e coisas no mundo da ficção, procurando não apenas justificar o processo de corporificação desses elementos na obra de criação literária, como tentar compreendê-los e explicá-los em toda sua extensão e verticalidade". Com base nessas premissas, submete a estudo os livros *Os amigos do governador* e *Barra da solidão*, de autoria de Durval Aires. Essas novelas captaram a atenção do crítico por sua prosa experimental, cuja característica era o emprego sistemático da parataxe, uma técnica que dispensa as partículas de ligação nas frases. O estilo é chamado de telegráfico, em alusão à linguagem cifrada na qual as sentenças são curtas, diretas e incisivas; a sua cadência, rápida e sincopada. Ao concluir seu trabalho, F. S. Nascimento se congratula

por haver reconhecido e desmontado a estrutura ficcional dessas novelas sem lhes determinar "uma medida de valor". Procedeu ele a tarefa de prospecção e verificou a funcionalidade do mundo ficcional apresentado, mas se esquivou dos juízos de valor e de qualidade.

Recepcionando F. S. Nascimento nesta Academia, o acadêmico Pedro Paulo Montenegro afirmou no discurso que "a formação do crítico literário é fruto de recolhimento e contemplação estética, resultado de leituras diuturnas". É uma atividade para a qual se exige "uma vocação" e que, por isso, muito cedo, revela "a erudição, maior ou menor", de quem pratica a Crítica Literária.

E a erudição maior de F. S. Nascimento foi reconhecida pelo ensaísta Fábio Lucas que o considerou "um dos mais importantes críticos literários do Ceará e figura de relevo nacional". E consignou que o livro é "um trabalho exemplar" e contém "ensinamentos múltiplos sobre a arte da narrativa". Com sua publicação, *A estrutura desmontada* foi incorporada ao seleto número dos livros fundamentais para a Literatura cearense.

No mesmo padrão de excelência, F. S. Nascimento escreveu *Três momentos da ficção menor* (1981), uma análise crítica dos contos de três escritores Oliveira Paiva, Herman Lima e Eduardo Campos. A seguir, vieram a lume *Apologia de Augusto dos Anjos e outros estudos* (1990), uma coletânea de ensaios sobre prosa e poesia de diversos autores; a *Teoria da versificação moderna* (1995), uma análise das experiências de versificação assimétrica; e *Diretrizes da linguagem poética* (2005), um estudo sobre as regras de metrificação e sobre o verso livre de poetas cearenses. Também revelou versatilidade intelectual ao discorrer sobre assuntos científicos, sociológicos e históricos nos livros *Quadrilátero da seca* (1988), *Crato:* lampejos políticos e culturais (1988), *Mártires da religiosidade popular* (2000) e *Fundamentos do Nordeste agrário* (2003).

Ao fazer a apresentação do livro *Diretrizes da linguagem poética*, a acadêmica Giselda Medeiros disse: "Somemos à argúcia e ao

engenho de F. S. Nascimento a sua virtude maior: a simplicidade. E a simplicidade, sabemos, é o começo da sabedoria; e a sabedoria é poder contemplar as cousas eternas e imutáveis". Esse homem simples e sábio se despediu desta Academia em 18 de agosto de 2018, depois de quase quarenta e cinco anos, engrandecendo-a e enriquecendo-a com seu talento.

Percebe-se que uma linha mestra perpassa as vidas do Patrono da Cadeira nº 38 e de seus primeiros ocupantes. Todos trabalharam ou colaboraram na imprensa. Na condição de quarto ocupante, venho reforçar essa linha mestra, pois pertenço à categoria dos jornalistas. Por uma temporada, exerci a advocacia liberal e assumi cargos públicos de natureza jurídica, mas sem me desvincular do jornalismo. Com a fundação do *Diário do Nordeste*, em 19 de dezembro de 1981, pelo extraordinário empresário Edson Queiroz, fui trabalhar no jornal. Em função diretiva no Sistema Verdes Mares, tive o privilégio de conviver com Dona Yolanda Queiroz e o chanceler Airton Queiroz, os quais me incentivaram a aprimorar os conhecimentos sobre arte e cultura. A eles, que pairam na dimensão do infinito, a minha gratidão e o meu pleito de saudade. Tendo optado pelo ofício de escrever, desde muito jovem, acumulei uma produção de textos jornalísticos, jurídicos e literários, publicada em jornais, revistas e coletâneas. Depois de longa maturação, lancei, em 2016, o romance *Safira não é flor*. A demora na publicação dessa obra ficcional deve ser creditada em parte ao meu desvelo como bibliófilo. Preservando uma coleção de romances e contos da Literatura Brasileira, julgava que meu livro não poderia figurar na estante ao lado dos títulos de autores consagrados.

Nessa paixão pelos livros, encontrei um orientador seguro: o acadêmico José Augusto Bezerra, que aplacou os escrúpulos da autocrítica e me introduziu nos círculos acadêmicos. O maior bibliófilo do Brasil abre aos professores e estudantes as portas de sua

biblioteca, que se transformou num centro de referência bibliográfica. Incansável pesquisador e humanista, autor de obras premiadas, se aperfeiçoou na arte da oratória e me comoveu com o seu discurso de recepção. Sou-lhe grato por suas eloquentes palavras e pelo apoio solícito que sempre me deferiu.

Ao transpor os umbrais da Academia de Letras mais antiga do Brasil, abraço fraternalmente os seus ilustres membros. Agradeço a todos pela nobilitante aceitação de meu nome. Minha gratidão ao acadêmico Ubiratan Aguiar, enaltecido ex-presidente desta Casa, que realizou a eleição para a escolha de meu nome. Invocando a figura da escritora Alba Valdez, a primeira mulher acadêmica, saúdo a presidente Angela Gutiérrez como a primeira mulher a dirigir este Sodalício e através de quem tenho a honra de ser empossado. Agradeço as distintas presenças dos dirigentes de entidades culturais e de todos os amigos que prestigiam esta solenidade.

O romance *Safira não é flor* descreve a mentalidade e as convenções sociais no fim do século vinte, quando ainda pulsava o contato direto e afetivo nas relações com a família e os amigos; quando o uso do telefone celular e de seus aplicativos ainda não estava expandido. Engatinhavam as redes sociais e a exposição da individualidade e da intimidade era reduzida. Mas a revolução da Internet estava em marcha prenunciando uma ruptura nos padrões de comportamento. Safira aparece como uma das mulheres pioneiras na utilização da tecnologia para dar vazão a seus desejos. O romance não prega a moralidade; esse personagem feminino é apenas simbólico da transição da era analógica para a digital. Em apenas duas décadas, o mundo foi transformado como se tivesse sido apagado um pedaço do passado ao qual nos afeiçoamos. Olhamos com curiosidade esse cenário em que o ser humano continua intrinsecamente o mesmo, mas sua maneira de pensar e agir já não é a mesma.

A evolução da tecnologia nos torna dependentes de seus úteis equipamentos, mas o ritmo veloz das novidades eletrônicas desencadeia sentimentos contraditórios. As concepções estéticas que empolgaram e tiveram êxito até pouco tempo se deparam com as manifestações artísticas que emergem com vigor. Um embate que nos leva a questionar se a Literatura que se pratica hoje atende às exigências intelectuais e emocionais do público leitor, cada vez mais dispersivo pela diversidade das fontes de leitura e entretenimento.

A sociedade está afogada de informações sem foco e sem precisão que se equivalem à própria desinformação. Como anteparo a essa ofensiva falaciosa e irresponsável, a Literatura deve ser uma janela para a reflexão e o pensamento lúcido, construindo pontes entre esse conflito de valores espirituais. A Literatura tem de ensinar o leitor a compreender o mundo e fazê-lo ver com outros olhos, porque existem outros mundos a serem descobertos. Quem fala é Proust: "Graças à Arte, em vez de contemplar um só mundo, o nosso, vemo-lo multiplicar-se, e dispomos de tantos mundos quantos artistas originais existem".

Estava fazendo um curso no Rio de Janeiro, em 1981, e aproveitei para assistir à solenidade da Academia Brasileira de Letras na qual seria homenageado o vereador José Barros de Alencar, então presidente da Câmara Municipal de Fortaleza. O dístico *Ad immortalitatem* estava à mostra na sala de sessões da Casa de Machado de Assis, o que me despertou um temor reverencial pelos acadêmicos que adotavam tal divisa. Pensava comigo mesmo como eles se sentiam, vendo a morte todos os dias e se comportando como imortais. Aquela ilusão encerrava um enigma para mim, pois deduzia que a imortalidade assim celebrada ocultava um sentido verdadeiro. Aqueles cidadãos respeitáveis não podiam ser loucos para cultuarem uma insensatez.

Essas cogitações sempre retornavam quando acontecia o ingresso de amigos nas Academias. Até que, ao ler *O banquete*, de Platão, me foi entregue a chave do enigma. O criador da Academia de Atenas e inspirador de todas as Academias elucida que o instinto de Imortalidade é comum à espécie mortal e que esse instinto se satisfaz pelo "artifício" da geração. O indivíduo se perpetua, física e espiritualmente, em outros indivíduos, por um processo que reclama participação e exclui a possibilidade de posse. Somos imortais não porque possuímos a imortalidade, senão porque participamos de um sistema que fecunda outros seres semelhantes numa cadeia interminável.

A substituição de membros da Academia equivale à geração mental de uma inteligência que se agrega ao quadro atemporal de seus associados. Por esse artifício, constituímos um só e mesmo corpo acadêmico e são nossos agora os 127 anos que já se passaram antes de nós, porque temos a idade desta instituição que funde o passado com o presente pela alquimia do idealismo. Não temos necessidade de estar juntos no mesmo tempo e no mesmo lugar, para dialogar sobre o nosso interesse vital e comum, porque este atravessa os séculos e as distâncias. Nosso vínculo acadêmico goza da legitimidade do amor livre e natural, oriunda de uma decisão consciente e desejada de se colocar a serviço da literatura e do conhecimento.

Por uma disposição espontânea, minhas ações anteriores já eram direcionadas para a finalidade desta Academia, que é "a preservação, o cultivo e o desenvolvimento da literatura e da produção científica, filosófica e cultural" no âmbito da sociedade cearense. Com a minha investidura, essa finalidade será um dever para mim, que cumprirei com apaixonada fidelidade de tal modo que, um dia, se possa dizer do amor que tive por esta Academia: "Não foi imortal, posto que era chama/ mas foi infinito enquanto durou"! (versos adaptados de Vinicius de Morais). Obrigado.

DISCURSO PRONUNCIADO, COMO ORADOR OFICIAL, PELO SÓCIO EFETIVO JOSÉ AUGUSTO BEZERRA, NO 132º ANIVERSÁRIO DO INSTITUTO DO CEARÁ, NO PALACETE JEREMIAS ARRUDA, EM 11 DE MARÇO DE 2019

José Augusto Bezerra

Prezados membros da mesa Diretora destes trabalhos, demais autoridades e outras personalidades presentes, as quais saúdo nas figuras do nosso Presidente Lúcio Alcântara, um dos mais dinâmicos Presidentes desta entidade, em todos os tempos, cuja Diretoria, por ele encabeçada, toma hoje posse, pela segunda vez, eleita que foi por unanimidade, e nosso honorável Governador, Camilo Santana, igualmente um dos governadores que mais tem feito pela área cultural do nosso Estado, em toda sua história. Neste dia do nosso 132º aniversário, o Presidente do Instituto do Ceará decidiu reverenciar duas personalidades emblemáticas da Terra de Iracema: O Fundador do Ceará e o Patriarca do Instituto do Ceará, Martim Soares Moreno e o Barão de Studart, respectivamente. Sobre isso discorreremos:

Não canso de procurar entender a alma dos primeiros colonizadores que chegaram ao Ceará, no longínquo início dos anos seiscentistas. Que força interior tinham esses bravos, que ideais sublimes e sonhos loucos puderam arrebatá-los da tranquilidade da corte, da possibilidade de uma boa vida em cidades prósperas, como a do Rio de Janeiro e trazê-los para cá, a fim de desafiarem o céu e a terra.

Terrenos pobres, esquecidos de Portugal e do mundo, inadequados para cultura. Sem cana-de-açúcar, sem café, sem ouro, sem pau-brasil. Poucas provisões, um mar perigoso que engolia muitas embarcações e que que não lhes permitia ir adiante por causa do vento e das

correntes marítimas. Lutas cruéis com selvagens indomáveis e secas que devoravam tudo, inclusive muitas vidas de adultos e crianças que por aqui chegaram.

As primeiras expedições fracassaram, mas outras e mais outras vieram e nesse solo, que parecia nada ter a oferecer, surgiu uma das grandes metrópoles do mundo. E a maior lição que nos deixaram os primeiros que aqui chegaram é a de que esta é uma terra que foi conquistada por heróis, que nunca aceitaram a palavra derrota e continuaram sempre em frente, até vencerem. Esse é o sentimento que nos legaram e que ainda hoje habita o espírito do povo cearense. Uma história feita de luta e superação.

Uma conspiração do destino a nosso favor veio logo na primeira expedição exploratória do Ceará, em 1603, comandada por Pero Coelho de Sousa. Tendo ela expulsado os franceses do seu enclave na Serra da Ibiapaba, no Ceará, não conseguiu ir adiante em sua marcha para o Maranhão e teve que retornar de forma desoladora, com perdas dramáticas. Mas, o seu feito extraordinário foi ter trazido entre aqueles primeiros soldados, um garoto com dezoito anos, Martim Soares Moreno.

Foi um caso de amor à primeira vista com esta terra. Aprendeu como ninguém a língua e a cultura dos índios. Soube infiltrar-se no meio deles e conquistá-los. Tornou-se a alma dos primeiros habitantes que aqui vieram para fazer deste o seu lugar e nele viver ou morrer. Após construir em 1612 o Forte de São Sebastião, na barra do Ceará, tido como o marco da fundação da Capitania, e ser um dos líderes da expulsão dos franceses também do Maranhão, recebe, em 25 de maio de 1619, um decreto do Rei Felipe II, nomeando-o 1º Capitão-Mor da Capitania do Ceará e foram tantos os seus exemplos de bravura que um dia, com justiça, seria aclamado como o Fundador do Ceará e teria o seu nome inscrito no Panteão dos heróis da Pátria brasileira,

pois embora sendo Português de nascimento, amou e defendeu esta região e a soberania do Brasil com tal empenho, dedicação e coragem, que tornou-se uma lenda e também um patrimônio nacional.

O segundo destaque que registro, embora houvesse outros a mencionar, seria o da fundação do Instituto do Ceará, em 1887.

Podemos imaginar aquele momento, começando pela capital do Ceará Grande, Fortaleza, que vestia o encanto de uma ainda pequena, mas bela cidade, cortada pelo rio Pajeú, povoando imaginações como a do poeta boêmio Paula Ney, que a chamava de loura desposada do sol.

Os luares iluminavam as suas noites, perolizadas, aqui e ali, pela luz pálida dos combustores de gás. Coisas tais que dão o toque de saudade aos que, como o orador que vos fala, só podem visitá-las pela imaginação.

Vinte e seis mil habitantes, com suas casas e sobrados derramados ao longo de pouco mais de quarenta ruas, tinha um orgulhoso serviço de bondes puxados a burros, da Ferro-Carril, uma vida cheia de sonhos e também de agitação, influenciada pelas novidades estrangeiras, pois o período áureo de exportação do algodão cearense levaram-na a ingressar na *belle époque*, fase extraordinária da vida científica e intelectual europeia, entre os anos de 1871 e 1914, que promoveram uma revolução no mundo social, político e econômico, mundial. Fortaleza, igualmente, expandiu-se e modernizou-se nos padrões das metrópoles europeias, especialmente nos ares estéticos e comportamentais franceses. Tornou-se urbana e glamorosa, com telégrafos, telefones, praças e cafés. O passeio público, com árvores coloridas, lagos e a visão do mar, tornou-se o local de encontro das elites.

A cultura acompanhou o esplendor daqueles momentos históricos. José Alencar era famoso em todo o Brasil. No Clube Literário de fortaleza abrigavam-se personagens como Rodolpho Theóphilo, Farias Brito, Justiniano de Serpa, Juvenal Galeno e

Francisca Clotilde. A revista *A Quinzena* e o Jornal o *Libertador* eram pomos de sabedoria e talento. A própria Libertação pioneira dos escravos, no Estado, em 1884, foi, em grande parte, fruto dos intelectuais - classe formadora de opinião, levando mesmo intelectuais de fora, como José do Patrocínio, a chamar o Ceará de Terra da Luz, pelo efeito moral de existir uma província livre no país, e a Joaquim Nabuco escrever o livro *Abolição*, em 1888, dedicando-o ao Ceará.

Então, discretamente, em 4 de março de 1887, numa das salas da biblioteca pública, oito intelectuais se reuniram para criar o Instituto do Ceará, no intuito de laborar pela História, Geografia, letras e ciências, na Província. Foram eles: Paulino Nogueira, Joaquim Catunda, João Perdigão de Oliveira, Guilherme Studart, Julio Cesar da Fonseca, Padre João Augusto da Frota, Antonio Augusto de Vasconcelos e Antonio Bezerra, imediatamente acrescidos das figuras ilustres de José Sombra, Virgilio de Moraes, Juvenal Galeno e Virgílio Brígido.

Outra vez, o mais novo do grupo, Guilherme Studart, com apenas 32 anos foi, embora ninguém suspeitasse, à época, o ungido para ser mais um dos heróis do nosso passado. Com sangue inglês, embora aqui nascido, amou essa terra e sua gente, estudando-as e ajudando-as, a tal ponto que, embora com armas diferentes das de Martim Soares Moreno, tornou-se também imortal. Formou-se em medicina na Bahia e, retornando, exerceu durante anos sua atividade de médico na Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, trabalhando pelos pobres e indigentes. Afoitamente, pois era vice-cônsul da Inglaterra, decidiu correr riscos como militante, e foi umas das vozes decisivas para o sucesso do movimento abolicionista, no Ceará.

Durante as secas foi o grande baluarte dos flagelados, principalmente dos que vinham do interior, às dezenas de milhares, ajudando-os, com sua medicina, sua fé e as doações de pessoas de todo o país, que só por ele confiavam encaminhá-las. Esse trabalho caridoso

em meio a doenças como varíola, sobre a qual descreveu tudo, desde 1804 a 1890, em seu livro *Climatologia, Epidemias e Endemias no Ceará* e, em meio também à lepra, da qual foi o pioneiro no combate na região, e o maior incentivador à construção de um leprosário na cidade. Tantas caridades e ações abnegadas, sempre apoiadas pela Sociedade São Vicente de Paulo, da qual era Presidente do Conselho Central, foram reconhecidas, no Brasil e no exterior, coroando-se tal preito de gratidão em 1900, quando Guilherme Studart, recebeu o título de Barão, dado pelo Vaticano. O Barão de Studart!

Mas o lado humanístico apenas adornava a sua face mais conhecida, que era a de intelectual. O mais velho do grupo iniciador do Instituto do Ceará era Joaquim Catunda, com 53 anos, já consagrado por seus *Estudos da História do Ceará*. O segundo maior de idade do grupo era Juvenal Galeno, que possuía uma genial obra poética, na qual podiam-se relevar: *Prelúdios* (1856) e *Lendas e Canções Populares* (1861); Paulino Nogueira, Vice-presidente da Província, entre os mais admirados, foi eleito o primeiro Presidente do Instituto do Ceará, e observamos que todos os que instalaram a nova agremiação, foram cuidadosamente escolhidos para iniciar essa marcha vitoriosa, que hoje completa 132 anos.

Na sucessão dessas cadeiras iniciais tivemos, nomes de vanguarda da História, Geografia e Antropologia. Não podendo aludir a todos, mencionaremos alguns já falecidos, como Thomás Pompeu de Sousa Brasil, Rodolpho Theóphilo, Leonardo Mota e Julia Vasconcelos, que, juntamente com cada novo sócio que foi chegando, escreveram com letras de ouro a história dessa Instituição!

Mas foi Guilherme Studart, tido por como o pai da história do Ceará, que se tornou o símbolo maior dessa nossa entidade, conhecida como a Casa do Barão de Studart. Escreveu nas áreas da medicina, geografia, linguística e biografia, porém foi na história que

se consagrou, escrevendo mais de uma centena de livros e textos, num trabalho hercúleo, pois publicar tantas obras, volumosas, eruditas e bem pesquisadas, ainda hoje de indispensáveis referências, numa época em que não havia computadores e em que as técnicas editoriais eram rudimentares, é um feito quase inacreditável!

O Instituto do Ceará marcou o novo tempo em nossa cultura. Organizou todos os trabalhos de história, geografia e antropologia, que estavam dispersos pelas mais variadas fontes e autores, do Brasil e do exterior, inserindo-os na sua Revista-Livro, anual, do Instituto do Ceará, a qual é a mais importante fonte de consulta sobre o passado dessa terra e hoje repousa nas melhores bibliotecas do Brasil e do Mundo. Uma joia da bibliografia brasileira, que nunca deixou de ser publicada em nenhum ano de vida da entidade, está agora disponível também em DVD'. Sem dúvida, o Instituto do Ceará e o Barão de Studart, levaram Capistrano de Abreu a declarar que o Ceará era o Estado do Brasil que mais estudava as coisas do seu passado.

Senhoras e senhores, a melhor forma de comemorarmos os 132 anos do Instituo do Ceará, nesta solenidade memorável, é homenageando nossos grandes vultos, que passaram deixando rastros de Luz. Hoje, destacamos dois deles, o primeiro, uma lenda, o amante de Iracema. E nem sei se foi realmente uma lenda, pois Martim existiu de fato. Era jovem e belo, falava muito bem a língua dos índios e vivia no meio deles. É quase certo que poderia e deveria ter se apaixonado por uma bela índia guerreira. O resto seria a forma romântica de José Alencar contar o enredo. Mas pouco interessa se foi verdade ou não, o mais importante é a mensagem que nos deixa de que um homem europeu e uma índia nativa, um casal de bravos guerreiros, deram origem a um filho. A uma nova raça, da qual todos aqui somos descendentes.

E para homenagear esta lenda o Instituto do Ceará, nesta noite, está abrindo as comemorações pelos quatrocentos anos da carta oficial,

de 1619, do Rei Felipe II, de Portugal, transformando o Fundador do Ceará, herói da Pátria brasileira, Martim Soares Moreno, no 1º Capitão-Mor da nossa capitania. O Ceará quatrocentão, de fato e de direito. Aliás, registremos que a primeira recebedora do Troféu Martim Soares Moreno, dado por um Conselho de entidades Brasileiras e Portuguesas, foi a escritora e poetisa, luso-brasileira, aqui presente, Beatriz Alcântara, esposa do nosso Presidente Lúcio Alcântara.

A segunda lenda homenageada é o homem que fez do Instituto do Ceará a sua casa, o humanista, escritor e documentalista Barão de Studart. O guerreiro coberto de glórias, que usou a palavra e o amor para vencer as suas batalhas. Se o primeiro usou a espada para fundar, o segundo usou a inteligência para consolidar e um seria incompleto sem o outro.

Segundo os gregos, a forma de eternizar um guerreiro é criando uma medalha com sua efígie, e oferecê-la a outro guerreiro, que seja também um vencedor. O Instituto do Ceará, outorgaria hoje duas medalhas, banhadas a ouro, com a efígie do Barão de Studart, mas como um dos recebedores, D. Consuelo Dias Branco, benfeitora dessa entidade, por motivos insuperáveis, não pôde estar hoje no Ceará e receberá essa honraria noutra data, entregaremos nesta solenidade apenas uma medalha do Barão de Studart a um desses guerreiros, o qual sabemos que irá continuar o legado dos nossos heróis, conforme dissemos no começo dessa mensagem, que é o de nunca aceitar a palavra derrota e continuar sempre em frente, até vencer**,** o Governador do Ceará quatrocentão, Camilo Santana!

Senhoras e senhores, após tudo o que dissemos, vemos que não estivemos hoje apenas comemorando os 132 anos de uma entidade, mas, também, celebrando o seu passado, presente e futuro, havendo, neste final, levantado, espiritualmente, um brinde aos que transformaram sonhos em realidades e viveram seus ideais apaixonadamente!

Muito obrigado.

AULA INAUGURAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UFC, NO 30º ANIVERSÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO, NO AUDITÓRIO JOSÉ ALBANO, NO CENTRO DE HUMANIDADES DA UFC, EM 8 DE MARÇO DE 2019

Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez

Imaginemos que o acontecer das cenas de hoje, borgianamente, repete-se no passado, aqui no Auditório José Albano, há exatos trinta anos, no dia 8 de março de 1989, quando o Curso de Mestrado em Letras promove sua aula inaugural. À mesa de honra, são convidadas autoridades universitárias – o Vice-Reitor da UFC, Raimundo Holanda, representando o Magnífico Reitor Hélio Leite que se encontra em viagem, o Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Flávio Torres, o Diretor do Centro de Humanidades, Roberto Oliveira, o ex-Diretor do CH, Professor Luiz Tavares Jr, representando os professores do Curso, a Coordenadora, Angela Gutiérrez e a Professora da USP, Nádia Battella Gotlib, convidada especial. Professores do Curso e alunos da primeira turma do Mestrado sentam-se nas filas iniciais de cadeiras do Auditório, que tem todos os assentos ocupados por membros da comunidade universitária.

No discurso de Abertura do Curso, a Coordenadora menciona, além das autoridades presentes, os 'Mestres de todos nós, Prof. José Maria Moreira Campos e Prof. Artur Eduardo Benevides" que representam o apoio da geração fundadora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFC à geração que implanta a Pós-Graduação *stricto sensu*. Cita, ainda, a presença de membros de sua família: seus pais, seu marido, sua irmã. Divide a narrativa da trajetória do Curso em três etapas: "Como e porque nasceu o Curso": a volta à semente, às origens plantadas; "A Crise e o Curso": o compromisso de luta

pelos valores da Universidade e da cidadania, mesmo em tempos sombrios; "O Curso em curso", o mapa do caminho que o Curso pretende percorrer, tendo como base suas metas e seus objetivos. Terminada a fala da Coordenadora, a Professora da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, Dra. Nádia Battella Gotlib, em aula-conferência, responde, brilhantemente, a sua própria questão: "Por que ler Clarice?". Coincidentemente, comemora-se no Brasil, ainda sem muito alarde, o Dia Internacional da Mulher, o que é destacado pelo diretor do Centro de Humanidades, ao ressaltar a tríade feminina à frente do evento – a coordenadora, a conferencista e a grande escritora brasileira Clarice Lispector, falecida em 1977, antes de completar 57 anos, sobre quem versa a aula inaugural e o primeiro seminário do Curso.

A lembrança desse acontecimento de três décadas puxa por minha memória e me faz recordar um dia de minha infância em que meu pai, em meio a nossas costumeiras conversas sobre leitura de livros, comenta um fato passado, a morte de um amigo ou parente. Leitor sensível, acrescenta. Impressionada, pois temia o mistério da morte, pergunto-lhe:

Isso faz tempo, Papai?

Sua resposta pareceu-me um grande enigma paradoxal:

Não, minha filha, pouco..., uns dez anos.

Ora, à época eu tinha dez anos e não entendia como toda minha existência podia ser considerada pouco tempo. – Dez aniversários que demoravam tanto em chegar eram pouco tempo? Dez noites de Natal que, quando começava dezembro, iam-se afastando porque os dias de espera ficavam intermináveis e as noites, insones, sem fim... Desde o contato com a estranha dimensão do tempo e das reflexões daquele dia sobre sua relatividade, o assunto passou a ter um lugar privilegiado em meus pensamentos. Alguém poderia perguntar-me

se os trinta anos desde a aula inaugural do Mestrado me parecem muito ou pouco tempo. Evidentemente, ultrapassado bem mais do que *mezzo camin di nostra vita*, conheço agora o quanto a vida é curta, e, espantada, já posso constatar em mim a grande verdade de uma frase que Papai, às vezes, repetia sorrindo: "Sinto-me um menino e me admiro ao olhar-me no espelho e ver que já não o sou". Assim, posso dizer que o tempo transcorrido entre o dia festivo da inauguração do Mestrado e o dia de hoje foi um piscar de olhos do Criador.

> Para atar os dois momentos desse piscar de olhos e fazer jus à honra que me é concedida pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, ao convidar-me, por seu coordenador, Prof. Orlando Luiz de Araújo, a pronunciar esta aula inaugural, na comemoração do trigésimo aniversário de instalação da primeira pós-graduação *stricto sensu* do Curso de Letras, *honor* que agradeço tocada de emoção, cabe-me o dever de contribuir para a memória e história do Programa a que me dediquei com grande, extremo entusiasmo, com um depoimento de quem viu o que narra, como no poema *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias: "Meninos, eu vi". Bom... Confesso que, certamente, não sofri, não sofremos a terrível luta do guerreiro Tupi para merecer a morte com glória e, portanto, a comparação é meio exagerada e se sustenta apenas na ideia da confiabilidade de quem é testemunha ocular do fato narrado, embora, no meu caso, testemunha-protagonista, o que não é o caso do velho guerreiro Timbira que diz a frase-refrão: "Meninos, eu vi". Creio que é melhor mudar um pouco a citação. Que tal: "Meninos e meninas, eu vi e vivi"?
>
> Considerando como *aide-memoire*, principalmente o discurso que proferi na sessão de 1989, mas acolhendo também, outros textos que escrevi, em relatórios, assim

> como documentos e, mesmo, recordações que permanecem vívidas em mim, passo a discorrer sobre a pré-história e a história inicial do PPGLetras da UFC, com a brevidade possível e desejável! Para rimar: Não temam uma fala interminável!

Retomando com mais detalhes o citado discurso de abertura, aí desenvolvo, como já adiantei, reflexões sobre o bom combate em três etapas. Na primeira, "Como e porque nasceu o Curso", título que, está claro, pega carona no do famoso texto autobiográfico de José de Alencar "Como e Por que sou romancista", relato o nascimento da ideia do curso, em que ressalta a importância dos cursos de pós-graduação *lato sensu,* oferecidos pela UFC, entre 1974 e 1976, nas áreas de Educação, Literatura e Linguística, em que a maior parte dos futuros professores do mestrado participou do corpo discente.

Assim aconteceu, em 1974, quando muitos de nós, docentes do Departamento de Letras Vernáculas tomamos parte, como alunos, do Curso de Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino, patrocinado pelo Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, com 186 horas/aula, realizado, em tempo integral, durante as férias de julho, para professores de diferentes áreas da Universidade. Os estudos realizados nesse curso aportaram-me subsídios para o desenvolvimento das ideias de renovação do ensino de literatura que, a essa época, eu já tentava, intuitivamente e baseada em leituras, empreender.

> Para todos nós, professores da área de Literaturas de Língua Portuguesa, foram especialmente importantes os Cursos de Aperfeiçoamento em Análise e Interpretação Literária I e II, oferecidos durante o segundo semestre de 1974 e o primeiro de 1975, sem prejuízo das obrigações docentes dos professores-alunos**,** tendo como coordenador

> o Prof. Pedro Paulo Montenegro, Mestre querido, e com participação de outros professores do Departamento de Letras Vernáculas, e do Prof. Eduardo Portella, da UFRJ, que nos trouxe para discussão suas teorias de abordagem literária propostas nas obras T*eoria da Comunicação Literária* e *Fundamento da Investigação Literária*. Lembro que, em estudo comparativo entre *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Los perros hambrientos* do peruano Ciro Alegría, que apresentei no curso, germinam algumas características que continuei desenvolvendo em minha vida universitária, como docente e pesquisadora: o interesse crescente pela literatura brasileira do Nordeste, pela literatura latino-americana, pelos estudos comparativistas, além de preferência pela análise da narrativa ficcional.

No ano seguinte, em 1976, foi ministrado, em nosso Departamento de Letras Vernáculas, em tempo integral, durante o mês de fevereiro, o Curso de Aperfeiçoamento em Linguística, ministrado pela Profª Drª Maria do Socorro Aragão, da Universidade Federal da Paraíba. A maior relevância desse curso, para os professores da área de literatura, deu-se na exigência de monografia elaborada nos moldes propostos pelo Curso de Mestrado em Letras da UFPb, que a Profª Socorro à época coordenava. Assim, trabalhamos com maior disciplina e cuidado na parte bibliográfica, metodológica e gráfica, além de ter sido valiosa, para mim, a leitura analítica da obra que escolhi ambiciosamente para tema: *Grande sertão: veredas.*

A partir de 1977, ao lado de alguns professores das áreas de Língua Portuguesa e Linguística do Departamento de Letras Vernáculas, participei da 1ª turma do Mestrado em Educação da UFC, com área de concentração em Ensino, procurando direcionar meus estudos para o ensino de literatura. Confesso que não me sentia

totalmente feliz pois, enquanto resolvia problemas de Estatística e estudava outras disciplinas que não tinham muito parentesco com a Literatura, pensava que poderia estar lendo e pesquisando em minha área, mas consegui construir meu próprio núcleo literário ao preparar as monografias de quase todas as disciplinas, relacionando-as com o ensino de literatura, ou seja, com construção e análise de programas e currículos de Letras, estudo de regulamentos de Cursos nessa área, métodos de ensino/aprendizagem.

Em setembro de 1980, fiz jus ao título de Mestre, ao defender a dissertação intitulada *O Caráter Reprodutor do Ensino de Literatura nos Cursos de Letras,* tendo a Profa Dra Maria Lúcia Lopes Dallago, que, posteriormente, foi Pró-Reitora de Graduação, como orientadora. Além das pesquisas bibliográficas que abrangeram o ensino de Humanidades e, especificamente de Literatura, desde o primeiro século do Brasil-Colônia, com os jesuítas, ao tempo dos seminários que tanto ilustraram os jovens que os cursavam para seguirem a carreira eclesiástica, diga-se de passagem, escolhida pela família, às referências aos acadêmicos de Direito que se reuniam em grêmios literários e escreviam e recitavam poesias, escreviam e pronunciavam discursos inflamados, à criação das primeiras faculdades de Filosofia e Letras e assim por diante; recorri a pesquisas por questionários respondidos por professores e alunos, para posterior análise e conclusões sobre o tema. A dissertação apresenta, ainda e principalmente, minha decidida adesão aos métodos críticos de Antonio Candido, assim como sugestões para a mudanças no ensino de Literatura e de Letras na Universidade. E, ainda, a profunda admiração pela consistente e bela obra de Paulo Freire, então não muito bem visto pelas autoridades governamentais e, portanto, não estudado em sala de aula, embora indicado por alguns professores. Algumas das sugestões da dissertação foram posteriormente implementadas no Departamento de Letras Vernáculas e de Literatura da UFC e no Mestrado em Letras.

Em 1979, fora criado no Departamento de Letras Vernáculas, o Curso de Especialização em Literatura Luso-Brasileira-CELLB, tendo como Coordenador o Prof. Horácio Dídimo, hoje no Reino da Luz, a que era destinado. Em 1982, a convite do Coordenador, criei e ministrei a disciplina Literatura Latino-Americana, em que estudava aproximações e diferenças da Literatura Brasileira com outras literaturas do continente, em língua espanhola, assunto ainda não desenvolvido no Curso de Letras, em nível de pós-graduação. No ano de 1984, fui eleita para a coordenação do CELLB e comecei a trabalhar no seu projeto de reformulação para atender a novas exigências regulamentares e novas expectativas do corpo docente e discente, aprovada pela Resolução 11/CEPE, de 30 de junho de 1985. Vários professores do Curso, em que me incluo, orientamos monografias de término do Curso, exigidas a partir da reformulação, o que já nos preparava para a função de orientadores de dissertação no futuro. O Curso de Especialização em Literatura Luso-Brasileira começava a constituir-se como embrião do Curso de Mestrado em Letras. Ainda em 1985, escolhida pelos colegas da área de literatura do Departamento de Letras Vernáculas para coordenar o projeto de implantação desse Mestrado, iniciamos uma aventura com final feliz.

> Começa, então, o árduo trabalho de concretizar o Mestrado, quando a UFC há mais de uma década não criava programas de pós-graduação *stricto sensu*, e era difícil, até mesmo, reencontrar o molde perdido, o *modus faciendi* de implantar-se um mestrado e, posteriormente, conseguir cumprir as exigências requeridas pelo MEC para autorizar seu funcionamento: do levantamento do acervo de todas as bibliotecas de Letras, então espalhado entre as Casas de Cultura estrangeiras e a Biblioteca setorial, em uma época ainda não informatizada; à atualização desse acervo;

> às exigências quanto à qualificação do corpo docente, aos melhoramentos das condições físicas de instalações de secretaria e salas de aula, em época de reconhecida crise financeira das universidades federais, além, naturalmente, do principal: a elaboração do próprio projeto do Curso.

Em viagem sem patrocínio, visitei programas de pós-graduação em Letras de São Paulo (USP), Rio de Janeiro (UFRJ, PUC) e Belo Horizonte, (UFMG e PUC) e, com outros colegas, escrevemos cartas a várias universidades (não havia à época a facilidade da comunicação virtual), solicitando informações, sobretudo, quanto à programação curricular de seus cursos de PG *stricto sensu* em Letras. Baseados na análise dos dados coletados e no levantamento de expectativas dos colegas da área de literatura quanto ao Programa a ser criado para o Curso de Mestrado em Letras, promovemos reuniões e, enfrentando inúmeras dificuldades, montamos o almejado Projeto para a criação do Programa de Pós-Graduação em Letras, em nível de Mestrado. Depois da aprovação do Curso na UFC, fui eleita primeira Coordenadora do Programa. Com a possibilidade de criação do Departamento de Literatura, a partir da implantação da Pós-Graduação *stricto sensu*, unimo-nos todos os docentes da área de literaturas em língua portuguesa nos esforços bem-sucedidos para criação do citado Departamento.

> Felizmente, os professores René Barreira e Roberto Oliveira, quando diretores do Centro de Humanidades, assim como os professores Ari Marques e Flávio Torres, como Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação (a preparação e a implantação do mestrado ocorreram em fase de transição da Administração Superior da UFC) e o professor Hélio Leite, reitor à época, mesmo dentro da precariedade de condições que então nossa Universidade

> podia oferecer, reconheceram a importância do projeto e, ultrapassados pequenos e grandes obstáculos que aqui nem quero recordar, no tempo previsto, *Fiat Lux*. Apresentado no dia 12 de junho de 1987 ao Departamento de Letras Vernáculas, o Projeto Mestrado foi aprovado por unanimidade nesse colegiado, o mesmo acontecendo no Conselho do Centro de Humanidades. Mesmo tendo chegado à Pró-Reitoria de PPG em período de mudança de Reitor e Pró-Reitores, o projeto foi aprovado no CEPE, em 12 setembro de 1988, e no CONSUNI, em 29 de setembro de 1988.

No mesmo ano de 1989, quando o Mestrado é instalado, atendendo ao conselho da CAPES para que todo o Corpo Docente tivesse grau de Doutor, submeti-me, com dois colegas do Departamento de Literatura, Horácio Dídimo e Celina Garcia, à Seleção para Doutorado em Letras, com área de concentração em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade Federal de Minas Gerais, tendo sido os três aprovados. Atendendo, porém, a solicitação do então Reitor Hélio Leite, continuei na coordenação do Mestrado até julho de 1990, deslocando-me em idas e voltas no percurso Belo Horizonte-Fortaleza-Belo Horizonte. A partir de 1990, recebi bolsa para completar o Curso de Doutorado. Esqueci um detalhe: durante meu primeiro período de Coordenação nada recebi pela Coordenação, pois não havia ainda o cargo no Planejamento e que só deveria ser criado quando fosse aprovado no Legislativo!!! Em 1993, participei, na UFC, de Simpósio Nacional sobre Canudos, desenvolvendo o tema "Vargas Llosa: um *outro* olhar sobre Canudos", relacionado a capítulo de minha tese, aliás, orientada pelo destacado intelectual, Prof. Dr. Wander Melo Miranda. Após a defesa da tese "Vargas Llosa e o romance possível da América Latina" retornei à UFC

e, para minha surpresa, poucos dias depois, fui reeleita Coordenadora do Mestrado, em 1994.

Em 1996, a tese, recomendada para publicação pela banca de doutorado na UFMG, vem à luz, com o mesmo título, pelas Edições UFC, em parceria com a Editora Sette Letras, do Rio, e é lançado no Rio, a convite de Silviano Santiago, depois em Fortaleza, sendo, posteriormente, lançado em 1997, em várias universidades, durante os simpósios realizados em rememoração do final da Guerra de Canudos, em que participei como pesquisadora. À época, o fato de ter cursado Doutorado em Literatura Comparada, e de ser membro da ABRALIC e da AILC (Associação Internacional de Literatura Comparada) contribuiu grandemente para os rumos de minhas pesquisas literárias, sedimentando uma tendência pessoal para os estudos comparativistas e preparando-me para orientações de mestrandos.

> Na segunda etapa da reflexão, em meu discurso de 1989, "A Crise e o Curso", estabeleço relação entre a crise "em seu atual retrato apocalíptico" e o nascimento do Curso como uma atitude combativa de reagir à "situação de extrema dificuldade", por meio de um processo endógeno de encontrar soluções para a universidade e lutar por elas. Conclamo, então, enfática: "Acredito, porém, que em uma atitude devemos estar absolutamente solidários: a da não passividade. Não cruzemos os braços". [...] "Façamos na lição de mestre Paulo Freire, o 'historicamente possível', que poderá ser muito, se nos mover a consciência da necessidade de integrarmo-nos em uma corrente de revisão crítica da realidade educacional brasileira, com vistas a torná-la adequada à formação do aluno como *ser-sujeito*, consciente de seu compromisso social com a construção de uma sociedade mais autônoma e mais justa". (p.5)

Na terceira etapa, "O Curso em curso", apresento os objetivos e as propostas do curso, transcritos a seguir:

> "Bem plantado em experiências passadas, o Curso de Mestrado em Letras, além dos objetivos precípuos de aperfeiçoar a formação de professores para o magistério superior, de formar pesquisadores no campo literário e de contribuir para a melhoria do ensino de literatura em todos os níveis, tem a finalidade de renovar o Curso de Letras, abrindo-lhe novas perspectivas acadêmicas.
>
> A proposta central do Curso é o desenvolvimento dos estudos literários em Língua Portuguesa, privilegiando os estudos ligados à literatura regional, à literatura cearense e à literatura popular, como forma de preservar a literatura produzida na região e de incentivar a pesquisa *in loco*. O Curso salienta a importância dos estudos comparados não só em entre as diversas literaturas de língua portuguesa como entre essas literaturas e as literaturas estrangeiras com as quais mantenham relevantes formas de relações.
>
> O Curso reconhece, também, a relevância que nele podem assumir os estudos comparados na área das literaturas do continente americano, sobretudo no campo específico da Literatura Latino-Americana, para o dimensionamento dos vínculos entre essas literaturas, dentro do contexto atual de aproximação entre os países do continente."
>
> (fecho aspas e lembro que o texto foi escrito em março de 1989 e referia-se, portanto, a dados dessa época)
>
> Ao longo da primeira década do programa, vários colegas que assumiram a coordenação – os professores doutores Luiz Tavares Jr., José Linhares Filho, José Leão de Alencar Oliveira Júnior, Sebastião Teoberto Mourão Landim – e eu mesma enfrentamos o desafio de levar adiante essas

> propostas e esses objetivos, que sofreram ajustes para adaptar-se aos critérios da CAPES e à própria dinâmica evolutiva do Curso. A propósito, relembro aqui um episódio que muito nos entristeceu à época da implantação: o prognóstico sombrio e preconceituoso de um consultor da CAPES que, antes mesmo do funcionamento inicial do Curso, dogmatizou que uma pós-graduação em Letras como a nossa, distante do centro cultural do país, não teria condições de sucesso.

Apesar desse "palpite infeliz", acreditamos que na primeira década de funcionamento do Curso, que acompanhei mais de perto, a injusta e insciente maldição – o segundo adjetivo vem por conta da óbvia constatação de que nossa cidade desde o século XIX é considerada um dos centros culturais do país – esteja desfeita diante das páginas de êxito que, à época, foi-nos possível anunciar. Cumprimos nossos objetivos e propostas iniciais: na formação de professores para o magistério superior, não só do Ceará como de estados vizinhos; na formação de pesquisadores; com relação à abertura de novas perspectivas acadêmicas, no fomento às pesquisas do corpo docente integradas a essas propostas, privilegiando as pesquisas ligadas à literatura regional, à literatura cearense e à literatura popular, assim como os estudos comparados relacionados, especialmente, à relação literatura e história na área dos estudos literários e culturais; e, cumprimos nossos objetivos e propostas iniciais, ainda, na contribuição para a melhoria do ensino de literatura em todos os níveis. (Tenho dados sobre essas afirmações, que ficam à disposição do Programa, se não constarem de seus arquivos)

> O programa procurou alargar suas fronteiras, ainda, ao trazer, para o debate de ideias, professores de outras universidades, como os professores doutores Tânia

Carvalhal, da UFRS, presidente-fundadora da ABRALIC, de muito saudosa memória, Antonio Dimas, da USP, Wander Melo Miranda, Eneida Maria de Sousa, Eliana Scotti Muzzi, da UFMG, Heloísa Costa Milton e Antônio Esteves da UNESP, Lélia Parreira, da PUC-MG, Pedro Lyra, da UFRJ, entre muitos outros das nossas universidades irmãs, nordestinas. Lembrem-se de que falo somente dos primeiros anos do Programa.

Um documento que me ajudou a recordar – trazer de volta ao coração – relembranças do Curso – foi minha fala ao assumir, creio que pela terceira vez, a coordenação, do Mestrado, no ano 2000, de que tomo de empréstimo alguns trechos acima citados e o que vem transcrito logo a seguir: "Delineado em rápidas linhas um quadro da atuação do programa de Pós-Graduação em Letras, desde sua inauguração aos dias de hoje, passo do quadro construído com palavras a uma tela pintada a óleo por nosso ex-aluno Leite Jr, da turma inaugural do mestrado, e por ele doado ao programa. Nessa tela, "Luzia-Homem", personagem do romance homônimo de Domingos Olímpio, imobilizada no tempo, tal como fora vista pelo francês Paul que, impressionado com a força da moça sertaneja, peá em obras públicas de época de seca, anotou em seus alfarrábios: "Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça". Muitas vezes, em alusão ao trabalho hercúleo que a coordenação da implantação do mestrado me exigiu, nas condições precárias de que lhes falei, alguns mestrandos e mestrandas diziam, em tom de brincadeira, apontando para o quadro: 'Olha a Angela carregando o mestrado!'

Brincadeira à parte, sirvo-me da historinha para reafirmar que não está em meus planos carregar sozinha

> o programa sobre minha cabeça, muito ao contrário. É tempo de construir em gesto solidário o que queremos e podemos oferecer à nossa sociedade. Se a expectativa da comunidade universitária de Letras do Ceará concentra-se na criação do doutorado, para o que este programa se sente preparado, estando, porém, a depender de uma justa avaliação das instâncias superiores de regulamentação da pós-graduação e de fomento à pesquisa, só podemos, no entanto, realizar nosso intento com o total apoio dos vários níveis administrativos de nossa instituição universitária, especialmente, da direção do Centro de Humanidades, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, da Vice-Reitoria e da Reitoria e, com a completa adesão de professores, de nossa competente funcionária Simone Timbó e dos alunos que compõem o programa." E, mais adiante, pronuncio palavras premonitórias: "*Alea jacta est*. A depender das condições há pouco relacionadas, esperamos poder anunciar à comunidade de Letras que apure o tamborim, prepare o maracá e o ganzá que o sonhado doutorado vai chegar." E chegou, embora não naquele momento, mas pelo esforço de colegas, alguns e algumas ex-alunos do então Mestrado.

Permito-me, para finalizar este depoimento, alinhar algumas palavras sobre literatura:

Se a literatura tem sido, ao longo de minha vida, desde que me entendo por gente, meu mundo paralelo a este que chamamos de real, como leitora ardente que criava seu mundo ficcional nas nuvens da imaginação. Mais tarde, continuando prazerosamente leitora, ousei, no entanto, construir-me escritora, amadurecendo e completando meus laços com a literatura, ao superar o medo de inscrever meu texto no mundo real.

Mas o meu mundo real, em suas coordenadas de tempo e espaço, sempre o dediquei preferencialmente não à minha carreira de escritora, mas ao ofício de medianeira entre o que os outros escreveram e os leitores-alunos. Parece que, ao me ser dado o nome de Angela, talvez já me tenha sido indicado o caminho de mensageira. Assim, acho que comecei a ensinar literatura quando, criança, lia histórias e as recontava a outras crianças. E continuei essa missão quando, ainda aluna da faculdade, aceitei o desafio de dar aulas nas culturas italiana e francesa e, mesmo, na então novíssima disciplina de Literatura Cearense, ministrada pelo professor e poeta Artur Eduardo Benevides.

Posteriormente, quando, já professora da faculdade, defendi dissertação de Mestrado sobre Ensino de literatura e tese de doutorado em Literatura Comparada, e, ainda, quando escolhi como tema de pós-doutorado na UFMG, "O retrato de Antônio Conselheiro: as mil faces do Beato de Belo Monte", dirigi minha trajetória no rumo de uma visão abrangente da literatura como um fenômeno profundamente entrelaçado a outras expressões artísticas – pintura, escultura, arquitetura, cinema, mídia, entre outros –, e também uma visão mais abrangente de seu estudo que, respeitando as especificidades literárias, procure enriquecer-se no intercâmbio com outras ciências humanas: antropologia, educação, estética, filosofia, história, política, psicologia, psicanálise, sociologia, entre as principais.

Na paideia moderna, em um país como o nosso – que infelizmente já não é o país do futuro, nem do presente –, considero que o ensino de literatura pode cumprir múltiplas funções: primordialmente, a de enriquecer o ser humano no contato com a experiência literária, na especificidade do fazer e do construto literário, mas também a de ajudar o ser humano a encontrar dúvidas e lições sobre si mesmo e sobre o outro e a de conscientizar-se de seu papel como cidadão desta cidade, desta região, desta nação, deste continente e do mundo.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO À NOVA ACADÊMICA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO, NO PALÁCIO DA LUZ, EM 21 DE MARÇO DE 2019

César Barros Leal

Prof. Juarez Leitão, Presidente em exercício da Academia Cearense de Letras, em cujo nome saúdo os demais integrantes da mesa. Senhoras e senhores.

Este é um momento mágico, de significado invulgar, não apenas para Grecianny Carvalho Cordeiro, a intelectual de numerosos títulos, a jurista vocacionada para o estudo das ciências criminais, a romancista entusiasta da mitologia greco-romana, que hoje ascende à imortalidade, senão também para aquele a quem ela atribuiu a tarefa, tão honrosa quanto desafiante, de saudá-la em seu ingresso nesta centenária instituição, que em tempos recentes adquiriu nobreza e majestade, mercê do olhar sensível aos pormenores da estética do refinado bibliófilo Augusto Bezerra, seu ex-Presidente.

A beleza deste ato solene se robustece com a presença da Profa. Noemi Elisa Aderaldo. Sua amizade é seguramente o maior presente que esta Casa, acumpliciada com a vida, me concedeu há vinte e seis anos. A ilustre irmã de sangue virtual e do coração (como assim a qualifiquei no discurso que proferi no centenário do nascimento de Cláudio Martins em abril de 2010), autora de textos eruditos e seminais como *Mar e Sertão*: aproximações entre Fernando Pessoa e Guimarães Rosa", foi incumbida de me apresentar aos colegas acadêmicos, muitos dos quais se ausentaram de nosso convívio no decurso de quase três décadas, deixando cada qual, a par do rastro luminoso de múltiplos talentos, o travo da dor pétrea da saudade,

deste sentimento-ideia, atemporal, que carregamos sob o peso de tantas relembranças, como se Sísifo fôramos em seu suplício eterno.

O destino, que com frequência nos surpreende com suas armadilhas e peripécias, outorgou-me o privilégio de saudar a novel acadêmica, de quem me aproximei muito mais pelo itinerário do direito, na convergência de temas que nos são afins, do que pelo universo sedutor e onírico da literatura, habitado por centenas de prosadores e poetas, em cujos livros mergulhávamos, movidos por nosso interesse compulsivo pelo cânone literário. Foi um conhecimento gradual que nos permitiu, através de nossos diálogos, de nossas incursões conjuntas no território do saber jurídico e literário, identificarmos nexos comuns de perspectivas e conceitos, de ponderações e inquietudes, de escolhas e utopias, bem como nos propiciou e às nossas famílias, na aprazível convivência do cotidiano, a argamassa com que se moldam afetos imperecíveis, aqueles que se sinonimizam com o carinho e o respeito mútuo e que, por sua blindagem às intempéries, por sua resiliência às adversidades, ninguém lograria turvá-los, na dicção única de Miguel de Cervantes Saavedra.

Estava em Porto, Portugal, acompanhando o sufrágio que culminaria em seu triunfo mais exuberante. Aguardava ansioso a hora exata em que a urna seria aberta e se daria início à contagem dos votos. De quando em quando, telefonava para saber o resultado que asseguraria ou não à distinta amiga, naquela tarde/noite, repleta de expectativas e incertezas, transpor os umbrais deste Ateneu como titular da cadeira número 8. Apostava no reconhecimento de seu valor e da qualidade de seus escritos, por parte da maioria dos integrantes desta que é consabidamente a mais antiga arcádia do país. Exultei com o resultado que lhe foi favorável e o celebrei com os decibéis de meu contentamento, transmitindo-lhe uma mensagem singela: Bem-vinda ao grêmio.

Passada a euforia, pus-me a pensar na imensidão do desafio assumido pela Grecianny e na relevância de sua vitória, na esteira da dignidade enaltecida pelos gregos, com os pés no chão de nossa realidade humana, que deve ser a essência do existir sobre a Terra (o criador de "O Tempo de Chuva" e "Tijolo de Barro" nos alertava: "todos nós somos iguais / uns menos outros mais"). Percebi o quanto seu ingresso na ACL representaria para a construção de seus projetos acadêmicos, olhos postos na nova missão que se lhe outorgou, libertadora e transcendente às imperfeições e vicissitudes, exatamente como sugere Platão em Fédon ao versar sobre a imortalidade da alma. Sem esquecer a lição de Montaigne, cujos ensaios lia vorazmente enquanto estudante de Letras na UECE, de que "meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade", esta que é o fundamento do ato de escrever.

Não lhe será preciso acudir aos alquimistas à procura do elixir da vida nem aos adeptos da criogenia na esperança de que os avanços da medicina a façam regressar um dia do vale dos caídos. Às favas a imortalidade quântica e o futurismo da *mind upload*. A imortalidade ela (você) a alcançou valendo-se da estratégia de seus próprios méritos, correspondendo-lhe agora o compromisso de fortalecer sua obra e ampliá-la com sua determinação, seu esforço diuturno e a magnitude de seu talento. Nada mais cristalino e a um só tempo tão instigante. Do francês *Santé* ao *Salut* dos espanhóis separatistas da Catalunha, do *Prost* ou *Ein Prost* dos germânicos ao nipônico *Kampai*, sirvo-me de todos e em seu nome, para um brinde à sua conquista, exaltada por seus parentes e amigos; afinal, compartilhar a alegria do outro é um dos termômetros da verdadeira amizade, duradoura como o bronze, no dizer de Horácio e Ovídio. A outra fórmula de avaliação reside no fato adverso, na desgraça, proclamada por Samaniego, na fábula *Los dos Amigos y el Oso*: Aparta tu amistad de la persona / que si te ve en

el riesgo te abandona. Ou, como diziam os latinos, com a *permissa venia* do Padre Manfredo Ramos, de quem todos somos profundos admiradores: Amicus certus in re incerta cernitur. Se vivo estivera Horácio Dídimo, agregaria no Esperanto, a língua de Zamenhof, que dominava como poucos: Amikojn ni rekonas en malbonaj tempoj (Os amigos os reconhecemos nos maus tempos).

O que dizer, em síntese apertada, da nova imortal da Academia Cearense de Letras? Jornalista, filiada à Associação Cearense de Imprensa, mantém uma coluna semanal no jornal o Estado, da qual sou leitor assíduo. Mestre em Direito pela Unifor e pela UFC, é promotora de justiça desde 1997, com atuação em uma vara criminal. Tem experiência de ensino, como professora da Escola Superior do Ministério Público de nosso estado e integra a Academia Metropolitana de Letras de Fortaleza. Além de duas obras jurídicas, publicou inúmeros artigos em revistas especializadas; três livros de poesias (*Poemas a quatro m*ãos) em parceria com Luiz Gondim, poeta carioca; um opúsculo endereçado ao público juvenil *De covardes e de heróis todos temos um pouco* e quatro romances, o primeiro dos quais lançado em 2012. Um quinto romance *Operação Prometeu*: nos bastidores do tráfico de órgãos", pode ser visto em ebook. A escritora tem divulgado suas publicações no exterior, participando de Feiras do Livro em salões de São Paulo, Frankfurt, Paris, Turim e Genebra.

Venho acompanhando seu caminhar criativo desde quando me debrucei sobre sua produção no âmbito do direito público, a saber: Penas Alternativas: Uma Abordagem Prática e Privatização do Sistema Prisional Brasileiro, os dois livros com o selo da Editora Freitas Bastos. No primeiro emerge a defesa dos meios alternos à privação da liberdade que, embora tenha surgido como um aceno à humanização da pena na ótica foucaultiana, converteu-se, ao longo dos séculos, na flor negra da civilização, na imagem poética de Nathaniel Howthorne.

No segundo, sua dissertação de mestrado na UFC, a autora, conforme fiz ver na orelha da capa, colaciona pontos cruciais do modelo da privatização/terceirização como a vulneração da ética, o exercício inadequado do poder disciplinar e o descompromisso com a reinserção social do condenado, posicionando-se a desfavor desta controvertida experiência, utilizada recorrentemente em diferentes países do mundo, inclusive no Brasil.

Entre seus artigos pincei um dos mais recentes, sob o título "O Princípio de Humanidade e o Tráfico de Pessoas para Fins de Exploração Sexual, publicado em coletânea sob nossa coordenação, em 2017, no qual Grecianny aborda a temática de um de seus romances e o faz com critério e percuciência, asseverando que "as mulheres vítimas do tráfico para fins de exploração sexual, transformadas em meras 'mercadorias', em simples objetos sexuais, coisificadas, destituídas de toda e qualquer dignidade, violentadas física, moral e psicologicamente, submetidas a toda sorte de sofrimento, são subtraídas de todos os direitos inalienáveis do ser humano, enquanto integrante da humanidade, sujeito de inúmeros direitos, garantias e liberdades". Um libelo contra uma modalidade criminosa que, em termos de lucros, só é superada pelo tráfico de drogas e armas, em consonância com dados disponibilizados pela OIT.

Assim como Vinicius de Moraes o fez, em 1945, com Paulo Mendes Campos (De seu "Soneto a Quatro Mãos", que só veio à luz, numa seção de inéditos do *Livro de sonetos*, em 1991, musicado ulteriormente pelo compositor e pianista Francis Himes em "Choro Rasgado", extraio: *Tudo de amor que existe em mim foi dado / Tudo que fala em mim de amor foi dito / Do nada em mim o amor fez o infinito / Que por muito tornou-me escravizado*), Grecianny excursionou pela poesia produzindo igualmente três livros com esse formato. É possível, aliás, localizar um sem-fim de experimentos similares (como *Poesia*

*a quatro m*ãos, de Magno Martins e Estenio Campelo, com prefácio de Ubiratan Aguiar), reunindo amigos, colegas de universidade, mãe e filho, num cosmos de opções que provoca tanto críticas acerbas quanto elogios em profusão. Houve quem dissesse: "Escrever a quatro mãos é dividir a vida... Com quatro mãos as possibilidades são quase infinitas... A quatro mãos também temos a possibilidade quântica de se poder multiplicá-las... É compartilhar as ideias e sentimentos do outro...É dividir... Discordar... Compreender... Dialogar... Pensar a dois." (Site web: Recanto das Letras).

Em *De covardes e de heróis todos temos um pouco*, em sua segunda edição, a autora criou um texto leve, fluido que conta a história de Pedro, vítima de *bullying* constante, praticado por seu colega de escola de nome Cacá, e do sequestro de Giovana, a adolescente filha de um rico empresário. O enredo, bem construído, é um pretexto didático para mostrar que em cada um de nós se abrigam o herói e o covarde, sendo possível recolher "exemplos de solidariedade, de carinho, de respeito, no meio de tantas indelicadezas...", tal como aduz o jornalista Paulo Eduardo Mendes.

Senhoras e senhores. Eis chegado momento de nos debruçar sobre os romances, o núcleo duro da bibliografia de Grecianny Carvalho Cordeiro, no qual esta trafega com enorme desenvoltura. Duas constatações afloram, desde logo, do seu conjunto: de um lado, a exploração de temas atuais, candentes, como a prostituição, o turismo do sexo e o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual (*O Anjo Caído*), a segunda guerra mundial, a saga dos judeus, a imigração e a industrialização americana (*Marcas da Inocência*) e o inédito *Operação Prometeu* (com subtítulo esclarecedor *Nos Bastidores do Tráfico de Órgãos*); do outro lado, o terreno excepcional da mitologia, pela qual ambos somos intensamente apaixonados e onde se situam dois de seus romances: *Troia*: uma viagem no tempo e *Troia*: uma viagem para

o futuro", o primeiro vencedor do prêmio "Romance Revelação" da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 2013.

O desenvolvimento de suas tramas, explorando temas específicos, remete-nos a autores como o britânico Arthur Halley, célebre por seus romances temáticos, entre os quais *O Hospital*, cuja proposta consiste em identificar uma instituição e a partir daí, urdindo uma história ficcional, dissecá-la em sua estrutura e funcionamento. De certo modo é o que fez Grecianny ao submergir no domínio das drogas, do lenocínio ou do mercado de órgãos humanos.

A escolha da mitologia (grega, romana, nórdica etc.) como pano de fundo de obras literárias, onde seres humanos se misturam a deuses, tem sido uma fonte inesgotável de obras excepcionais, algumas levadas às telas do cinema. Em terras de Pedro Bandeira, expoente nesta área, Monteiro Lobato já trabalhava com a mitologia grega, no final da década de 30 e princípios de 40, em obras como *O Pica-pau Amarelo*, *O Minotauro* e *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Eram os personagens do "Mundo da Fábula" habitando o Sítio de Dona Benta ou, inversamente, viajando para a Grécia Antiga, com direito a visitar o Olimpo, consultar o Oráculo de Delfos e até a assistir à luta de Hércules contra a Hidra de Lerna, um de seus doze trabalhos. Outro escritor, entre tantos, que se serve de mitologia, romana e grega, é o norte-americano Rick Riordan, das séries "Percy Jackson & Os Olimpianos", "As Crônicas dos Kane" e 'Heróis do Olimpo". É dele a frase: "Quanto mais vou à mitologia, mais me encontro".

Quisera ter o tempo suficiente para discorrer sobre o mito, sua significância, sua relação com a magia, com a inventividade, além do desejo de segurança e do anseio por criar modelos paradigmáticos para a conduta humana. Quisera lhes falar sobre a importância da mitologia para a literatura (realçada por Mielietinksy em "A Poética do Mito"), sobre a narrativa imaginária ancorada na atemporalidade,

sobre sua presença nos sonhos que nutrem e justificam os mencionados romances de Grecianny, o que nos conduziria às fronteiras tênues ali observáveis entre o pensamento mítico e o pensamento lógico. Mas Cronos me espreita e demanda concisão e brevidade; e, mais, designou neste sentido a deusa do lar Héstia, sua filha com Reia, travestida da minha adorável esposa, a ex-aluna, igualmente promotora de justiça, a cujo comando ministerial me rendo posto que consciente de seu empoderamento.

Senhoras e senhores. É hora de concluir e o faço citando, em homenagem à Grecianny, o filósofo Paul Valéry, membro da Academia Francesa, em sua "Pequena Carta sobre os Mitos": "O que seria de nós sem a ajuda daquilo que não existe? Pouca coisa, e nossos espíritos desocupados desfaleceriam se as fábulas, as abstrações, as crenças, os monstros, as hipóteses e os pretensos problemas metafísicos não preenchessem com seres e imagens sem objetos nossas profundezas e nossas trevas naturais. Os mitos são as almas de nossas ações e de nossos amores..."

Obrigado pela atenção.

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO NA CADEIRA 08 DA ACL

Grecianny Carvalho Cordeiro

Exma. Sra. Presidente da Academia Cearense de Letras, ANGELA GUTIÉRREZ, em nome de quem saúdo todos os componentes da mesa.

José Helder Cordeiro Júnior, esposo e companheiro, em nome de quem saúdo meus filhos Hélder Neto e Enzo, demais familiares, convidados e convidadas.

Senhoras e senhores.

"Gratidão é a memória do coração", na célebre frase de Esopo.

Seria impensável iniciar minha fala sem expressar meu agradecimento àqueles que tornaram possível este momento. Deixo de citá-los para não incorrer em omissões e injustiças. Mas saibam – e vocês sabem! – que seus nomes e gestos estarão gravados permanentemente em meu coração.

Agradeço ao amigo e mestre, Dr. César Barros Leal, pela belíssima saudação feita há pouco, celebrando meu ingresso na Academia Cearense de Letras.

Suas palavras, eloquentes e rebuscadas, revelaram sua imensa generosidade e mestria, deixando-me ainda mais orgulhosa pelo fato de ter sido sua aluna. E continuo sendo seguidora de seus conselhos.

"Ao mestre cabe falar e ensinar, ao discípulo calar e ouvir", na lição de São Bento de Núrcia.

Mais da metade de meu nome, GRECIANNY, traz consigo a Grécia e, quem sabe, talvez daí venha minha intensa paixão pela mitologia.

Para esta noite apoteótica, recorri à mitologia grega e nela encontrei o simbolismo capaz de expressar minha imensa emoção.

Apolo. O deus das profecias, da música, do canto, da lira, das artes, o condutor das Musas; apesar de sua extrema beleza, nunca teve sorte no amor. Muitos foram seus amores não correspondidos, a exemplo da princesa troiana Cassandra.

Certa feita, Apolo provocou Cupido, quando este fazia uso de suas flechas. Em represália, Cupido tirou duas flechas de sua aljava: uma delas, de ouro, atraía o amor; a outra, de chumbo, o repelia.

A flecha de chumbo, Cupido a disparou contra a bela ninfa Dafne, filha do deus-rio Peneu, que adorava correr livremente pelos bosques de loureiros.

A flecha de ouro, Cupido a desferiu contra o coração de Apolo, que ficou perdido de amor por Dafne.

Apolo passou a cercar a amada, primeiro, tentando persuadi-la a aceitá-lo como consorte. Em vão. Diante disso, mudou de estratagema: decidiu persegui-la pelos bosques e tomá-la à força.

Sabendo que não conseguiria escapar das garras do deus que tanto lhe causava repulsa, Dafne implorou a seu pai, Peneu, que a livrasse de Apolo, sendo tragada pela terra ou mudasse sua forma.

Peneu, atendendo às súplicas da filha, antes que ela pudesse ser alcançada por Apolo, transformou-a em um loureiro.

Apesar do amor frustrado, Apolo resolveu converter o loureiro em sua árvore preferida. Suas folhas o deus usaria como coroa e enfeitaria sua lira e sua aljava.

O loureiro é uma árvore que se mantém sempre verde e suas folhas nunca envelhecem; por isso, o louro passou a ser o símbolo da imortalidade.

Na Grécia Antiga, os vencedores dos Jogos Olímpicos eram premiados com uma coroa de louros, o símbolo dos vitoriosos.

Na Roma Antiga, quando um general vencia uma batalha, um pergaminho era enviado ao Senado romano, envolto em folhas de louro. E quando os conquistadores regressavam à Roma, à frente dos cortejos triunfais, em suas frontes era depositada uma coroa ornada com ditas folhas.

Eis o que representa este símbolo que aqui se encontra, nesse galante salão, à vista de todos: uma coroa de louros.

A imortalidade.

A vitória.

Para cada novel Acadêmico que ingressa na ACL, é como se uma coroa de louros fosse colocada em sua fronte, representando a vitória e a imortalidade alcançadas.

Nos versos do poeta Horácio Dídimo, meu ilustre antecessor, em *Exercícios de Admiração*:

Mitologia
É partitura
Silenciosa

Há um sentido
Entretecido
Em cada história.

A Academia de Platão foi fundada aproximadamente em 387 a.C., em Atenas, nos jardins em honra ao herói Akademus, ao lado de um templo dedicado às Musas, que imobilizavam tudo e a todos com seu canto: o céu, o mar, as estrelas, até mesmo os deuses do Olimpo, sentados em seus tronos de ouro, bebendo néctar e comendo ambrosia.

Oficialmente, a Academia de Platão se destinava ao culto às Musas, uma maneira encontrada pelo filósofo de promover o estudo da filosofia sem despertar a atenção do Estado Ateniense. Lembremos que, havia alguns anos, seu mestre Sócrates fora condenado por ser ateu e corromper a juventude com sua filosofia.

A Academia de Platão seria a fonte de inspiração para as academias de um modo geral e para as universidades.

Na época da Renascença, quando houve um resgate da cultura greco-romana, notadamente nas artes, na filosofia e na ciência, a Academia adquiriu o significado de agremiação literária.

A Academia Francesa, fundada pelo Cardeal Richelieu, em 1635, seria o modelo adotado por muitas arcádias literárias.

A Academia Cearense de Letras, fundada em 15 de agosto de 1894, portanto, a mais antiga do país, inspirou-se na Academia de Ciências de Lisboa.

Domingos olímpio. O patrono da Cadeira nº 8 da ACL

Domingos Olímpio Braga Cavalcanti nasceu em Sobral, em 1850. Era republicano e abolicionista convicto. Formado em Direito no Recife, foi promotor público em nosso estado, uma referência que enseja o registro de meu orgulho por fazer parte de uma instituição pela qual tenho o mais profundo respeito: o Ministério Público do Estado do Ceará.

Domingos Olímpio se mudou para o Pará e o Rio de Janeiro, onde se dedicou à advocacia e ao jornalismo. Foi também diplomata em Washington.

Escreveu para diversos periódicos, além de romances e peças teatrais. Sua obra mais renomada foi *Luzia-Homem*, em 1903, um

clássico da literatura brasileira, transformado em filme por Cacá Diegues, na década de 80.

A Cadeira nº 8 da ACL teve ilustres ocupantes:

FERNANDES TÁVORA. Médico. Jornalista. Orador. Político. Fundador do jornal *A Tribuna*.

ADERBAL SALES. Médico. Professor. Deputado Estadual. Secretário de Estado. Poeta. Prosador. Conferencista. Escreveu vários livros, no campo das Letras e da Medicina.

Por último, meu antecessor: Horácio Dídimo

Horácio Dídimo Pereira Barbosa Vieira nasceu em Fortaleza, em 23.03.1935 e faleceu em 03.09.2018.

Bacharel em Direito. Também licenciado em letras, tendo sido mestre e doutor em literatura. Professor de literatura brasileira e literatura infantil da UFC.

Poeta. Ficcionista. Ensaísta. Autor de livros infantis.

Dentre suas publicações (mais de 50 livros) destacamos: *Tempo de Chuva*; *Tijolo de Barro*; *O Passarinho Carrancudo*; *A Palavra e a Palavra*; *A Nave de Prata*; *Ficções Lobatianas*; *A Estrela Azul e o Almofariz*; e *A Nave de Rubi*.

Membro da Academia Cearense da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Hagiologia, da Associação Brasileira de Bibliófilos e sócio honorário da Academia Fortalezense de Letras.

Passou a integrar a ACL em 08.05.1987.

Não tive o prazer de conhecer o professor Horácio Dídimo, mas o que sei acerca dele me enche de júbilo e, ao mesmo tempo, inunda minha alma de uma enorme responsabilidade: a de sucedê-lo na cadeira nº 8.

Nada mais prudente, portanto, do que falar sobre Horácio Dídimo por meio daqueles que o conheceram de perto, seus amigos de academia.

Em seu belo texto intitulado **"Acerca de Horácio"**, a professora Noemi Elisa Aderaldo nos fala sobre sua poesia e também sobre o homem-poeta:

> Horácio não se distingue por rompantes nem por singulares e rebuscados atavios de genialidade. Sua genialidade, ao contrário, repousa na mesmidade da sua simplicidade. Esta, talvez, sua qualidade fundamental, congeminada, por isso mesmo, com a inevitável originalidade da mesma, já que o simples e o genial quase nunca estão juntos na literatura. Poderíamos, entretanto, constatar e afirmar, paradoxalmente talvez, que a genialidade horaciana repousa na sua inquestionável simplicidade, a partir, inclusive, da extremamente reduzida extensão dos seus versos e dos seus poemas.

No poema **Despedida ao Poeta Horácio Dídimo**, de autoria do acadêmico Linhares Filho, o príncipe dos poetas, seguem os versos:

Fica teu alto exemplo de virtude
e a afinação dos versos que poliste.
Fica a falta de ti, um golpe rude,
fazendo-nos sofrer hora tão triste.

Horácio Dídimo, um homem simples, humilde, bom, devoto, encantador, poeta brilhante, apaixonado pela literatura infantil, deixou saudades, mas com certeza ocupa um lugar especial no Plano Superior.

Tive o cuidado de providenciar que suas obras ficassem expostas no salão ao lado, para que os senhores e as senhoras possam testemunhar a riqueza de sua literatura.

Existe também um Memorial, neste Palácio, que resgata a história da ACL e a memória de seus Acadêmicos, dentre os quais o poeta Horácio Dídimo; este pode e deve ser visitado, porque o hoje e o amanhã não podem existir sem o ontem. E o ontem nunca pode ser esquecido.

No discurso proferido quando da inauguração do Memorial da ACL, o acadêmico José Augusto Bezerra recorda os ensinamentos do grande orador ateniense Péricles:

> O grande tribuno nos ensina que foram os antepassados que construíram a glória das entidades presentes e que nunca será suficiente o tempo que tomarmos para reverenciá-los, pois foram tais sonhadores, por seus trabalhos e desvelos, que nos deram a geografia, a história, os costumes, a liberdade, as lendas, as tradições e os motivos para celebrar as suas passagens por entre nós.

Senhoras e senhores,

Amigas e amigos,

Cabe a mim a difícil tarefa de respeitar e reverenciar meus antecessores, em especial o poeta Horácio Dídimo, dando continuidade aos sonhos que alimentaram seu espírito poético e sua alma bondosa.

Garanto-lhes sem qualquer temor ou acanhamento: sonhos não me faltam.

Aliás,

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo"

Agora mesmo estou a realizar um deles: o de ingressar na honrosa Academia Cearense de Letras e, com grande alegria, compartilhar com cada um de vocês este instante tão especial e único, que carregarei em minha memória "até a última sílaba do registro" de meu tempo, parafraseando Shakespeare.

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo".

Por meio da literatura que produzo, sou imbuída do desejo de fazer com que cada leitor possa sonhar também, reacendendo a chama da esperança, que jamais poderá ser apagada; afinal, a esperança foi a única coisa que restou guardada no fundo da Caixa de Pandora.

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo"

E neles acredito. Nunca deixarei de fazê-lo.

Este instante será eterno.

Tomo emprestadas as palavras do poeta de Itabira: "Eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo. Mas com tamanha intensidade, que se petrifica e nenhuma força o resgata".

Muito obrigada.

O BRILHO DO ACADÊMICO MURILO MARTINS

Mauro Benevides

Desde ontem, os círculos culturais do Ceará principiaram a homenagear o médico e escritor **José Murilo de Carvalho Martins**, que, alçado à Academia Cearense de Letras, ali, foi guindado à Presidência e permanece como uma de nossas figuras estelares, pelo seu talento fulgurante e cultura polimorfa, herdeiro do grande e laureado professor **Antônio Martins Filho**, fundador da Universidade Federal Ceará, com quem convivi de perto, como seu aluno na Cadeira de Direito Comercial e estagiário em seu movimentado escritório de Advocacia, no Palácio do Comércio, situado defronte ao Palácio Senador Alencar, antiga sede da Assembleia Legislativa, da qual fiz parte, anos depois, numa das mais agitadas fases de nossa vida político-institucional.

Já em 1992, como senador e presidindo o Congresso Nacional, vi-me sufragado para a **Cadeira 39** da ACL, cabendo a **Murilo Martins** me saudar, em nome do centenário Sodalício, numa oração primorosa, assistida por diversas autoridades, à frente o então Governador **Ciro Gomes** e mais 22 senadores, entre os quais, o ex-presidente **José Sarney**, num gesto cativante, além de **Marcos Vilaça**, na época, dirigente máximo do Tribunal de Contas da União. Ao longo do comovente discurso de Murilo, a memória nos conduziu ao antigo Colégio Cearense do Sagrado Coração, a que pertencemos, no Curso Cientifico, tendo-nos como conselheiro o **Irmão Urbano Gonzalez**, responsável pela formação intelectual de algumas gerações de alencarinos, naquela moderna instituição dirigida por Irmãos Maristas.

Enquanto Murilo abraçara a Medicina, doutorando-se por Universidade americana, foi na nossa Faculdade de Ciências Médicas que se destacou, por sua lúcida e fascinante atuação, sem prejuízo

de suas atividades intelectuais, como apreciado escritor e acadêmico consagrado de nossa Arcádia, na qual já pontificavam o incomparável **Reitor Martins Filho** e o seu tio **Cláudio Martins**, este presidindo o nosso Silogeu, exatamente na solenidade em que fui recepcionado naquele 1992. Em publicações de minha lavra, editadas pelo Congresso Nacional e uma delas pela imprensa Universitária, em ambas se acham inseridos temas culturais, inclusive o pronunciamento realizado no **SESQUICENTENÁRIO DE JOSÉ DE ALENCAR**, por designação do acadêmico da ABL e senador **Luiz Viana Filho**, um dos mais elogiados biógrafos do cearense ilustre, numa deferência que me comoveu, até na ultrapassagem do tempo, destinado, regimentalmente, a cada orador. Todos estes fatos são do conhecimento de **MURILO DE CARVALHO MARTINS**, para quem já relembrei, também, outras ocorrências, num compartilhamento de emoções sinceras, que ora valem para o merecido tributo ao seu próximo nonagésimo natalício – data a ser festejada por sua família, seus alunos e nossa Academia, com o seu endosso fraternal e autêntico, lastreado por vera aclamação do seu reluzente talento.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO AO NOVO ACADÊMICO DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, TALES DE SÁ CAVALCANTE, NO PALÁCIO DA LUZ, EM 15 DE ABRIL DE 2019

José Augusto Bezerra

Prezados membros da mesa diretora de trabalhos já nominados, demais autoridades e convidados, os quais saúdo na figura da nossa Presidente, Angela Gutiérrez, bisneta do primeiro Presidente dessa entidade, Tomás Pompeu de Souza Brasil. Ela e sua família representam uma parte da glória cultural do Ceará.

Senhoras e senhores:

Selecionar apenas quarenta pessoas, como tem a Academia Cearense de Letras, numa cidade de três milhões de habitantes, é tão difícil como escolher algumas estrelas, dentre as mais belas do firmamento, para formar uma constelação.

Mas assim tem ocorrido no Palácio da Luz, com grande sucesso, através do tempo, e hoje é mais uma dessas noites mágicas em que uma nova estrela sucede uma outra querida, que adormeceu, pois a nossa ACL, a primeira constelação das letras que surgiu nos céus do Brasil, deve continuar, com o brilho e o fulgor que a tem guiado pelos séculos.

O caminho para adentrar a ACL não é simples, pelo contrário, é longo e competitivo. Alguns dos viandantes que chegam ao topo da trilha carregam as cicatrizes da caminhada, mas isso aumenta a sua luz, na imortalidade. Dizem que o termo imortal é justamente porque estrelas morrem, mas suas luzes não, são eternas. Muitas estrelas há milhões de anos já não existem fisicamente, mas suas luzes nos chegam, sempre, como se nada tivesse acontecido. Passarão por entre nós e continuarão em frente, pelo infinito, milênios de milênios após o último homem ter deixado de existir.

Também devo contar-lhes um segredo. Os que aqui chegaram não se prepararam, como muitos pensam, para aqui chegar. Eles é que foram planejados pelo destino, que a uns deu a vocação para a poesia, a outros, para o romance, e assim sucessivamente, para o Conto, a Crônica, o Teatro, a Crítica, a Educação, a Bibliofilia, o Professorado e tudo o mais, que na sua essência contenha a palavra, pois uma Constelação de Letras, será tão mais sedutora quanto mais originais e loucas forem as explosões de suas cores, luzes e criações. Lindos shows pirotécnicos feitos com centelhas das almas e dos sonhos de cada um dos seus membros.

Se fôssemos mencionar de forma poética a caminhada do novo Acadêmico que hoje aqui chega, começaríamos por lembrar que, após ter sido batizado com outro nome, seu pai arrependeu-se, voltou ao cartório e mudou o nome do filho para Tales. Talvez tenha lembrado de Tales de Mileto, o primeiro filósofo que existiu, um dos sete sábios da antiguidade, matemático e homem de negócios, também. Por toda a vida do Tales pairou no ar a pergunta sobre se haveria nisso alguma premonição. A resposta para essa pergunta eu também gostaria de ter, mas continuará um mistério!

O mais provável, porém, é que o destino tenha, nesse teatro da vida, começado a escrever a peça sobre a escolha do Tales para a ACL, 15 anos antes do seu nascimento, quando em 1935 surgiu em Fortaleza, fundado pelo professor Adualdo Batista, um Colégio chamada Farias Brito, o primeiro filósofo do Brasil, que foi cearense. O colégio nasceu predestinado, pois hoje entre seus alunos fundadores, podemos destacar Mauro Benevides, Presidente do Senado e do Congresso Nacional, em 1991-1993, e Alberto da Costa e Silva, atual membro da Academia Brasileira de Letras. Em 1941, Ari de Sá Cavalcante, pai do nosso novo Acadêmico, ingressou na administração do Colégio Farias Brito. Em 1967, com o seu falecimento, o Colégio

passa a ser dirigido por sua esposa Hildete de Sá Cavalcante e o professor João Cesar, que havendo se afastado em 1973, foi sucedido pelos filhos de Ari, os quais, juntamente com a mãe Hildete, fundaram a Organização Educacional Farias Brito. Dos seus pais, Tales herdou o amor pela cultura; da família, a parceria para trabalhar por essa missão, e do seu tio, Hermenegildo de Sá Cavalcante, o amor pelos livros.

As revoluções ocorridas entre 1935, quando o Colégio começou e hoje, 2019, são extremas. Lembraríamos algumas: a Segunda Guerra Mundial, que transformou o mundo para sempre; o papel da mulher moderna, que redesenhou a humanidade contemporânea; a chegada da inteligência artificial em que, pela primeira vez, robôs com emoções irão desafiar a supremacia da inteligência humana; finalmente, a conquista do espaço exterior, que já nos levou à lua, nos permitiu criar uma estação espacial permanente e nos levará a outros mundos. Tudo mudou tão rápido, que se um filho dos fundadores caísse entre nós, pensaria que haveria chegado a outro planeta. Não saberia o que é um celular, um computador, uma bomba atômica, uma xerox, um GPS, o Google, um CD ou uma simples calculadora de bolso. Tudo isso e muito mais surgiu nesses 84 anos do FB.

Mas, se o tempo na vida de todos nós está passando freneticamente, nas constelações, segue a Teoria da Relatividade de Einstein, e flui mais devagar, sem pressa. Assim, nesses 84 anos de literatura, convivemos, placidamente, com imortais extraordinários na Academia Cearense de Letras. Mencionemos apenas alguns, sem ordem cronológica, que se foram há pouco, e dos quais ainda quase podemos ouvir o soar das suas vozes: Moreira Campos, Manuelito Eduardo, Natércia Campos, Artur Eduardo Benevides, Barros Pinho, José Teles, Francisco Carvalho, Horácio Dídimo e a inesquecível estrela que cintila em outra dimensão e que hoje faria aniversário, se aqui estivesse, Genuíno Sales.

Mas, como dissemos, é sempre o destino que está nos escolhendo e para Tales de Sá Cavalcante, fez algo raro, pois sendo ele um professor de matemática, de física e um homem de negócios, em tudo assemelhado ao primeiro filósofo Tales, deu-lhe, o destino, não se sabe por que, a mesma paixão de Sócrates, que era a de ensinar a juventude.

Concedeu-lhe genialidade e passou-lhe às mãos, como matéria-prima, os espíritos de jovens, pois sua missão seria construir uma fábrica de talentos.

Seguindo obstinadamente seu chamado, transformou o relativamente modesto FB inicial num fenômeno nacional e ele próprio tem sido requisitado para importantes conselhos da educação brasileira. Vejamos, por questão de tempo, apenas alguns:

Membro do Conselho Fiscal da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior; Membro do Projeto Devir, em São Paulo; Representante do Estado do Ceará na Fundação Getúlio Vargas; Produtor de material didático e Orientador Pedagógico para escolas de todo o Brasil; Conselheiro representante das instituições privadas de Ensino Superior no Conselho Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Ceará; Coordenador Regional da Rede PEA UNESCO (Programa de Escolas Associadas da Organização das Nações Unidas, para a Educação, a Ciência e a Cultura); e, agora, Reitor do Centro Universitário Farias Brito (FB UNI).

Sua dedicação levou-o a participar, na última década, de quase todos os mais importantes Seminários e Congressos Brasileiros sobre o tema Educação e de quase todos os encontros da UNESCO, feitos, ano após ano, em cada estado do Brasil, sendo alguns no exterior, como no Jornadas Patrimoniales: Encuentro de Escuelas Associadas de La UNESCO, em Santiago, no Chile; também participou de centenas de palestras, debates e discursos, tendo recebido muitos reconhecimentos e comendas, do Estado, do Município e de Instituições privadas,

sendo tido como um importante mecenas pelo apoio dado a outras Instituições culturais do Ceará.

Dentre as conferências, relevamos a proferida para a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior, sobre o tema: "Experiências de Sucesso no Ensino Médio: As Aprovações do Farias Brito no ITA" – Brasília – 2012; Dos textos produzidos destacamos uns poucos dos publicados nos Jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo*: Tecnologia e Humanismo, 1997; Patrão Global, 2003; O Príncipe, 2008; Nice Day, 2009; Aplauso ao Talento, 2016; Questões de Prioridade, 2018; Sobre Falar e Escrever, 2019. Observe-se que ainda encontrou tempo para escrever três livros, dentro do tema gestão educacional*: A Fala e a Pena* – 2013; *Um Casal, uma Escola, uma História* (em parceria com suas irmãs, Hilda Sá Cavalcante Prisco e Dayse de Sá Cavalcante, nas comemorações do centenário de nascimento de seus pais, Ari e Hildete de Sá Cavalcante) – 2018; e, finalmente, *Ipsis litteris, ipsis verbis* – 2019.

Mas, o Farias Brito é a obra da vida de Tales de Sá Cavalcante. É com ela que está pagando, todos os dias, o seu tributo ao destino. Vejamos um pequeno resumo das criações do FB nos últimos quinze anos: o importante Teatro Nadir Saboya; o Instituto FB, para desenvolver o social, educacional, esportivo, cultural-artístico e o meio ambiente da nossa sociedade; a mais importante biblioteca Proustiana do Brasil; o FB Ideias, que desde 2017, passou a sediar o Microsoft Innovation Center Fortaleza, um dos três centros de Inovação da Microsoft no Brasil; O Farias Brito foi uma das cinco escolas (sendo 3 de São Paulo e uma do RJ) a representar o Brasil na 21ª Conferência do clima, em Paris, nos 70 anos da UNESCO; tornou-se, em 2017/2018, a primeira escola a conquistar, simultaneamente: o 1º lugar geral e o 1º lugar do Brasil no IME (categoria reserva); O 1º lugar do Brasil no ENEM (ENEM completo e provas objetivas); e o 1º lugar do

Brasil no ITA (vagas ordinárias e vagas privativas) e 1º lugar geral. Em 2018/2019, também além Ceará, consegue o primeiro lugar geral na UNICAMP-SP, consolida posições anteriores, atinge a exuberante marca de 1.227 aprovações no ITA/IME, desde 1993, e seus alunos participantes de delegações Olímpicas, fora do Brasil, chegam ao 51º país, no exterior.

O destino lhe deixara saber que ao criar uma fábrica de talentos, iria fabricar também novos destinos. Imaginem os que iriam trabalhar no Ceará e por um passe de mágica se formam no ITA, mudando o seu próprio futuro. E os que ficam no Ceará e passam nos primeiros lugares dos mais disputados vestibulares e também vão moldar, por seus próprios méritos, uma nova história.

Mas será apenas por seus próprios méritos? E os investimentos mencionados, que estão por trás de tudo? E os métodos inovadores que são criados para os alunos, permanentemente? E a transformação de suas personalidades, buriladas para vencer? E esses jovens que já andaram por mais de 50 países e que nunca mais serão os mesmos? E os investimentos em professores apaixonados pelo que fazem e que estão mudando o destino dos outros e os deles também? E as dedicadas equipes de apoio, solícitas e sorridentes, sempre em busca de soluções?

Sabemos que nada acontece por acaso, pois como dizia Napoleão, a tropa é um reflexo do comando, e Tales descobriu que para fazer uma fábrica de talentos, teria que fazer todos acreditarem neles mesmos, do porteiro aos alunos e ao Diretor Geral. Teria de ser, antes de tudo, um prodigioso semeador de sonhos.

Ocorre que cada jovem desses tem amigos e terão filhos. Irão influenciar outros e semearão novos sonhos, no Ceará, no Brasil e no exterior. Talvez poucos, como nos diz a Bíblia, lembrem de voltar e agradecer, mas isso pouco importa quando estamos fazendo a nossa parte na parceria com o destino.

Senhoras e senhores, esse é o homem que o destino preparou para a Academia Cearense de Letras ter novamente o seu quadro de quarenta membros completo e a sua constelação brilhando de forma plena. Alguém eleito por unanimidade e que, para além de professor, traz na sua bagagem de semeador de sonhos a esperança de que um ou alguns membros do futuro dessa nossa Academia, já estejam, hoje, sendo lapidados na sua fábrica de talentos.

Prezado confrade, Tales de Sá Cavalcante, a Academia Cearense de Letras é uma constelação com 40 estrelas que têm sentimentos e, portanto, são transparentes. Como dissemos no início, através de uma, pode-se admirar o mundo da poesia, de outra, o do romance e assim por diante, mas, todas, todas, são, igualmente, importantes. Através da tua estrela, por exemplo, poderá ser visto o caminho de Sócrates e o que fazes por nossa juventude. É uma grande responsabilidade!

Os Acadêmicos e os convidados aqui presentes homenageiam essas tuas virtudes. Abrem passagem para a tua luz, e te aplaudem com entusiasmo, pois estão certos de que saberás honrar o destino que te preparou, e que, neste momento, se ajoelha aos teus pés e te oferece a imortalidade!

Boa sorte!

DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO TALES MONTANO DE SÁ CAVALCANTE, NA CADEIRA 09 DA ACL

Tales Montano de Sá Cavalcante

Nobres acadêmicos,

Autoridades aqui presentes,

Dona Gladis, esposa, e demais familiares de Genuino Sales, meu nobre antecessor,

Senhoras e senhores,

Boa noite.

Assim como há pessoas ditas de sete instrumentos, existem aquelas de inúmeros atributos, intelectuais inclusive. Um desses raros homens é José Augusto Bezerra, e minha admiração por ele se dá porque tudo o que faz, faz bem feito, exceto em relação às palavras a mim dirigidas. Nesse momento, o exagero do amigo suplantou o seu perfeccionismo. Agradeço, portanto, ao confrade pela citada generosidade.

O notável Vinicius de Moraes poetizou *O dia da criação* ao enfatizar a afirmação: "Porque hoje é sábado." E, entre outros versos, romantizou:

"Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade
Neste momento todos os bares estão repletos de homens vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente

Todas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado."

Inspirado no diplomata que rejeitou negociar com países para jogar com as letras, o sucessor da Cadeira Nove, a lembrar o antecessor, diz com prazer:

"Porque hoje é quinze de abril.

Hoje também é o dia do presente.

O dia é quinze de abril.

Porque hoje é aniversário do professor Genuino."

Neste mesmo dia, no ano de mil novecentos e trinta e oito, nascia um garoto merecedor do nome **Genuino**. Poderia ter recebido o nome de **puro, amoroso, competente, digno, íntegro, verdadeiro** ou **valente**, uma vez que todos seriam adjetivos adequados àquele que, ao radicar-se no Ceará, fez-se advogado, professor, pai querido, marido amado, amigo leal, um dos maiores educadores da história do Ceará e conquistou a imortalidade, no conceito tão bem definido pelo também imortal Pádua Lopes em seu brilhante discurso de posse, quando revelou: "Somos imortais não porque possuímos a imortalidade, senão porque participamos de um sistema que fecunda outros seres semelhantes numa cadeia interminável."

A imortalidade de Genuino Sales foi por mim testemunhada, até que o educando aprendesse a conhecer, fazer, conviver e ser, conforme preconiza a UNESCO. Neste Sodalício, o mestre ocupava a Cadeira de número Nove, cujo patrono é Fausto Barreto, nascido em dezenove de dezembro de mil oitocentos e cinquenta e dois, na freguesia de São João dos Inhamuns, e falecido em vinte e nove de agosto de mil novecentos e quinze.

Iniciou seus estudos no Ateneu Cearense e no Seminário de Fortaleza e os concluiu no Rio de Janeiro.

Deixou o curso de Medicina, já bastante adiantado, para se dedicar ao magistério, a princípio como professor livre de Francês, Português, Latim e Inglês. Depois, foi aprovado em concurso para professor de Português do Colégio Pedro Segundo.

Foi deputado geral pelo Ceará, presidente do Rio Grande do Norte e um dos redatores da *Tribuna*, órgão liberal na Capital do Império.

Mestre da Filologia no Brasil, publicou: *Arcaísmos e Neologismos da Língua*, *Temas e Raízes*, *Seleção Literária* e *Antologia Nacional.*

A Cadeira patroneada por Fausto Barreto foi ocupada pelos notáveis Carlos Câmara, Fernandes Távora, Alencar Matos, João Clímaco Bezerra e, ultimamente, por Genuino Sales, a quem sucedo e sobre quem assim dissertei em artigo publicado no jornal *O Povo.*

Genuino eterno

A Fazenda Tamboril do Sales, em Pedro Segundo, no sertão do Piauí, testemunhou o nascimento de uma estrela. Surgia Genuino Sales. Tanto amava suas origens que, a pilheriar, escolheu para seu e-mail particular a expressão genumatuto@bol.com.br.

'Lá aprendi a soletrar o mundo para leitura da vida', escreveu Genuino. Ele leu e escreveu a vida. E na vida. Foi o mestre de todos da Organização Educacional Farias Brito. Tornou-se imortal por diversas Academias, algumas no seu Piauí, outras no seu Ceará, como a Fortalezense de Letras, a Cearense de Língua Portuguesa e a Academia Cearense de Letras, onde conviveu com a alta intelectualidade cearense.

Vi meu grande amigo e conselheiro de todas as horas, Genuino Sales, erguer, entre nós, Catedrais de Sonhos.

Disse o mestre: 'Volto a sentar-me nas pedras ancestrais de meu terreiro; e me ponho a fitar a estrada longínqua por onde andei e que agora, encurtada, me aponta certezas das coisas inatingíveis. Vivo esperanças multiplicadas pela ousadia de meus sonhos e me assusto diante da eternidade das pedras (…) transformadas em cátedras (…)'

Genuino se fez pedra e se fez cátedra. Formou-se em Direito e em Letras, foi nomeado juiz, mas renunciou à magistratura, pois ensinar aos outros era o que o fazia feliz. Genuino foi um semeador de letras. Fez de onde ele estivesse o Espaço da Palavra. Amava os livros e fez-se o símbolo maior para quem abraça o magistério.

O mais eloquente exemplo de como se enfrentam as agruras da vida veio ao considerar-se um 'parkinsoniano lépido'. Sua existência foi inspiradora. Cunhou frases lapidares como: 'Uma coisa é o que eu faço, outra coisa é o que nós fazemos', 'Ando sem equilíbrio, mas não sou desequilibrado', 'A velhice é uma graça muito sem graça'.

Perdemos o contato físico com Genuino, mas ficam suas lições. Conquistou a eternidade das pedras. Viveu assim. Viveu bonito. Do sertão do Piauí a Fortaleza. Da sala de aula ao infinito."

A mesma sincronia entre sucessor e predecessor, ora observada, não se deu na admissão do economista Roberto Campos, incentivado por Rachel de Queiroz a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Este era tão à direita que alguns o chamavam de Bob Fields. Já o seu antecessor, Dias Gomes, era símbolo da esquerda. Assim se expressou Campos em seu discurso de posse:

Convite triste

Agora que conheço bem a obra de Dias Gomes, lamento não tê-lo conhecido em pessoa. Minha paisagem humana e cultural ficou com isto muito mais pobre. Se o encontrasse, seduzi-lo-ia para um

encontro de fim de tarde, recitando-lhe o 'Convite triste', de Carlos Drummond de Andrade.

'Meu amigo, vamos sofrer,
vamos beber, vamos ler jornal,
vamos dizer que a vida é ruim,
meu amigo, vamos sofrer.

Vamos fazer um poema
ou qualquer outra besteira…
Vamos, beber uísque, vamos…'

Eu lhe prometeria que não seria uísque nacional e que falaríamos mal do Governo, qualquer Governo. Pois, como dizia Milton Campos, 'falar mal do Governo é uma coisa tão gostosa que não pode ser privilégio da oposição'.

Certo estou que ao fim de algumas rodadas, talvez na curva do conhaque, estaríamos do mesmo lado da cerca, concordando com as seguintes premissas:

– Todas as revoluções passam e, como nos alertou Franz Kafka, 'só fica o lodo de uma nova burocracia';

– Só há uma coisa errada com a palavra revolução. É a letra R;

– Há gente demais levantando muros e gente de menos construindo pontes.

Que pena, não ter tido um 'papo cabeça' com Dias Gomes. Que pena, meu Deus…"

A parafrasear Roberto Campos, posso dizer: Que pena não ter mais o Genuino ao meu lado. Era o homem ideal para ser consultado, quando uma adversidade surgia no processo educativo.

Que pena não poder mais estacionar, numa noite de muitas estrelas, na Rua Manuel Jesuíno, em frente à casa da mais reluzente das estrelas, para, diante de um problema a resolver, perguntar-lhe mais uma vez: "Genuino, o que tu achas?" E, vezes várias, o diálogo se dava no restaurante bem perto. Certa vez, a sorrir, Genuino mencionou o comentário do garçom após minha saída: "Se esse homem do carro bonito veio à procura de seus conselhos, é porque o senhor é mais rico do que ele." E realmente era, pois possuía, em elevado grau, a maior de todas as riquezas: a sabedoria.

O primeiro estímulo para minha dedicação maior às letras veio por meio de um questionamento do padre Osvaldo Chaves, professor, poeta e patrimônio cultural de Sobral. Ao analisar texto de minha autoria a ser inserido em livro do professor Carlos Dias, declarou ao autor da obra: "Que pena. Por que ele perde tanto tempo com essas coisas empresariais? Deveria escrever mais."

Quando, em casa, estou na biblioteca e me vejo na agradável companhia de Machado, Alencar, Shakespeare e tantos outros talentos, conflito-me se padre Osvaldo não estará certo. Talvez esteja.

Outro incentivo veio do imortal Ednilo Gomes Soarez, amigo por afinidade e concorrente no meio educacional por coincidência. Por muito tempo, ele me aconselhou a seguir sua trajetória de imortal. A julgar-me em dúvida se das Ciências Exatas, das Humanas ou das duas, sempre reagi. Confesso que mais simples foi a aceitabilidade do estímulo de Victor Frota, para a Academia Cearense de Engenharia, de Acelino Pontes, para a Academia Cearense de Matemática, de Lêda Maria e José Luís Lira, para a Academia Cearense de Cultura, e também de Roberto Ribeiro, para a Academia Cearense de Retórica.

Em confraternização da Associação de Bibliófilos, Ednilo, ao meu ouvido, discorreu sobre seus novos planos. Além de Fortaleza, iria morar também em Lisboa. A seguir a tese de padre Osvaldo,

tenderia a ser mais sócio que diretor e se dedicaria com mais afinco à leitura e à escrita. Na nova vida, sairia da Academia Fortalezense de Letras e não aceitaria outro confrade a ocupar sua Cadeira senão o amigo Tales. Após pedido da adorável então presidente, Fernanda Quinderé, aceitei o desafio e me candidatei.

Depois da eleição e posse na Academia Fortalezense de Letras, hoje brilhantemente conduzida por Seridião Montenegro, apareceram oportunidades na Academia Cearense de Letras, mas declinei por algum tempo.

Surgiu, então, o xeque-mate em três lances.

Primeiramente, o honroso convite do acadêmico José Augusto Bezerra para a minha candidatura à Casa de Tomás Pompeu. Os argumentos do maior bibliófilo do Brasil me convenceram, em especial quando lembrou a profunda amizade entre sucessor e antecessor. De fato, Genuino, além de excelente amigo, era às vezes conselheiro, às vezes aconselhado, às vezes pai, às vezes filho, e sempre companheiro. E, ademais, se José Augusto apresentou a sugestão, certamente esta seria adequada à Academia por ele tão amada.

Depois, chegou a mim o dito de um partícipe desta Confraria, o notável professor, escritor e contador de histórias Juarez Leitão. Sob emoção, o mestre narrou confidência de Genuino ao comunicar-lhe que, após sua ida à outra dimensão, gostaria que sua Cadeira nesta Casa fosse por mim ocupada. E, como Juarez, Regina Fiúza, minha grande amiga desde os tempos de Colégio Batista e Diretora Administrativa deste Sodalício, informou ter ouvido de Genuino a mesma intenção.

E, ao ler o livro *Academia Cearense de Letras – história e acadêmicos*, do eminente médico e Presidente de Honra deste Colegiado, Murilo Martins, observei que esta Instituição foi fundada com o objetivo de, entre outros, "promover os exames das doutrinas ou questões literárias

e científicas da atualidade", propósito em sintonia com o meu perfil de educador.

Convencido pelos argumentos, decidi seguir o exemplo do empresário e jornalista Roberto Marinho, imortal pela Academia Brasileira de Letras, quando revelou que, desde jovem, convivia com os mais experientes, pois com eles muito aprendia. Igualmente, sinto-me honrado por estar neste ambiente de sábios, pois, nesse convívio, poderei assimilar parte de sua sabedoria.

Agradeço a acolhida dos acadêmicos que gentilmente me recebem. Muito aprendi com Genuino Sales e, aqui, continuarei o meu aprendizado.

Manifesto a satisfação de iniciar-me na Casa de Tomás Pompeu justamente quando quem a preside é sua bisneta, que, por sua vez, é a primeira mulher a liderar a casa de seu bisavô. Nossa presidente, sem dúvida, muito ainda contribuirá para a cultura cearense, uma vez que, em qualquer eventual contratempo, terá sempre três excelentes médicos ao seu dispor: Oswaldo Gutiérrez, seu marido, Oswaldo Filho, seu primogênito, e Paulo Mota, seu irmão, todos meus fraternos amigos. Refiro-me à professora Angela Gutiérrez, líder moderna, no estilo apresentado no livro *Liderança Shakti*, de autoria dos indianos Nilima Bhatum e Raj Sisodia. No compêndio, a coautora, com a minha admiração, sugere uma liderança a possuir características associadas ao feminino, como cuidado, adaptabilidade, intuição, cooperação, criatividade e empatia. E o coautor, também em sincronia com minhas ideias, incentiva o capitalismo consciente, no qual o empresário tem um propósito maior que o lucro.

Muito agradeço à minha querida mulher, Jaqueline. Vinda dos pampas, de *tchê* em *tchê*, a guria de terras tão prósperas acabou por me aceitar como companheiro *trilegal*. Depois de uma boa conversa com seu chimarrão, passou a amar este nordestino teimoso, que vive

a lutar para que os cearenses, depois de bem-educados, possam elevar o Ceará ao nível dos estados mais desenvolvidos.

Obrigado às filhas, Liz, Ana e Hildete, às netas, Luciana, Maria Clara e Ana Carolina, e ao genro, Luciano, pela compreensão em relação ao tempo extraído da família em razão do labor, agora acrescido pela minha disposição de contribuir, no que for possível, para a evolução cultural cearense promovida por este Sodalício.

Sou grato também a todos os que compõem a Organização Educacional Farias Brito, em especial às minhas estimadas irmãs, Hilda e Dayse, que, em minha companhia, dão continuidade à missão de nossa mãe, Hildete, e nosso pai, Ari de Sá Cavalcante. Durante a recente solenidade de posse do diretor de cinema Cacá Diegues na Academia Brasileira de Letras, seu presidente, Marco Lucchesi, declarou: "O cineasta escreve com a luz." Minhas irmãs e eu temos o privilégio de liderar pessoas que dão luz aos nossos alunos.

Por fim, minha gratidão a todos os presentes. E despeço-me a esperar que esta Casa continue a ser um farol a iluminar a cultura de nosso Ceará, Terra da Luz, terra da mais antiga Academia de Letras do Brasil, terra de Dragão do Mar, de Tomás Pompeu, de Rachel de Queiroz, de Raimundo de Farias Brito, terra de Artur Eduardo Benevides e de tantos outros ilustres cearenses, os aqui nascidos e os de coração, como Genuino Francisco de Sales.

Muito obrigado.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA DO III ENCONTRO DE ESTUDOS CLARICEANOS, "COMO UMA FLOR(A) É FEITA", PRONUNCIADA PELA PROFª DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ, NO AUDITÓRIO JOSÉ ALBANO, DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, EM 28 DE MAIO DE 2019

De Flor a Flora: a feitura de um mundo de ficção

"...Como uma Flor(a) é feita". Tão delicada como a imagem da flor, a que Clarice alude para revelar o aparente mistério do processo de escrever, mostrou-se também a generosa e engenhosa ideia dos organizadores do III Encontro de Estudos Clariceanos de ampliar a palavra Flor, com um *a* entre parênteses(a) e, assim, incluir, com destaque, minha despretensiosa Flora no amplo espectro da literatura brasileira que a obra de Clarice Lispector iluminou no século XX e continua a iluminar no século XXI. No arco-íris que a luz de Clarice cria ao dispersar-se no nosso prisma de cristal literário, cabemos todos que ousamos escrever depois de Clarice e, mesmo os que vieram antes – seus precursores no sentido borgiano.

A gentileza na escolha do título desse Encontro prolongou-se em visita com que me alegraram os organizadores, Rafaela e Wesclei, no Palácio da Luz, [sede da Academia Cearense de Letras, meu principal espaço de atuação neste e no próximo ano], e, ainda, na narrativa dessa visita, incluída por Rafaela, no site do Encontro. Transcrevo algumas palavras do simpático texto:

"Como estudantes, mas sobretudo como leitores, nos sentimos privilegiados porque foi possível que explicássemos a razão de nosso tema para 2019, "Como uma Flor(a) é feita". Trata-se de passagem retirada de "Submissão ao processo", crônica de Clarice Lispector, e,

ao mesmo tempo, de uma referência a um dos livros da Profa. Angela, do qual tanto gostamos: *O mundo de Flora* (1990).

Pensar a feitura de uma "Flor(a)" é pensar nos procedimentos possíveis da criação ficcional e poética e, por extensão, nas forças que alimentam, cotidianamente, nossas vidas. A simplicidade complexa de uma flor pode ser a temporalidade complexa de Flora, assim como pode ser (e gostaríamos que fosse) motivo continuado para seguirmos alimentando a curiosidade que nos leva ao texto literário."

Aceitando, honrada, a missão que me foi confiada, a de contar a feitura de Flora e seu mundo, dou-me, porém, o direito de imaginar algo, só para sonhar um pouquinho: o retorno no tempo que nos permitiria agora ouvir a própria Clarice, no esplendor da idade com que partiu, quando completaria 57 anos, entremostrando, nesta semana literária dedicada à obra genial que nos legou, seu extraordinário jeito de dispor pétala por pétala na criação da flor de sua literatura...

O processo de escrever é difícil? perguntaria Clarice, como escreveu em sua pequena crônica já citada, *mas é como chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita".*

No desejo de recuperar o modo "natural" da feitura do romance *O mundo de Flora*, os momentos em que comecei a criar minha Flor, Flora... e ainda falando em flor, lembro uns versos talvez cansados, mas sempre belos:

"Et Rose, elle a vécu ce que vivent les roses,

L'espace d'un matin."

Apesar de saber que esses versos de Malherbe são vítimas de inúmeras citações, desde sua criação no final do século XVI até esse exato momento em que lhes falo, vindo a transformarem-se em uma expressão equivalente a "algo belo ou bom, mas que dura pouco tempo",

lembro-os, porque, nos meus verdíssimos anos, impressionei-me ao ouvi-los pronunciados por meu pai. Pedi que os escrevesse em um pedacinho de papel que ainda guardo na caixinha de memórias de joias da minha infância, junto a outro papelzinho com as palavras avis rara, para usar, como os aneizinhos e pulseirinhas, em dias de festa. E os repito porque tocaram também o coração de Flora e estão transcritos no conjunto de fragmentos, *bouquet* de lembranças do eterno menino – poemas, telegramas, cartas, certidão de nascimento, canções, diálogos –, no romance *O mundo de Flora.* E, além disso, me pergunto: não estariam presentes na própria concepção do livro, no mesmo sentido como se intitula um fragmento: flor para murchar? No episódio, a voz narrativa pensa com Flora: "Catedrais sólidas, maciças, bem plantadas, foram feitas para resistir ao tempo. E ela, Flor, para murchar?"

Hoje estou plena de lembranças. Para manter cuidadosamente a inocência proposta por Clarice em "Submissão ao Processo", necessária a captar o momento em que o nada revela-se e faz-se literatura, procurei meu primeiro texto sobre *O mundo de Flora*, escrito a pedido do queridíssimo amigo e colega Horácio Dídimo, para ser pronunciado em um Seminário de Literatura Infantil, na sede da Academia Cearense de Letras, que, até então, eu nunca frequentara e ainda não era no Palácio da Luz.

À época do convite, Horácio já conhecia meu romance, pois lera seus originais e lhe dedicara um poema afetuoso. Pois bem, hesitei em aceitar o convite, porque me encontrava na nebulosa qualidade de escritora inédita: falaria sobre uma personagem que os ouvintes não conheciam, de um livro que não leram e tão cedo não poderiam ler, livro que, ainda mais, não se enquadrava no gênero literatura infantil. Uma situação, no mínimo, inusitada. No entanto, um liame havia com o Seminário: falaria da Flor-menina. E Sânzio de Azevedo escrevera um texto, também depois da leitura dos originais do

romance, em que assinalava: "O mais impressionante de seu romance, como já lhe disse, é o milagre de 'le temps retrouvé': acho que você poderia escrever estórias infantis, porque cresceu sem perder o clima da infância. Não se trata apenas de memória: você não se lembra apenas. Revive a infância, com a ausência das metáforas (ah, as letras das canções!), a repetição de coisas, ou melhor, a antevisão das coisas (o "déjà vu"), o caderno Avante, o "vialejo", e até a tristeza diante das alegrias coletivas... Você quando criança não escreveria como escreveu mas a impressão que eu tinha ao ler certos trechos era a de que quem estava escrevendo (ou falando) era uma Angela menina..." Assim, sentindo-me autorizada com a chancela de Sânzio, o maior conhecedor de Literatura Cearense do mundo, mas com o coração aos saltos e a cópia impressa da conferência "A criação da personagem: *O mundo de Flora*" na mão, ah, e também, uma cópia datilografada do romance!!!!!

Nessa versão do romance inédito já não constava uma advertência, que considero pertinente resgatar agora para antecipar-me a uma pergunta que me persegue desde o próprio dia do lançamento da primeira edição do livro, em 1990: Flora é Angela?

Monsieur Flaubert diz: Olalá
Madame Bovary...c'est moi.
Devo contar a quem me lê
Se sou a Flora que você vê?
Não sou Flô, posso parecer.
Sou a Flora que não se quer ver.
Sou mais, sou menos, entrevê?
Onde a verdade, sei dizer,
Se Cristo não quis responder?

Só o poeta finge saber

O dilema de ser não ser. (Posteriormente publicado, com alterações; na coletânea de poemas *Canção da Menina*.)

À época em que escrevi *O mundo de Flora*, era jovem professora do Curso de Letras da UFC, ministrava disciplinas de Literatura Brasileira, entre outras, já fizera cursos de aperfeiçoamento e especialização e acabara de cumprir mestrado em Educação, na UFC, com dissertação sobre "O Caráter Reprodutor do Ensino de Literatura Brasileira nos Cursos de Letras". Casada desde muito jovem com o médico Oswaldo Gutiérrez, meu primeiro e único amor, já havíamos gerado nossos quatro filhos, o primeiro, meu eterno bebê, viveu pouco mais que uma rosa, o espaço de doze manhãs, e Oswaldo Filho, Daniel e Angela Laís (hoje já me deram, no total, três netos e cinco netas amadíssimos) Muito ligada a meus pais, marido e filhos, vivia para eles e para a Universidade. Como sempre, lia muito; por dever de ofício e pelo prazer de ler.

Uma noite, mais uma entre tantas noites insones de minha vida, eu estava doente – uma síndrome reumática que, felizmente, entrou em remissão – e imaginei: e se fosse uma doença fatal e eu morresse tão jovem... A ideia da morte me reavivou a memória da vida. Levantei-me, sem acordar meu marido, e fui escrever em um caderno, sentada no chão do closet. Na mesma noite, escrevi o começo, o meio e o fim da narrativa, ainda fiz um roteiro do livro, demarcando personagens e acontecimentos. Em mais algumas noites de insônia, escrevi mais episódios e, depois, como o romance é realmente desmontável, cada vez que me vinha a cabeça uma cena ou palavra, um sabor ou um cheiro, uma madeleine proustiana, eu escrevia em qualquer papel o novo fragmento e o guardava junto ao caderno em uma gaveta de minha sala de estudos. Depois, veio o trabalho de carpintaria ou

de costura para dar um seguimento à narrativa, esse, sim, em fim de tarde, exigindo tesoura e cola, não aqueles pequenos desenhos que clicamos na tela do computador, mas tesoura e cola em bastão "de mesmo", como dizem as crianças. Para facilitar meu trabalho de costura dos textos, identifiquei os textos narrados em primeira pessoa pela Flora, os da memória familiar e histórica, em terceira pessoa, os diálogos dramáticos, os causos contados por outras personagens, as cartas, os jogos de palavras, as canções, os poemas, os trechos de diário, enfim, os vários materiais narrativos e dei títulos aos retalhos, colocando-os à margem dos fragmentos narrativos, conservando-os na edição do livro, porque me pareceram instigantes para o leitor. De início, escrevi o romance com dados de memória e imaginação, depois, remexendo papéis velhos, encontrei documentos, cartas e cartões que integrei à narrativa. Espero, de coração, que os leitores concordem com Sânzio de Azevedo quando diz que "a complexidade da estrutura não prejudica o fluir da narração" em meu romance de estreia.

Durante o processo de criação do romance, e mesmo depois, a ninguém falei do que escrevera. Como sempre lera livros bem escolhidos, em criança, sob orientação de meu pai, Luciano Mota, meu guia nas bibliotecas da vida, e, mais tarde, por conta própria, construí paradigmas de alta literatura e sabia que nunca escreveria como os autores de minha predileção – Machado, Rosa, Flaubert, Cervantes, Shakespeare, nosso Ariano e tantos outros. Deixei, então, que meus rascunhos originais dormissem por algum tempo.

Mas, se eu quiser mesmo encontrar os motivos mais remotos e mais relevantes que me levaram a escrever meu primeiro romance, esses estão na menina que ouvia histórias. Nasci e vivi minha primeira infância na casa de meu bisavô, que era um verdadeiro museu da belle époque fortalezense, mantida tal como Thomaz Pompeu a vira

pela última vez, ao morrer subitamente, em 1929. Em quase toda família existe um contador de histórias, um narrador-testemunha que pode dizer como em "I-Juca Pirama": "Meninos, eu vi". Na minha família, meu avô materno, o médico Dr. César Rossas, era um grande "causeur", figura inspiradora do avô de Flora: "Meu avô, sempre bem disposto e bem vestido, contava histórias, umas tristes e quase todas engraçadas, e nos dava lições de etiqueta". Além de meu avô, minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, contava histórias infantis, rememorava os episódios de vida da família, histórias antigas de bisavôs e tataravôs, de parentes e de habitantes de Fortaleza do seu tempo de criança.

Até nos últimos dias de sua vida, há dois anos, em 2017, quando completou cem anos de vida, ainda me contava estórias de nossa família, especialmente de seu avô, Thomaz Pompeu, a quem amava intensamente e que morrera quando ela era menina de 12 anos; de seus pais, sua tia Alba, que aliás, me inspirou a tia Branca. Heroína preferida de Flor, Branca é protagonista de *Luzes de Paris e o fogo de Canudos,* romance que pode ser lido autonomamente ou como uma continuação *d'O mundo de Flora*, para trás, ou seja, para o tempo em que Branca, tia-avó de Flor, nasce, em 1877, cresce, e, moça, vai fazer sua educação europeia, que coincide com o tempo em que sua irmã de leite, Morena, segue para o arraial de Belo Monte, a Jerusalém de Antônio Conselheiro, e aí vive a cruel guerra de Canudos.

Entre outros contadores de história da minha família, habitantes de minha saudade, estão também, minha tia, Maria Rossas Freire, narradora de fino humor, entremeando suas histórias com chistes em francês, que falava fluentemente, além de italiano e inglês; ressalto meu pai, que narrava fatos sobre a história da cidade e contava que criança nascida em uma casa defronte ao Passeio Público, considerava que essa praça era simplesmente o quintal de suas brincadeiras infantis.

No tempo em que sua família vivera na General Sampaio, próximo ao Theatro José de Alencar, aí comparecia, aos nove, dez anos, para assistir a ensaios de peças. Assim, desde criança, vivi em ambiente de memória de amor à cidade, a seu passado, a suas peculiaridades e logo cedo, comecei a ler crônicas, contos, romances ambientados em Fortaleza, que encontrava à minha espera na biblioteca de meu pai.

Embora Fortaleza só venha mencionada nominalmente uma vez n'*O Mundo de Flora* (quando a menina diz que não pronunciaria Furtaleza, como o avô), a cidade é mais do que cenário do romance – é personagem. É a única personagem presente em toda a narrativa. Desde o século XIX, no tempo em que o jovem padre Romeu atravessa "o centro da cidade, passando todas as tardes, diante da casa de uma porta e duas janelas, onde morava Carolina"; à época em que a pequena açoriana desce do brigue em que atravessara os mares, e é "recebida pela intensa luz do sol"; ao momento em que o filho do Senador, Dr. Romeu, sem apressar, sem arrefecer os passos, enfrenta longa fila de alunos da Escola Militar que lhe preparara vaia por ter escrito um artigo sobre o transcurso da data de nascimento de Dom Pedro II, então já falecido; aos inícios de século XX, quando na afrancesada sociedade, gentis demoiselles recebiam delicados 'bilhetes postaes' de cavalheiros admiradores; aos anos trinta, dos namoros de janela, dos grêmios estudantis, aos anos quarenta, das coca-colas; aos anos cinquenta, dos colégios de freiras, da construção de Brasília; aos anos sessenta, do homem da vassoura e da ditadura militar "que veio para ficar"; aos anos setenta do bico calado nas universidades; aos anos oitenta, da nova Catedral, enfim, ao tempo da Fortaleza que só sobrevive na memória: a derrubada da Velha Sé, a batida da Coluna da Hora, as estripulias dos rabos-de-burro, a feiúra da Catedral inacabada... Artur Eduardo Benevides dizia que *O mundo de Flora* busca reconstruir a fisionomia espiritual da sociedade de Fortaleza,

do tempo do Segundo Império à década de 1980. Apesar de todos os problemas que nossa capital há muitos anos enfrenta, continuo a amá-la e a acreditar que poderemos transformá-la em uma cidade mais justa e igualitária, em que Fortaleza não rime com vileza.

Além de ouvir histórias, a menina Angela, depois de completar seis anos, também lia todos os dias, em todo lugar... No sítio de Mondubim, o mundo do Picapau Amarelo era lido e vivido sob as mangueiras e nas longas noites sem sono. Era Narizinho, era Pedrinho, era, de preferência, a espevitada Emília, tudo a depender das aventuras e do humor do dia. Às vezes, a cena mudava, e no castelo do conde de Dorincourt, era a pequena lady Fauntleroy (Frances Hodgson Burnett).

A menina ia ao colégio, mas achava que o melhor da vida eram as férias. Aí podia abraçar o livro que o pai, antes de sair para o trabalho, deixava em suas mãos, e ler, reler, inventar até que a Estrela d'Alva surgisse no céu e o pai no portão... Inventava aventuras de capa e espada. Era D'Artagnan, em correrias a cavalo com os amigos mosqueteiros para impedir as tramas de Richelieu. Conhecia Paris como a palma da mão: ao lado de Esmeralda, vivia no ventre da Igreja de Notre Dame (Victor Hugo); com os mosqueteiros do rei percorria tavernas e castelos, com Buridan, de Zévaco, caminhava destemida pelo Pátio dos Milagres. Madame de Ségur tentava, inutilmente, juntá-la às suas meninas exemplares. Primeira menina corsária, lutava ao lado dos destemidos homens do mar de Rafael Sabatini. Michel Zevaco lhe ensinou os terríveis meandros que levam à Ponte dos Suspiros, na Veneza dominada pelas intrigas do Cardeal Bembo. Com Dickens, era Oliver Twist, sofrendo os rigores da vida de órfão na severa Inglaterra vitoriana. Com *Ivanhoé*, de Scott, participava de liças medievais. Heroína de Jules Verne, penetrava sem medo em regiões ignotas: o fundo do mar, o centro da terra, ilhas perdidas, terras geladas, a lua. Na

América do Norte, Mark Twain a levava Mississipi acima, Mississipi abaixo, acompanhando as danações de Tom Sawyer. As primeiras lágrimas de leitora vieram por causa de um livro velho, de páginas desgastadas, *Coração* de Edmondo D'Amicis. Escondia-se para chorar à vontade pelos sofridos meninos italianos. De noite, mudava-lhes a sorte, e eles, agradecidos, vinham-lhe fazer companhia.

Em visita aos avós paternos, escutava versos de Bilac, Raimundo Correia, Casimiro de Abreu, que a avó Bela sabia de cor. Alguns eram musicados e cantava com a avó: Ai, que saudades que tenho/da aurora da minha vida... O pai colecionava discos de poesia. Os jograis de São Paulo enchiam o silêncio das noites de Mondubim, com os versos de Ascenso Ferreira: Mestre Carlos, rei dos mestres, aprendeu sem se ensinar... ele reina nas águas, ele reina no mar..., Drummond lia, com voz embargada: Minha mãe, dizei depressa, que vestido é esse vestido?... Bandeira se entusiasmava: Vou-me embora prá Pasárgada/ lá sou amigo do rei...

Mudança outra vez: casa nova, ainda que alugada. E, agora, o pai já vinha para o almoço. Ia chegando e perguntando: já leu *A morgadinha dos canaviais (*Julio Diniz*)*, que deixei em sua cômoda? *Uma família inglesa*? *Amor de salvação*? *Amor de perdição*? (Camilo) Portugal deixava, aos poucos, de ser apenas a terra dos colonizadores que exploravam o Brasil. A Guida resgatava antigas mágoas da menina contra a metrópole dos velhos tempos coloniais. E, um dia, o pai lhe deu para ler um romance de Alencar. Todos os romances de Alencar, em suas capas verdes com uma palmeira na lombada (Livraria J. Olympio), passaram pelas mãos ávidas da menina. Sua mente povoava-se de cavalheiros e damas da corte, seu quarto abrigava a rua do Ouvidor, por onde passeavam gentis senhorinhas, os pezinhos escondidos em botinas de pelica e seda. Muitas vezes, agitavam-lhe os sonhos, as lutas heroicas do índio guarani, a melancolia do sertanejo Arnaldo, a

tristeza de Iracema à espera do guerreiro branco para entregar-lhe o filho Moacir..., as cavalgadas do gaúcho pela amplidão dos pampas, ... E logo a seguir, o pai entregou-lhe os primeiros romances de Machado: *Ressurreição*, *A Mão e a Luva*, *Helena*, *Iaiá Garcia*... uns brotos de dúvidas restavam das leituras... se, talvez, Helena tivesse dito, se, talvez... eis que, em meio à névoa cinza, divisava a Londres de Conan Doyle: Sherlock Holmes, seu cachimbo, seu amigo – Elementar, meu caro Watson ! –, e sua fabulosa imaginação. Guerra e paz... A graciosa Natacha não deveria ter continuado fiel à memória de André? Lia Maupassant e Anatole France em francês... isto é, mais adivinhava do que propriamente lia. *Boule de suif*... pobre Irma usando o corpo para salvar os que a desprezavam. Muito mais tarde, a reconheceria na Geni, de Chico Buarque! (lembrar o Prêmio Camões)...Le jongleur de Notre Dame caprichava em malabarismos diante do altar da Virgem...

Um a um, ia conhecendo os mistérios que se encerravam nos livros da biblioteca do pai. Mundos a descobrir... acompanhava Ray Bradbury em poéticas viagens a misteriosas galáxias. Descobriu o Brasil, o sertão que nunca vira: Rachel, Graciliano, José Lins do Rego – as dores do Carlinhos... Sonhava com a Bahia cheia de graça de Jorge Amado. Com Rodrigo Cambará, de Érico Veríssimo, enfrentava valorosamente as guerras do sul. E pouco depois, o grande espanto: o universo abissal de Machado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, este o livro mais impressionante que já lera na vida, a descoberta de um mundo inquietante, sem heroísmo, sem uma linha a separar o Bem e o Mal... e não sossegou até chegar a *Memorial de Aires*... De Machado a Eça, de Eça a Dostoiévski – ai, a dolorida alma russa a expiar culpas universais! –, de Dostoiévski a Baudelaire, de Baudelaire a Kafka, de Kafka a Camus, de Camus a Sartre, o mundo se esfacelava, as certezas se dissolviam...Uma vez, o pai, com ar de mistério, um brilho diferente no olhar, entregou-lhe um livro

volumoso, que a mocinha sempre via em suas mãos, na mesinha de cabeceira, no bureau, nas redes da varanda, na mesa de jantar: *Grande sertão: veredas*. Folheava-o, às vezes, mas nunca começara a lê-lo. Conhecia algumas passagens que o pai contava, e as que ele recitava de cor... Na primeira vez em que leu *Grande sertão*, saltava parágrafos inteiros de descrições de passarinhos, de paus de toda sorte, de florezinhas... depois, já não queria nem podia despegar-se do livro. Era Diadorim, a donzela-guerreira, que sempre sonhara ser!

Enquanto a mocinha lia, juntando às próprias perplexidades as dores existenciais das personagens de Clarice, a vida corria. Até que um dia, a ordem era silenciar. A mocinha lia *L'éducation européenne*, de Romain Gary, e pensava romanticamente numa nova versão da resistência francesa, enquanto os porões gemiam.

Ao escrever *O mundo de Flora*, como disse, confrontava-me com uma doença, que não era grave, mas, muitas vezes, a enfermidade é irmã caçula da morte. Mesmo tão jovem, temia que a morte já me aguardasse. Aliás, eu já a encontrara no rostinho doce e inocente de meu filho-anjinho. No romance, deleguei a uma personagem a expectativa do encontro com a morte. Confesso que sofri com isso, tanto ao relembrar meu para sempre bebê, como ao criar as condições para a possível morte da personagem que, de certa forma, me representava. Tanto que abri, na narrativa, a possibilidade de uma morte apenas ficcional, como historinha contada para el-rei.

Mas afinal, que história é essa da Flora? Poderão perguntar como as meninas de "O Caso do Vestido", de Carlos Drummond de Andrade, perguntaram à sua mãe: Nossa mãe, o que é aquele vestido/ naquele prego?

Pois vou tirar do prego a história de Flora e temo decepcioná-los: É simplesmente a história de uma mulher de trinta e três anos – Flora – que, ao olhar-se no espelho, retorna ao mundo da sua infância, de

sua juventude, revive seus medos, suas brincadeiras, seus pensamentos, seus sonhos, sua vida, até o instante em que a voz narrativa diz: "O espelho devolveu-lhe a imagem da mulher destemida que a menina sonhou ser um dia".

O próprio título do romance – *O mundo de Flora* – já chama a atenção para o fato de que Flora e seu mundo estão indissoluvelmente ligados. Flora vê seu mundo porque o rememora e se vê no mundo que rememora. A estrutura do livro é, assim, determinada por este fato: Flora diante do espelho e no espelho de papel retoma a sua infância, ao final, retorna à mesma cena, numa estrutura circular.

O primeiro mundo de Flor, aquele onde abriu os olhos e ao qual regressa no início de sua viagem no espelho é o casarão. Lá, convive com vivos, mas, sobretudo, com mortos, e aprende o medo que não mais esquecerá. Tem os primeiros e decisivos contatos com a ideia da morte. Mas nem tudo era tristeza na vida de Florzinha: episódios alegres e tristes se alternam. Importa lembrar para a compreensão da protagonista que os episódios não são todos narrados em 1ª pessoa por Flora. Ao contrário, são vários os focos narrativos: Flora escrevendo em 1ª pessoa (narradora protagonista); um narrador em 3ª pessoa (poderia ser a onisciência seletiva, da classificação de Norman Friedman – quando fica vendo com e por dentro de Flor, utilizando o discurso indireto livre); a irrupção de um narrador personagem secundário, podendo contar fatos alheios à trama e às personagens ou fatos que envolvem as personagens; diálogos em modo dramático, quais sejam os diálogos sem interferência do narrador; ainda elementos vários, como cartas, telegramas, canções, ditos e chistes que entram "puros" na narrativa, de alguma forma, narrando pelo fato de aparecerem.

O segundo mundo é Matosinhos, que começa com o fragmento "mudança". A vida, em Matosinhos é mais alegre. Flor brinca com uma amiga, ouve as histórias engraçadas do avô. Convive em harmonia

com a natureza, come sapoti maduro, manga, seriguela colhidos por ela mesma no próprio pé de fruta. Sob a sombra da mangueira, ela lê e sonha, inventa outros mundos. Ouve, à noite, o pai cantando canções antigas, acompanhado de seu violão. Mas, continua a sofrer o medo: de calango, da morte. Nas idas à escola, enxerga de passagem, pelo vidro da janela do carro do pai, um outro mundo. A maior ressonância do mundo de fora chega a seu mundo com a notícia de um acontecimento que abala o país – a morte de Getúlio.

O terceiro mundo de Flora é o da cidade, para onde retorna. Casa Nova, novos amigos, novo colégio. Colégio de freiras, com retiro e 1ª comunhão. Chega a adolescência, vem o amor - o casamento, uma grande dor – a perda do filho.

Eu, Angela, era muito jovem quando perdi meu "pequeño quechua", nascido prematuro, mas até hoje sua lembrança me dói. Recordar sua morte, revivê-la mesmo, para doá-la à Flora, foi tão difícil que optei por contá-la através de textos em estado quase puro – poemas, trechos de cartas, telegramas, diálogos emprestados do mundo real. Embora tenha sofrido ao remexer em sentimentos guardados em íntimos recônditos da memória, de alguma forma, compartilhá-los com leitores e leitoras, ajudou-me a acreditar que, assim, meu eterno menino não morre completamente porque ainda vive na memória de quem entra no mundo de Flora. Como disse Moreira Campos: "Como esquecer 'os cabelos verdes de meu filho'? Doeu-me fino na alma".

Aos trinta e três anos, a mulher, diante do espelho, busca os sonhos perdidos da infância, que serão confrontados à sua realidade de adulta. O tempo, no romance da Flora, pode parecer, de início, meio terremótico, como disse, um dia, Moreira Campos. Salta da história da Florzinha, narradora, para a de Flora Morena, sua mãe, para a de Dona Flora, sua bisavó..., mas há um fio condutor de tudo:

a narradora em primeira pessoa. O tempo da narradora se inicia nas primeiras linhas do romance, quando Flora diz que são três horas da tarde e que Diego chegará às nove, e ela dispõe, portanto, de seis horas. Para narrar sua vida, vê-se logo. Esse fio perpassa toda a narrativa: Flora escrevendo suas memórias de vida. Paralelamente, uma voz em terceira pessoa – a memória familiar e histórica – vai narrando episódios da vida de Flora e de outras Floras e Brancas e Níveas da família, do pai, do avô, do bisavô, do trisavô, do país, da cidade. Todos esses episódios e mais os outros materiais narrativos já mencionados, ao construírem o mundo de Flora, fornecem ao leitor pistas para entender as atitudes da protagonista. Ao final, depois de montar o livro nessa direção, por que não oferecer outros caminhos à leitura, mostrando que literatura não é vida de mesmo, mas vida de papel? Organizei, ao final do romance, diferentes índices que ficam à disposição dos leitores e leitoras.

Na verdade, o livro foi criado em dois momentos principais: o primeiro, do impulso, e mesmo da urgência, em espantar o medo, quase como catarse, e o segundo, da consciente construção literária, no manejo dos diversos mosaicos, colocando-os em alternância de tempos, narrador (primeira e terceira pessoas), tom (cômico, trágico, tragicômico...), outros materiais de escrita (cartas, artigos de jornal, páginas de diário, documentos, pequenas narrativas orais…). Enquanto o organizava, percebi, claro, que o livro fugiria ao padrão da narrativa linear.

Mas um livro nem sempre é somente o que foi escrito. Muitas vezes a capa e tantos outros elementos paratextuais complementam o que foi dito. Quando já havia escrito o romance, mas ainda não o publicara, fui a uma exposição do Estrigas (que em 2019, neste ano, completaria 100 anos, que serão comemorados!), castelão do reino de Mondubim, do velho Mondubim onde vivi parte de minha

infância no sítio de meus avós, separado do sítio de Estrigas pelos trilhos da linha férrea, mas extremamente ligados pela amizade entre as famílias que habitavam os dois sítios. Na exposição, que se dera na Livraria Tukano, deparei-me nada mais nada menos do que com o retrato de Flor; na realidade, uma cabeça de moça imaginada pelo artista que nem conhecia o livro, ainda inédito. De tal forma, essa cabeça interpreta a Flor, que foi usada para ilustrar a primeira e a segunda edições d'*O mundo de Flora*. Depois do alumbramento inicial diante da imagem de Flora, ao contar ao amigo Nilo Firmeza, Estrigas, o inesperado encontro com minha personagem, ele pediu para ler os originais do romance e presenteou-me com as expressivas ilustrações internas da primeira edição: a estante do avô encimada por uma caveira, a figura de Miss Colbert, a mocinha lendo sob a mangueira, Flor mirando-se no espelho de cabo de marfim (aliás, o escritor Carlos Augusto Viana relembra que o espelho é um dos símbolos mais presentes no romance de Flora: "Mergulhar nele é ir em busca do nunca mais, do que se perdeu para sempre"). A segunda edição, de 2007, em razão do padrão editorial da Coleção Literatura para Vestibular CCV/UFC, só contém a ilustração de capa, aliás, a pedido meu porque não posso imaginar esse romance sem a Flora de Estrigas na capa!

Um livro se completa quando chega ao leitor e é lido, assim, alegra-me saber quanto *O mundo de Flora* é amado. Se já percebera esse sentimento em leitores da primeira edição, pude comprová-lo quando foi indicado para o vestibular da UFC, em 2007 e 2008. Minha experiência de encontros com estudantes leitores d' *O mundo de Flora* guardo-a entre as belas lembranças de minha vida: Encontrar, tantas vezes, jovens leitoras e leitores apaixonados pelo livro que liam e reliam com visível paixão e entusiasmo, em algumas ocasiões, ao me

verem chegar, cantavam canções citadas no romance! Carinhoso, As Pastorinhas, também conhecido como Estrela d'Alva...

A escrita e a publicação de *O mundo de Flora* constituem, sem dúvida, um marco em minha vida. Gosto desse romance. Com certeza, muito mais do que quando o escrevi, quando temia por sua recepção. À época, depois da leitura que dele fizeram, ainda em manuscrito datilografado, alguns mestres como Artur Eduardo Benevides, Moreira Campos, Sânzio de Azevedo, Horácio Dídimo, e que lhe deram seu placet e, mesmo, seu entusiasmo, senti-me mais segura. Pensei àquela época: Ufa! Pelo menos, não passarei vergonha!

Se o trabalho de costura do livro foi ato consciente e, mesmo, preponderantemente racional – e para isso muito me valeram meus conhecimentos literários – ao buscar uma continuidade dramática à narrativa no aparente caos dos vários fragmentos (Alcides Pinto chamou de "painel cubista"' e Luiz Tavares Junior de "figura do caleidoscópio"), alternando tempos e espaços, tom cômico e trágico (como lembra Sânzio de Azevedo), diferentes textos e materiais de linguagem; a escrita dos vários fragmentos foi, posso dizê-lo, emocional, solta, ao sabor da memória e da imaginação. Sentia-me exaltada, quase como os poetas românticos, com o coração batendo forte, emocionando-me com a memória de fatos ou tornando-os reais pela palavra ou transformando os dados do real pela imaginação. Na opinião de Vera Moraes, "O mundo de Flora é um livro que propõe um estudo da arte de contar histórias". Mas isso já é outra estória e será contada por ela mesma!

De certo modo, ao retomar, em *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*, personagens *d'O mundo de Flora*, ressuscitando os mortos que permaneciam vivos pela memória do casarão, como o bisavô que a menina não conhecera, mas que amava, trouxe de volta o mundo da imaginação de Flora e dei por finda a escrita de meu primeiro

romance. Ou não!? A literatura tem sido, ao longo de minha vida, desde que me entendo por gente, meu mundo paralelo a este que chamamos de real. Continuando prazerosamente leitora, quando ousei construir-me escritora, amadureci meus laços com a literatura e superei o medo de inscrever meu texto no mundo real.

Como Borges, fatalmente lembrado (mas, para mim, prazerosamente lembrado) ao se falar de escritor-leitor, como ele, me orgulho mais dos livros que li do que dos que escrevi; e os que escrevi são ainda as tentativas de contar o que gostaria de ter lido. Assim, encerro essa história simples, da menina que não viveu as almejadas aventuras, em correrias de cavalo pela Paris de reis e rainhas, que não lutou com os mais famosos espadachins, que não foi à lua nem ao fundo do mar, que não enfrentou Demóstenes, donzela-guerreira, mas a quem foi dado viver a mais bela aventura de muito amar e muito ser amada.

Falo-lhes com o encantamento do retorno à magia da infância. Será o momento de unir as duas pontas da vida de que fala o bruxo do Cosme Velho? Lembro aqui a epígrafe de Cervantes que inicia meu livro-tese *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Em suas andanças pela Espanha, o Cavaleiro da Triste Figura encontrou, certa vez, um prisioneiro, Ginez de Pasamonte, que lhe contou que escrevia um livro sobre sua própria vida. Perguntou-lhe Don Quijote se o livro estava terminado:

?Cómo puede estar acabado – respondió él – si aún no está acabada mi vida?

Desdigo, pois, o que antes dissera: não encerro essa história. Inicio outros capítulos da minha vida, talvez embalada pelo poema que Horácio Dídimo me dedicou:

A Flor-menina/ do casarão/ nunca termina/ sua canção.

DISCURSO EM CERIMÔNIA DE COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA CASA DE JUVENAL GALENO, EM 28 DE JULHO DE 2019

Angela Gutiérrez

Cumprimento o Diretor da Casa de Juvenal Galeno, Antônio Galeno, gentil anfitrião que preserva esta Casa e conserva o legado e as obras do poeta Juvenal Galeno, seu antigo proprietário, e a Presidente da Academia de Letras Juvenal Galeno, Linda Lemos, pela delicadeza da concessão do selo cultural que ora entrega a representantes da Cultura Cearense, da Academia Cearense de Letras, fui distinguida, como sua atual presidenta, a primeira mulher a ocupar o cargo.

Saúdo as autoridades aqui presentes e a todas as associações que funcionam nesta Casa, em especial, a Ala feminina da Casa de Juvenal Galeno, assim como a todas as associações culturais e aos demais convidados e convidadas desta solenidade.

Minha fala será necessariamente curta pois, uma vez que é longa a programação, urge que sejamos breves. Apenas tocarei de leve em três questões:

1. A presença de Juvenal Galeno na Literatura Cearense

Muito se tem escrito e falado sobre a importância de Juvenal Galeno em nossa literatura, não só a cearense como a brasileira. Nessa breve fala, apenas lembro sua poesia telúrica, seus retratos dos costumes do sertão e da cidade, seu cuidado em preservar lendas, costumes e modos de viver de nosso povo, de modo que sua obra abrange vários gêneros literários, da poesia à comédia, à lenda. Seus textos literários inscrevem-se como em pedra, indeléveis, na literatura do Ceará. Tenho especial carinho pela obra *Porangaba,* e espero dispor de tempo para escrever sobre essa obra tão instigante.

2. A relevância da Casa de Juvenal Galeno na preservação e difusão tanto da obra de Juvenal Galeno como da Cultura Cearense

O reconhecimento da Casa de Juvenal Galeno não só como entidade que preserva e difunde a obra do escritor na própria casa em que viveu Juvenal Galeno, é inegável e palpável. Há relatos em jornais, artigos, e mesmo depoimentos de pessoas que viveram a experiência de Cultura, Arte e Literatura nesta Casa, fundada, como sabemos todos, por Henriqueta Galeno, em 27 de setembro de 1919, como Salão de Juvenal Galeno, quando, o poeta, seu pai, habitava esta casa que fizera construir, há muitos anos para a família. Como diz nosso mais respeitado pesquisador de Literatura Cearense, Sânzio de Azevedo: "Destinado a manter aceso o gosto pelas letras, através de sessões regulares; a receber, em solenidades que marcaram época, os escritores que aqui aportassem, vindo de outros estados; ou ainda a estimular os jovens que mal se iniciavam, em tímidas reuniões de grêmios estudantis, cedo se espalhou a fama da entidade." (*Literatura Cearense*, p.374)

A partir de 1938, no centenário de nascimento do poeta e sete anos após sua morte, houve remodelações no prédio que passou a ser chamado de Casa de Juvenal Galeno. No mesmo ano foi criada, por iniciativa de Cândida (Nenzinha) Galeno, a Ala Feminina da Casa de Juvenal, que tanto contribuiu para o florescimento e crescimento da literatura feminina em nosso Estado.

3. A Academia Cearense de Letras e a Casa de Juvenal Galeno

A Academia Cearense de Letras, que aqui represento como sua presidente, ou seja, a Casa de Thomaz Pompeu, como nossa entidade é conhecida em honra a seu primeiro presidente, grande intelectual cearense, foi fundada em 1894 e acompanhou, ao longo do tempo, a

vicejante vida cultural da Casa de Juvenal Galeno. Assim, irmana-se às comemorações do centenário da Casa de Juvenal Galeno, não só com nossa presença aqui, como com próxima aposição das fotos das acadêmicas Henriqueta Galeno e Cândida Galeno que, depois de Alba Valdez, foram a segunda e a terceira acadêmicas da Academia Cearense de Letras, em nosso Memorial no Palácio da Luz.

Lembro que nossa Casa de Thomaz Pompeu também está em festa, completando neste ano de 2019, 125 anos de sua fundação e trinta anos de instalação em sua sede, o Palácio da Luz, que abrigou os governos da Colônia, da Província e do Estado do Ceará até os anos setenta. O amor por nossa sede nos incita, também, a guardá-la com extremo cuidado, pois é parte muito importante da memória do Ceará e dos cearenses, assim como da Academia Cearense de Letras.

Agradecendo a honra da concessão do selo cultural a membros da Academia Cearense de Letras, despeço-me com o convite para receber, brevemente, no Palácio da Luz, o Diretor da Casa de Juvenal Galeno e a Presidente da Academia de Letras Juvenal Galeno e demais membros das entidades culturais sediadas nesta Casa e seus convidados.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO PRONUNCIADO PELA PROFA TITULAR ODALICE DE CASTRO E SILVA, NA SOLENIDADE DE ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ À PROFA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ, NO AUDITÓRIO DA REITORIA, EM 9 DE AGOSTO DE 2019

Odalice de Castro Silva

Saudação aos presentes
Magnífico Reitor Prof. Henry Holanda Campos
Autoridades Institucionais e Acadêmicas
Diretora do Centro de Humanidades da UFC
Homenageada com Emerência Acadêmica da UFC
Profa Dra. Angela Maria Rossas Mota de Gutierrez
Professores, Estudantes, Familiares, Amigos

Como uma palmeira fincada em solo firme e bem alimentado de nutrientes de diferentes eras e de raízes andantes, inteligentes, a enfrentar os caminhos também eles, errantes, na entrega generosa de seus frutos…

Esta imagem ocorre-me enquanto medito sobre os caminhos errantes dos que se lançam aos destinos e planos de uma Universidade também ela na incansável procura de novos caminhos, por diferentes caminhos, a se tornar acessível aos que sedentos de conhecimentos, vão ao encontro de seus frutos, muitos dos quais ajudaram a germinar, cultivando; a distribuir, na generosidade de sua natureza e de seu destino; a renovar, no desígnio superior das funcionalidades de sua existência.

A esta primeira imagem ocorrem-me outras que tratam dos caminhos ansiosamente percorridos, nas descobertas das raízes

andantes, viageiras, errantes, com que a vida defronta-se com revelações do desconhecido e do diferente.

A imagem que dessas se aproxima provém das meditações poético-filosóficas com que pensadores como Mauro Maldonato, Edgar Morin, entre outros, expressaram a beleza das descobertas errantes:

"O desafio que o pensamento da complexidade apresentou à ciência surge da crítica da "totalidade" em suas diferentes declinações. O amor pelas complexidades culturais, psicológicas, econômicas, contrasta radicalmente com o simplismo brutal que caracteriza o espírito e os dogmas cientificistas totalitários. Que diga respeito à ciência, à filosofia ou à política, este foi o dissídio mais incorrigível, a antítese mais inexplicável da modernidade. O drama do século XX nada mais foi do que o conflito entre o pensamento da pluralidade e da complexidade, de um lado, e os dogmas totalitários, de outro. (Maldonato, Mauro. *Raízes errantes*, p. 112)

Alinham-se, portanto, os caminhos andantes e errantes da vida e o amor das complexidades das ciências do Conhecimento como fundações, princípios, linhas mestras da sabedoria de viver e de buscar os saberes desconhecidos, medidas com que a Universidade Federal lançou as bases que iniciaram as caminhadas de seus dignos desígnios. Pautada por alto padrão de excelência cobrado a seus colaboradores, desde seu primeiro Reitorado até o presente momento em curso, sem desfazer-se das medidas que lhe conquistaram respeito e confiança, avança em suas conquistas.

Estes, também, alinhados às figuras aqui esboçadas, são os padrões da Emerência e por eles foi reconhecida a Profa. Dra. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez. Por seus muitos méritos encontrados pelos Colegiados em unânime, foi-lhe aprovada a concessão de tão digno título: o de Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará, a ela entregue em solenidade única e inesquecível.

Como docente, nas várias décadas dedicadas a incentivar seus alunos ao estudo sério e exigente, abrindo frentes de aprofundamento da pesquisa em Humanidades, na área que congrega todos os saberes, a Literatura, fincando raízes, espalhando ramificações, aperfeiçoando, incansavelmente, a sua própria formação acadêmica.

Ao colocar-se e à sua própria vida como exemplos vivos de uma total entrega aos campos do saber, mostrava-nos como é possível fazer-se, diante de seus alunos, colegas e autoridades da Universidade, um fruto cheio de fecundidade do Plano tornado realidade no que se transformou esta Universidade, desde os alicerces, com as primícias dos pioneiros.

No âmbito da gestão acadêmica, abrindo e rompendo fronteiras e resistências, instalam-se novas áreas, como a dos estudos de Literatura e Culturas Hispano-americanas, o Programa de Pós-Graduação em Letras, o qual, com Mestrado, Doutoramento e Pós-doutoramento em Literatura, tem contribuído de forma decisiva e destacada para o fortalecimento dos estudos de Literatura e Cultura para escolas, instituições de ensino particulares e públicas em toda a Região Nordeste, tendo alcançado a Região Norte e contribuído com um grande e respeitado número de profissionais hoje vinculados a IES no Sudeste e no Sul do país.

Como crítica de Literatura são notáveis (e fontes de consulta) os seus trabalhos altamente especializados de obras e autores significativos, provenientes de diferentes línguas e culturas, que enriquecem a produção científica, oriunda de sua Universidade, sua *alma mater*, mas conhecida também em outras Instituições brasileiras e estrangeiras através de publicações, palestras, conferências, promoção de Eventos de Cultura e Humanidades, cujo cenário compósito é marcado pela convivência de diferenças linguísticas, étnicas, ideológicas, políticas, filosóficas, num ideal de convívio e agregação fraterno e democrático.

A percepção sensível do humano marca, desde o início, a trajetória da Profa. Angela Gutiérrez pela ficção e pela poesia, através de muitos títulos, em que as figurações do real de muitas faces permitem que seus leitores projetem em relação ao seu próprio mundo imaginário, ângulos velados e inconfessáveis de suas próprias vidas.

Os aspectos culturalistas foram cultivados, a tomar aqui a palavra em acepção desprovida de percepção político-partidária; mas, por outro viés, o da busca pelo que foi ensinado pelos antepassados, por heranças cultivadas no colo da casa, das famílias, também de muitas e diferentes condições de vida.

Uma observação mais demorada com que a poeta e criadora de ficções submerge sua escrita em camadas profundas da Língua Portuguesa, como reencontra os mitos figurados em arquétipos despertados ao seu toque. *O mundo de Flora* (1989), *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (2006), romances; *Avis rara,* antologia de estórias (2001), como *Os Sinos de Encarnação* (2012), filigranas da contística alcançada por sua autora, bem como os dramas poéticos, *Canção da Menina* (1997) e *O silêncio da penteadeira* (2016), representam uma Poética depurada no convívio dos clássicos, desde a infância.

Quanto à ensaísta, entre muitos, destaco *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*, sua bela e de leitura marcante Tese de Doutoramento (1996), que muito generosamente compartilhou com seus alunos, que lhe assistimos a gestação e o nascimento. Tornou-se uma referência para todos nós o devotamento pela pesquisa às Literaturas na América Latina, com o que fez-se uma descoberta, uma revelação, a existência de culturas e povos vizinhos e irmãos, distanciados de nós, e não sabíamos por quê, aproximados pela leitura apaixonada de obras que descortinaram para nós "raízes errantes" desconhecidas, às quais lançamo-nos ávidos por cultivá-las.

Para finalizar esta fala, enfatizo sobretudo, da pessoa, a finura de trato, a elegância, a cortesia indistinta para todos, a superioridade de espírito, sem rancores, sem mágoas, sem inimigos. Lembro a fala de Emil Cioran (1911-1995), escritor e filósofo romeno, ao referir-se à filósofa espanhola Maria Zambrano, discípula de Ortega y Gasset (1883-1955), pensador que aprendemos a ler e a amar nas aulas de Teoria da Literatura, do Prof. Dr. Pedro Paulo de Souza Montenegro, um de nossos mestres, recentemente falecido, citado entre alguns nomes de seus professores queridos, em seu Memorial acadêmico. Emil Cioran lembra da filósofa um inesquecível mergulho no humano:

"Quem tem, como ela, o dom de, indo ao encontro de sua inquietude, de sua busca, deixar escapar o vocabulário imprevisível e decisivo, as respostas às suas sequências sutis? E é por isso que gostaríamos de consultá-la na encruzilhada de uma vida, no limiar de uma conversão, de um rompimento, de uma traição, na hora das confidências últimas, graves e comprometedoras, para que nos revelasse e nos esclarecesse a nós mesmos, porque de algum modo nos desse uma absolvição especulativa e nos reconciliasse tanto com nossas impurezas como com nossos impasses e estupores." (Cioran, Emil. *Exercícios de Admiração.* (p. 132)

Cioran confessa o peso da confiança e da amizade, do respeito e da generosidade de espírito, como valores humanos insuperáveis, ansiosamente buscados nos desacertos do mundo.

Eles assentam e caminham, frutificam, ramificam-se constantemente. Esses são os valores alimentados, defendidos por nossa humana condição, são também os fundamentos que guiam a complexidade das ciências do Conhecimento às ciências da vida.

A Universidade Federal do Ceará reapresenta-os a cada solenidade, em que a Galeria dos Professores Eméritos é enriquecida, como no presente momento.

Muito obrigada!

Fortaleza, 09.08.2019.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PROFA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ AO RECEBER O TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ[1]

Angela Gutiérrez[2]

Quando a moça, que herdara os cabelos negros da mãe, seu nome de anjo e seu signo do Zodíaco, Aquário, chegou cedo ao portão da Faculdade para seu primeiro dia de aula, parecia vir só. Se alguém pudesse mirar o espelho de sua alma, perceberia que seus olhos passeavam pelas árvores do bosque, pela casa com ares de antiga, como outras que a circundavam, e pelos prédios recentemente construídos, tão iguais que viriam a tomar o nome das cores de suas fachadas, Bloco Azul, Bloco Amarelo..., mas, insisto, talvez se alguém olhasse mais profundamente dentro dos olhos que buscavam imprimir na retina cada grão de areia da paisagem que seria, pelos anos e décadas que se seguiriam, seu lugar de vida e memória, perceberia que não, a moça não viera só.

Uma multidão de heróis e heroínas a acompanhava. À frente, Odisseu, trazendo no corpo marcas de naufrágios e lutas, ao lado de Penélope, que tecera femininos ardis para defender-se dos que pretendiam substituir o audaz herói, em seu coração e no trono de Ítaca; O poeta Dante, recordando o itinerário que seguira com seu mestre Virgílio pelas plagas inóspitas da "città dolente", repetia

1 Solenidade presidida pelo Reitor Henry Campos, em 9 de agosto de 2019, no Auditório da Reitoria.

2 Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Professora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará, Sócia Efetiva do Instituto do Ceará, Presidente da Academia Cearense de Letras, Membro da Associação Brasileira de Bibliófilos e da Sociedade Amigas do Livro, Escritora.

baixinho o mais terrível verso da longa inscrição gravada à porta do Inferno: "Lasciate ogni esperanza, voi ch'entrate", e apressava-se em terminar a travessia do Purgatório e alcançar o Paraíso, onde o esperava a bela Beatrice; Artur, com a espada Excalibur à cintura, caminhava pari passu a Guinevere, sua rainha amada, e a seu cavaleiro mais perfeito, Lancelot, ainda sem suspeitas que nublassem o coração de rei; El Cid, ereto sobre a sela de seu cavalo, vinha só, depois de vencer, morto, mais uma batalha; Don Quijote lia, caminhando pelas páginas do livro de Cervantes, e recordava tantas lutas que empreendera, com Sancho, em defesa dos desamparados; Vinda de Coimbra, a linda Inês deixara seu sossego, acompanhada do Príncipe Pedro que, quando rei, coroaria a amada como rainha, depois de morta. E aqui paro de descrever os participantes da reunião multitudinária de personagens e apenas me permito lembrar mais alguns, como os pares de amor de perdição e de salvação; Luísa, a sofrer por seu primo Basílio, a triste Emma Bovary... Chegando das brumas de Londres, os meninos David Copperfield e Oliver Twist e dois *gentlemen* que percorreram longo itinerário desde Baker Street; Do Condado de Dorincourt, o gentil pequeno lord Fauntleroy e seu avô; De Paris, do ventre da Cathédrale de Notre Dame, a cigana Esmeralda, e de tavernas e palácios, os Mosqueteiros do Rei; De terras de Portugal, "o menino da sua mãe" enxuga o rosto com o lenço que lhe dera a Criada velha e caminha sem imaginar as "Malhas que o Império tece"; De Verona, embora cantados em versos ingleses, chegavam, em ares de amor, Romeu e Julieta, e da Dinamarca, Hamlet trazia no rosto a mais contundente dúvida que acossa cada ser humano sobre a Terra. Olhando para trás, tão longe prosseguia a aglomeração de seus acompanhantes, a moça já não conseguia enxergar até onde prosseguiam, pois a multidão de personagens estendia-se para além do portão, da Terra do Nunca, de terras ignotas, de navios a ponto de naufragar, de ilhas desconhecidas,

entrava em estranho submarino, sob o comando do Capitão Nemo e ia além, muito além.

Gente de casa, os escritores brasileiros, que cederam passo aos protagonistas de fora, compareceram pessoalmente. Eram tantos, eram muitos, pois, todos os dias, a moça lia e trazia à vida, criadores e personagens de seu país. Machado e Alencar reatavam as boas conversas na Livraria Garnier e no Passeio Público do Rio de Janeiro; Escritores nordestinos, de várias gerações, encontravam-se, sem respeito a cronologias, e comentavam os horrores das secas: Domingos Olímpio, Rodolpho Teófilo, José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, sempre com saudades da fazenda "Não me deixes", bem de família; José Lins do Rego contava as tristezas de Carlinhos, e Jorge Amado cantava sua Bahia de Todos os Santos, sem esquecer a gente sofrida das terras do cacau e os pequenos capitães da areia; Eduardo Campos, na roda com outros membros do Clã, Artur Benevides, Moreira Campos, Braga Montenegro... contava, com sua voz forte, cenas d'*O Morro do Ouro*; Mais adiante, enquanto Bandeira relembrava o Recife de seu tempo de criança, saudoso dos que "Estavam todos deitados /Dormindo/Profundamente", o poeta de alta voz, Castro Alves, recitava com ardor o poema *Navio Negreiro*: "Existe um povo que a bandeira empresta/P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!"; Sempre muito contido, João Cabral, pouco entreabria os lábios, repetindo os versos de *Morte e vida Severina*. Todos se entendiam na sã balbúrdia poética, e pararam para escutar Gonçalves Dias que, cedendo a insistentes pedidos, recitava, discretamente, "I-Juca Pirama"; José Albano, meio afastado, dizia para si mesmo: "Poeta fui...". Entre as escritoras, muitíssimo menos numerosas, encontravam-se, além de Rachel, Maria José Dupré, autora de *Éramos seis*, Lígia Fagundes Telles, Hilda Hilst, Cecília Meireles e Clarice Lispector. As duas últimas, tão belas quanto talentosas, pareciam

mergulhadas nas profundezas de seus escritos; Cecília recordava seu poema "Retrato", desde o primeiro verso: "Eu não tinha este rosto de hoje", aos últimos: "- Em que espelho ficou perdida/ a minha face?" Clarice, como Laura de seu conto "A Imitação da Rosa", fazia "o possível para não se tornar luminosa e inalcançável"; Entre outros escritores do país, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Oswald de Andrade e Érico Veríssimo reuniam-se em torno de Ariano Suassuna para ouvi-lo contar, com seu encanto inexcedível, as proezas de João Grilo e Chicó, quando, em passos lentos, com o gato de estimação nos braços, eis que vem chegando, mineiramente, "Um chamado João", que "Projetava na gravatinha/a quinta face das coisas/ inenarrável narrada?", como poetizaria, pouco tempo depois, seu amigo Drummond.

Naquele dia claro de sol, a moça já intuíra que uma frase de João Guimarães Rosa, pronunciada pela voz de Riobaldo, e que ela grifara ao ler *Grande sertão: veredas*, delinearia seu caminho nas Letras e seria sua divisa de mestra e (com licença, Gonzaguinha) "eterna aprendiz"? Eis as palavras de João: "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".

Às vezes digo que nasci em uma biblioteca, e não é uma inverdade. Ao vir à luz do mundo, fui recebida**,** como os cinco irmãos que me antecederam, pelas mãos de meu avô materno, o médico Dr. César Rossas. Em meus primeiros anos de vida, na mesma casa onde nasci, os livros se tornaram, para mim, tão familiares como as flores da trepadeira que enfeitavam o jardim de inverno, os quadros e retratos pendurados sobre discretos papéis de parede, os bibelôs de *biscuit*, as estatuetas, as árvores do quintal, uma delas, *bouquet* de noiva, enchia-se de flores que, ao caírem, formavam um tapete branco no chão de areia. À medida que o tempo passava, fui conhecendo que aquela casa comprida, com salas e corredores de paredes altas, recobertas de livros,

era a casa do meu bisavô, Thomaz Pompeu, que eu conhecia por seu grande retrato que habitava a sala de visitas. O pesquisador, o escritor, o professor, o advogado, o intelectual brilhante que conviviam em sua figura, conheci melhor mais tarde, por leituras, pesquisas e conversas de família, mas aquele que aprendi a amar e a respeitar pelas histórias que dele me contava minha mãe, netinha amada que mal completara doze anos quando o viu partir, era, simplesmente, o vovô da Mamãe.

Deixamos a casa do bisavô para acompanhar meus avós que foram morar no Sítio Angela, em Mondubim. Alí vivi dos cinco aos nove anos, lendo os livros que meu pai e guia na biblioteca da vida escolhia para sua caçula, ouvindo as estórias que minha mãe e meu avô contavam e, nas noites de lua mais brilhante, escutando a voz e o violão afinadíssimos de meu pai, trazendo canções antigas, do tempo de seu avô, de sua mãe, de sua meninice... Sentada sob a sombra de mangueiras centenárias, não me era difícil transportar-me ao Sítio do Picapau Amarelo e mesmo a Paris, ao sertão, a Londres ou até à lua.

De leitora apaixonada, tornei-me estudante de Letras na Universidade Federal do Ceará. Minha vida na Universidade percorreu múltiplos caminhos que se entrecruzaram. Não sei se minha divisa rosiana – "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende" – guiou-me realmente nessas travessias, ou se, hoje, ao recordar caminhos percorridos, buscando olhar provisoriamente o passado como um tempo encerrado, encontro uma lógica interna nesse itinerário que, no correr das horas, dos dias, dos anos, das décadas em que muito andei, nem sempre consegui perceber.

De minha primeira aula como professora-horista ou bolsista, aos dias de hoje, quando, embora já não esteja na categoria de ativa, continuo atendendo, com alegria, aos chamados da minha Universidade, acredito que, nesse percurso, muito mais aprendi do que ensinei, sempre me senti partícipe do sonho de nosso reitor-fundador

de criar uma universidade aberta para o mundo e atenta à cultura, às expectativas e necessidades de nossa região, o mesmo sonho que todos nós que amamos a Universidade, sonhamos juntos, borgianamente, mantendo a UFC viva, sempre em construção.

Aprendi quando, na graduação em Letras, apesar do ambiente de trevas instaurado no país, marcado por limites que se queriam intransponíveis [Lembro que em 1997, em meu discurso de posse como membro da Academia Cearense de Letras, já comentava a decepção sofrida pelos alunos dos chamados anos de chumbo, que, ao entrarem na Universidade, com "o idealismo que alimentava grande parte da juventude estudantil dessa época e de esperanças no Brasil grande e justo, assistira(m) ao desmoronar da idade da inocência. Havia-se instalado, também na república das Letras, o Limite, a cerca, [...] entre o permitido e o censurado intelectualmente. O país vivia a experiência traumática que, em samba alegórico, *Vai passar*, Chico Buarque chamaria de "página infeliz de nossa história"], mesmo assim, alguns professores conseguiram transportar-nos ao livre mundo do imaginário, marcando minha geração no contato com a literatura: os saudosos Professores Artur Eduardo Benevides, em Literatura Brasileira, Moreira Campos, em Literatura Portuguesa, e Pedro Paulo Montenegro, em Teoria da Literatura. O primeiro, poeta consagrado, ensinou-nos, sobretudo, a amar a poesia, para além dos dados da história literária brasileira. Atento à cultura do nosso Ceará, criou, em boa hora, a disciplina Literatura Cearense. [a que o colega Professor Sânzio de Azevedo, posteriormente, daria projeção nacional com suas pesquisas na área]. O segundo, Moreira Campos, grande contista, transmitia, com a graça de sua palavra, o amor pela ficção e pela poesia portuguesas, trazendo-nos as vozes antigas que povoaram *Os Lusíadas*, ou as dos personagens de seu amado Eça de Queirós. O terceiro, Prof. Pedro Paulo, há pouco falecido, deixando-nos grande

saudade, iniciou, no Ceará, os estudos sistematizados de Teoria da Literatura. A disciplina foi o primeiro passo para a organização de meu pensamento crítico-literário.

Aprendi quando, ainda aluna, comecei a ensinar na Casa de Cultura Italiana, cumpri estágio de ensino na Cultura Francesa, e colaborei com as áreas de Literatura Brasileira e de Língua e Literatura Italiana, organizando aulas e seminários sob supervisão dos Professores Artur Eduardo Benevides e Hesíodo Facó, respectivamente, e pude constatar que minha vocação era, realmente, o magistério. Encontrando minha missão na vida e minha divisa, continuo a apreciar em meu ofício, como há tantos anos atrás, a simultaneidade de ensino e aprendizagem, que acontece na interação com alunos e alunas, e nos permite incentivá-los à visão crítica da literatura e do mundo, à discussão sobre questões literárias, à apreciação da literatura em suas relações com outras Artes, com a História, com a vida.

Aprendi muito, no começo de minha carreira como professora, em época de regime de exceção, quando raramente surgiam concursos para docentes das universidades federais, ao assumir atividades docentes sem vínculo de emprego, recebendo apenas oito meses por ano, sem direito a férias remuneradas, nem licença-gestante, mas não deixando que nada disso afetasse a seriedade de meu trabalho e meu amor pelo ofício. Aprendi, porém, que, se eu tive apoio de meu marido para suportar essa situação injusta, que não dependia da UFC, por cinco anos, muitas pessoas, em todo o país, não poderiam nem poderão viver dignamente nessas condições.

Aprendi, quando realizei todos os cursos de especialização que a Universidade ofereceu à época, na área de Letras, alguns em período de férias, e, posteriormente, quando me candidatei e fui selecionada para o Mestrado em Educação, nesse momento estando grávida de minha única menina, aprendi que apesar dos sacrifícios, todos esses cursos me

deram oportunidade de aprofundar conhecimentos e descobrir novos ângulos da Literatura e do Ensino-Aprendizagem. Com a pesquisa e a preparação para a dissertação de Mestrado, "O Caráter Reprodutor do Ensino de Literatura Brasileira no Cursos de Letras", orientada pela excelente professora Maria Lúcia Dallago, aprendi, em época em que era preciso falar baixinho para fazer qualquer referência ao grande educador Paulo Freire, que a censura intelectual e o pensamento único nos empobrecem enquanto as discussões sobre diferentes correntes de pensamento e de opinião enriquecem os indivíduos e a sociedade.

Aprendi quando, escolhida pelos colegas de Literatura para coordenar o Projeto de Implantação do Mestrado em Letras, soube aproveitar meus estudos na área de Educação e de Literatura, para colocá-los a serviço do Projeto, e a enfrentar grandes dificuldades, pois naqueles tempos obscuros, a UFC não criava cursos de pós-graduação *stricto sensu* há mais de dez anos, e nem mais existia um manual de orientação do seu *modus faciendi*. Aprendi, sim aprendemos todos a vencer desafios que pareciam intransponíveis, apesar da boa vontade de todas as autoridades universitárias. Neste ano, quando se cumpriram 30 anos da fundação do Mestrado em Letras, na mesma data de 8 de março de sua festiva inauguração, fui convidada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras, Prof. Orlando Araújo, para, em conferência inaugural do ano trigésimo do Programa, dar meu depoimento-conferência sobre a pré-história e a história dos anos iniciais do Curso, em que pude contar as vicissitudes daquele momento.

Aprendi quando, no mesmo ano de 1989, de fundação do Mestrado, atendendo a, digamos, conselho da CAPES para que a coordenadora obtivesse grau de Doutora, submeti-me à Seleção para Doutorado em Letras, com área de concentração em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na Universidade Federal de Minas

Gerais, tendo sido aprovada, mas, atendendo a solicitação do então Reitor Hélio Leite, continuei concomitantemente, na coordenação do Mestrado até julho de 1990, deslocando-me, durante um ano, em idas e voltas no percurso Belo Horizonte-Fortaleza-Belo Horizonte. A partir de 1990, completei o Curso de Doutorado, já desligada da coordenação, e defendi a tese "Vargas Llosa e o romance possível da América Latina", orientada pelo destacado intelectual mineiro, Prof. Dr. Wander Melo Miranda, e, de retorno à UFC, poucos dias depois, tive a surpresa de ser reeleita Coordenadora da Pós-Graduação.

Aprendi quando fui convidada pelo então recentemente empossado Reitor René Barreira, para ser Diretora-Fundadora do Instituto de Cultura e Arte da UFC- ICA, e enfrentei outro grande desafio, o de instalar o Instituto como instância de reflexão sobre cultura e arte e como órgão de coordenação e articulação das áreas cultural e artística da Universidade. Mas com o reitor e amigo René, aprendi, sobretudo, suas belas e inesquecíveis lições de democracia, narradas por seus atos como gestor. Nem todos os sonhos do ICA foram realizados, porque eram muitos (!), mas houve grande sucesso, sobretudo, na recuperação e funcionamento do Museu de Arte da UFC -MAUC e da Casa de José de Alencar, no apoio aos outros equipamentos e cursos de arte da UFC, na criação de bolsas para estudantes que dinamizaram os órgãos e equipamento da UFC. Contei com colaboração de funcionários, alunos e professores, entre os docentes, cito Inês Cardoso, Meize Lucas e Vania Vasconcelos;

Aprendi quando, convidada pelo Reitor Ícaro de Sousa Moreira para continuar à frente do ICA, então transformado em Unidade de Ensino de Graduação, confessei-lhe que gostaria de continuar o trabalho de valorização da Casa de José de Alencar, iniciado, desde a instalação do ICA, e logo depois, fui nomeada e assumi, com apoio dos funcionários e da Professora Vera Lúcia Albuquerque de Moraes,

a Diretoria da Casa de José de Alencar. O amigo Ícaro, que construíra, com entusiasmo, tantos projetos para a Universidade, não pôde, infelizmente, vê-los realizados, tão cedo partiu.

Aprendi muito sobre a receptividade do público leitor, quando *O mundo de Flora*, meu romance de estreia, foi indicado para o vestibular da UFC e pude participar de encontros, em colégios e escolas, com alunos que leram o livro e o comentavam com arroubo juvenil.

Aprendi quando candidatei-me à Bolsa PDS-CNPq, tendo recebido a única bolsa dessa categoria concedida no país no ano de 2009, na área de Letras, o que me levou a cumprir estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Minas Gerais, por nove meses, com supervisão do Professor Titular Dr. Wander Melo Miranda, após aprovação do projeto intitulado "O retrato do Conselheiro: as múltiplas faces do beato de Belo Monte", sendo, aliás, a ficção sobre Canudos um de meus temas de pesquisa preferidos.

Aprendo, todos os dias quando, como presidente, e juntamente com a diretoria, participo da atuação da Academia Cearense de Letras, preparando sua programação cultural para nossa gestão, em que a Literatura e o Autor Cearense constituem seu ponto fulcral, o que envolve diferentes atividades para a comunidade, assim como ações de conservação de nossos acervos e de nossa sede, o Palácio da Luz, patrimônio arquitetônico e histórico do Ceará; aprendo continuamente, como sócia efetiva, com as importantes ações culturais do Instituto do Ceará, presidido pelo intelectual Lúcio Alcântara; aprendo, ainda, com a participação do esforço liderado pelo bibliófilo José Augusto Bezerra para manter atuante nossa Associação Brasileira de Bibliófilos, que, além de propagar o amor aos livros, busca conservar e divulgar a memória brasileira contida em livros e documentos raros; do mesmo modo, muito aprendo com nossa Sociedade Amigas do Livro – SAL, presidida pela escritora Celma Prata, entidade que traduz

sua amizade aos livros, não só incentivando a leitura, como na criação de bibliotecas onde elas inexistem; aprendo, ainda, como membro do Conselho Editorial da UFC, presidido pelo Prof. Cláudio Guimarães, quando bem cuidamos em respaldar os livros que poderão, com qualidade, difundir cultura, ciência, cidadania, a partir de importantes obras e estudos gerados, sobretudo, na própria Universidade. Começo a aprender, com minha recente posse como membro do Conselho Consultivo do Colégio de Estudos Avançados da UFC, presidido pelo Prof. César Barreira, com as discussões sobre tantas questões referentes, em grande parte, ao futuro do conhecimento, da cultura, da *Universitas*.

Nesse momento tão turbulento e angustiante que nosso país atravessa, que nos ameaça com a volta ao obscurantismo, não nos podemos perder na desesperança, ao contrário, a Universidade é o *locus* por excelência da percepção crítica do passado para a construção lúcida e corajosa do futuro.

Nesse momento em que finalizo minha fala, ao lado de palavras de esperança no futuro que todos os brasileiros devemos construir, é de justiça que eu agradeça a todos, os que já se foram para moradas eternas e os que estão entre nós, que colaboraram com a construção de meu futuro, agora passado e presente, e que, infelizmente, não posso nomear como gostaria, pois há um necessário limite de tempo nas falas desta solenidade, que temo já haver ultrapassado. Agradeço, assim, à Professora Dra. Odalice de Castro Silva, Professora Titular de Literatura que, gentil e generosamente, deu início a meu processo de Emerência. A professora vem cumprindo bela trajetória em nossa Universidade, merecendo o respeito da instituição e do alunado, por seu saber, especialmente na área de Crítica Literária, e por sua dedicação ao ensino, especialmente à orientação de alunos de todos os níveis universitários, em grupos de pesquisa. Atualmente, é

pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, onde também cumpriu estágio pós-doutoral. Além de agradecer-lhe pelo passo inicial do processo, sou-lhe grata, especialmente, pelo discurso em que, por sua voz, fui introduzida na galeria absolutamente admirável de Professores Eméritos na área de Literatura, composta por meus mestres Moreira Campos, Artur Eduardo Benevides e Pedro Paulo Montenegro, que hoje brilham em outra dimensão, e o caro colega, pesquisador e poeta José Linhares Filho.

Agradeço ainda o apoio concedido ao processo de Emerência pelo Departamento de Literatura, então chefiado pelo Prof. Claudicélio Rodrigues, pelo Conselho do Centro de Humanidades, presidido pela Diretora do Centro, Profa Danyelle Nilin Gonçalves, e pelo Conselho Universitário, presidido pelo Reitor Henry Campos. Esse percurso trouxe-me aqui para receber o título tão honroso de Professora Emérita, que guardarei como uma aliança, símbolo de meu amor por esta Casa e da confirmação de que esse amor é correspondido.

Agradeço ao anfitrião desta solenidade, o Magnífico Reitor, Henry de Holanda Campos, pela amizade e consideração com que me honra, e por ter encontrado tempo em sua agenda, mais que nunca ocupada, para este evento, pois além de formaturas e outros eventos de praxe, somam-se agora compromissos de fim de mandato, uma vez que, dentro de alguns dias, encerrará sua extraordinária gestão à frente da Universidade Federal do Ceará. Pode estar certo, Prof. Henry, que nossa comunidade universitária sentirá saudades do reitor que aliou e lutou pelos objetivos e projetos da instituição, sua sensibilidade à Cultura, à Literatura, às Artes, e que soube manter, em situações adversas, a dignidade de nossa Universidade.

Agradeço a presença amável de todos que vieram assistir a esta solenidade de profunda ressonância para mim. Peço-lhes desculpas porque, por ter perdido o texto do discurso já escrito, no misterioso

mundo de meu computador, tive que, em poucas horas reescrevê-lo, mas não tive tempo de revisá-lo e deixá-lo mais breve, como manda o bom-senso e, com toda razão, o modelo para uma cerimônia com três discursos. Minhas desculpas, especialmente, e meus agradecimentos à eficiente e gentil Chefe do Cerimonial, a amiga Cláudia Albuquerque, extensivos a sua equipe.

Para finalizar, agradeço o amor e o apoio de meu marido, Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén, amado, amante, amigo, meu primeiro e único namorado, a quem amo mais que a mim mesma.

A meus filhos e filha, noras e genro, Oswaldo Filho e Priscila, Daniel e Sunny, Angela Laís e Davi, agradeço pelo carinho e cuidado com o casal sênior da família e pelos oito preciosos netos que alegram nossa família, por ordem de nascimento: Rafael, Oswaldo Neto, Lina, Isabela, Taís, Alícia, Eduardo César e Luísa.

Só me falta dizer que pessoas importantíssimas em minha vida não estão aqui fisicamente, são os habitantes da minha saudade, além de tios e avós queridos, muito especialmente, meu pai, Luciano Cavalcante Mota, e minha mãe, Angela Laís Pompeu Rossas Mota, os dois unidos são a casa do meu ser.

Obrigada.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, HENRY DE HOLANDA CAMPOS, NA SOLENIDADE DE ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA À PROFESSORA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ

Henry de Holanda Campos[3]

Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez... Tão rica em antropônimos quanto em virtudes, esta é a professora, a escritora, a gestora, a mulher que vem enriquecer, a partir de hoje, a galeria dos professores eméritos da Universidade Federal do Ceará.

A estirpe de intelectuais que lhe serviu de berço deve ter tatuado, em Angela Gutiérrez, a marca da inteligência, da lucidez, do engenho e arte, também do caráter. Ela nasceu entre as paredes sólidas da casa do bisavô Thomaz Pompeu. Cresceu cercada pelos livros, as imagens dos ancestrais ilustres, o carinho e as lições dos pais: Luciano e Angela Laís.

Naquele convívio harmonioso, moldou-se a menina doce; fez-se a adolescente arguta, familiarizada com os grandes autores brasileiros, portugueses, franceses… erigiu-se a personalidade acadêmica que aqui está sobraçando novas responsabilidades, desta feita, para servir de modelo a seus pares, na condição de Professora Emérita, reconhecida pela projeção no exercício do magistério e a magnitude de sua produção intelectual.

Esse é o merecido reconhecimento da instituição onde Angela ingressou em 1968, inicialmente como professora horista, inaugurando uma carreira docente que iria recobrir com as alfombras do talento

3 Magnífico Reitor da Universidade Federal do Ceará

e da dedicação em todas as missões que lhe foram confiadas, seja no sagrado ofício de ministrar aulas, seja no espinhoso compromisso de comandar instâncias administrativas.

Angela experimentou a bênção da maternidade quando dava seus primeiros passos nas lides docentes. Cedo aprendeu a dividir-se entre o lar, os filhos, e as obrigações profissionais. Desdobrou-se incansável, enquanto investia no seu crescimento intelectual, tão determinante para o bom desempenho do magistério. Assim, fez cursos de pós-graduação *lato sensu,* depois lançou-se ao Mestrado em Educação e abraçou o desafio do Doutorado, que a levou a mergulhar nos dédalos da Teoria da Literatura e da Literatura Comparada. Ao defender, na Universidade Federal de Minas Gerais, uma tese que perquiriu a saga de Canudos, recebeu conceito máximo, com louvor, da banca examinadora.

Em seu Departamento, assumiu encargos e levou projetos a bom termo. Criou a disciplina de Literatura Latino-Americana, orientou monografias, coordenou o curso de Especialização, bem assim o projeto de implantação do Mestrado. Para tanto – viajando sem patrocínio – visitou programas de pós-graduação na USP, na UFRJ, na PUC Rio, na PUC Minas e na UFMG. Implantado o novo Mestrado, seria eleita sua primeira coordenadora. E mais tarde reeleita.

Em 1990, a Coleção Alagadiço Novo, tocada pelo Reitor dos Reitores, Antônio Martins Filho, edita o romance *O mundo de Flora*, logo distinguido com o Prêmio Estado do Ceará de Literatura. Marcava-se, dessa forma, o ingresso de Angela no mundo dos autores. Em seguida, com o selo das Edições UFC, viria a publicação de sua tese *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Essa produção seria enriquecida, daí por diante, com uma série de lançamentos que passeiam por diferentes searas do universo literário: a ficção, o ensaio, a poesia. É a escritora madura, que se projeta nacionalmente pela beleza de seus versos e pela forte personalidade ficcional.

Dela diria o imortal Artur Eduardo Benevides: "Alegra-nos sua fidelidade à literatura, sobretudo na área mais fundamental: a da criação. Conheço-a de perto e sei de sua incontestável cultura e de sua força interior no momento de dizer as coisas com aquela álgebra superior das metáforas, de que fala Ortega y Gasset."

Em 1997, ano em que se rememorava no Brasil o centenário do fim da guerra de Canudos, Angela participou ativamente de uma série de eventos que marcaram a efeméride. A convite do então Pró-Reitor de Extensão, René Barreira, organizou simpósios e proferiu palestras em Fortaleza e Salvador, além de Colônia e Berlim, na Alemanha. O tema seria levado por ela, no ano seguinte, à sede da Unesco, em Paris.

Nomeado Reitor, o Prof. René confiaria a Angela a missão de implantar e dirigir o Instituto de Cultura e Arte. Estava entregue em boas mãos um projeto dos mais oportunos, que brindaria esse setor com uma estrutura condigna, nivelada ao *status* de pró-reitoria. A instalação do ICA gerou confiança na retomada, pela Universidade, de seu papel de incentivadora das artes, mantenedora de importantes equipamentos culturais e protetora de seu patrimônio arquitetônico e cultural, incluindo um notável acervo artístico.

No Museu de Arte, as salas de Antônio Bandeira e Raimundo Cela, foram reabertas, enquanto Descartes Gadelha ganhava espaço próprio. Angela também dedicou esforços à recuperação física da Casa de José de Alencar e à requalificação de sua dignidade como um dos mais valiosos patrimônios culturais do povo cearense.

Quero, ainda, lembrar o papel de Angela Gutiérrez como membro da Academia Cearense de Letras, na qual ingressou, em 1997, para ocupar a cadeira de número 18. Foram várias as parcerias que, a partir de então, ela conduziu, envolvendo aquele silogeu e a Universidade Federal do Ceará. Hoje, novos horizontes se abrem, uma vez que, em janeiro do corrente ano, a nossa homenageada foi eleita para presidir a

Academia, sendo a primeira mulher a ocupar tal posto, nos 124 anos de história daquela casa, que tem, entre seus fundadores, figuras do porte de Thomaz Pompeu, Antônio Bezerra, Farias Brito, Guilherme Studart, Justiniano de Serpa e tantas outras figuras exponenciais de nossa cultura.

Professora Angela Gutiérrez, agora você galga o pedestal de Professora Emérita. Venha brilhar – também – nessa galeria, que só tem lugar para o talento, o compromisso institucional, a devoção ao magistério. Você conjuga todos esses atributos e ainda agrega um riquíssimo currículo, onde percorre, galhardamente, as áreas do ensino, da pesquisa e da extensão. Você adiciona ética, seriedade, sensibilidade social, engajamento nas boas causas. Você, *last but not least*, está atenta aos perigos que correm, em nossos dias, as Universidades federais brasileiras.

Senhoras e senhores,

Recentemente, em uma das solenidades de colação de grau do corrente semestre, entregamos à sociedade o centésimo-milésimo profissional que já passou pela nossa Universidade, desde sua instalação. É dessa forma que ajudamos a escrever a história do Ceará. É transmitindo o saber em sala de aula, gerando conhecimentos através da pesquisa, atuando diretamente na comunidade por intermédio da extensão, preservando e difundindo nossos valores culturais. E o fazemos com tanto amor ao nosso ofício que, mesmo em tempos de recessão, logramos crescer e investir na qualidade.

Foi o que aconteceu nos últimos quatro anos, quando a Universidade Federal do Ceará, não obstante as restrições orçamentárias, se projetou no cenário do Ensino Superior, ascendendo continuamente nos rankings da qualidade. Assinale-se que, desde 2015, as transferências de recursos, por parte do Governo, vêm sistematicamente caindo, o que obriga os professores, pesquisadores

e gestores a serem criativos e resilientes na busca de alternativas para manter a Instituição em sua trajetória ascendente.

É graças a esse componente humano de altíssimo nível que temos conseguido avançar. Depois de escalar 30 posições, a Universidade Federal do Ceará é agora a décima-nona melhor da América Latina, segundo a Times Higher Education. Por sua vez, o ranking Leiden aponta nossa Instituição como a primeira do Brasil na proporção de artigos científicos, entre os 10 por cento mais citados internacionalmente. Já o Global Ranking of Academic Subjects coloca a UFC entre as 500 melhores universidades do planeta em sete áreas de concentração.

Contamos hoje com 57 docentes visitantes, a maioria estrangeiros, o que tem induzido parcerias e intercâmbios acadêmico-científicos. Ressalte-se, igualmente, como ganhos recentes, a criação do Comitê de Inovação Tecnológica, do Parque Tecnológico da UFC, do Colégio de Estudos Avançados, dos Laboratórios Multiusuários e dos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia, dentre outras iniciativas. Aprovamos, por fim, uma política de inovação e propriedade intelectual, o que veio reforçar nossa posição como geradores de produtos que agregam informações de conteúdo tecnológico.

Somos essa Universidade dinâmica, moderna, inovadora, que não abdica de, ao mesmo tempo, ser plural, democrática e aberta à diversidade. Estamos presentes no Interior do Estado, assim como no instigante cenário da internacionalização. Em 2018, fomos uma das 25 universidades contempladas pela CAPES/MEC no Programa de Internacionalização, o que chancelou a UFC como universidade de excelência mundial.

Todos esses avanços e conquistas precisam ecoar na sociedade, para que ela assuma, junto conosco, a defesa da Universidade pública, no momento em que graves ameaças pairam sobre as Instituições Federais de Ensino Superior. Por estranhos motivos, tenta-se

desacreditá-las, ignorando sua contribuição primacial na formação de profissionais qualificados, nas atividades de pesquisa científica e inovação tecnológica, nas ações extensionistas voltadas para a saúde, a educação, a proteção ambiental, a preservação do patrimônio cultural e outras áreas.

É nesse contexto que o Ministério da Educação, depois de impor sucessivos cortes orçamentários, apresenta, ao conjunto das universidades e institutos federais, um projeto destinado a reduzir a participação do Estado em sua manutenção.

Claramente, o projeto implica o fim da democratização do Ensino Superior, um processo que evoluiu muito positivamente nos últimos anos e que fez com que, em nossos dias, a UFC tivesse 60 por cento dos seus alunos oriundos da escola pública. Ou seja, um mecanismo de ascensão social dos mais relevantes, inopinadamente, é colocado em xeque, colocando em jogo a pluralidade socioeconômica da Universidade em nosso país.

Com o título de "Future-se", a proposta é uma coletânea de omissões e inadequações. Da primeira à última página, suscita dúvidas e temores. Introduz organizações sociais na gestão das universidades, que é uma forma de privatizá-las e liquidar de vez sua autonomia. Omite-se com relação a qualquer ideia de expandir o Ensino Superior. Ignora especificidades, tão naturais em um país com a dimensão do Brasil. Ignora a Extensão universitária. Ignora que, por preceito constitucional, nossas instituições são públicas e gratuitas. Desconsidera o fato de que qualquer política séria para Ciência, Tecnologia e Inovação deve assentar-se em um financiamento estável, previsível, imune às oscilações do mercado, tão comuns no ambiente privado.

É essa, meus amigos, a Universidade que estão preconizando para o País nos nossos filhos e netos, em substituição àquela que formou,

tenho certeza, grande parte do ilustre auditório aqui reunido em torno de nossa querida Angela Gutiérrez.

Indagado por que não capitulamos e abrimos de vez as portas à privatização, à negação da autonomia, ao fim da gratuidade, tenho respondido que é porque acredito nas lições da História. E a História tem apontado que, ao longo dos séculos, a Universidade sempre se revelou uma instituição sólida, capaz de sobreviver aos mandos e desmandos, à sucessão de governos e desgovernos, às revoluções, às crises econômicas, às ditaduras. Nossos muros são protegidos contra o obscurantismo porque nosso compromisso é com o saber, a liberdade de pensamento, a democracia, a construção da dignidade humana e da cidadania. Estes, para nós, são princípios inalienáveis.

A você, minha cara Angela, mulher também de fé, e que, como boa parte dos Brasileiros, tem o coração apertado diante do momento difícil que atravessamos, quero lembrar uma frase de Santo Agostinho, presente num documento publicado em 30 de julho pela Arquidiocese de Olinda e Recife: "A esperança tem duas filhas lindas, a indignação e a coragem. A indignação nos ensina a não aceitar as coisas como estão, a coragem, a mudá-las." No meio de tanta escuridão temos que ter força para anunciar a esperança.

Professora Angela, eis aí a Universidade que hoje acolhe você em sua instância mais nobre, a arcádia dos Eméritos. Vivemos tempos difíceis, sim, mas são essas provações que retemperam nosso ânimo e fortalecem nossas convicções. Você sabe disso porque você representa a Universidade lúcida, aquela que tem olhos para enxergar. E que enxerga, mesmo quando há pouca luz no horizonte.

Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, receba nosso título de Professora Emérita como prova de reconhecimento e gratidão por tudo o que já fez por esta Universidade. E por tudo o que ainda vai fazer.

Receba o nosso caloroso e sincero aplauso.

SAUDAÇÃO ACADÊMICA A MURILO MARTINS, EDNILO SOAREZ, FLÁVIO LEITÃO E LINHARES FILHO, PRONUNCIADA PELO VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, EM CERIMÔNIA DE COMEMORAÇÃO DOS NOVENT'ANOS DO PRIMEIRO E DOS OITENTA ANOS DOS OUTROS ACADÊMICOS, NO IDEAL CLUBE, EM 13 DE AGOSTO DE 2019

Juarez Leitão

Sra. Presidente Angela Gutiérrez

Senhoras acadêmicas,

Senhores acadêmicos:

No passado, atingir a oitava década constituía certamente uma ventura, uma generosidade especial dos deuses ou um milagre da natureza.

Os 90 anos, então, eram uma idade bíblica, privilégio solar dos patriarcas ou de um ou outro Manjaléu das histórias de Gonçalo Trancoso, que tanto nos assustavam no país da infância.

Morria-se de tudo ou de nada antes da penicilina, das vacinas preventivas, dos remendos cardíacos e dos transplantes de toda ordem no tempo em que, aos 40 anos, já se estava velho; aos 60, curvo e combalido e, aos 70, éramos praticamente um trambolho incômodo que ninguém mais ouvia e a quem não se prestava atenção, figurando entre os objetos da casa como um morto-vivo que já transpirava o mofo triste da eternidade.

Hoje, graças aos avanços da ciência e às conquistas cada dia mais alvissareiras da medicina, os oitentões estão aí, trêfegos e gárrulos, disputando com os adolescentes os espaços esplêndidos da vida, pelos

campos da sorte, pelas ruas do tempo, exultando de alegria e, no pleno exercício de sua inteligência, ajudando na construção do mundo e palmilhando, serelepes, os múltiplos caminhos da felicidade.

Nesta noite, a Academia Cearense de Letras, no rol das comemorações de seus 125 anos, se reúne para festejar, com distinção e galhardia, a vida de quatro personalidades componentes de seu quadro efetivo. E o faz em torno da mesa de jantar, como ocorria nos momentos mais importantes das celebrações familiares e nos regozijos dos eventos clânicos, quando as alegrias se misturam com o orgulho altivo, os abraços cumprem a simbologia de camaradagem e os aplausos traduzem a proclamação sincera do reconhecimento.

À Távola fraternal de nossa homenagem convidamos para tomar assento o primeiro cavalheiro, JOSÉ MURILO DE CARVALHO MARTINS.

Nascido em Caxias, no Maranhão, onde seu pai, o notável homem público e intelectual Antônio Martins Filho, gerenciava uma loja de tecidos, Murilo seria o segundo filho do casal Maria e Antônio. Integrou uma família de sete irmãos num lar onde predominavam a cultura e a decência, valores que marcariam a vida ilustre e vitoriosa deste homem honrado, um verdadeiro edifício de dignidade, amado e respeitado por seus contemporâneos, por seus colegas, por seus alunos, por seus confrades do Rotary Club e agremiações literárias, por sua cidade e por todas as pessoas que pisaram e pisam o mesmo chão de suas atividades e a mesma cena de suas emoções, sentimentos e aspirações.

Médico e professor, ocupou importantes funções na Universidade Federal do Ceará (onde foi laureado Professor Emérito). Nos Estados Unidos fez residência médica e aperfeiçoamento científico em hematologia.

Como militante da Literatura escreveu vários livros, alguns relatando vivências profissionais e humanas. Outros de cuidadosa pesquisa sobre a Faculdade de Medicina do Ceará, o ensino público municipal e a vida acadêmica, sendo hoje o grande pesquisador da história da Academia Cearense de Letras e da catalogação da vida e obra de seus componentes desde a fundação, em 1894. Da Academia mais antiga do país, que ele presidiu, é o atual Presidente de Honra e onde ocupa a Cadeira 04, patroneada por Antônio Bezerra.

Cidadão de fino trato, educado e gentil, costuma nos brindar com facetas curiosas de sua inteligência, como a da memória prodigiosa. É capaz de recitar de cor uma infinidade de poemas dos mais consagrados autores brasileiros, dos quais ainda conta as circunstâncias em que foram feitos, motivos e características da escola literária.

MURILO MARTINS, na majestade de seus 90 anos, orgulha e enobrece a nossa academia.

O segundo convidado desta noite de fulgurações é FRANCISCO FLÁVIO LEITÃO DE CARVALHO.

Cercado por cultores da arte e da literatura, é filho do poeta José Valdivino e da pianista Maria Adamir Leitão. Fez seus primeiros estudos no Ginásio Lourenço Filho, fundado e dirigido pelo poeta Filgueiras Lima. Iniciou o Curso Secundário no educandário da arquidiocese, o Colégio Castelo Branco, antes de ingressar no Seminário da Prainha, onde fundou um jornal-mural e pertenceu ao Grêmio.

Desistindo da condenação celibatária, prestou vestibular para a Faculdade de Medicina da UFC, graduando-se em 1964. Nas atividades universitárias foi Orador Oficial do Diretório Acadêmico e Monitor, por concurso, de Anatomia Patológica. Fez curso de especialização em Minas Gerais, Porto Alegre e Boston, nos Estados Unidos.

Aplicado profissional da medicina, firmou-se como uma referência em Neurocirurgia no Ceará. Professor dessa cadeira na Faculdade de Medicina da UFC, com mestrado em cirurgia, aplicou seus conhecimentos e sua capacidade de trabalho e liderança em vários departamentos, cursos e projetos, conquistando muitos títulos em associações médicas e missões de alta responsabilidade dentro e fora da universidade.

Vindo de tão boa cepa artística, embalado todos os dias pelas melodias emanadas dos versos e dos teclados, não recusou o apelo da literatura, que o atraía desde a infância. Seduzido pela arte das letras, começou a praticá-la, primeiro, no campo científico, onde produziu várias obras. Depois, partiu para a crônica e para o conto. Participou de muitas antologias da SOBRAMES, a Sociedade de Médicos Escritores, publicando também em jornais e revistas. Reuniu essas participações nos livros *A Ventura de Gamalielzinho* e *Retórica de Circunstâncias*. Apoiado por suas criações pleiteou ingresso na ACL, aqui obtendo assento na Cadeira 34, antes ocupada por seu grande amigo, o também médico José Telles da Silva.

Portador de ilibado caráter e cativante capacidade de fazer amizades, o marido de dona Marimília logo tornou-se membro da diretoria, revelando-se um exímio redator de atas, tecendo-as com tal riqueza de detalhes que, a cada leitura, revivemos a reunião anterior, como num filme.

Bem informado, comedido e falando apenas o que é necessário, quando emite uma opinião o faz com segurança e acerto cirúrgico, como convém aos de sua profissão.

FLÁVIO LEITÃO, 80 anos, orgulha e enobrece a nossa Academia.

O terceiro comensal desta nova Ceia dos Cardeais é EDNILO GOMES DE SOAREZ.

Natural de Fortaleza, é filho do austero e bem-amado educador Edilson Brasil Soarez, fundador do Colégio 7 de Setembro; e de Dona Nila Gomes, a menina que escapou viva da selva amazônica, o Inferno Verde que tragara cinco irmãos dela por sarampo e malária.

Educado nas rédeas curtas do Dr. Edilson, Ednilo, assim que pode, fugiu para o mar. Alistado na Marinha do Brasil, evoluiu de grumete a capitão e tomou tal gosto pelas águas profundas dos oceanos que, hoje, da plataforma dos 80 anos, não pode ver um navio que, convocado pelas ordens de Poseidon e o canto irrecusável das sereias, embarca de pronto, só depois perguntando para onde o barco vai.

Cursou Ciências Náuticas na Escola Naval do Rio de Janeiro e, já desembarcado, graduou-se em Administração de Empresas, também no Rio.

Muito jovem curtiu a época de ouro da Cidade Maravilhosa, ali se tornando empresário da construção civil e um obstinado experimentador dos consórcios matrimoniais. Casou-se três vezes antes de definitivamente ancorar suas ansiedades num porto seguro e lançar âncoras nos braços da Fani, assegurando que a descoberta do verdadeiro amor valeu a pena e compensou todas as tentativas anteriores.

Aos trinta anos já era Secretário da Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, firmando sua passagem pelas funções públicas por postura ilibada, competência e responsabilidade cívica, com desempenho elogiado e consciência do dever cumprido.

Quando voltou ao Ceará, integrou-se ao projeto educacional da família, tornando-se diretor do Colégio e Faculdades 7 de Setembro, FA7, onde, segundo consta, dava três expedientes.

Enfronhou-se em diversas atividades sócioculturais, militando no Rotary Club Fortaleza, onde chegou à Presidência e associações

literárias, como a Academia Fortalezense de Letras e o Instituto do Ceará, entidades que também presidiu.

Pertence à Sociedade Consular do Ceará, representado o Chile e é membro da Associação Portuguesa de Escritores.

Como autor produziu obras de educação, história, romance, pesquisa literária, filosófica e de antropologia.

Chegou à Academia Cearense de Letras em 2011, ocupando a vaga de Abelardo Montenegro na Cadeira 10, que tem como patrono o Padre Mororó.

Atualmente tem três residências, todas elas com a amada Fani: Fortaleza, Lisboa e o mar.

Espírito leve, coração generoso, entende como ninguém da arte de fazer amigos. Aonde vai planta um grupo social, cria um convescote e funda uma roda afetiva, em que reinam a descontração e a alegria de viver. É um supimpa!

EDNILO SOAREZ, 80 ANOS, orgulha e enobrece a nossa Academia!

O quarto mosqueteiro da Rainha, o D'Artagnan da poesia atual cearense, o nosso Príncipe, é JOSÉ LINHARES FILHO.

Filho de Lavras da Mangabeira, seus pais foram o farmacêutico José Gonçalves Linhares, ex-prefeito daquele município, e a pintora Maria da Conceição.

Casado com Mariazinha, musa eterna e manancial de afeto cristalino, é pai de quatro filhas e avô certamente de alguns netos.

Pertence a uma raça de poetas do melhor quilate, da estirpe dos Linhares, dois deles, Joel e Josaphat, também membros de nossa academia.

Banhou sua infância nas águas tépidas do Salgado, o mesmo rio que banhou, além dos dois tios citados, também outras sonoras figuras

das letras cearenses, como Filgueiras Lima, João Clímaco Bezerra, Joaryvar Macedo, Dimas Macedo e Batista de Lima. Todos membros efetivos deste sodalício. Todos de primeira grandeza.

Graduado em Letras, Mestre e Doutor em Letras Vernáculas, é professor titular de Literatura Portuguesa na UFC. Ocupou na carreira acadêmica vários cargos e funções, em todos eles brilhando pelo bom desempenho e acurada dedicação.

Poeta, no sentido profundo da palavra, tem uma obra reconhecida pela qualidade e grandiosa inspiração no Ceará e no país. Poetas e críticos de renome nacional teceram loas ao descortino e performance de seus versos, elevando às alturas seu pendor metafórico, seu modo transcendente de olhar a vida e dar voz às emoções e aos sentimentos com sutileza e percepção filosófica, no mesmo caminho dos grandes poetas do mundo.

Carlos Augusto Viana, estudioso de sua poesia, afirma que "Linhares Filho compondo sonatas a partir dos rastros que a condição humana imprime nos espaços múltiplos de sua passagem, tanto rompe a crosta onde adormece a polpa que renova a existência, como, através da sublimação, produz lenitivo e incentivo para outras novas jornadas."

Em outra passagem de sua análise sobre o Príncipe dos Poetas Cearenses Carlos Augusto confirma que "A consciência da precariedade da vida – tudo conhece a dissolução – é constante na poética de Linhares Filho, pois a preocupação ontológica é um de seus pilares. Para o poeta, o homem, sabedor das fragilidades, da corrosão que recai sobre as coisas, vai em busca da transcendência e há nessa atitude, com muita frequência, um encontro entre a poesia e o sagrado."

Linhares Filho é um homem sereno, afável, de sorriso brando, envelopado num corpo magro que causa inveja e insulta a nossa obesidade. Deve ser comedido e frugal quando se alimenta e educado tanto quanto fala, guardando sua impetuosidade para as façanhas de sua poesia, quando, então, relampeja e dispara fogo pelas ventas.

Vejamos, agora, uma pequena história, para amenizar a impostação da retórica:

O poeta Carlos Drummond de Andrade também se dava ao exercício da prosa, em que se saía muito bem. Escrevia crônicas e pequenos contos que publicava semanalmente no Jornal do Brasil para a delícia de todos nós, seus devotos. Num desses, falou de um menino, o Paulinho, que costumava chegar a casa contando coisas de estarrecer. Num dia, afirmava que vira no campo dois Dragões da Independência, arrotando fogo e lendo fotonovela. "A mãe – narra o poeta – botou-o de castigo. Mas, na semana seguinte, ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua todo cheio de buraquinhos feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez Paulo não só ficou sem a sobremesa, como foi proibido de jogar bola durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o doutor Epaminondas abanou a cabeça:

– Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia".

Repito aqui, nesta noite de estrelas, o diagnóstico do doutor Epaminondas, com toda convicção:

Este Linhares Filho é um caso de poesia!!!

LINHARES FILHO, 80 anos, orgulha e ilustra a nossa Academia!

Senhoras e senhores acadêmicos:

Neste 2019 comemoramos os 125 anos de nossa Academia Cearense de Letras.

No decorrer deste percurso centenário mudou o mundo, mudaram-se os costumes, as atitudes e o olhar da inteligência humana sobre a vida e as coisas.

Vieram as facilidades e as urgências em todos os campos, multiplicando as alegrias, os conflitos, os medos e as apoteoses na marcha vertiginosa e dinâmica da história.

Só não mudaram os atributos, as características, os defeitos e as virtudes da natureza humana. Por perceber essa eternidade e apostar nos comportamentos clássicos e anímicos do homem e trabalhar sobre eles, os dramaturgos gregos e, também, Cervantes e William Shakespeare permanecem. Produziram obras definitivas e ficarão eternos.

Nós, escritores, somos os olhos do tempo.

Escolhidos pela sorte ou apontados pelo dedo de Deus coube-nos a missão de, ao olhar a vida, decifrar seu sentido e interpretar, pelo caminho das palavras, o seu deambular. A palavra, o verbo é uma arma poderosa e os que a sabem usar assumem um compromisso com esta e as futuras gerações. Assumem um pacto com a História.

Como operários da palavra, temos que inverter a teologia cristã. Com toda humildade e todo o respeito. Tomar a espécie vulgar, a fragilidade da matéria deteriorável, a nossa pobre carne, e transformá-las em verbo.

A palavra como instrumento de edificação da vida, da beleza, da arte, da integridade moral, da justiça social.

A palavra contra a ignorância, contra o medo, contra a dor e contra a vilania.

Não apenas o VERBO em missão divina transformado em CARNE na pessoa do Salvador.

Mas a CARNE, perecível e vulgar, transformada em VERBO, eternizado como valor e pensamento permanentes.

PARABÉNS AOS HOMENAGEADOS DESTA NOITE.

Parabéns à Academia Cearense de Letras, que, aqui e agora, mais uma vez, celebra a palavra e a vida.

Muito obrigado.

O SEGREDO DA BONECA RUSSA E A REVELAÇÃO DA ROMANCISTA CELMA PRATA, DISCURSO DE APRESENTAÇÃO PRONUNCIADO PELA ESCRITORA ANGELA GUTIÉRREZ, NA XIII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DO CEARÁ, EM 23 DE AGOSTO DE 2019.

Angela Gutiérrez

Muitas vezes ouvi do querido mestre Moreira Campos uma frase que, um dia, em 1993, nosso grande contista repetiria, por escrito, na coluna "Porta de Academia", que mantinha no jornal O POVO: "...o que importa em literatura, no sentido de arte, é saber se esta agrada, prende". *O segredo da Boneca Russa*, de Celma Prata, que hoje, agora, tenho o prazer de apresentar, preenche os dois requisitos que o grande contista considerava essenciais em uma narrativa ficcional, pois sua leitura agrada e prende.

Esse romance nos atrai desde sua intrigante capa, concebida pelo sempre inventivo escritor e artista Geraldo Jesuíno, que contrasta o tom escuro de base com o vermelho das letras do nome da autora, cor que se espraia como sangue derramado a descer da imagem de uma *matrioska* que, por sua vez, remete ao título do livro. No bem cuidado paratexto da publicação, ressalto, ainda, a fotografia da autora, em elegante postura, à moda dos retratos de Da Vinci, vestida em negro, em conformidade com a dramaticidade da narrativa que assina, quebrada levemente a severidade pelo sorriso iluminado da escritora. Rosto e mãos compondo o *chiaro* a sobressair ao lado do *oscuro* dos cabelos e do traje. (crédito da foto: Tati Aquino).

Se me detive em alguns elementos que envolvem a obra *O segredo da Boneca Russa*, não escondo a intenção de ir mostrando como a

atração primeira pelo objeto-livro – aquela que nos faz parar diante de uma bela capa nas prateleiras de uma livraria -, nesse caso, para além da beleza estética da capa, essa sugere também um enredo de sangue e mistério para o livro. Ao penetrarmos no texto, o encantamento da trama e do discurso vai construindo o segundo requisito mencionado pelo Mestre Moreira Campos, ou seja, prende o leitor, a leitora em suas teias literárias.

O modo de brincar com uma boneca *matrioska*, desenroscando-a, retirando a metade de cima consecutivamente, de modo que bonecas cada vez menores vão saindo, como por magia, uma de dentro da outra, seria um bom modelo para explicar a estrutura do primeiro romance de Celma Prata. Na trama ficcional, a personagem-narradora, Joëlle Dousseau, nascida na França, de mãe brasileira, é historiadora, especializada em biografias de famosos personagens autoritários, que impuseram regimes ditatoriais, injustos e cruéis, em seus países, como Hitler, Pinochet, Mao Tsé Tung, entre outros. Pelo tema que elegeu para seus livros biográficos, Joëlle ficara conhecida nos meios culturais como "a caçadora de déspotas". Ao prometer à mãe, em seu leito de morte, que desvendaria um crime que acontecera na casa da avó materna, reassume o papel detetivesco de suas biografias para colher dados que possam desvendar as circunstâncias e a autoria desse crime acontecido no Brasil dos anos 60. Após concluir essa busca para reconstrução do passado que traria luz sobre o crime, Joëlle, que se comprometera com sua agente literária a escrever uma narrativa dos acontecimentos históricos da ditadura de 64-85, consegue convencê-la de que seria melhor escrever uma história romanceada do período e, assim, constrói um livro sobre o crime, apresentando as personagens sob nomes fictícios e em versão romanceada, na obra *A Boneca Russa*, ficticiamente publicada em 2014. Essa é a primeira boneca da metafórica *matrioska*. Posteriormente, por

meio desse texto, a personagem-autora resolve reescrever a obra: o resultado será o livro que leremos, *O segredo da Boneca Russa*, ou seja, a segunda boneca da metafórica *matrioska*, em que Joëlle muda o gênero de ficção para documentário, ao apresentar não mais o crime romanceado, mas o crime como fato real e ao usar os nomes verdadeiros das pessoas envolvidas, como sua mãe, Clara, e seu pai, o militar José Sousa. Das duas bonecas, já apresentadas, vão saindo outras surpreendentes bonecas, narrativas menores da trama contadas por diferentes narradores, vozes e memórias do crime acontecido há mais de cinquenta anos, com relação ao tempo em que é narrado no segundo livro, publicado em 2018.

Paralelamente à busca da autoria do crime e dos acontecimentos que o motivaram, a personagem-narradora usa seus conhecimentos de História, assim como textos de emissões radiofônicas e de jornais, *jingles* da campanha de Lula – "lulalá, brilha uma estrela" –, canções de Chico Buarque e de Belchior, conversas da família, para contextualizar os fatos históricos e culturais do país e caracterizar as personagens. Do mesmo modo, apela à Filosofia, especialmente aos alemães Schopenhauer, Nietzche, Marx, para comentar as leituras do jovem Norberto, considerado subversivo, e à Literatura, em especial aos franceses Simone de Beauvoir e Paul Sartre – O livro *Le Mur*, de Sartre marca momento relevante na vida da narradora, seu direito de ler literatura de adultos –, e, ainda, relembra suas próprias memórias do tempo em que viveu em Paris, para explicar a si mesma seu estranhamento diante de atitudes e preconceitos de classes abastadas de brasileiros.

Além da narrativa de Joëlle, outro fio de Ariadne que conduz o enredo do livro são os trechos de diálogo da narradora com o delegado a quem denunciou o crime, estrategicamente situados no início de cada capítulo do romance.

Dentro do jogo de faz-de-conta do enredo, em que a autora do livro não é Celma Prata, mas Joëlle, a personagem-narradora, ou seja, a principal voz da trama, vai reunindo os dados fornecidos por outras vozes até construir um grande coro, em que cada voz ganhará harmonia no todo.

Apresentado, em sua ficha catalográfica, em primeiro lugar, como "Ficção policial e de mistério", o livro *O segredo da Boneca Russa* exige de quem o apresenta ou o analisa alguns cuidados especiais, como o de não revelar dados que quebrem o suspense e as surpresas de revelações finais. Advirto, porém, que, se esse romance é categorizado como policial, é preciso que se esclareça que um romance por ser policial não se esgota fatalmente no desvelamento de seus dados escondidos ou na conclusão de seu enredo. O romance que vocês irão ler, ao mesmo tempo que mantém características herdadas do gênero policial, como o ritmo de atenção intensa, quase de estresse, no desvendamento do crime, é uma narrativa que conduz os leitores à reflexão sobre questões nacionais, como a profunda injustiça social e preconceitos ainda presentes no Brasil, e transnacionais, como concepções de vida no velho e no novo mundo, semelhanças e diferenças entre a primavera de 1968 na Europa e nos países da periferia do mundo, especialmente na América Latina, em grande parte, nos anos sessenta, setenta e oitenta, sob ditadura militar e, ainda, questões que interessam ao ser humano de qualquer latitude e longitude, do hemisfério norte e do hemisfério sul, como amor e ódio, democracia e ditadura, direito e injustiça.

O segredo da Boneca Russa não parece livro de estreia no gênero romance, ao contrário, é obra madura, enriquecida pelo domínio da escrita e de técnicas narrativas contemporâneas, como o recurso a textos fragmentados, à não-linearidade do tempo, que aparece em zigue-zague, à mistura harmoniosa de diferentes linguagens para diferentes narradores, à concepção do narrador não-onisciente, que

constrói seu conhecimento pela escuta atenta e analítica da fala de outros narradores, ao uso de materiais linguísticos não literários, como os jornalísticos, ou à intertextualidade com outros gêneros literários, poesia, letras de canções, correspondências, e muito mais.

Romance longo, de quase 400 páginas, *O segredo da Boneca Russa* consegue manter o interesse de leitura da primeira à última página e revela uma nova romancista em nosso Ceará, que tem na obra de Rachel de Queiroz e na de Ana Miranda os exemplos mais conhecidos e respeitados no gênero. Honrada em ter sido escolhida por Celma Prata para ser sua madrinha no seu batismo literário, em novembro do ano passado, e neste lançamento na maravilhosa XIII Bienal Internacional do Livro do Ceará, auguro-lhe um futuro de pleno êxito na criação e publicação de seus próximos romances. E volto a dizer: Brilha uma estrela na literatura cearense!

PALAVRAS À MINHA IRMÃ E MADRINHA DULCE, PRONUNCIADAS A 20 DE SETEMBRO DE 2019, NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES, EM MISSA DE TRIGÉSSIMO DIA

Linhares Filho

Quão difícil e doloroso, para mim, há de ser chegar a Lavras e, nesta, ao Largo da Matriz Dr. José Gonçalves Linhares, penetrar o nosso casarão ornado de ogivas e não te encontrar de braços abertos para receber o teu menino, o que veio morar tão longe, após trilhar por incertos caminhos, sem nunca ouvir o som do velho sino da torre da igreja. Chegar a Lavras e não te ver afável e solícita, não te encontrar ainda lúcida, como estiveste até o fim, a empreender tuas leituras, a administrar a casa e influir na política local.

Nessa casa, velho solário da família, viveste com o teu marido e com ele completaste a educação dos teus filhos com uma sabedoria e um amor materno exemplares. Ali conheceste sucessos e sofrimentos como o da perda dos teus dois filhos maiores, Miranez e Pedro, o que mais te afligiu o coração na idade provecta.

Entrevejo os vãos da casa que tão cuidadosamente decoravas, os quadros, as fotos e a coleção de bonecas que tanto prezavas. Entrevejo o amplo jardim onde mais reinou minha infância. Mas não mais te ouço a voz, nem teus passos, nem te revejo a ternura do olhar que acolhia e abençoava. Fica conosco, porém, o teu legado de virtudes morais, espirituais e cívicas, a orientar-nos os passos pela vida fora.

Se cumpriste tua missão neste mundo com um desempenho singularmente virtuoso, cheio da simplicidade dos sábios, todos acreditamos que já desfrutas da recompensa reservada aos justos no seio de Deus.

E repito aqui, minha Irmã, o canto que entoei, junto ao teu esquife, para comemorar o teu centenário:

Matriarca és do clã por teu direito,
e ora atinges a marca dos cem anos.
Fiquei para render-te um justo preito,
que o único vivo sou dentre os teus manos.

Cheio de afeto a bênção tua aceito,
ao contemplar sucessos, desenganos
da trajetória, em que um ideal conceito
construíste condizente com teus planos.

Por teu amor materno hoje mereces
grande homenagem envolta a aplausos, preces,
enquanto te ergues como anosa tília.

A ti todo louvor e toda glória,
ainda mais pelo exemplo teu, na história,
de alta longevidade da família!

Dorme em paz o teu sono eterno, minha Irmã.

Fortaleza, 20/09/2019.

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO PROGRAMA DE COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DE ESTRIGAS, PROMOVIDO PELA SECULT-CE E PELO MINIMUSEU FIRMEZA, ESTRIGAS E NICE NO TERRITÓRIO MÍTICO DE MONDUBIM E NAS ARTES DO CEARÁ, NO CENTRO CULTURAL DRAGÃO DO MAR, EM 26 DE SETEMBRO DE 2019

Angela Gutiérrez[4]

Nice e Estrigas compõem um par indissociável, inconsútil, de artistas, mestres nas artes plásticas e nas artes do bem-conviver. O que acabo de dizer, mesmo quando o disse pela primeira vez, há quase quinze anos, em uma exposição dos dois artistas no Museu de Arte da UFC -MAUC, há muito já era uma verdade estabelecida e não estou reivindicando uma primazia, pois acho que desde que se uniram como casal, construíram-se como artistas, e construíram um encantador espaço de arte na cidade de Fortaleza, todos os amigos e visitantes do sítio de Mondubim já tinham essa certeza no coração. O Minimuseu Firmeza e o sítio que o abriga poderiam inscrever-se entre as sete maravilhas (se é que existem as outras seis!) de nosso mundo das artes. No mítico território de Mondubim Velho, Nilo e Nice, que há décadas se inscreveram como protagonistas na História da Arte no Ceará, receberam os visitantes e artistas como Araquém em sua cabana: com fidalga simplicidade. Lá, todos nós éramos amigos do rei – e da rainha! Lá, apreciávamos o pôr do sol filtrado por folhas de antigas mangueiras e picturais cajueiros, provando os doces preparados por Nice e ouvindo suas sempre graciosas histórias de

4 Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez; Escritora, Presidente da Academia Cearense de Letras, Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará, sócia-efetiva do Instituto do Ceará, membro da Sociedade Amigas do Livro e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

pequenos aprendizes de arte. Lá, podíamos ver a arte se fazendo: uma tela que Nilo ainda estava pintando ou um desenho que Nice estava bordando. Lá, encontrava Nilo pintando um livro – sim, uma pintura em cada página! – e escrevendo sobre pintura e pintores de ontem. Lá se encontravam os que amam a arte e os que fazem a arte ser amada.

Para esta neta do Dr. César Rossas, conceituado médico, que morava com sua mulher, Laís Pompeu Rossas, desde os anos cinquenta, no Sítio Angela Pompeu, que pertencera aos pais de Laís, Thomaz e Angela Pompeu e era situado em frente ao sítio dos Firmeza, passar férias ou mesmo morar, mais tarde, com toda a família, por alguns anos, naquele paraíso, era como viver no Sítio do Picapau Amarelo, com a facilidade de visitar Estrigas e Nice, bastando, para isso, descer um barranco e subir uma escadinha construída certamente para ela alcançar com rapidez e segurança a casa dos amigos queridos de toda a família, pelo menos, assim imaginava.

Desse modo, Estrigas é, desde sempre, para mim, o amigo Nilo, habitante do afeto da menina, depois moça, que esperava o trem passar para atravessar os trilhos que a separavam da casa hospitaleira onde podia comer carambola, manga-rosa, doce de caju e ver Nice e Nilo arquitetando e construindo arte e bondade.

As obras do casal Firmeza, ao longo do tempo, fui conhecendo-as aos poucos na própria casa dos artistas e, posteriormente, vendo em seu conjunto em exposições e, bem mais adiante no tempo, ainda, promovendo-as e apresentando-as no Museu de Arte da UFC, como Diretora do Instituto de Cultura e Arte, em parceria com o Diretor do MAUC e amigo, Pedro Eymar Barbosa. Aí começou um novo período de minha vivência com a arte do casal porque a convivência de amizade continuou a mesma, meu nome sempre foi Jan ou Janzinha para eles e Oswaldo, meu marido, sempre foi o amigo querido e médico do casal.

Entre as exposições do casal no MAUC, lembro aqui a de obras criadas entre agosto de 2006 a início de 2007, *Pinturas e Desenhos de Estrigas e Nice*, que teve curadoria do dedicado e talentoso Diretor, com colaboração de alunos da Bolsa Arte ICA/MAUC, por ele orientados. Essas obras mostram o esplendor da maturidade artística dos dois pintores tão próximos e tão diferentes. Enquanto Nice alegra nossos corações e nossos olhos com o *éclatante* colorido de suas pinturas, com a inundante presença de crianças e flores, Estrigas convida à reflexão, com seus traços cartesianos, com a pureza de suas linhas, com a paz de seus tons pastéis.

Àquela época, convidei os presentes, como os convido agora, a reverenciarmos sem pudor, os mestres de Mondubim, a relembrarmos as mangueiras do sítio acolhedor: Nice, com uma flor no cabelo, oferecendo sorrisos, flores e frutos de sua arte e Nilo, a seu lado, mostrando as linhas e cores de seu talento. Fechemos os olhos e entremos, ninguém precisa pedir licença para entrar nesse paraíso.

A excelência da arte de Estrigas[5] é tão patente que não exige nem permite explicações sobre o motivo de ter-lhe sido concedida pela UFC a Medalha de Mérito Cultural, proposta ao Conselho Universitário, em julho de 2005, pelo então Reitor, Prof. René Teixeira Barreira, por solicitação do ICA e do MAUC e aprovada por unanimidade. Aliás, bastaria correr os olhos sobre as paredes do Museu, com bela exposição inaugurada no dia em que foi entregue a Medalha, para bater palmas. No entanto, reconhecer, por meio de palavras, seu talento de artista e seu papel na história das artes plásticas no Ceará é preciso, assim como "navegar é preciso" para o poeta.

O devotamento de Estrigas – então com 87 esplendorosos anos de idade – ao desenvolvimento da Cultura em nosso Estado é

5 Parte desse texto baseia-se em discurso que proferi na noite em que Estrigas recebeu a Medalha de Mérito Cultural da UFC.

amplamente conhecido, e se expressa na qualidade artística de suas obras, em seu empenho em formar novas gerações de artistas, em sua dedicação à pesquisa sobre a arte no Ceará, em sua obra de escritor e em sua estreita ligação com a Universidade Federal do Ceará, através do apoio às atividades do Museu de Arte e, especialmente, pelo valioso acervo que doou à UFC, não só de 22 peças de coleção do artista plástico de renome internacional Aldemir Martins, como de muitas de suas próprias obras.

Estrigas, no seu sítio de Mondubim, conseguiu criar, junto com Nice, uma verdadeira escola de arte ao ar livre, no aprazível e producente recanto de arte no Ceará. Gerações de pintores iniciaram-se nas artes sob a sombra das seculares mangueiras que ampliam o espaço do MiniMuseu Firmeza, ouvindo as sábias conversas do casal anfitrião e traçando linhas e experimentando cores sob o olhar do mestre.

A vida artística de Estrigas inicia-se nos anos 50, quando, ao lado de Nice, participa da extraordinária e pioneira experiência da SCAP – Sociedade Cearense de Artes Plásticas, formada, ainda, por Antônio Bandeira, Aldemir Martins, Barrica, Barboza Leite, Carmélio Cruz, Heloísa Juaçaba, Mário Barata, Zenon Barreto, entre outros significativos nomes da pintura em nossa terra e além-fronteiras.

Ao longo da carreira de Estrigas, respeitados nomes do meio cultural têm-se manifestado sobre seu trabalho artístico. Não sendo possível reportar-me a todos, opto por salientar as opiniões de dois membros do CLÃ, por pertencerem a um grupo irmão da SCAP, sobre a arte de Estrigas. Já em 1969, assim se expressa o poeta Artur Eduardo Benevides sobre o mestre de Mondubim: "Estrigas é um dos artistas cearenses que dispõe de maior poder de criação, com uma técnica de composição que cada dia mais valoriza e aprimora." E, em 1973, diz Milton Dias, por ocasião de uma retrospectiva de nosso homenageado: "Estrigas nasceu artista e soube explorar o dom

que Deus lhe deu, o que vem fazendo sem pressa e sem interrupção, consciente, meticuloso, irrepreensível, honesto. Este artista tão grande e tão verdadeiramente Estrigas pode agora ser visto no seu conjunto, nesta retrospectiva belíssima, testemunha de toda uma vida dedicada à arte."

Convoco, ainda duas vozes femininas, a de Zuleide Martins de Menezes, nos anos setenta: 'Estrigas dá-nos uma mostra de uma rica versatilidade no domínio da sua arte, no emprego e utilização de uma técnica apurada, onde o traço leve, a delicadeza da composição cromática revelam o artista maduro capaz de renovar-se sem, contudo, incorrer jamais nos riscos da busca do insólito, ao sabor de modismos passageiros e diletantes."

Anos depois, a voz de Isabel Lustosa, escritora e pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, comentava:

"Tudo nesse artista é discrição: o humor leve, a ironia que não maltrata, o tom baixo da voz mansa, os movimentos quase orientais. Até mesmo a sua arte. Sua pintura é clara e luminosa, mas sem excessos, espalha-se em aguadas sobre o papel ou, numa camada de tinta a óleo muito fina, sobre pequenas telas, de onde recortam-se, numa absoluta economia de traços, as figuras, apenas esboçadas, apenas sugeridas, produzindo sínteses em cuja beleza, a gente reconhece a alma do artista".

O número exato de participações de Estrigas em coleções e em exposições, individuais e coletivas, no Ceará, no território nacional e no estrangeiro, é difícil de precisar, considerando sua longa carreira de intensa criação artística. Lembremos, entre as coletivas, sua participação no Salão Paulista de Belas Artes (em 59/60), Salão Paulista de Arte Moderna (em 59/61), no Panorama de Arte Atual Brasileira (SP, 76) e em várias versões do Salão de Abril; entre as individuais, recordemos, nos últimos anos, suas exposições no IPHAN, no Museu

do Ceará, no Espaço Cultural da UNIFOR, na Oboé e no MAUC. Em 2004, sua tela dedicada ao navegante espanhol Vicente Yáñez Pinzón foi transformada em imenso painel de pastilhas, medindo 11m por 15 m, e instalado no Mucuripe, local descrito pelo navegante.

Como pesquisador e crítico de arte, Estrigas atuava na preservação da memória, da história e da dinâmica de nossas artes. No livro *Arte – Aspectos pré-históricos no Ceará* (1969), Estrigas analisa desde a pintura dos primitivos habitantes da Serra de Uruburetama à arte indígena. Além de ter participado da SCAP como artista, Estrigas conservou a história desse importante grupo cultural em seu livro *A Fase Renovadora na Arte Cearense* (UFC,1983), e a trajetória de alguns de seus membros em outras publicações monotemáticas, *Barrica – o alquimista da arte* (1993), *Bandeira: a permanência do Pintor* (1997) e em muitos artigos de revistas, como o que dedicou a Zenon Barreto na Revista *Clã* nº 22, de 1966. Destaco, ainda, o livro *Contribuição ao Re-conhecimento de Raimundo Cela* (1988), a monografia *O Salão de Abril*: história e personagens (UFC/PMF, 1994)); e, em dois volumes (UFC, 2002), a obra *Arte na dimensão do momento*, espécie de diário dos acontecimentos ligados à arte. Como diz o autor: "...resolvi reunir os registros que fazia, a partir de 1951, quando ingressei na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP). São anotações de pequenos fatos e detalhes sem maior empenho de análise, mas que poderiam guardar explicações para outros acontecimentos, e, também, preservar do esquecimento essas pequenas doses que alimentam, em parte, a nossa história artística e formam o seu recheio". Apesar da modéstia do artista quanto a esse livro, o Prof. Gilmar de Carvalho, arguto conhecedor da arte de Estrigas, considera, referindo-se ao 1º volume, que : "É um livro que vai além da questão da arte, que avança na ética e nos dá um painel abrangente, pluralista e isento (na medida em que exista isenção no mundo) do que somos e do que fizemos de 1951 a 1971".

Artista com múltiplos dons, Estrigas também se dedica à ilustração de livros de amigos, como *Hoje Quero Marinhar* (1965) e outros de Ciro Colares, *Os Saltadores de Abismos* (1967), de Otacílio Colares, *Contos para Alguém dizer* (1970), de Manuel Coelho Raposo, *Viagem no Arco-Íris*, de Milton Dias e Cláudio Martins (1974), *O Pastoreio da Nuvem e da Morte*, de Caetano Ximenes Aragão (1975), *O mundo de Flora* (1990) e *Avis rara* (2001), desta admiradora e amiga, entre outros.

Além de suas publicações como ensaísta, Estrigas aventurou-se, com sucesso, no campo da literatura. Em 1999, na exuberância de seus 80 anos, publica o livro: *23 textos/desenhos*, em que brinca com a antiga e quase sempre frutífera relação da arte pictórica com a arte escritural e, especialmente, poética, como no dizer de Horatio, *Ut pictura poesis*. Em 2003, reúne dois textos literários em um mesmo livro: *Entre o dia e a noite* e *Diário Paralelo 1982-1991*, no primeiro, de crônicas (microtextos), esboça impressões, retrata amigos, recria leituras, pinta sentimentos, enfim, como diz o pintor-poeta: "Entre o dia e a noite as coisas acontecem. Ou não!". No segundo, o pintor-memorialista emite, em suas palavras, "um grito anônimo de protesto" sobre os acontecimentos bélicos e violentos do mundo. E as memórias terminam, com um "tira-gosto": um poema. Em 2005, o pintor-poeta-cronista lança *Estrigas – textos e ilustrações*, em que, como diz na introdução: "Abri os olhos e apurei os ouvidos. Agucei os sentidos. O que vi, ouvi, senti e pensei veio parar aqui". Em 2006, publica, *Zodiacarte*, coletânea de crônicas poéticas ilustradas ou de desenhos com versão poética, além de pequenos ensaios: "Signos, arte, espaço de um ano, como o zodíaco, fez surgir o zodíaco + arte = zodiacarte", diz o artista.

Considerado pelos artistas e pela crítica especializada como o grande mestre dos pintores cearenses, Estrigas é verbete do *Dicionário*

das Artes Plásticas do Brasil, de Roberto Pontual, e do *Dicionário Crítico de Pintura no Brasil*, de José Roberto Teixeira Leite, entre outros. O artista manteve-se em pleno exercício de criação artística até perto de seu reencontro com Nice. Em programa dirigido por Angela Gurgel, da TV Assembleia, deixa-nos uma suave e delicada despedida, ao comentar que cumprira seu ciclo no mundo, e se sentia só sem sua companheira Nice que cansara e fora descansar, e agora já se aproximava seu momento de também descansar...

O homem ético, o mestre generoso de tantas gerações de artistas, o pintor de imenso talento, o dedicado pesquisador de arte, o escritor, o fomentador de amor à arte e à justiça social, o crítico de arte sem medo, o Estrigas de Mondubim, o cidadão do mundo Nilo de Brito Firmeza, partiu e ficou ao mesmo tempo. Sua memória entranhada em nós, seus admiradores, e suas obras vivas em tantas coleções não nos deixam esquecê-lo.

Façamos de conta, outra vez, que aqui estamos sob as mangueiras do acolhedor sítio de Mondubim. Nice, com uma flor no cabelo, oferece sorrisos, flores e frutos e Nilo, a seu lado, mostra as linhas e cores de seu talento. Entremos, ninguém precisa pedir licença para entrar nesse paraíso que guardamos na memória.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA ACADÊMICA GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO, COMO ORADORA OFICIAL, NA SOLENIDADE DE ENTREGA DA MEDALHA ANTÔNIO MARTINS FILHO À ESCRITORA PROFA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ, PELA ACADEMIA FORTALEZENSE DE LETRAS, NO PALÁCIO DA LUZ, EM 16 DE OUTUBRO DE 2019

Grecianny Carvalho Cordeiro

Exmº. Sr. Presidente da Academia Fortalezense de Letras, Seridião Correia Montenegro, em nome de quem saúdo todos os dignos integrantes desta Mesa e acadêmicos da Academia Fortalezense de Letras.

Exmª. Srª. Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, Presidente da Academia Cearense de Letras, em nome de quem saúdo os integrantes das mais diversas arcádias literárias do Estado do Ceará que aqui se encontram.

Senhoras e Senhores,

É com muita honra que fui incumbida de ser a oradora oficial de tão significativo evento, especialmente para nós, integrantes da Academia Fortalezense de Letras, quando da entrega da Medalha Antônio Martins Filho, nossa maior comenda, à ilustre e querida Angela Gutiérrez.

A Medalha Antônio Martins Filho se destina a homenagear instituições e personalidades que prestaram relevantes serviços à Academia Fortalezense de Letras, à educação, à cultura, às letras e artes do município de Fortaleza, do nosso Estado e do Brasil.

Já foram agraciados com tal comenda: os sócios fundadores da AFL Matusahila Santiago, José Luís Lira e Regina Fiúza, o ex-presidente Murilo Martins, a Fundação Waldemar Alcântara, representada pelo dr. Lúcio Alcântara, Tales de Sá Cavalcante e Pádua Lopes.

Antônio Martins Filho dispensa maiores apresentações. No entanto, para que as memórias não se percam na efemeridade do tempo, urge, nesse momento, fazer um registro, embora breve, acerca de um homem tão brilhante, realizador, de notáveis feitos em prol da cultura e da educação, no Ceará e no país.

Antônio Martins Filho, intitulado o "reitor dos reitores", foi o fundador da Universidade Federal do Ceará. E quando por ocasião de uma entrevista concedida ao Jornal O Povo, em 10 de agosto de 2012, aos 86 anos de idade, ele revelou que: *"uma das datas marcantes em sua vida, foi a instalação da Universidade do Ceará, em solenidade realizada no Theatro José de Alencar, a 25 de junho de 1955."*

Foi também um dos fundadores da UECE e da URCA e reitor *pro-tempore* em ambas.

Coordenou os Programas Culturais da casa José de Alencar.

No poema ***A Antônio Martins Filho Centenário***, em seu livro ITINERÁRIO, Linhares Filho, o príncipe dos poetas cearenses, diz em seus versos:

"Jequitibá que te ergues soberano,
abrigando o inquieto ou o sedento
de saber, pelo teu docente plano
és seiva: sombra e vida, afã e alento."

Apesar de sua magistral importância para a educação e a cultura, Antônio Martins Filho carregava a marca da simplicidade e assim se definia:

> *"Um homem simples, sem ambições materiais, fanático no cumprimento do dever, aparentemente explosivo, profundamente sentimental. Aficionado da literatura, notadamente da poesia – clássica, lírica ou folclórica. Sensível à boa música, desde Tchaikovsky a Raul Seixas (...) Aprecia as mulheres bonitas, mas não desmerece as que não o sejam. Gosta de dormir de rede, comer tapioca e tomar banho de chuva. Adora qualquer tipo de viagem, principalmente as de rota internacional. Adquiriu o hábito de gastar o seu dinheiro, convencido de que ele circulará e voltará ao bolso do dono."*

A marca dos grandes homens e mulheres realmente está na simplicidade.

Que nós nunca esqueçamos disso, caros senhoras e senhores.

"A simplicidade é o último grau de sofisticação". Nas palavras de Leonardo da Vinci.

Antônio Martins Filho foi o nono presidente da Academia Cearense de Letras (mandato 1963-1964).

Escreveu cerca de 30 livros sobre Direito, História, Educação e Literatura propriamente dita.

Reconhecido em condecorações das mais variadas, no grau máximo, pelos governos do Brasil, Alemanha, Itália, França e Espanha.

Antônio Martins Filho faleceu no dia 20 de dezembro de 2002, aos 97 anos de idade.

"Não se preocupe quando não for reconhecido, mas se esforce para ser digno de reconhecimento." Dizia o presidente norte-americano Abraham Lincoln.

Antônio Martins Filho foi digno de reconhecimento e foi reconhecido.

Reconhecimento.

É o que essa noite representa: reconhecimento.

Todo profissional deseja ser reconhecido em seu mister. Seja ele qual for.

O profissional pode até dizer em alto brado que não trabalha para ser reconhecido.

Que seja.

Mas se o reconhecimento vier, com certeza o deixará muito feliz. Mais que isso: fará ver que tudo valeu a pena; fará com que deseje, cada vez mais, atingir a perfeição naquilo que se destinou a fazer.

Na peça ***Helena***, de Eurípides, sentencia o grande dramaturgo grego: *"há algo de divino no reconhecimento dos que amamos".*

Porque no final de tudo, o que importa é o amor.

O amor a Deus, à família, aos amigos, ao próximo, ao trabalho, ao estudo, enfim, o amor que nos impende a agir e a sentir em busca de uma vida melhor, de um mundo melhor, para nós e para os outros.

E as homenagens que recebemos devem ser vistas como o reconhecimento daquilo que fazemos com amor.

Portanto, caríssima homenageada, Angela Gutiérrez, essa medalha que ora está a receber, é fruto do reconhecimento pela sua contribuição à cultura e à educação do nosso Ceará, causas às quais tem se dedicado com tanto amor, zelo e responsabilidade.

Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, é a primeira mulher Presidente da Academia Cearense de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 18. E isso deve ser sempre enfatizado, porque foram necessários 125 anos para que uma mulher finalmente ascendesse ao comando da mais antiga academia literária do país, fundada em 15 de agosto de 1894, inclusive, pelo seu bisavô, Tomás Pompeu.

Porque é pertinente ressaltar que, apesar de estarmos em pleno século XXI, quando os avanços tecnológicos atingiram um grau impensável de evolução, influenciando a Medicina, a Engenharia, a Bioética e tantas outras áreas, a mulher ainda precisa lutar, diariamente, penosamente, insistentemente, para encontrar um lugar ao sol em um mundo ainda tão masculino, em que ainda precisamos de uma Lei Maria da Penha para coibir a frequente violência de que muitas mulheres são vítimas na vastidão das plagas brasileiras.

É por isso que a responsabilidade da homenageada é imensa, pois, querendo ou não, Angela Gutierrez representa cada mulher brasileira, cearense, escritora, leitora, mãe, esposa, amiga.

Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez, natural de Fortaleza, filha de Luciano Cavalcante Mota e Angela Laís Pompeu Rossas Mota. É casada com o doutor Oswaldo Augusto Gutiérrez Adrianzén.

É licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Educação pela mesma instituição. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pós-Doutora em Letras, também pela UFMG.

Foi Professora de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Coordenou e implantou o Curso de Mestrado em Letras da UFC. Foi diretora-fundadora do Instituto de Cultura e Arte da UFC e diretora da Casa José de Alencar. Participou de várias bancas examinadoras de mestrado e doutorado. Articulista do Jornal *O Povo*.

É sócia efetiva do Instituto do Ceará, membro do Conselho Editorial da Editora da UFC e da Sociedade Amigas do Livro.

Recebeu diversas medalhas e homenagens, pelo que destacamos as seguintes honrarias: Medalha da Abolição, Título de Professora Emérita da UFC, Troféu Sereia de Ouro, Medalha Rachel de Queiroz, Prêmio Gente de Bem.

Além disso, é romancista, ensaísta, conferencista, poetisa, autora de centenas de trabalhos literários publicados em revistas especializadas e participou de várias conferências.

Suas publicações: *O Mundo de Flora* (Prêmio Estado do Ceará – 1990). *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. *Canção da menina*. *Avis rara*. *Luzes de Paris e o fogo de Canudos*. *Os Sinos de Encarnação* (prêmio Osmundo Pontes – 2011). *O silêncio da penteadeira*.

Existem ainda inúmeras publicações em parceria com expoentes de nossa literatura, a exemplo de Sânzio de Azevedo, Vera Moraes, Regina Fiúza, Ana Remígio e Fernanda Coutinho.

O currículo da nossa homenageada é vastíssimo e, por isso, me vi obrigada a reduzi-lo ao máximo.

Como se pode perceber, entre Antônio Martins Filho e Angela Gutiérrez, existem muitas semelhanças em suas trajetórias de vida, as quais ressalvo: o amor à Universidade Federal do Ceará e a paixão pela literatura. Além do mais, Antônio Martins Filho coordenou a Casa José de Alencar, tal qual a homenageada; e ocupou a presidência da Academia Cearense de Letras, cargo hoje ocupado por Angela Gutiérrez.

Quando de seu discurso por ocasião do recebimento do título de Professora Emérita da UFC, em agosto próximo passado, Angela Gutiérrez sentenciou:

> *"Nossos muros são protegidos contra o obscurantismo porque nosso compromisso é com o saber, a liberdade de pensamento, a democracia, a construção da dignidade humana e da cidadania. Estes, para nós, são princípios inalienáveis".*

E por ser uma defensora da liberdade de pensamento, da democracia, da cidadania.

E por ser uma guardiã do saber, da cultura e da arte.

Como prova do nosso reconhecimento pelo seu belo trabalho, feito com muito amor, receba da Academia Fortalezense de Letras a Medalha Antônio Martins Filho, da qual é mais que merecedora.

Muito obrigada.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA ESCRITORA PROFA DRA ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ, AO RECEBER A MEDALHA ANTÔNIO MARTINS FILHO, CONCEDIDA PELA ACADEMIA FORTALEZENSE DE LETRAS, NO PALÁCIO DA LUZ, EM 16 DE OUTUBRO DE 2019

Angela Gutiérrez

As palavras que ora pronuncio nasceram da honra e da emoção que senti ao ler a correspondência oficial que o Presidente da Academia Fortalezense de Letras, Seridião Montenegro, teve a gentileza de trazer-me em mão, há algumas semanas, neste Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras. Naquele momento, ao ter sob meu olhar o nome da comenda que a Academia-irmã me outorgava – Medalha Antônio Martins Filho – transportei-me, nas asas ligeiras da memória, para meu primeiro dia de aula como aluna na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará e, em rápido voo, percorri décadas de minha vida universitária, pois o nome do reitor-fundador tem o dom de evocar, de imediato, a imagem da UFC. Aliás, mais do que somente evocar: o sempre-reitor e a nossa *alma mater* andam de mãos dadas no imaginário dos cearenses, especialmente para quem faz parte da comunidade acadêmica, conhece a história da instituição e conheceu Antônio Martins Filho.

Recordo, a esse propósito, significativo trecho de Francisco Carvalho, imenso poeta, saudoso membro de nossa Academia e dedicado servidor da Universidade, sobre essa estreita relação entre o reitor-fundador e a UFC: "As memórias do Prof. Martins Filho constituem a saga de um espírito indomável que se não deixou abater pelos obstáculos nem se curvou aos caprichos e desconcertos da vida. Não se trata da história de um homem empolgado com as suas próprias

realizações. É que a história de sua vida confunde-se com a história da própria Universidade". (Orelha posterior de *Memórias – Maioridade*, t.II, 1956-1974. 3ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1996).

Aliás, o tema da profunda conexão entre fundador e Universidade destaca-se na vasta bibliografia sobre o homem que sonhou uma Universidade para o Ceará e dedicou mais de seis anos de sua vida a construir esse sonho, dividindo-o com outros companheiros, e não se permitindo desânimo diante de dificuldades e incompreensões, mas enfrentando-as com dignidade e realizando seu sonho, não só no dia da criação da Universidade do Ceará, em 16 de dezembro de 1954, e no de sua instalação, em 25 de junho de 1955, mas durante seu reitorado de 12 anos e em toda sua vida.

Testemunho de sua luta para difundir a ideia, a necessidade e a viabilidade da criação da Universidade, seu admirável pequeno grande livro *Uma Universidade para o Ceará*, publicado em 1949, pela Editora Instituto do Ceará, agregou ao chamamento à luta por uma Universidade para nosso Estado os esclarecimentos sobre as condições que permitiam a esperança e, mesmo, a certeza da vitória, terminando o livro com o que chamou "um brado de alerta": – PRECISA-SE DE UMA UNIVERSIDADE PARA O CEARÁ"! (*Uma Universidade para o Ceará*, edição fac-similar, p.52)

Em esclarecedor texto com que apresenta a segunda edição deste livro, publicada pela UFC, em 2004, durante as comemorações dos 50 anos da Universidade e dos 100 anos de nascimento de Antônio Martins Filho, a quem o então Reitor, Prof. René Barreira, dedicou toda homenagem merecida, o intelectual Paulo Elpídio de Menezes Neto, que exerceu, com brilhantismo, competência e dedicação, o reitorado na UFC, de 1979 a 1983, lembra: " Neste livro emblemático [...] podemos ler um relato documentado sobre o surgimento de uma ideia e de como foi possível vencer a descrença e o ceticismo de

muitos expectadores pouco engajados, a incredulidade de governantes e a indiferença dos que não chegaram a entender o seu verdadeiro significado. Além da prova documental sobre um árduo percurso pelos desvãos da política e da burocracia, temos em mãos, de fato, um manifesto entusiasta sobre a necessidade de criar-se uma universidade no Ceará e a sua destinação como centro de saber, de socialização de experiências e oportunidades para os jovens.

Pelo empenho heroico em favor da ideia a que passou a servir e graças à ação abnegada desenvolvida no decorrer de mais de duas décadas, desde a instalação da Universidade Federal do Ceará, devemos todos a Antônio Martins Filho" (Antônio Martins Filho. *Uma Universidade para o Ceará*. 2ª ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004, p.xvi. (Edição fac-similar da Editora do Instituto do Ceará, 1949)

O sonho e o projeto de criação da Universidade do Ceará, a que Antônio Martins Filho dedicou sua vida, a partir de 1948, levaram-no a adiar projetos pessoais, como o lançamento de seu primeiro livro de reminiscências. Neste mesmo ano de 48, marco de consciente busca de realização de seu sonho maior, tinha concluído o livro, que intitulara *Menoridade*, e entregara um de seus capítulos para publicação na *Revista CLÁ*, de agosto. Em comentário que antecede o capítulo, a Revista chama a atenção para um aspecto que iria caracterizar todos os livros que posteriormente o autor publicará sob o título maior de *Memórias* – Menoridade, Maioridade tomo I, Maioridade tomo II e Maturidade. Eis o comentário: "Ao lado da parte biográfica, este livro é também um sério documentário das condições de vida em nosso hinterland, no primeiro quartel deste século" (a *Revista* referia-se, naturalmente, ao século XX). Ou seja, desde o início fica patente a intenção memorialística e não autobiográfica da série de livros que Martins Filho escreveria e publicaria em anos vindouros.

Assim, para dedicar-se ao Projeto de Criação da Universidade do Ceará, Antônio Martins deixaria de lado seu projeto pessoal, retomando-o somente muitos anos depois, ao publicar, em 1990, a primeira edição de *Memórias* – Menoridade, pela Imprensa Universitária, seguida de Maioridade, tomo I, de 1993, Maioridade II, de 1994 e Maturidade, 1997.

A propósito do memorialismo de Antônio Martins Filho, ressalto que tem um digno herdeiro, no gênero, em seu filho José Murilo de Carvalho Martins, Presidente da Academia Cearense de Letras, no período de 2005-2009, e seu Presidente de Honra. Dr. Murilo vem, ao longo de muitos anos, dedicando-se a manter viva a memória de seu ilustre pai, assim como a preservar a memória da Academia Cearense de Letras, tendo escrito artigos e livros que inscrevem seus temas na posteridade. Aliás, seus livros sobre a ACL são fontes de consulta quase diária em nossa instituição. Repito aqui o que já falei em meu discurso de posse como presidente da Casa de Tomaz Pompeu: "... é importante ressaltar que Dr. Murilo deixa como maior emblema de sua gestão na presidência da Casa, a ideia e o esforço de reunir, enriquecer e organizar o acervo de memória da instituição, criando o Memorial da Academia".

A multiplicidade de papéis exercidos por Antônio Martins Filho em sua vida, e que ficam patentes na leitura de suas memórias, é de causar admiração. Seus argumentos que embasavam o sonho de criar uma universidade para o Ceará não se esgotaram na fundação da UFC. Posteriormente dedicou-se com igual empenho a unir seu trabalho ao de outros sonhadores na criação de mais três universidade públicas no Ceará: Universidade Estadual do Ceará-UECE, Universidade Regional do Cariri-URCA e Universidade do Vale do Acaraú-UVA. Várias coletâneas sobre Martins Filho, geralmente organizadas na comemoração de datas especiais, como seus setenta anos ou no seu

centenário, vêm divididas em capítulos que tratam de diferentes setores de suas atividades e escritas por diferentes especialistas. A coletânea *O Reitor Martins Filho*, por exemplo, publicada em 1974, quando o reitor-fundador, ao completar setenta anos, aposenta-se, é dividida em 5 partes, em que, salvo a última, "Documentário", dedicada a seus atos oficiais e a seu currículo, as outras quatro constam de depoimentos de professores, funcionários, intelectuais, escritores, jornalistas, entre outros, que o conheceram em diferentes circunstâncias de seu trabalho na Universidade Federal do Ceará.

A coletânea *Martins Filho de Corpo Inteiro*, organizada por Paulo Elpídio de Menezes Neto, para as comemorações do Centenário de Martins Filho e do Cinquentenário da UFC, em 2004, deu voz a 45 pessoas que prestaram depoimentos sobre Martins Filho como memorialista, professor, advogado, tipógrafo e editor, pai, edificador, empreendedor, e em outras facetas mais, além de Martins Filho em suas relações com universidade, e diferentes entidades como Rotary, Grupo Clã, Academia Cearense de Letras, Instituto do Ceará, Museu de Arte da UFC-MAUC ou com as Artes, com a Literatura ... e cito apenas alguns aspectos de suas atividades, gostos e interesses, mas que nos dão uma ideia, ainda que imperfeita, da grandeza de sua mente e de sua sensibilidade.

Em nossa Academia, Antônio Martins foi presidente (1963 -1964) e Presidente de Honra (1967-2002). Nesse período, como nos conta Artur Eduardo Benevides: "Sua presença foi marcante na direção da Academia, quer dirimindo as controvérsias que surgiam, quer apoiando nomes da maior expressão para integrar os quadros da tradicional casa de cultura. A presidência seria exercida por mim, muito depois, e dele recebi, em todos os momentos, apoio e estímulo. Incluindo-se a publicação de nossa *Revista* através da Imprensa Universitária do Ceará. (em "Martins Filho e a Academia" (*Martins Filho de Corpo Inteiro*, p.68-69).

Da atuação de Martins Filho no Instituto do Ceará nos dá notícia, na citada coletânea, João Alfredo de Sousa Montenegro, lembrando que, tendo sido eleito sócio efetivo em 1942, tomou posse no ano seguinte e que, mais de quarenta anos depois, de 1985 a 1989, foi presidente da instituição. Entre as atividades promovidas por Martins Filho no Instituto, o professor João Alfredo ressalta o seminário "O Ceará no Panorama Cultural do Brasil", com a participação de "mestres de renome como Djacir Menezes". Destaca mais adiante: "Mas há ainda outra vocação do ilustre homem público, pouco ou nada comentada, a do historiador que escreveu numerosos artigos e a importância desses artigos".

Em texto publicado em obra de Martins Filho, *Elogio aos doutores e outras mensagens*, como adendo, "Antônio Martins Filho e a literatura", Sânzio de Azevedo, o maior estudioso e pesquisador de literatura cearense no mundo, como sempre faço questão de acentuar, relembra que, desde jovem, Antônio "já demonstrava gosto pela literatura, lendo e decorando (...) longos trechos da epopeia de Camões..." e, mais adiante: "Tal era o pendor do jovem Martins Filho para as letras que, residindo em Crato, em 1922, ao fundar, (cita aqui alguns nomes) a Academia dos Infantes, foi-lhe confiada a Presidência do grêmio. O que já revelava a capacidade de liderança que o distinguiria pelos tempos afora."

Chegamos, assim, caros leitores e leitoras, escritores e escritoras, em um dos mais simpáticos ângulos de Antônio Martins Filho: aquele que ama literatura e sabe de cor quase todo o quinto Canto de *Os Lusíadas*, a triste história da linda Inês, posta em sossego, coroada rainha depois de morta. Que recita sem pestanejar longos poemas da tradição popular e de seu poeta preferido, Augusto dos Anjos, sobre quem escreveu o livro *Reflexões sobre Augusto dos Anjos*. E, se até agora iluminei, na necessária brevidade desta fala, alguns aspectos dos

conhecimentos, talentos e atividades do rico e variado currículo de Martins Filho, para ressaltar a honra que sinto em receber a Medalha que a Academia Fortalezense de Letras me outorga, recordo agora a emoção que senti ao saber que iria recebê-la.

Há quase dois meses, relembrei, em bela cerimônia na Reitoria da UFC, meus caminhos de mestra-aprendiz na Universidade, concluindo que: "Esse percurso trouxe-me aqui para receber o título tão honroso de Professora Emérita, que guardarei como uma aliança, símbolo de meu amor por esta Casa e da confirmação de que esse amor é correspondido". Assim, não voltarei a recordar aqui meus passos na Universidade, a não ser aqueles de memória pessoal que dizem respeito ao Reitor-fundador Martins Filho.

Como aluna da Universidade e, mesmo como professora da UFC, conhecia-o de longe, por vê-lo em solenidades acadêmicas, e somente o conheci de perto quando o visitei, timidamente, na sala de ex-reitores, de onde coordenava a Coleção Alagadiço Novo do Programa Editorial Casa de José de Alencar. Conheci-o de perto, pois, na luminosa sabedoria de sua idade prateada, pleno de energia, ideias e projetos, no início de 1990, quando, incansável, continuava a frequentar a Reitoria, como o fez, aliás, até bem pouco tempo antes de seu falecimento, que se deu em 20 de dezembro de 2002, dois dias antes de completar 98 anos de idade.

Sua boa acolhida à minha primeira visita me leva a pensar que seus amigos Moreira Campos e Artur Eduardo Benevides talvez já o teriam alertado para o aparecimento de uma aprendiz de escritora, autora de romance que, ainda inédito, recebera o Prêmio de Literatura Estado do Ceará da Secretaria de Cultura. O certo é que voltei com o manuscrito datilografado d'*O mundo de Flora* (nº 23 da Coleção) e, em poucos meses, meu livro de estreia na literatura estava pronto. Seu lançamento contou com a presença do Coordenador da Coleção

Alagadiço Novo que fez questão de expressar sua opinião sobre o romance, logo depois da fala de apresentação pronunciada pelo respeitado e amado escritor e professor da UFC, Moreira Campos. A partir de então, quando passava para cumprimentar o reitor-fundador, ele sempre me perguntava se não estava escrevendo outra obra e veio a publicar, na mesma coleção, dois outros livros de minha autoria*: Canção da Menina* (coletânea de poemas, de 1997, nº 104 da Coleção) e *Avis rara* (coletânea de historietas, de 2001, nº 280 da Coleção).

É importante aqui ressaltar o papel que a Coleção Alagadiço Novo, um dos muitos projetos culturais de Martins Filho, representou para os escritores cearenses, tendo, em menos de vinte anos, entre 1983 e 2001, publicado 306 livros, a maioria de autores cearenses e alguns sobre o Ceará. Ao publicar obras de diferentes gerações de escritores e estudiosos, a Coleção Alagadiço Novo veio a constituir um vasto painel da Literatura e da Cultura Cearense, em que se encontram, desde novas edições de obras de grandes mestres do passado, como José Albano, Capistrano de Abreu, Gustavo Barroso, Djacir Menezes, a novas obras de escritores da geração CLÃ, cito Artur Eduardo Benevides, Cláudio Martins, Eduardo Campos, Fran Martins, Milton Dias, Pedro Paulo Montenegro; a livros de escritores que consolidaram suas obras em quase duas décadas de atuação da Alagadiço Novo, como Francisco Carvalho, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Sânzio de Azevedo ou pertencentes a gerações que surgiam no período, menciono Pedro Salgueiro, Luciano Maia, Linhares Filho, Teoberto Landim, Virgílio Maia, Regine Limaverde, Ítalo Gurgel, Beatriz Alcântara, Marly Vasconcelos, Horácio Dídimo, Caterina Maria de Saboya Oliveira, Tércia Montenegro. E mesmo citando tantos nomes, certamente deixo de mencionar outros de grande valor, pois, na impossibilidade de nomear a todos, escolhi alguns representativos das várias gerações.

Após o falecimento do Prof. Antônio Martins e o encerramento da Coleção, meus livros passaram a ser publicados pelas Edições UFC: *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina* (ensaio 1996, em parceria com 7 Letras, do Rio), *Luzes de Paris e o fogo de Canudos* (romance, 2006), *Os sinos de Encarnação* (contos, 2012), *O silêncio da penteadeira* (conto dramático, 2016).

Mas, mesmo antes dessa aproximação com o Prof. Antônio Martins, entre livros, e, posteriormente, pelo convívio na Academia Cearense de Letras, nosso reitor, sem o saber, ao abrir as portas da Universidade para estudantes hispano-americanos selecionados para estudar em universidades federais brasileiras, atuara para o encontro que traria a felicidade a dois alunos e futuros professores da UFC, pois, assim, conhecemo-nos Oswaldo Gutiérrez e eu, que, então, era Rossas Mota. Em minha posse na Academia Cearense de Letras, há 21 anos, tive a audácia afetuosa de chamar o grande cearense, fundador da UFC, de "meu cupido". Ele sorriu e, posteriormente, brincava com mais essa função que lhe fora atribuída.

Finalizo aqui, uma breve recordação de um grande cearense, Antônio Martins Filho, que nasceu com uma estrela na testa, não como a estrelinha que algumas vezes desenhou em minha testa, mas uma estrela de primeira grandeza que nos orgulha por ser filho do nosso Ceará!

DISCURSO DA PRESIDENTE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, ACADÊMICA *ANGELA GUTIÉRREZ*, NA SOLENIDADE DE COMEMORAÇÃO DOS 125 ANOS DA ACL E 30 ANOS DE SUA SEDE NO PALÁCIO DA LUZ, 21 DE NOVEMBRO DE 2019

Ad immortalitatem propõe a divisa da Academia Brasileira de Letras, instituição fundada em 1897, no mesmo ano em que termina a trágica e fratricida Guerra de Canudos, perenizada por Euclides da Cunha n' *Os sertões*. O livro, escrito a partir de 1897, publicado pela Laemmert em 1902, lançado em 2 de dezembro do mesmo ano, pela fama merecida e meteórica que alcança, abre as portas da Academia Brasileira de Letras ao autor, que é eleito no ano seguinte, em 1903, para ocupar a vaga do acadêmico Valentim Magalhães, vindo, porém, a tomar posse somente em 1906, depois de retornar do Norte onde fora com a missão de demarcar fronteiras do Brasil na Amazônia. Euclides da Cunha perde a vida em 1909, mas sua obra maior, *Os sertões*, atravessa o século XX e chega ao XXI, como um dos clássicos entre os livros de intérpretes do Brasil.

A que vem, alguém poderá perguntar-se, minha menção inicial à ABL quando nesta noite comemoramos dois aniversários: o da mais antiga Academia de Letras do país, a Academia Cearense, que cumpre 125 anos de sua fundação, celebrada em 15 de agosto de 1894, e os trinta anos em que o Palácio da Luz foi cedido pelo Governo do Ceará, em 1989, como sede da instituição.

Explico-me com uma reflexão em forma de pergunta: como resistem ao tempo duas instituições acadêmicas que buscaram e buscam o caminho da imortalidade – tanto que seus membros são, por uso e costume, chamados de imortais –, mesmo no presente momento de extrema fugacidade de conceitos, como os de nossas

coordenadas de tempo e espaço, noções que foram estáveis e vigentes, ainda que discutíveis e não pétreas, até quase o final do século XX, quando começam a mudar com extrema velocidade, e em menos de 20 anos do século XXI já dão sinais de certo apagamento gerado pela instantaneidade que a revolução informática e seu mundo virtual globalizado vêm produzindo, encurtando muito fortemente a distância entre tempos e entre espaços, tanto que essas dimensões parecem não existir, como se vivêssemos nas ficções futuristas de Ray Bradbury, pois já convivemos em nosso cotidiano com alguns frutos da tecnologia que a imaginação inventiva do escritor norte-americano previra.

Voltemos, porém, ao lema da Academia Brasileira de Letras "Ad immortalitatem" e o aproximemos à divisa de nossa Academia – "Forti nihil difficile" ("Aos fortes, nada é difícil", lema de Lord Beaconsfield, sugerido pelo primeiro presidente da Academia Cearense, o respeitado intelectual Thomaz Pompeu e conservado até os dias atuais), que, se não aponta explicitamente para a imortalidade, atrai-nos para a crença na força da vontade humana para vencer todas as dificuldades, erigindo-nos quase como construtores da imortalidade.

Seremos mesmo capazes de criar a imortalidade com nossa determinação e talento? Ao citar a divisa da Academia Brasileira de Letras, mencionei um de seus acadêmicos, Euclides da Cunha que, dois anos após sua posse na ABL e um ano antes que fosse encerrada sua trágica vida, ao saber que o fundador e presidente da Casa, Machado, estava à morte, correu à sua casa para vê-lo uma última vez antes que partisse para o que Jorge Manrique, poeta espanhol, em suas famosas *Coplas a la muerte de su padre*, chamou de terceira vida – a Vida Eterna.

Lembro aqui dois textos literários, que considero como construções da alegoria da imortalidade, legadas por dois escritores,

entre os mais respeitáveis e instigantes da literatura universal ou da literatura *tout court*: Machado de Assis e Jorge Luiz Borges. Refiro-me a seus contos, ambos intitulados de "O imortal"/"El inmortal". Já pronunciei conferência sobre o tema e não me furto a referir-me, *en passant*, a essas ficções que trazem excelentes dúvidas para nosso tema. Os dois imortais dos contos mencionados, cansados da repetitiva vida imortal, anseiam pelo fim de sua própria infinitude. Um deles, talvez Homero, mito maior do criador verbal, que poderá ser o imortal de Borges, até esquece a maior parte da *Odisseia* que, no entanto, a ele sobrevive.

Seria a segunda vida, como Manrique refere-se à fama ou a vida que consiste em tornar-se presença na memória dos pósteros, a imortalidade? Ou a travessia por esse mundo, onde somos peregrinos que passam por diversos caminhos e descaminhos: *selva selvaggia*, pedra no meio do caminho, mares nunca dantes navegados, terceira margem do rio, fogo de Canudos... e agora, José?

"Pelas lentes da história, vejamos o dia 15 de agosto de 1895. Em sessão magna nos salões da Fênix Caixeiral, a Academia Cearense comemora seu primeiro aniversário. Perante acadêmicos e convidados, Dr. Thomaz Pompeu, presidente da instituição, apresta-se a ler o discurso que escrevera para a solenidade. Um silêncio respeitoso aguarda suas palavras. Lembremos: o orador da noite é, como diria Farias Brito: "uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais".[6]

Ao longo de sua fala, Dr. Pompeu instaura temas que se revelam de grande importância para a vida da Academia, muitos ainda vigentes nos dias de hoje: o conceito da missão da Academia como criadora e difusora de conhecimento e cultura e como espaço de

6 FARIAS BRITO, Raimundo. Dr. Thomaz Pompeu. *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza, 1896-1897, p.132-145.

compartilhamento da pesquisa em ciências e em letras; a pertinência da dúvida e do descontentamento como geradores de inovação; o respeito à diferença e à tradição, entre outros. Durante sua gestão, na segunda fase da Academia iniciada em 1922, foi, pela primeira vez, convidada uma mulher, a corajosa Alba Valdez, para ser membro da Academia. Sua vida na Academia, no Instituto do Ceará, no jornalismo, no combate pelos direitos da mulher, na literatura merece um capítulo à parte, que, iniciei em meu discurso no aniversário de 120 anos da Academia e pretendo continuar em atividade dedicada especialmente a essa brava mulher.

Na linha do tempo, o retorno persistente ao tema da missão e relevância de nossa Academia, permite-nos considerá-lo como um de nossos *leit-motives* e instiga-nos a imaginar que o levantamento exaustivo de sua presença em textos acadêmicos tornaria possível a reconstituição de diálogo enriquecedor, entre vozes de diferentes épocas, para história da instituição e para a consciência de sua missão nos dias que vivemos.

Na impossibilidade de reconstituir nesse momento tal diálogo, recorto um de seus elos, as palavras de Artur Eduardo Benevides, que foi nosso Presidente (1993-2004) e Presidente de Honra, poeta imenso e um dos grandes personagens da cultura no Ceará, em discurso pronunciado em 1997: "E para servir à cultura e ao Ceará existimos e existiremos. Cento e três anos já se passaram e cada vez mais se rejuvenesce a Academia, com que sonharam um dia, entre muitos, o Barão de Studart e Tomaz Pompeu" [7].

Se este Palácio já deixa entrever sua vocação para as Letras desde o tempo em que o Fidalgo da Casa Real, que governa a Capitania do Ceará de 1812 a 1820, Manuel Inácio Sampaio, já reunia "Os Oiteiros",

7 Artur Eduardo Benevides. Discurso do Presidente em seu terceiro mandato: 1997 – 1998, *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ano XCVI, V.52, 1997, p.184.

que aqui recitam suas poesias, ou, durante o governo de Justiniano de Serpa, quando aqui se realizam sessões da Academia Cearense, consolida-se esse traço, muito mais tarde, em 1989, quando, quase duas décadas depois que o Governo Estadual deixa o centro histórico da cidade e se transfere para o Palácio da Abolição, no Meireles, o Palácio da Luz recebe a Academia Cearense de Letras, que se torna guardiã do rico passado de sua sede, enquanto mantém viva a chama de sua própria memória.

Conforme a Ata lavrada pelo então Secretário da Academia, Acadêmico Vinicius Barros Leal, de que aqui transcrevo pequeno trecho, conhecemos que:

"No dia 21 de novembro de 1989, às 17 horas, realizou-se a solenidade de entrega do antigo Palácio da Luz à Academia Cearense de Letras. Estiveram presentes o Presidente da Academia, o Governador do Estado, Dr. Tasso Jereissati, o Procurador Geral do Estado Dr. Silvio Braz, a Secretária de Cultura, Dra Violeta Arrais, Mons. André Camurça, Professor José Carlos Ribeiro, diversos acadêmicos, membros do Instituto e convidados.

O Presidente Cláudio Martins fez um ligeiro relato dos entendimentos que redundaram na cessão do Palácio à Academia, a título gratuito, exclusivo e intransferível, comprometendo-se a entidade cultural a preservar o prédio com sua mesma feição arquitetônica.

O sr. Governador falou em seguida, congratulando-se com a Academia, mostrando a sua satisfação pessoal e prognosticando um brilhante futuro à quase centenária instituição. Referiu-se a seu bisavô, o escritor José Carlos Ribeiro Júnior, o Bruno Jaci da Padaria Espiritual, e disse sentir-se gratificado ao realizar esse sonho da intelectualidade cearense."

Somos, pois, agradecidos ao Presidente Cláudio Martins que, juntamente com outros acadêmicos e fazendo jus à divisa de nossa

Academia, acredita que "Aos fortes, nada é difícil", e empenha-se em mostrar ao Sr. Governador de então, Dr. Tasso Jereissati, hoje Senador da República, a importância de que o Palácio da Luz se torne sede da Academia Cearense de Letras, àquela época, quase centenária, uma vez que a instituição demonstrara, desde sua fundação e em sua longa história, seriedade e responsabilidade, que a tornam apta a assumir o honroso ofício de cuidar desse patrimônio arquitetônico e histórico do Estado do Ceará.

Da mesma forma, somos gratos ao Senador Tasso Jereissati, que teve a sensibilidade de perceber a vocação cultural do Palácio da Luz e a relevância de nossa instituição que a recomendava não só para guardar esse importante patrimônio, mas, além disso, para mantê-lo vivo com suas atividades culturais.

Com justiça, os dois grandes responsáveis por estarmos, aqui e agora, comemorando o trigésimo aniversário de nossa sede no Palácio da Luz – o Acadêmico Presidente Dr. Cláudio Martins e o Governador e hoje Senador Tasso Jereissati –, foram homenageados, no centenário de nascimento do primeiro, em 2010, estando à época o Acadêmico Pedro Henrique Saraiva Leão na presidência da Academia. O Acadêmico, com a criação da medalha que tem seu nome, a Medalha Cláudio Martins, e o Senador, com o recebimento desta Medalha.

Uma comissão composta pelos Acadêmicos e membros da Diretoria da ACL, Beatriz Alcântara e Ernando Uchoa Lima, e por mim presidida, foi criada, especialmente, para decidir sobre a outorga de nosso reconhecimento honorífico ao merecimento de personalidades que se destacam pelo apoio à Cultura e a Casa de Thomaz Pompeu, nesta noite que constará da História da Academia.

Os nomes escolhidos pela comissão e aprovados pelo colegiado da Academia são, como já sabem todos pelo próprio convite para esta

cerimônia: Fabiano dos Santos Piúba, para receber a Medalha Barão de Studart, concebida em respeito ao grande personagem da Cultura e da História no Ceará, pioneiro em iniciativas para a criação da Academia Cearense e do Instituto do Ceará, homenageando, com essa comenda, nosso Secretário de Cultura, que se desdobra em mil para atender às demandas em sua área e estimular, criar, sugerir o que for possível ou impossível para apoiar e manter viva e atuante a rica Cultura do Ceará, conservando sempre a gentileza e simplicidade que o distinguem, tendo recentemente comandado a múltipla e extraordinária Bienal Internacional do Livro do Ceará, que reuniu milhares de pessoas nos seus nove dias de programação. Vem-se manifestando em defesa da Cultura, como na sessão que comemorava o Dia Nacional da Cultura, no Palácio da Abolição, há poucos dias, com postura ética e corajosa, diante dos obstáculos que o país enfrenta nessa tão importante área, talvez a que melhor defina a identidade de um povo; o nome de José Augusto Bezerra para receber a Medalha Cláudio Martins, até hoje outorgada apenas ao Senador Tasso Jereissati, porque a Academia acredita que essa honraria deve ser reservada a quem contribuiu decisivamente não só para a Academia, mas muito particularmente, para sua sede, o Palácio da Luz. Nesse quesito, o Acadêmico agraciado coloca-se ao lado de Cláudio Martins pois, se este, como Presidente, conseguiu proporcionar essa histórica sede a nossa instituição, José Augusto Bezerra, como Presidente, recuperou-a com indiscutível esforço pessoal, ao conseguir patrocínio junto a vários órgãos, adequar os projetos às necessárias exigências de bem patrimonial tombado, superar todas dificuldades, com o espírito resoluto e determinado que o caracteriza, enfim, "combatendo o bom combate', como reconhecem todos os colegas acadêmicos.

Dando prosseguimento à apresentação dos nomes que hoje homenageamos, cito, com muita alegria, a Senhora Consuelo Saraiva

Leão Dias Branco e a Senhora Lenise Queiroz Rocha que, no papel de patrocinadoras da Cultura e da Educação, merecem nosso respeito e reconhecimento com a concessão dos Diplomas de Sócias Honorárias de nossa Academia. A Senhora Consuelo Dias Branco, que esteve ao lado do marido, o empresário Ivens Dias Branco, em seus projetos e ações de apoio à Cultura, hoje, como presidente do Conselho de Administração da M. Dias Branco, dá continuidade, com estilo próprio, ao mecenato iniciado pelo grande amigo de nossa Academia.

A senhora Lenise Queiroz Rocha, desde cedo conheceu as ações culturais e de mecenato de seu pai, empresário Edson Queiroz, e de sua mãe, Yolanda Vidal Queiroz, Presidente do Grupo Edson Queiroz, de 1982 a 2016. Hoje, Lenise Queiroz Rocha, presidente da Fundação Edson Queiroz que, no âmbito de suas principais áreas de atuação, Educação e Cultura, vem ampliando a cada dia a oferta de excelência aos cearenses.

O colega Acadêmico José Augusto Bezerra falará agora em nome dos homenageados e homenageadas, dando continuidade a seus retratos que, aqui, com algumas palavras, apenas esbocei.

Antes de encerrar minha fala, agradeço a todos que colaboraram para a realização deste evento, aí incluindo todos os funcionários da Academia, em especial, nossa querida Cláudia.

Anuncio que a *Revista da Academia Cearense de Letras*, referente ao ano de 2018, com participação de textos de acadêmicos e de alguns colaboradores de outras instituições, está sendo lançada hoje e temos prazer em oferecer, nesta noite, um exemplar a cada convidado.

Agradeço ao Acadêmico Tales de Sá Cavalcante, por ter generosamente incluído este número da Revista entre títulos a serem impressos na Gráfica da Organização Educacional Farias Brito e, ainda, pelo esforço da equipe da Gráfica para entregar os exemplares ontem, a fim de que fossem apresentados hoje, nesta cerimônia.

Agradeço à Comissão da Revista – Noemi Elisa Aderaldo, Linhares Filho, Sânzio de Azevedo, Giselda Medeiros, e, em especial, à bibliotecária Madalena Figueiredo, pela organização e revisão deste número da Revista, e estendo os agradecimentos à Administradora-Adjunta Cláudia Queiroz, pelo acompanhamento da Revista em suas várias fases na Gráfica.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA PRESIDENTE ELINALVA ALVES DE OLIVEIRA, NA SOLENIDADE DE ENTREGA DA MEDALHA CÂNDIDA GALENO, CONCEDIDA PELA ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS E ESCRITORAS DO BRASIL – AJEB, EM SESSÃO NO PALÁCIO DA LUZ, EM 5/12/2019

Elinalva Alves de Oliveira

É com alegria que realizamos a nobre missão de saudar nesse significativo evento da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB-Ceará, a renomada escritora pesquisadora, com a outorga da **Medalha Cândida Galeno,** nossa distinta comenda que enaltece instituições e personalidades pelos relevantes serviços à educação, à cultura, às letras, especialmente às mulheres que, ao longo dos anos, provam ser capazes de construir e preservar a vida, sim, nós carregamos o dom do cuidar e cuidar bem.

Queremos celebrar condignamente as lutas, as conquistas e as possibilidades conquistadas pelas mulheres em poder decidir com autonomia seus caminhos, seu estar e permanecer no lugar que desejam, sem amarras, apesar das circunstâncias adversas já experimentadas.

Uma dessas mulheres é a ilustre presidente da Academia Cearense de Letras, a Professora Doutora Angela Gutiérrez, natural de Fortaleza, filha de Luciano Cavalcante Mota e Ângela Laís Pompeu Rossas Mota.

Queremos exaltar o grande feito da destacada pesquisadora, escritora renomada na literatura nacional, a primeira mulher a assumir o cargo de Presidente após 124 anos de existência da primeira agremiação literária no gênero e a mais antiga do Brasil, a Academia Cearense de Letras – ACL.

Licenciada em Letras, mestre em educação pela Universidade Federal do Ceará, doutora em Letras (licenciatura comparada) e pós-doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, ao traçar o projeto "O retrato de conselheiro: as múltiplas faces do Beato de Belo Monte".

Ocupa a cadeira nº 18 da Academia Cearense de Letras desde 1997. É professora Emérita, com um vasto histórico de relevantes serviços prestados à Universidade Federal do Ceará, como professora, pesquisadora e gestora. É membro do Conselho Editorial da Editora da Universidade Federal do Ceará.

Foi diretora da Casa de José de Alencar, membro do Conselho de Cultura do Estado do Ceará e diretora-fundadora do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará. Fundou ainda o Programa de Pós-Graduação em Letras, sendo sua primeira coordenadora, foi membro da administração superior da UFC, professora de Letras Vernáculas, de Literatura, na Universidade Federal do Ceará.

Romancista, ensaísta, conferencista e poetisa, é autora de inúmeros trabalhos literários publicados em revistas especializadas, articulista do Jornal O Povo. É sócia efetiva e segunda vice-presidente do Instituto Histórico, Geográfico, Antropológico do Ceará. Pertence à Associação Brasileira de Bibliófilos e à Sociedade Amigas do Livro, Sócia Honorária da AJEB-Ceará. Recebeu o Troféu Sereia de Ouro.

Mergulhou no mundo literário escrevendo o livro *O mundo de Flora*, obra agraciada com o Prêmio Estado do Ceará. Publicou, tempos depois, *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina, Canção da menina*, recebendo os melhores elogios, inclusive do Príncipe dos Poetas Cearenses, acadêmico Artur Eduardo Benevides. *Avis Rara, Luzes de Paris e o Fogo de Canudos, Os Sinos de Encarnação e O Silêncio da Penteadeira.*

Em parceria, escreveu *Iracema, lenda do Ceará; Tributo a Moreira Campos e Natércia Campos; Homenagem aos 60 anos de Clã – revista de cultura; Bandeira: verso e traço; Dossiê Alencar 180 anos;* lançou ainda a coletânea *Viagem ao mundo de Flora e outros mundos.*

Sua trajetória intelectual está repleta de outras atividades culturais. Tem publicações e artigos em livros e periódicos, coordenou eventos diversos na área e elaborou pesquisas e projetos. Enaltecem em seus escritos Machado de Assis, Alencar, Euclides da Cunha, Jorge Luís Borges e Vargas Llosa; a figura histórica de Tomaz Pompeu, e temas da literatura, história e artes, Canudos, Antônio Conselheiro e Fortaleza Antiga.

A escritora, que hoje preside a Academia Cearense de Letras (ACL), é a primeira mulher a assumir o cargo após 124 anos de existência da agremiação literária, mais antiga, no gênero, do Brasil. Quanto tempo! 124 anos para que uma mulher finalmente viesse comandar a mais antiga academia literária do país. E isso merece festejos, é uma forte razão para que receba seguidas homenagens, sinal do reconhecimento do trabalho que realiza sempre com desvelo e amor, estando aí a marca da mulher que sabe o que quer e aonde desejou chegar.

A digna homenageada é bisneta do intelectual Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o primeiro presidente dessa Academia, estando aí a oportunidade ímpar para dar continuidade ao legado tecido em fios de ouro por sua família. Relembra que "foi na casa do bisavô que passou os primeiros anos da infância, imersa em uma vastidão de livros que colaborou para sua trajetória".

Caríssima homenageada, esta medalha, que ora está a receber, é fruto do reconhecimento pela contribuição à cultura, à literatura, pela destemida mulher que abraçou muitas causas e desempenhou, com dedicação, empenho, zelo e responsabilidade, todos os desafios que

vieram até ela. Estar presidindo esta casa dá orgulho a tantas mulheres desse rincão, que se sentem bem representadas.

Dentre os registros e relatos históricos sobre a luta das mulheres, devemos seguir em frente. De nada adianta reclamar das atrocidades do passado, nem do que fizeram ou disseram de nós, agora é erguer a cabeça e a voz, consciente de que onde estamos, devemos, sim, procurar fazer a diferença.

O Palácio da Luz, hoje radiante, se ilumina para acolher esse justo reconhecimento e com ele nosso abraço e nossa homenagem por suas conquistas e contribuição efetiva na construção de uma nova sociedade. Nós, da AJEB-Ceará, primamos em contemplar o trabalho de mulheres que realizam e ocupam lugares representativos. Desejamos-lhe muito brilho nos olhos, inquietação no coração para um fazer diário, inovador e peculiar da força que emana da natureza feminina. Parabéns.

Muito obrigada.

DISCURSO PRONUNCIADO PELA ESCRITORA PROFA. DRA. ANGELA MARIA ROSSAS MOTA DE GUTIÉRREZ, PRESIDENTE DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, AO RECEBER A MEDALHA CÂNDIDA GALENO

Angela Gutiérrez

1. Cumprimentos

Permita-me, Senhora Presidente, que inicie meus cumprimentos saudando a Senhora Beatriz Rosita Gentil Philomeno Gomes, bela e generosa dama com quem divido a honra e a alegria da concessão da Medalha Cândida Galeno, que nos enobrece, pois une nossos nomes ao de uma mulher que se distinguiu pela dedicação ao trabalho social e cultural e que é reconhecidamente uma das personalidades literárias do Ceará, tendo sido também terceira acadêmica a tomar posse na Academia Cearense de Letras, em 18 de outubro de 1960, na cadeira 35, que tem como patrono Thomaz Pompeu de Souza Brazil, primeiro presidente da instituição que nasceu com o nome de Academia Cearense. Em 1922, a instituição passou a chamar-se Academia Cearense de Letras, nome que conserva até hoje, e, acredito, não pretende modificar, tendo completado 125 anos em 15 de agosto de 2019.

A importância da ACL, criada nos finais do século XIX, permanece em pleno século XXI, seja por seu pioneirismo no Brasil, como primeira Academia a ser criada em seu gênero no país, seja pelo valor literário de seus membros, desde os que a criaram, em 1894, aos que hoje lhe dão vida e que me concederam a distinção de poder servir à Casa de Thomaz Pompeu como sua presidente.

Retornando ao tradicional protocolo de cumprimentos, depois de ter pedido permissão para cometer uma especial e justificada desobediência, tenho o grande prazer de cumprimentar a Acadêmica Elinalva Alves de Oliveira, Presidente da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, AJEB-CE, entidade que já me concedeu anteriormente o diploma de sócia honorária, fazendo-me viver o sentimento de ser também ajebiana; e presidente que dá continuidade ao perfume de gentileza que minha querida amiga Giselda Medeiros soube aspergir no ar dessa atuante e amistosa academia. A Presidente Elinalva vem marcando, com seu toque pessoal de personalidade, a feição delicada de dirigir com sucesso a entidade que preside. Agradeço-lhe pela apresentação de alguns de meus traços biográficos, em seu texto há pouco lido.

Saúdo o Diretor da Casa de Juvenal Galeno, Antônio Santiago Galeno, que tem sido anfitrião de inúmeras e belas comemorações no Centenário da Casa que, primeiro como residência do grande Poeta que, aos vinte anos, em 1856, publica *Prelúdios Poéticos*, considerada a obra poética inaugural do Romantismo no Ceará; depois como Salão Juvenal Galeno, fundado por Henriqueta Galeno em 1919 e, finalmente, como Casa de Juvenal Galeno, entidade de valor histórico e cultural, ligada à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, SECULT-CE. Em todas suas fases, essa Casa sempre reuniu escritores e escritoras, musicistas e artistas de outras áreas, sendo considerada como um dos mais respeitados e amados lugares de Arte e Cultura da Cidade de Fortaleza.

Cumprimento, com alegria, a acadêmica Francinete de Azevedo que trouxe para o Palácio da Luz, sede da Academia Cearense de Letras, em nome da AJEB, as fotografias de Henriqueta Galeno e Cândida Galeno, o que hoje nos proporcionou a alegria de realizar a Aposição desses retratos no Memorial da Academia, pertinho da foto

de Alba Valdez. Henriqueta e Cândida, tia e sobrinha, que ingressaram na Academia após a entrada da corajosa mulher que, ao ser a primeira a entrar na Academia e ao reclamar a presença de mulheres na ACL, abriu as portas da Casa de Thomaz Pompeu para as duas escritoras da família Galeno e de outra mulheres que vieram mais tarde.

Muito especialmente, cumprimento a Desembargadora Gizela Nunes, grande nome da nossa AJEB, e mesmo do Ceará, por seu importante papel em nossa Cultura, e por sua postura ética e brilhante como Desembargadora. Agradeço-lhe a gentileza de apresentar o perfil biográfico de Dona Beatriz Philomeno Gomes e por fornecer-me alguns dados sobre o trabalho social da Agraciada, presentes em sua apresentação da mui respeitada senhora.

Meus cumprimentos às amigas da AJEB e a todos os convidados e convidadas que aqui estão presentes.

2. Cândida Galeno

Cândida Galeno, conhecida em família e entre amigos como Nenzinha, tomou em sua vida um rumo que, nascida em Russas, neta do poeta Juvenal Galeno, quando criança talvez não adivinhasse nem sonhasse. Ao vir para Fortaleza, para aqui estudar no Colégio da Imaculada Conceição, onde se diplomou como professora, em 1936, sim, tinha sonhos de uma vida diferente, de viagens para conhecer o mundo... Ao conviver com a família do avô, Juvenal Galeno, sobretudo com sua tia Henriqueta Galeno que, desde 1919, juntamente com a irmã Júlia, promovia atividades artísticas em casa do pai, e depois do falecimento do Poeta, dedicava-se a honrar sua memória, com a criação do Salão e depois da Casa de Juvenal Galeno, Cândida voltou-se, sobretudo a partir dos anos cinquenta, para a área de literatura, escrevendo crônicas, contos e pequenos ensaios, mas também para os estudos de Serviço Social, depois de realizar

curso no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Sua vida mudou nitidamente, após a morte de Henriqueta Galeno, em 1964, quando assumiu as funções da tia na Casa de Juvenal Galeno e em várias entidades culturais que se reuniam nessa Casa e, nesse espaço cultural, promoviam diferentes atividades literárias e artísticas, especialmente a Ala Feminina.

Ao ler o texto "A Musa de Juvenal Galeno", escrito por Cândida Galeno e publicado no livro *Mulheres do Brasil*, por ela organizado, fiquei impressionada pela linguagem ainda atual do texto. Com a tinta da saudade e do amor, Cândida recordou, nessas páginas, sua avó, Maria do Carmo Cabral Galeno, chamada carinhosamente de Mariquinhas, vinte anos mais nova que o marido, pois nascera no ano em que Juvenal Galeno publicara seu primeiro livro de poemas, aqui citado, e que foi patrona da cadeira de Cândida na Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

Diz Cândida nas páginas iniciais desse texto, pronunciado como conferência em "18 de novembro de 1956":

"...hoje, como ontem, a minha lembrança ainda tumultua à sua evocação e sinto falhos os meus recursos para fazer a Musa do Poeta ressurgir viva aos olhos dos que a conheceram e real aos dos que não a encontraram mais aqui, prendendo com o esplendor da sua velhice jovial, da sua carinhosa acolhida, da sua amabilidade envolvente a quantos transpunham *êstes humbrais*."

3. Agradecimentos finais

Vim, pois, a essa tribuna com a nobre missão de agradecer à Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, AJEB-CE, pela honra com que nos distingue ao conceder-nos a Medalha Cândida Galeno. Cumpro essa missão com especial contentamento, por ser missão dupla. Agradeço, pois, em nome da Senhora Beatriz Rosita

Gentil Philomeno Gomes, que já foi há pouco louvada pela palavra elegante da Desembargadora Gizela Nunes, e, em meu próprio nome, apresentado com generosidade pela Presidente da AJEB, Acadêmica Elinalva Alves de Oliveira.

Tendo já lembrado o difícil e dedicado trabalho de Cândida Galeno na área social, aqui recordo algumas qualidades de Dona Beatriz que a fazem merecedora dessa Medalha e de nossa admiração nesse setor: entre suas atividades filantrópicas já relatadas pela escritora Gizela Nunes da Costa, destaco, principalmente, sua dedicação à Associação São Vicente de Paulo de Proteção aos Idosos, que persiste até hoje. Além de diversas ações que liderou a favor da paz, de que é exemplo a campanha "pela vida, contra a violência". Aliás, acredito que essa campanha se faz cada dia mais necessária em nosso país, hoje dominado pelo ódio e por preconceitos de gênero, cor, etnia, entre muitos outros. Recordo, também, o trabalho de Dona Beatriz na divulgação do artesanato cearense a partir da confecção de bordados de roupas para bebês, "Coisas de família".

Aqui viemos, ao Palácio da Luz, duas mulheres, para, em vésperas do Natal, recebermos um precioso dom, que já nos foi entregue, a Medalha Cândida Galeno. Agradecemos a gentileza da lembrança de nossos nomes, pela presidente e pelas acadêmicoa da AJEB, para recebermos a Medalha Cândida Galeno, rara Medalha que tem nome de uma mulher de valor. Guardaremos com orgulho e respeito, em nossos corações e em lugar privilegiado em nossas casas, para que nossos netos e netas perguntem: Quem é essa moça em uma medalha?" E possamos responder-lhes: "É Cândida Galeno, notável mulher, que soube unir solidariedade com pessoas em situação de abandono social nas cadeias públicas e beleza da poesia, da música e de outras artes em um recanto privilegiado, a Casa de seu avô.

HOMENAGEM A DOIS GRANDES ESCRITORES OITENTÕES!

Lourdinha Leite Barbosa

O motivo desta homenagem é expressar nossa admiração e respeito pelos confrades e amigos que, neste ano de 2018, comemoram oitenta anos de vida, nasceram, portanto, no ano de 1938. São dois artífices da palavra e excepcional dimensão, que muito nos honram com sua presença nesta vetusta academia: Rafael Sânzio de Azevedo e Pedro Henrique Saraiva Leão. Já que os currículos, de ambos, são muito extensos, procuraremos nos ater às informações essenciais, que dizem respeito ao fazer poético.

Iniciemos por aquele que primeiro veio ao mundo: Sânzio de Azevedo nasceu no dia 11 de fevereiro de 1938. Filho do poeta e pintor Otacílio Ferreira de Azevedo e de Teresa Almeida de Azevedo. Pedro Henrique Saraiva Leão nasceu três meses depois do nascimento de Sânzio, no dia 25 de maio. Filho do advogado Manoel Pio Saraiva Leão e da Professora Maria Eunice Saraiva Leão.

Ambos passaram a infância e a juventude numa Fortaleza provinciana, que vivia uma espécie de transição entre o rural e o urbano e, tranquila, espreguiçava-se sob o sol incandescente, abrandado por uma constante aragem vinda dos lados do mar. A cidade acordava com o canto dos galos, o chilrear dos pássaros e o grito dos pregoeiros e vestia-se, sem pressa, para a faina diária. A vida se processava devagar. Havia tempo para visitas e delicadezas, e uma mesa sempre posta para o café. À tardinha, esperava-se o sopro do vento Aracati em cadeiras nas calçadas, numa conversa amigável que favorecia o aconchego e a benquerença entre vizinhos. A maior parte da população morava em casas conjugadas, somente os mais abastados viviam em casarões, bangalôs, palacetes. O quintal, no entanto, era quase obrigatório e havia árvores, frutíferas ou não, em cujas copas morava uma infinidade de passarinhos, ali também, criavam-se galinhas e outros animais.

O medo existia. Sempre existiu: do escuro, da doença, da maldade, da guerra que se avizinhava, mas os dias passavam mansamente e se podia caminhar pelas ruas sem sobressaltos. A segurança consistia, simplesmente, no uso de chaves, ferrolhos e na vigilância de cães.

Procuramos ouvir histórias vividas por nossos homenageados quando crianças e não foi surpresa nenhuma constatar que a semente da criatividade dos, hoje, escritores, há muito havia sido plantada. Sânzio lembra-se de fatos que lhe aconteceram em tenra infância naquela *Fortaleza Descalça*, cujas ruas, sem pavimento, ainda eram corredores para animais. Conta ele que, certa vez, devia ter uns três a quatro anos, estava sentado em cima de um muro na Rua Costa Barros, quando um touro investiu contra ele, o susto foi tamanho que quase despencou, só não ocorreu um acidente maior, porque sua irmã o sustentou. Lembra-se, ainda, do sítio Eugênio Porto, que ficava na Rua Jaime Benévolo, Bairro José Bonifácio, hoje Fátima, para onde a família se mudara. Seu pai saía para pintar no arvoredo e ele o acompanhava e, enquanto o pai criava paisagens, ele se divertia subindo nas árvores. Ali, pôde assistir ao trabalho dos operários que construíam o calçamento da Avenida Treze de Maio. Como a mãe não lhe permitia brincar na rua, o menino Sânzio gastava o tempo a ler e a desenhar. Com nove anos leu *Viagem à Aurora do Mundo*, de Érico Veríssimo, e, encantado com os animais, escreveu uma carta ao autor, que o surpreendeu com uma gentil resposta na qual afirmava que eles seriam, para sempre, grandes amigos. Este fato ficou registrado em sua memória.

Pedro Henrique, morava com a família no bairro Alagadiço, hoje Bezerra de Menezes e, desde cedo, mostrou interesse pelas palavras, exemplo disso foi a criação de um jornalzinho, denominado Pequeno Jornal Infantil, do qual ele e Lúcio Alcântara eram os editores. Escrito em papel almaço, o jornal circulava de mão em mão entre os amigos da redondeza, que também participavam de outra brincadeira, inventada por eles: o Comício.

Para realizar o comício, eles criavam microfones, usando cordões e latas vazias de manteiga, através desses objetos proferiam seus discursos sobre os degraus que davam para o quintal da casa do Dr. Waldemar de Alcântara. Ali, em cima de um caixote de maçãs, eles se revezavam e transmitiam suas extraordinárias ideias para o progresso do Estado, creio que, para Lúcio, esse ensaio tenha sido uma espécie de premonição.

As mães preocupavam-se com as travessuras dos filhos e sempre os aconselhavam: - Meninos, vocês acabam fazendo uma arte! Nossos homenageados devem ter feito algumas, mas, arte mesmo, eles vieram a fazer bem mais tarde. É sobre essa outra arte, que tem como instrumento a linguagem artisticamente trabalhada, que tentaremos fazer uma brevíssima reflexão.

Sânzio nos legou obras de superior relevância no âmbito da pesquisa, da crítica literária, histórica e cultural do Ceará e do Brasil, exemplo disso é sua extensa pesquisa sobre a Padaria Espiritual. Seu vasto conhecimento é reconhecido por estudiosos, ensaístas e estudantes que se valem de experiência de Sânzio para dirimir suas dúvidas. Nós, seus amigos, costumamos dizer que Sânzio é uma espécie de enciclopédia da Literatura Cearense, disciplina que ministrou durante muitos anos no Curso de Letras da Universidade Federal do Ceará. Em 11 de outubro de 1973, Sânzio tomou posse na Academia Cearense de Letras, sendo saudado pelo escritor Fran Martins, e ocupa a cadeira número 1, cujo patrono é o escritor Adolfo Caminha.

Pedro Henrique, durante o curso na Faculdade de Medicina da UFC, participou de um grupo de estudantes brasileiros que visitou algumas universidades norte-americanas a convite do Departamento de Estado daquele país, ocasião em que obteve na Universidade de Michigan o *Certificate of Proficiency in English*, que o habilitou ao cargo de professor do Instituto Brasil Estados Unidos, onde ministrou aulas durante doze anos. Além de ensinar inglês, Pedro Henrique é Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFC, da qual

recebeu, este ano, o título de Professor Emérito (2018). Também escreveu ensaios sobre temas literários e científicos que constituem um rico material de pesquisa, dentre eles destacam-se: *Medicina e Literatura*, *Quem Ezra Pound e As Plumas de João Cabral.* Tomou posse na Academia Cearense de Letras em 19 de setembro de 1986 e foi saudado pelo acadêmico Pedro Paulo Montenegro. Ocupa a cadeira de número 25, cujo patrono é o romancista Oliveira Paiva

Sânzio e Pedro Henrique têm em comum o ano e a cidade em que nasceram, a opção pelo magistério, e, principalmente, o fato de serem excelentes poetas e ambos pertencerem à ACL.

Para que melhor compreendamos as diferenças entre o fazer poético de cada um dos nossos homenageados, procuraremos lembrar alguns aspectos importantes do processo da criação de ambos. Sabemos que as relações entre arte, real e homem se modificam constantemente em decorrência dos valores culturais, portanto o processo criativo, por ser uma manifestação de cultura, é dinâmico, muda com o tempo, e não comporta abordagens limitadoras. Sua realização envolve um sistema complexo, no qual se destacam quatro elementos básicos: o escritor, o contexto, a obra e o leitor.

Entende-se como contexto, no sentido mais amplo, o Cosmo, ou seja, tudo aquilo que faz parte da consciência humana. O contexto se caracteriza por seu aspecto amorfo, caótico, necessitando, portanto, de uma consciência que lhe dê sentido e coerência. É o artista, no nosso caso o escritor, que vai dar coerência e sentido ao Contexto, em termos de Arte. Sob a influência da cultura de sua época e de suas experiências pessoais, ele capta aspectos do universo e lhes dá nova ordem, por meio de formas simbólicas. A obra é o resultado da ação do escritor e tem no leitor, fruidor, a razão de sua existência, pois sem ele o texto literário se perde no vazio. O leitor não é um mero receptor passivo do conteúdo da obra, mas, sim, um decifrador e coautor.

Sânzio e Pedro Henrique sofreram a mesma influência da cultura de sua época em seus processos de criação; no entanto, viveram

experiências pessoais diversas que interferiram na visão que têm do real, desse modo a codificação artística do recorte do universo reorganizado por cada um deles, é que fez a diferença.

Tentaremos, através de poemas de nossos dois homenageados, apontar a ruptura da dimensão cotidiana, como a quebra que instaura o acontecimento estético e, ao mesmo tempo, mostrar que tanto a escolha da codificação artística, quanto os processos utilizados por cada um deles, na reorganização do recorte da realidade, ocorreram de modo diferente, devido às experiências pessoais e à visão de mundo de cada um deles. Na experiência de vida, confrontam-se e reduzem-se à unidade: linguagem, sentimento e mundo.

Embora Sânzio e Pedro Henrique escrevam outros gêneros literários, demos preferência à poesia por ser o gênero escolhido por eles em seus projetos existenciais e estéticos.

Sânzio de Azevedo, profundo conhecedor da métrica tradicional, autor de *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* e *Para uma teoria do verso* revela em seus poemas um talento imenso e uma grande preocupação com a linguagem e com a construção poética. Empregando a rima ou utilizando-se de versos brancos, longos ou curtos, o poeta representa o constante fluir da vida através de temas essenciais e perenes. Os dois sonetos, de extraordinária beleza, que serão lidos a seguir foram escolhidos pelo próprio poeta. Vale salientar que dentre os poemas de forma fixa, o soneto foi o que mostrou maior resistência às idas e vindas dos movimentos literários, sua capacidade de adaptação o ajudou a atravessar os séculos até chegar aos nossos dias.

Os dois sonetos obedecem à estrutura estrófica (dois quartetos e dois tercetos), à estrutura métrica (decassílabos) e à estrutura rímica (intercaladas e cruzadas). Vejamos o soneto que tem como título, 'Versos ao Sono":

Meus pais se foram, já faz muitos anos.
Perdi depois o irmão maus velho e, um dia,
minha única irmã a travessia

inevitável fez, e dos meus manos

apenas um ficou. A fantasia
enche-me a solitude com os enganos
quando, à noite, mergulho nos arcanos
dos devaneios, que a lembrança cria.

Dormindo, pela névoa da saudade,
Estou a vê-los novamente rindo
Como os via, feliz, na mocidade.

Hoje, o consolo aos dias mais tristonhos
é, no meio da noite, o instante lindo
de rever o passado nos meus sonhos.

O soneto nos fala da transitoriedade da vida, de momentos felizes e de experiências pungentes que brotam da linguagem como lágrimas e se constrói a partir do vazio deixado pela ausência dos entes queridos. Essa falta é elaborada, através da linguagem poética, pelas oposições sonho e vigília. A vigília representa o presente, a dura realidade do eu-lírico, um ser que se sente incompleto; ao passo que o sonho representa o desejo de retorno a um passado feliz, quando havia a ilusão de uma completude. O poeta não quer solucionar o mistério, mas sim instaurar uma indagação diante dele.

No segundo poema, "Alcobaça", o eu-lírico, envolvido pela emotividade, conduz o leitor à Idade Média, mais precisamente ao Mosteiro de Alcobaça, fundado em 1148, por Afonso Henriques:

Em Alcobaça eleva-se o Mosteiro
Que em plena Idade Média foi erguido
Quando de Santarém o forasteiro
Mouro se viu sob armas expelido.

Cheio de contrição, como um romeiro,
Olho os arcos soberbos, e duvido
Estar mesmo num templo concebido
Pelo conquistador, o rei primeiro.

Diante de mim, os túmulos augustos
De Pedro e Inês, magníficos, vetustos,
Guardam o ardor dos trágicos amores.

Quedo-me absorto a contemplá-los, quando
Sinto, a envolver tão seculares dores,
A sombra imensa de Camões, sonhando...

Neste, predominam imagens de um passado heroico. Os dois quartetos referem-se a fatos históricos, quando Afonso I venceu a Batalha contra o Mouro Abu Iaçube Lúçufe, em Santarém, fato primordial para a solidificação do Reino de Portugal. Já no primeiro terceto, a afetividade leva o poeta a recordar a trágica morte de Inês de Castro, devido ao seu amor, proibido, por Dom Pedro. A Imagem de Camões, o poeta maior, cuja obra monumental sintetiza a História de Portugal, fecha o soneto.

A obra poética de Sânzio é composta pelos seguintes títulos: *Cantos da longa ausência* (1966), *Poesia de todo o tempo* (1970), *Canto efêmero* (1986), *Cantos da antevéspera* (1999) e *Lanternas cor de aurora* (2006), que comprovam o valor intelectual do autor e evidenciam a perenidade de sua poesia vazada numa linguagem, esteticamente trabalhada e de grande expressividade. No livro de haicais *Lanternas cor de aurora* avultam mensagens de aliciante beleza, o poeta constrói seus poemas de dezessete sílabas, seguindo o esquema rimático proposto pelo poeta paulista Guilherme de Almeida, ou seja, rimando o primeiro verso com o terceiro e utilizando a rima interna no segundo. Escolhemos, como exemplo, dois haicais, o primeiro denomina-se "Nordeste": "Sol-pôr. Vento brando/ Na praia a espuma desmaia:/

jangadas voltando." Descortina-se ao leitor uma paisagem tranquila e agradável ao pôr-do-sol, a impressão de frescor é produzida pelo "vento brando". O poeta rejeita a linearidade da forma verbal discursiva, ao suprimir os elos conectivos sintáticos, já que as vivências anímicas não se adaptam à rigidez da sintaxe lógico-gramatical. Assim, ao utilizar frases nominais (Sol-pôr, Vento brando) e as orações coordenadas justapostas (Na praia a espuma desmaia/ jangadas voltando), ele evita a dispersão da atmosfera lírica. Em "Noite na praia", comprova-se a apurada sensibilidade e o senso artístico do autor: "O vento dos mares/ excita a palma que agita/ farfalhos de luares". A brisa marítima e o luar propiciam a elevação do espírito, através da bela sinestesia "farfalhos de luares", em que o poeta combinando palavras que sugerem diferentes impressões sensoriais, funde o rumor da folhagem com os raios de luar e o resultado imprevisível surpreende e comove o leitor.

Por volta de 1956, Pedro Henrique, juntamente com Alcides Pinto, Horácio Dídimo, Antônio Girão Barroso, Liberal de Castro, Goebel Wayne e com outros escritores e artistas, participou do movimento concretista cearense. A poesia concreta que, segundo Alfredo Bosi, impôs-se como a expressão mais viva e atuante da nossa vanguarda estética, tem como precursores os irmãos Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. Os poetas concretistas retomam processos criativos comuns às correntes de vanguarda europeias, como o futurismo e o dadaísmo, e ao Modernismo de 22, em sua fase mais polêmica, e buscam em suas obras "atingir e explorar as camadas materiais do significante (o som, a letra impressa, a linha)", essa foi a corrente literária que mais influenciou a escrita de Pedro Henrique e ainda, hoje, ressoam em seus versos alguns processos compositivos herdados dos concretistas. Não resta dúvida de que ele se filia à chamada Literatura de Invenção, alguém pode dizer que o termo é redundante, porém alguns estudiosos assim se referem a

escritores que (re)inventam, ou seja, inventam em cima da invenção como James Joyce, Guimarães Rosa, Ezra Pound e tantos outros que ousaram e ousam um mergulho radical na expressão.

Isto não significa experimentalismo gratuito, Pedro Henrique impõe-se pela força da invenção e pela originalidade da linguagem, fazendo do ambíguo a essência de seu processo de comunicação. Não conheço nestas paragens um poeta mais inventivo, quem mais se aproxima dele é Alcides Pinto, mas as invenções de Pedro ultrapassam o conteúdo e a expressão. Essa inquietude pelo inusitado, forte marca de sua escrita, revela-se com todo vigor em duas obras: *Trívia* e *Poemamassado*. *Trívia* é um livro objeto, nele encontram-se colados objetos de uso cotidiano: grampos, palitos de dente, lenço, crucifixo. Um exemplo é o poema a seguir que se encontra acima de um lenço:

este lenço
enxuga afeto que se encerra
enxuga sal, lava suor
saliva sêmen, enxuga
sucos mais que alguns temem
este lenço
é também penso.

Engana-se aquele que pensa que tudo no referido livro é brincadeira. É, sim, ironia, brincadeira, mas brincadeira muito séria, pois, além do aspecto lúdico, que o filósofo Comte-Sponville afirma ser o aspecto mais humano do Homem e que, segundo Schopenhauer, "Toda criança é, de certo modo um gênio; e todo gênio, de certo modo, uma criança", há reflexões profundas a respeito da vida e da morte. Sobre a crucifixo afirma o eu lírico:

Cruz: braços para receber
nossos filhos e nossos mortos
cruz para nos abençoar

e afugentar os demos
para nos lembrar que/ por amor nos crucifiquemos.

Poemamassado trata-se de uma caixa de madeira, com divisórias, que guarda poemas amassados. Eis um poema amassado, uma espécie de bula poética que ensina o leitor a abri-lo:

para que abras o texto
como quem arma u'a rede/pra s'embalar ou embrulhar-se
(deixá-lo entreabrir-se
e revelar as escamas da memória!).

Além desses dois projetos gráficos inusitados e primorosos, toda a obra de Pedro Henrique foi muito bem projetada por seu editor, mas foi com Plíndola que a Expressão Gráfica ganhou o prêmio de Excelência Gráfica. Além das obras citadas, o poeta escreveu os seguintes livros de poemas *Ilha da Canção* (1983), *Poeróticos* (1984), *Meus eus* (1985), *Circunstâncias* (2003).

Nos poemas de Pedro Henrique, os mais diversos temas ganham formas incomuns e, da combinação de vocábulos polissêmicos, surgem ritmos e sonoridades que surpreendem e seduzem o leitor. Essa forma de escrita, resulta de um trabalho linguístico, que perturba o texto, fratura seu sentido e quebra sua linearidade, como vemos nos dois exemplos a seguir: *"quem há de part/ ilhar comigo deste ar/ qui* pélago? Quem encontraria o rastro/ dos meus *pe/ recíveis* pés?"; *"*...és o magma que me firm*a o mento m/ 'esmaga, amálgama de corpo e alma de/ alfa e d'ômega*. As palavras, ao serem cortadas, perdem o sentido primeiro e ganham novos significados. Essa é a missão ética da literatura e das artes: fazer ver o mundo de outro modo, preencher a espera tensa do sujeito com o susto do estranhamento. Greimas vai chamar a isso deslumbramento: uma espécie de relâmpago passageiro que perturba a visão e nos faz ver de outro modo o que sempre lá esteve, no mesmo lugar e que agora é outro.

O belo poema, abaixo, nos traz um tema recorrente na criação do autor:

O tempo é sempre outro que não este/
aranhas tecem teias no meu canto/
troçam, as traças, do meu tempo/
mas, embora sempre outro que não este
este foi o tempo que me deste.

Jogando com a passagem do tempo, o poeta explora as semelhanças sonoras (troçam/traças/tecem/teias), a repetição de vocábulos (outro/este/tempo), a aliteração (repetição do fonema "t"), o nonsense. Todos os fenômenos estilísticos são decorrentes da atmosfera lírica que funde mundo exterior e mundo interior e impedem uma disposição mais nítida das coisas e dos seres criando um contexto impreciso em que a expressão linguística se constrói de forma ilógica.

O erotismo tanto o dos corações, quanto o dos corpos e o sagrado, como quer Georges Bataille em sua obra *O Erotismo*, ocupa espaço relevante na poética de Pedro Henrique Saraiva Leão, como comprovam os fragmentos abaixo:

- e o amor/ tecido por fadas/, e fados? teria sido fe/ rido? San/ graria, ainda?

- Agarro-me aos teus cabelos como às/ crinas de um alazão, e enquanto esporeio/ a memória o tempo foge, e apeio-me.

- Calcular a distância/ entre os teus braços/ e o meu desejo/- entre os teus seios e/
a minha ânsia, quem/
há de?

Segundo Bataille: "Toda a concretização do erotismo tem por fim atingir o mais íntimo do ser, no ponto em que o coração nos fala". Através da linguagem esteticamente trabalhada, os artistas procuram se fazer ouvir, sair do seu isolamento em busca de uma continuidade, mesmo que ilusória.

Como vimos, os dois poetas, em seus diferentes estilos, equivalem-se na grandeza de suas criações.

BEATRIZ ROSITA GENTIL PHILOMENO GOMES: A BENEMÉRITA SENHORA DO BEM[1]

Gizela Nunes da Costa[2]

Fui convidada por Elinalva Alves de Oliveira, presidente da coordenadoria da AJEB-CE para saudar uma das agraciadas com a medalha Cândida Galeno. Confesso que estou lisonjeada e feliz pelo honroso convite.

Participei, recentemente, da coletânea "A arte de ser mulher", publicada pela Rede sem Fronteiras, que circula em mais de vinte países da Europa, América Latina e países lusófonos. Na referida coletânea escrevi sobre Beatriz Gentil, cujo teor será lido na presente sessão.

Filha de João da Frota Gentil e Sarah de Campelo Gentil. Tive a sorte de conhecê-los na mansão do casal, situada na Avenida da Universidade. Hoje, o belo casarão é sede da Reitoria da Universidade Federal do Ceará-UFC.

Beatriz estudou no Colégio Notre Dame de Sion, em Petrópolis. No Rio de Janeiro, sua educação foi alicerçada nos princípios cristãos, mas sempre direcionada para os menos favorecidos. É viúva do industrial Francisco de Assis Philomeno Gomes com quem aprendi três coisas: viver a vida com decência, respeitar o próximo e não divulgar tragédias de qualquer espécie. Foi mãe aos 17 anos e o casal teve oito filhos: Pedro, Roberto, Maria Aparecida, Maria Júlia, Francisco Júnior, Sarah Rosita, João Vicente e Carlos Alexandre.

Após a maternidade, engajou-se em atividades filantrópicas, cumprindo-me destacar sua participação como Presidente da Associação

1 Discurso pronunciado pela Vice-presidente da AJEB. (Associação das Jornalistas e Escritoras do Ceará), na entrega da medalha Cândida Galeno.

2 Desembargadora e escritora. Pertence a Academia Fortalezense de Letras e a AJEB.

das Damas Rotárias de Fortaleza, cofundadora da Casa da Amizade, Presidente do Centro Cívico da Mulher Cearense-CCMC, membro da Associação Cristã Feminina-ACF e, em âmbito nacional, participou da elaboração do documento que gerou o movimento "pela vida, contra a violência". Além disso, marcou presença como Voluntária do Jacarecanga e na Associação São Vicente de Paulo de Proteção aos Idosos.

Há quase meio século dirige com maestria "Coisas de família", conhecida confecção de bordados de roupas para bebês e mesas. A ideia teve sua origem quando preparava o enxoval para a filha Maria Aparecida. O trabalho teve repercussão em todo o Brasil. O CIC (Centro Industrial do Ceará) e a ALFE (Associação de Líderes e Lojistas Femininas) enaltecem Beatriz pelo labor das bordadeiras e divulgação de nosso artesanato.

Em 2013, por ocasião de seu aniversário de 90 anos, merecem especiais destaques as seguintes opiniões: O colunista Lúcio Brasileiro "enalteceu a projeção de Beatriz, que soube granjear o respeito e a afeição de sua descendência e da corrente imensa dos que a identificam como figura de méritos incontáveis". Por outro lado, o Deputado Federal Mauro Benevides (MDB-CE), assim se pronunciou: "a cidade de Fortaleza, por suas lideranças mais expressivas, adere a este preito a uma mulher de atributos incomparáveis. Beatriz, Senhores Deputados, foi sempre uma benemérita de campanhas nobres em prol de carentes e necessitados de Fortaleza e de todo o estado do Ceará".

Na vida social foi eleita uma das dez mais elegantes do Brasil por Ibrahim Sued e recebeu a homenagem com ternura e simplicidade.

Em entrevista que concedi à saudosa amiga Regina Marshall, ela me perguntou o que era ser elegante. Respondi prontamente: Beatriz Gentil Philomeno Gomes.

Lúcio Brasileiro elaborou um levantamento de personalidades que brilham no cenário cearense, ou seja, eleitos para sempre, onde consta um item sobre a mulher mais elegante do Ceará: Beatriz Philomeno.

Leda Maria Souto publicou em sua coluna no Jornal O Povo, caderno Vida e Arte, edição de 30 de outubro de 2019, sob o título "A Beleza tem Nome": Beatriz Philomeno Gomes, onde escreveu: "Hoje ela faz 96 anos. Ostenta o tesouro familiar com oito filhos, 19 netos e 16 bisnetos, mantendo o compromisso com o bem e a bondade, caminha pelos traçados de Deus, nutrindo uma devoção longa e profunda com Nossa Senhora. Lúcida, serena e corajosa".

Creio que as prioridades para Beatriz são: Deus, a família e os carentes. Ela é uma mulher próxima de Deus, abençoada por Maria Santíssima e protegida por São Vicente de Paulo. Da vida, não guarda mágoas e nem pensamentos mesquinhos. Todas as alegrias e intempéries que possam ocorrer são resolvidas no silêncio, na fé e no poder da oração. A vida social ativa não prejudicou sua dedicação à família e nem ao trabalho na Casa São Vicente de Paulo, que ela segue visitando, sempre.

Sabe ouvir com atenção, aconselhar como uma mãe e amar o próximo como a um irmão. É respeitada, admirada pelos filhos, pelos amigos, pela sociedade em geral, tendo em vista a simplicidade, a solidariedade e a gratidão pelo trabalho social e cristão que desenvolve.

Mulher realizada e aceita em todos os segmentos sociais, de uma alta estima especial e que tem a graça divina de cultivar no dia a dia a sua espiritualidade. Fala francês e inglês. É exímia pianista e cantora; gostava de promover momentos musicais, tocando para o marido, filhos e amigos. Assisti, diversas vezes, a esses concertos na companhia de seu marido, Chico Philomeno, e de seus filhos, em sua residência no bairro de Jacarecanga.

Para Beatriz Rosita Philomeno Gomes, rogo as bênçãos de Deus na sua caminhada terrena, gratidão dos menos favorecidos de São Vicente de Paulo e o orgulho do Ceará de tê-la como filha especial e, por que não dizer: Extraordinária.

OS MECENAS DA SANTA CASA DE SOBRAL, PROFERIDO EM SOBRAL, EM 1.6.2000, NA SOLENIDADE COMEMORATIVA DOS 75 ANOS DO FUNCIONAMENTO DA SANTA CASA DE SOBRAL

Francisco Marialva Mont´Alverne Frota[3]

Ao falar, quer no Senado quer em particular, adota um ar sereno e claro. Que a tua linguagem seja pura.

(Marco Aurélio – Meditações)

Não é esta a primeira vez que a Mesa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, sob diligente ação administrativa do Deputado Federal, Padre José Linhares Ponte, vem publicamente anunciar a lista dos mecenas sobralenses, concedendo a Medalha Dom José, agradecida pelos legados recebidos de venerandos patriarcas da Ribeira do Acaraú e de outras cidades, que tiveram a elevada compreensão dos relevantes objetivos da Instituição, concorrendo de modo singular para o alargamento de sua missão sociocristã. A concessão da honrosa insígnia se faz de modo judicioso. Aos vivos, para que possam merecer o aplauso da comunidade pelo gesto nobilitante. Aos que partiram, para acentuar à sua família que continuam vivos na estima póstuma da Santa Casa de Misericórdia. E de forma solene e pública para inculcar nos que, nesta cidade e na hinterlândia cearense, assistem diariamente ao grandioso espetáculo propiciado pela ação benemérita da Santa Casa de Sobral que, desde 1925, se volta abnegadamente para minorar os sofrimentos dos desvalidos e recuperar a saúde dos que a procuram. Mas a Instituição precisa

3 Membro da Academia Maranhense de Letras. Sócio correspondente da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

multiplicar suas instalações, redimensionar seus serviços, ampliar o campo da atuação médica em várias especialidades. Para isso não pode ficar a depender dos parcos e demorados recursos do erário público, mas pode esperar o pouco e o muito em doações de novos mecenas para ajudar sua manutenção. Ao contrário do que muitos pensam, a doação favorece o donatário com a dádiva, mas enriquece o doador com a ação benemérita, com o afago da simpatia pública, que dá contentamento interior e orgulha a descendência. Essa é a lição do mecenato sobralense. Sigamos, pois, os exemplos da generosidade dos nossos antepassados.

A vida de Dom José Tupynambá da Frota pode ser analisada por duas vertentes de fácil identificação: amor acendrado à Igreja e dedicação edificante a Sobral. À Igreja dedicou as primícias do seu sacerdócio, em exemplar vicariato de 8 anos e no fecundo episcopado de 43 anos. Príncipe da Igreja, na concepção tridentina da época que alcançou até a fase pré-conciliar do Vaticano II, deu tudo de si para a pompa do culto de Deus, solenizado no latim da liturgia e no canto polifônico de Palestrina e Perosi. Devotou-se diuturnamente na sua cidade e nos longínquos rincões de sua diocese, em ampliar a propagação da fé de seu imenso rebanho.

Imensa era a área territorial de sua diocese, hoje subdividida na jurisdição canônica de mais de uma. Foi fidelíssimo ao seu lema paulino: *Oportet illum regnare* (l Cor 15, 25). Nesse mister pastoral foi auxiliado por um clero ilustre e dedicado. Homem de fé. Homem de Deus. Quis também ser, Dom José, homem do seu povo, Bispo dos sobralenses. Tinha consciência dessas vertentes, que deixou gravadas no seu epitáfio, como norte diretivo para sua gente: o amor a Deus e a seu povo. Depois de vida afanosa entre nós quis ficar na Catedral de Nossa Senhora da Conceição, na Capela do Santíssimo Sacramento, piedosamente aos pés do Senhor, como Primeiro Bispo

dos Sobralenses. Foi, durante meio século, dedicado guia espiritual de sua gente e o consumado líder dos legítimos anseios dos sobralenses. Sua presença avassaladora engrandeceu a História da Mitra da Província Eclesiástica do Ceará. Por seu trabalho pastoral foi agraciado pela Santa Sé com os títulos de Prelado Doméstico, Assistente ao Sólio Pontifício e Conde Romano.

Quando avalio as obras que realizou Dom José Tupynambá da Frota, ao longo do seu episcopado, arrostando as dificuldades do meio e incompreensão de alguns, identifico nele o nosso Moisés, que do seu cajado, do seu báculo, fez brotar não só a água salvífica da fé para o seu imenso rebanho, mas as obras portentosas que o tornaram o segundo fundador de Sobral, como também o maior dos seus filhos, no juízo unânime dos que o conheceram. Deus foi seu arrimo, sua fortaleza, a plenitude de sua vida piedosa. Voltou-se integralmente para o seu ministério, para o serviço de Deus. Com certeza, na sua travessia de pontífice, pôde ouvir no íntimo de sua alma estas palavras que também ouvira Moisés quando conduzia os israelitas:

> *Eu me acharei lá contigo. Tu ferirás a pedra, e dela sairá água para que o povo tenha donde beber* (Êx. 17, 6).

Deu-nos o venerando prelado a água da fé e fez brotar obras de misericórdia para o seu povo, das quais a Santa Casa é a mais importante do seu inesquecível episcopado. Hoje a Misericórdia de Sobral é um complexo assistencial de vanguarda como centro de referência regional. Mas é preciso destacar que o dinamismo de Dom José foi continuado e alargado pelo tino administrativo de visão modernizante do Padre José Linhares Ponte. O Hospital do Coração é um marco de sua visão gerencial. Como é arrojado, já pensa em construir o Hospital do Cérebro. Antevejo no conjunto do serviço hospitalar da Misericórdia de Sobral a ambiência da futura faculdade

de medicina. A abnegação médica de várias gerações deu o justo conceito e a fama que desfruta a modelar Instituição no sertão, na serra e no litoral do Ceará. Homenageio a classe médica, lembrando o nome de Antônio Guarany Mont´Alverne que, pelo tirocínio de sua arte médica, e pela dedicação integral, se tornou a pilastra da Santa Casa, onde exercitou as qualidades de sua habilitação com invulgar competência clínica e cirúrgica.

Com a criação da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, Dom José encarna o exemplo do bom samaritano da parábola evangélica. Comoveu-se e se compadeceu de sua gente no serviço pastoral de total disponibilidade para com os doentes. Não mediu esforços para prestar ajuda eficaz no sofrimento do povo. Narra ele na *História de Sobral* que foi injustiçado, em 1914, com uma sindicância inepta, no conhecido episódio da venda que promoveu, autorizado pelo Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, de um prédio do patrimônio da Casa de Caridade para ajudar a construção da Santa Casa. Com o gesto amorável de solicitude paterna ensinou-nos a ser sensíveis com a dor alheia. Os homenageados de hoje, que já integram o mecenato da Santa Casa, repetem o gesto generoso do bom samaritano. Ouçam os nomes paradigmáticos: Dom Walfrido Teixeira Vieira, Bispo Emérito de Sobral; Francisco Fernando Pereira Mendes; Francisco Fernandes de Aguiar; Thomaz Marinho de Albuquerque Andrade; Luciano Thebano Barreto e Thomaz Corrêa Aragão, que foram eleitos pelo egrégio Conselho Superior da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sobral como beneméritos da outorga da Medalha Dom José.

Saúdo o único homenageado vivo desta noite, Dom Walfrido Teixeira Vieira, 3° bispo da Diocese de Sobral. Sucedeu a Dom José da Mota e Albuquerque, quando este se tornou Metropolita da Arquidiocese do Maranhão. Ele Dom Walfrido é a retribuição do

clero da Bahia a Sobral por haver anteriormente acolhido em Salvador, para ocupar a Sé Primacial do Brasil, Dom Jerônimo Thomé da Silva. O episcopado de Dom Walfrido Teixeira Vieira ficou caracterizado por uma ação pastoral firme, diligente e silenciosa, atenta às linhas renovadoras do Concilio Vaticano II. Cuidou com desvelo da messe do Senhor, ordenando vários levitas. Construiu a Casa dos Padres Idosos e o Centro de Treinamento Diocesano, na Serra da Meruoca. Pregou a palavra de Deus nos limites de sua diocese e a explicou no *Correio da Semana,* como A Voz do Pastor, cumprindo o mandado de Cristo:

> *Euntes in mundum universum praedicate evangelium omni creaturae.* (Mc 16, 15).

O homem foi o centro de suas preocupações. Esteve atento à educação da juventude, ao sustento da família carente, à velhice abandonada, aos doentes. Tinha presente a afirmativa de Santo Irineu; *Gloria Dei vivens homo.* Este é o lema de solicitude cristã, vivenciado exemplarmente no múnus apostólico pelo venerável irmão sobralense Dom Walfrido Teixeira Vieira: "A gloria de Deus é que o homem viva". Escolheu para viver os dias de sua sábia ancianidade em Sobral, cercado da estima pública e da amizade leal do clero que dirigiu. O lema do seu episcopado é *Secundum Verbum Tuum.* O nosso preclaro Bispo Emérito é a personificação da cordura, da elegância moral e da modéstia evangélica. Que viva muitos anos entre nós. Pelos serviços relevantes que prestou à Misericórdia de Sobral como provedor, recebe hoje a Medalha Dom José.

Nesta noite, nesta solenidade evocativa dos 75 anos do início do funcionamento da Santa Casa de Misericórdia de Sobral, a Instituição quer exaltar seus benfeitores outorgando-lhes a Medalha Dom José. Que é benfeitor? O que o anima? Benfeitor é o que quer o bem,

por filantropia ou por generosidade cristã. Benfeitor é o oposto do avarento. O primeiro gosta de dar, de doar, de ajudar. O outro é avaro, apegado ao dinheiro, usurário da linhagem do Rei Midas. Um, por estreito individualismo, acredita que doação é perda, repetindo o dito de Cujácio *donare est perdere.* O outro, revela magnanimidade, acredita que o doador ganha mais que o donatário. Mas só o benfeitor é digno de honra, só ele é benemérito por serviço relevante. Só ele, ou seu descendente, sentirá o contentamento jubiloso e o aplauso da comunidade. Os benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de Sobral avigoraram com gestos nobilitantes singulares os objetivos permanentes da Instituição, doando o solar de sua residência, fazendas para criação de gado e móveis de uso doméstico; custeando a construção de enfermarias para o atendimento da indigência; legando numerosos tipos de ações bancárias, apartamentos e prédio no Rio de Janeiro; transmitindo imóveis para propiciar recursos financeiros; alocando verbas para o serviço de pediatria, além de possibilitar a celebração de comodato de uma bomba de cobalto para o tratamento oncológico, e renunciando, por vários anos, o estipêndio remuneratório, dedicando-se ao tratamento do calazar no pavilhão dessa doença tropical. Externo os agradecimentos em nome das famílias e dos representantes daqueles varões que recebem hoje a Medalha Dom José. Estamos orgulhosos do mecenato cristão dos nossos antepassados.

Nesta solenidade marcada pelo tom da gratidão, a Mesa do Conselho Superior da Misericórdia de Sobral homenageia seus benfeitores, possibilitando a cada um de nós a recordação da memória daqueles

> *[...] que por obras valerosas*
> *Se vão da lei da Morte libertando.*

O passado e o futuro têm importância. O presente é fugaz. A substância vem do futuro pela imaginação, ou do passado, pela memória, acentua Álvaro Lins no primoroso estudo sobre a obra de Marcel Proust. O passado, o tempo esquecido ressurge nas recordações da memória involuntária, que provoca a impressão antiga, que redescobre o tempo. É a memória que nos dá os momentos privilegiados", na classificação de Arnaud Dandieu. Hoje tenho um momento privilegiado. Os laços do sangue impõem em mim, pela lei da emoção, o dever irrenunciável de exaltar o nome do meu antepassado Francisco Fernando Pereira Mendes, cuja vida modelar foi marcada por atos de grandiosa generosidade em legados à Santa Casa de Misericórdia, Seminário São José, Capela de São Francisco de Assis, Confrarias Vicentinas e Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio.

A ancestralidade de Fernando Mendes está ligada, como a de muitas famílias da Ribeira do Acaraú, a uma das Sete Irmãs. Rosa de Sá Oliveira, casada com o Capitão-mor José de Xerez Furna Uchôa, é sua trisavó. Nasceu em Santana, em 30 de novembro de 1847, e era filho de Antônio Mendes Pereira de Vasconcelos e de sua primeira mulher Theodora Ferreira da Costa. Foi casado com Maria Carolina do Monte e não deixou filhos. Faleceu em Sobral em 27 de junho de 1929. O casal Fernando Mendes e Maria Carolina está sepultado na Igreja do Patrocínio, da qual foi grande benfeitor. Os laços que me ligam a Tio Fernando Mendes têm a seguinte cadeia geracional: Maria Olinda, minha bisavó paterna e sua única irmã do primeiro matrimônio de seu pai; Maria Gerviz Mendes Frota, minha avó paterna e sua sobrinha e afilhada; José Mendes Frota, meu pai e seu sobrinho neto. Fernando Mendes recebeu em sua casa, situada na Rua Conselheiro José Júlio, em Sobral, o Conde d'Eu, quando este, perto da queda das instituições imperiais, visitava o país, vindo do Maranhão, por Camocim. Dom José Tupynambá da Frota,

que o conheceu de perto, acentua na *História de Sobral,* em mais de um passo, que esse meu antepassado teve participação no Clube Republicano de Sobral, que foi negociante destacado e professou sentimentos religiosos. Reconhecido ao mecenato de tio Fernando Mendes, Dom José faz o comovido panegírico póstumo no seu livro precioso: " Como preito de reconhecimento ao benemérito cidadão, o Bispo Diocesano quis presidir as cerimônias do seu enterro, e permitiu que tanto a sua mulher como ele mesmo fossem sepultados na Igreja, na capelinha ereta a N.S. das Graças logo à direita de quem entra".

Estou comovido em participar da homenagem prestada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Sobral a Francisco Fernando Pereira Mendes. Esse é também o sentimento de sua família nesta solenidade comemorativa dos setenta e cinco anos do funcionamento da Santa Casa de Sobral, quando é outorgada *"post-mortem"* a ele, e a outros benfeitores, a Medalha Dom José. Não posso deixar de revelar um motivo especial do meu orgulho: Fernando Mendes era tio de meu pai, José Mendes Frota, e de seu irmão, Francisco Mendes Frota, meu sogro.

Que as portas da Santa Casa de Misericórdia de Sobral continuem abertas para todos que, em momento de aflição, a procuram para sarar seus males, recuperar a saúde, preenchendo as carências de política sanitária do Estado, confirmando os objetivos de relevância social fixados pelo ínclito Fundador.

7ª Parte

Transcrições

NANO MEDICINA[1]

Pedro Henrique Saraiva Leão

Tornou-se modernamente reconhecida a função premonitória da Literatura na Ciência. (Ótimo título para um ensaio!). Como se aquela profetizasse esta. Exemplos irrefragáveis (incontestáveis) estão no francês Jules Verne (+1905): "Vinte mil Léguas Submarinas", e nos ingleses H(erbert) G(eorge) Wells (+1946): "A Máquina do Tempo" (1895); "Os primeiros Homens na Lua" (1901) e Aldous Huxley (+1963): "Admirável Mundo Novo", este (1932) adivinhando o bebê de proveta.

Quando menino e mancebo, abismava-me, boquiaberto ante as histórias fantásticas de ciência/ficção de seus cultores exponenciais, como estes, "plus" Asimov, Arthur Clarke, Robert Heinlein. Realmente, os robôs invadiram nosso planeta, e alongadamente temos discorrido aqui em "Dr. Robô" (20/1/1992), "Doutor Internet" (12/XI/2008), "Transhumanismo" (06/1/2013), e "Robô da Vinci" (23/2/2016). Deles já nos dera ciência a Literatura, esta, em parte, imemorial. Aludidos engenhos semelhando pessoas biônicas, autômatos androides ou ginecoides (tais quais homens ou mulheres) começaram mencionados no livro XVIII da "Ilíada", (atribuída a) Homero. Ali compunham um exército arregimentado por Hephaestus, o deus do fogo (Vulcan, entre os romanos) para o herói Achiles.

Estes petrechos só em 1920 foram denominados "robôs" pelo escritor tcheco-eslovaco Karel Capek. Nas línguas dessa região, "robota" significava "trabalho forçado" (faz sentido!). Já na aurora dos tempos as mitologias chinesa, grega e egípcia disso se ocuparam. E no século XVI Leonardo da Vinci desenhara robôs humanoides, como atestam seus cadernos, redescobertas em 1950. Assim, a ficção

1 *O Povo*, Fortaleza, 17 mai. 2017.

veio-se fazendo fato nas novelas de Arthur Clarke, e nos contos dos mais de 500 livros de Isaac Yudovich Asimov (+1992), Máxime em "Viagem Fantástica" (1966), em que robôs percorrem o interior do corpo humano. Portanto – salientado eclesiasticamente pelo lusitano Pe. Antônio Vieira (+1697) – "Nihilsub sole novum". Robôs bípedes já nos substituem na Indústria, na Medicina, e até nos campos de batalha, comportando-se qual "Wildcat" (gato selvagem) ("In" revista INFO, XI/2013).

É a nano medicina que se agiganta, cujo prefixo significa "anão" em grego. Impressiona sobremodo o desempenho destes nano-robôs – medindo tão somente 1 bilionésimo de metro, ou 6 x menos do que um glóbulo vermelho – quando injetados por via parenteral (vascular). Destarte, facilitam diagnósticos precoces, administram drogas anticancerígenas de maneira dirigida (poupando tecidos sadios), e tratam o diabetes e outras doenças.

Nano-robôs cirurgiões existem nos EUA desde 1990 e surgiram nos quirófanos (salas de operação) brasileiros em 2008. Lemos também que há pouco (2014) foram documentados agindo em organismos vivos, na Universidade da California (EUA) (San Diego). Em verdade, representam a realização dos sonhos e cerebrações dos norte-americanos Kim Eric Drexler (1955) e Richard Feynmann (1988), verdadeiros "míssilnários" da bioengenharia molecular. Eia, o futuro dobrou a esquina, aventando-se até mesmo cérebros artificiais daqui a dois anos, precedendo os "cyborgs" (homens/máquinas), e a inteligência robótica prevista para 2045. (Sugerimos ler/reler nosso artigo aqui divulgado em 27/3/2013). Pasmem! "Ereiupe"! (bem-vindos), diziam nossos índios.

MEDICINA DO GENOMA[2]

Pedro Henrique Saraiva Leão

A contemplação das percucientes (penetrantes) descobertas científicas lembram-me o dramaturgo (teatrólogo) Shakespeare (+1616), considerado o poeta nacional da Inglaterra, o "Bardo (poeta) de Avon" (rio de sua cidade Natal), e o maior dramatista de todos os tempos. Em "Hamlet", das mais famosas tragédias (1600 ou 1601) ele sentenciou: "Há mais coisas no céu e na terra, Horatio/ Do que sonhadas na tua filosofia" ("There are more things in heaven and earth, Horatio/ Than are dreamt of in your philosophy"). Realmente, em Ciência há mais do que veem os olhos. O século XXI deve representar 20 mil anos de progresso científico na Iatrologia (Medicina. Do grego "iatrós" – médico).

Tudo começou com o monge austríaco, também botânico e meteorologista Gregor Johann Mendel (1822-1884). Estudando ervilhas e outras plantas, no seu mosteiro da República Tcheca, descobriu os genes, ou gens, os verdadeiros arquitetos da nossa hereditariedade, do nosso destino. Mendel morreu aos 62 anos como o Pai da Genética. A palavra "gene" foi criada por outro botânico, dinamarquês, Wilhem Ludwig Johansen. Para o leitor curiosíssimo (pois os há) registre-se um sinônimo de gene: "cístron".

A estrutura genética se apresenta como sequências de ácidos nucleicos, especificamente o DNA – ácido desoxirribonucleico –, e o RNA, ou ribonucleic acid. O primeiro – aquele de dupla hélice – aloja nosso código genético, enquanto as proteínas são sintetizadas pelo RNA. A descoberta dessas hélices por Francis Creek (1953), valeu-lhe o prêmio Nobel em 1962, como salientamos em "Crack, Crik, Krok", de 24/6/2015. Ali recordamos tal achado ter sido oniricamente induzido (concebido em sonhos), após o uso de LSD, alucinógeno apreciado

2 O Povo, Fortaleza, 26 jul. 2017.

por vários escritores e cientistas daquele tempo. Os genes controlam nosso metabolismo, e nas mutações em células germinativas (óvulos e espermatozoides) "vazam" informações para ge(ne)rações futuras.

Denomina-se "genoma" o conjunto de + 35/40 mil genes que possuímos, em cada célula do corpo.

Em 1950, Roger Williams criara o conceito de individualidade genética, comprovando sermos bioquimicamente distintos, portando tipos de genes (genótipos) particulares e individuais como as impressões digitais. Explica-se assim a eventual diferença de resultados entre tratamentos idênticos de pessoas díspares. Parece não haver doenças, mas doentes. Ratificada fica a adoção de terapêuticas "sob medida", "tailorizadas" (do inglês "tailor" = alfaiate), personalizadas, como salientamos em "Medicina sartorial", em 26/11/2014. Aludidos conceitos alimentaram o transcendental Projeto Genoma Humano, criado em 1990 nos EUA, por James D. Watson, envolvendo mais de 5000 cientistas (inclusive no Brasil), e concluído em 2003.

Esse magno empreendimento respaldou as primeiras tentativas de terapia genética humana (1990), sendo hoje empregada em bactérias, plantas e animais. Conquistou-se uma das últimas fronteiras da Medicina, agora querendo-se mais eficaz. Saravá! Barak Obama, pelos 100 milhões de dólares para pesquisa em 2014 (revista IstoÉ, 10/4/2013). Tornaram-se exequíveis os painéis genéticos laboratoriais.

Os cientistas já debatem a imunoprofilaxia por transferência de gens, e a inversão do envelhecimento, por reprogramação de células senis (vide "Nanomedicina", de 17/5/2017).

Já se disse que o futuro não é mais como antigamente! E entre nós, no "Brasilgate"? Consoante o dr. Carlos Vital (!), presidente do Conselho Federal de Medicina, "a saúde não é prioridade no Brasil" dos anos recentes (Jornal Medicina, 9/2014). Aliás, naquele ano eleitoral nossos governos aplicaram apenas R$ 3,89/dia para a saúde de cada brasileiro. Pasmem!

TEMPO & ETERNIDADE[3]

Pedro Henrique Saraiva Leão

Há muito repito ser a Academia Cearense de Letras a mais antiga do Brasil, pois antecipou-se em três anos à sua congênere brasileira. Como todas entidades semelhantes, sobrevive não mercê do poder público (geralmente indiferente), mas graças às benesses do setor privado, por meio de seus eventuais mecenas. Essa denominação homenageou, na Roma Imperial, Caius Mecenas (68 a.C. – 8 a.C.), notabilizado como patrono dos artistas, literatos, da cultura enfim. Com idêntica sensibilidade, tivemos no Ceará, nos idos de 1957, um clarividente deputado estadual, o advogado Perilo Teixeira, autor do projeto de Lei 3586 (06/12 daquele ano), beneficiando a Academia Cearense de Letras e o Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará.

Quase seguramente por falta de ressonância eleitoral, o projeto foi logo arquivado. A ideia de uma sede própria para a ACL fora sonhada e cerebrada por Justiniano de Serpa, presidente do Estado em 1926, mas também arquivada pelo seu falecimento no ano seguinte. O aludido sonho quedou postergado (permaneceu adiado) por mais de meio século (53 anos) quando, em 13/XI/1989, o governador Tasso Jereissati doou o Palácio da Luz (Rua do Rosário, 1) à Academia Cearense de Letras como sua sede definitiva (Lei 11637/1989).

Vale ressaltado que Tasso Jereissati, nosso benfeitor-mor, e sócio honorário, hoje novamente senador, é bisneto de José Carlos da Costa Ribeiro Jr., um dos fundadores da ACL. A ele foi outorgada, em 2010, a Medalha Cláudio Martins, criada por mim àquela época. Quando tive a honra de presidir esta Casa (2009-2012), fomos aquinhoados, vez primeira (Governo Cid Gomes), da Lei 14905 (24/4/2011),

3 O Povo, Fortaleza, 10 nov. 2017.

consoante publicação do D.O. de 24/10/2011. Aludido provimento obrigava o Estado a custear a manutenção anual desta entidade.

Contudo, "forças (nem tanto) ocultas" restringiram (limitaram) a duração dessa Lei para um ano apenas. "Hélas!" Malgrado o costumeiro arrecife de vicissitudes (alternâncias, percalços) inerentes a atividades desta natureza, no Brasil, a Academia Cearense de Letras vem, altaneira, singrando nossos verdes mares. Qual o clássico de Felini "E la nave va". Na locução que proferi saudando-a por seus 118 anos (In Revista da Academia Cearense de Letras, vol. 117, no 73, 2012) – afirmei ser de mister "rappeler" (lembrar), à maneira dos franceses, algo discordando do escritor português (Prêmio Camões de Literatura, 1992) Vergílio Ferreira, para quem o esquecimento é o destino da vida. Assim, em novembro de 2012, com precedência, ali homenageamos, reconhecidamente o então chanceler da Unifor, Airton Queiroz, conferindo-lhe a Medalha Barão de Studart.

No dia 16 de agosto pretérito, a ACL comemorou seu 123º aniversário de fundação. O elóquio (locução, discurso) oficial omitiu esses dois fatos históricos, agora aqui lembrados, em respeito àquela distinta plateia. Aliás, "o memorialista conta o que quer; o historiador conta o que sabe", conforme feliz observação do notável cearense Juarez Távora.

Reconhecemos, contudo, serem traiçoeiras as nominatas, e não aconselhável traí-las, destarte evitando desinteirar a verdade. Naquela noite soleníssima, tentou-se matar algum tempo, mas feriu-se a eternidade. Pois.

8ª Parte

O Livro da Academia

CARLOS GONDIM, O POETA DA ANGÚSTIA

Sânzio de Azevedo

Introdução

QUEM por acaso folhear os *Poemas do Cárcere* de Carlos Gondim, livro saído dos prelos da Tipografia Central (Rua Major Facundo, 272, Fortaleza), em 1923, verá, entre outros poemas amargos, o "Canto do Pária", vazado em dez estâncias, em alexandrinos clássicos. Poema tão impressionante, deve, a meu ver, ser reproduzido na íntegra, para que dele não se perca nada:

É uma insânia o que sinto! É o desespero mudo
Que o peito despedaça e oblitera a razão!
Abandonou-me a crença – o mais precioso escudo,
Desamparou-me a fé – meu único bordão!

Ululam-me no encalço os tormentos de Orestes...
Como que em derredor de mim tudo se escombra!
– Rio-me, como Lear, louco, rasgando as vestes,
– Duvido, como Hamleto, interrogando a Sombra.

Barco errante, a singrar entre parcéis e fráguas,
Ando ao léu, à feição de um destino traidor...
– Em que Letes irei esquecer minhas mágoas?
– Que Cocito infernal tragará minha dor?

E, assim, obedecendo ao fadário, caminho...
E hei de, como um fantasma, entre os homens errar,
– Triste e esbulhado Jó, sem pão e sem carinho,
– Orfeu dorido e insano, a carpir e a cantar!

E, irremível precito, uma voz que me aterra,
Tenebrosa e augural, meu futuro prediz:
– "Para sempre serás um réprobo na terra,
Eterno forasteiro em teu próprio país!"

E é esta voz, que em meu peito o desespero lança,
Como o dístico cruel que encima os penetrais
Do Orco, onde Dante viu toda humana esperança
Perdida, a soluçar o eterno NUNCA MAIS!

Rei Tântalo, que, em vão, ao céu exora e pede,
– Condenado a sofrer uma iníqua expiação,
Tendo a linfa a meus pés – ardo abrasado em sede,
E morro à fome – tendo o fruto à minha mão!

Que convulso pincel de um Goya alucinado,
Este suplício atroz, mais fero que o da cruz,
Criara, do que sucumbe às trevas sepultado,
Ansiando a liberdade e o ascenso para a luz?!

Tudo exulta lá fora e canta ao sol da vida,
Que aos felizes sorri, como um rio de mel,
Enquanto, presa à dor, esta alma desvalida
Esgota, até ao fim, seu cálice de fel.

E ninguém saberá deste tormento insano!
E ninguém ouvirá ao insonte Prometeu!
Ninguém! Pois que é de rocha o coração humano,
E meu canto jamais há de chegar ao céu!

A erudição do poeta fá-lo comparar-se a Orestes, filho de Agamemnon e Clitemnestra. Esta, com a ajuda de Egisto, matou o marido e pretendia matá-lo também. Salvo pela irmã, Electra, chegou a matar Clitemnestra e Egisto, mas foi perseguido pelas Fúrias.

O Rei Lear e Hamleto (Hamlet) são personagens trágicos de Shakespeare. Letes, rio do inferno, fazia os mortos esquecerem o passado, e Cocito, também do inferno, era formado pelas lágrimas dos culpados.

Quanto a Orfeu, músico e poeta, desceu aos Infernos para encontrar sua amada, a ninfa Eurídice. Regressando do mundo das sombras, desprezou as Bacantes, que o mataram.

Há uma alusão ao Orco, o inferno, onde, segundo Dante, na Divina Comédia, os condenados liam o aviso terrível, "Percam suas esperanças, vocês que chegam." ("*Lasciate ogni speranza voi ch'entrate*.")

Tântalo, rei da Lídia ou da Frígia, segundo a Mitologia clássica para pagar seus crimes foi condenado a viver sem comer e sem beber, porque o alimento e a água fugiam de seus lábios.

Por que esse poeta se exala em versos tão cheios de erudição e de angústia? Somente conhecendo a vida e as desventuras de Carlos Gondim poderá alguém imaginar a origem verdadeira de tamanha amargura.

Nesse livro, de 1923, há outros poemas que fazem dele um grito de dor.

Em um livro saído da mesma tipografia, desta vez em 1929, intitulado *Ânsia Revel*, há também momentos de angústia, talvez em menor número. É até curioso o fato de o poeta haver aproveitado composições saídas em jornal antes do livro de 1923, sendo algumas de 1917.

Como exemplo de versos angustiados, lembro "Solilóquio de um Cético", cujas duas últimas estrofes dizem:

Sofrer é privilégio à alma predestinada,
Que se apura da dor no crisol imortal,
Como a morte é o cadinho inviolável do nada,
Onde em luz se transforma a carcaça animal.

Leva-me, Augusta Morte, em teu seio potente,
Para o sono final, no leito tumular...
– Sonhei, demais sonhei... Hoje, quero, somente,
Para sempre dormir... e nunca mais sonhar!

O certo é que o poeta continua expressando sua profunda tristeza, como nestes versos da primeira estrofe do poema "No Silêncio da Noite":

Por um destino cruel, hei de, agora, sozinho,
Pela terra vagar...
– Édipo sem Antígone, a tactear,
Ensanguentando os pés nas urzes do caminho...

Este poema está numa divisão do livro que o poeta chamou de "Poemas da Saudade". Estava o poeta viúvo, razão desta dedicatória desolada na abertura dessa divisão:

"À morta amada, que foi a mãe de meus
filhos e a suave luz nas trevas da minha
desdita."

RAZÕES DA ANGÚSTIA

Meu Pai, o poeta e pintor Otacílio de Azevedo, levou-me uma tarde, aí pelos anos setenta do século XX, a uma das dependências da Emcetur (Empresa Cearense de Turismo). É que, nesse local, esteve preso o poeta Carlos Gondim, quando o prédio era a Cadeia Pública, nos anos vinte.

Ao ver a sala com suas grades, não pude deixar de recordar os versos (belos, apesar da monofonia das rimas) de "Poente de Natal", que está nos *Poemas do Cárcere*:

Natal! Natal! Quanta ansiedade
Eu sinto à luz crepuscular!
Por entre ferros, olho o mar,
Rouco, implorando aos céus piedade
Em seu presídio milenar...

De Carlos Gondim, meu Pai dizia: "não foi somente o maior poeta do Ceará, como também o mais desgraçado" (1). Segundo seu depoimento, ele era uma pessoa normalmente calma; entretanto, quando entregue à influência do álcool (o que infelizmente não era raro), tornava-se extremamente agressivo.

Assim é que, fora de si, interpretando como ofensa o conselho de um companheiro de boêmia, tornou-se criminoso, vindo a cumprir alguns anos de prisão, ao cabo dos quais seria libertado. Mas algum tempo depois seria encontrado morto, misteriosamente assassinado na estrada de Porangaba (hoje Parangaba), no dia 11 de março de 1930, crime que nunca seria esclarecido.

Contava o poeta quarenta e três anos, três meses e cinco dias, pois, como informa Dolor Barreira, havia nascido em Coité (hoje Aratuba), em 6 de dezembro de 1886, e não em 1884, como alguns antologistas registraram. (2)

Tendo Mário Linhares afirmado, em estudo sobre o poeta, nos anos vinte, que "não se pode compreender como uma individualidade dotada de tão belas emoções estéticas, refletidas na pureza de suas estrofes, seja visceralmente má" (3), enviou-lhe Carlos Gondim uma carta na qual, depois de negar que fosse "uma alma de criminoso", narrava sua luta, em busca de um emprego, tendo inclusive passado fome, e concluía: "Assim, como poderia eu, sobrecarregado de família, pobre e perseguido, resistir, sem o estoicismo brâmico, ao truculento destino? Era forçoso sucumbir. E sucumbi." (4)

Ainda quanto à sua morte, disse-me um dia o historiador Manoel Albano Amora (meu amigo e confrade na Academia Cearense de Letras) que em um número da *Revista Policial* se dizia que, perto do local onde foi encontrado seu corpo, havia uns prédios em construção, e supunha-se que o poeta se haja desentendido com alguns operários.

No que concerne ao crime que levou o poeta à prisão, dizia um irmão de minha Mãe, o tio Humberto, que trabalhava como barbeiro no Centro de Fortaleza, que a vítima era um homem simples, que tinha o hábito original de tomar aguardente com gelo. Um dia, como Carlos Gondim mandara uma sua filha, já mocinha, levar um bilhete ao escritório de um advogado, ele, certamente com boa intenção, advertiu o poeta de que isso não ficava bem. Carlos se ofendeu, terminando matando o parceiro de boêmia. Há quem fale em defesa da honra, mas parece não ter sido o caso.

Interessando-se pelo fato, a escritora Angela Barros Leal (minha amiga e filha do historiador Vinícius Barros Leal) fez pesquisas em periódicos de 1918 a 1920, vindo a saber que Carlos Gondim, que fora apontador da Estrada de Ferro de Baturité, havia assassinado o negociante José Guedes de Carvalho. Após sentenças e recursos, "foi condenado a sete anos de prisão", como diz o jornal *A Luta*, de Sobral,

de 16 de outubro de 1920. Pela mesma fonte, sei da informação de que o poeta dava aulas para outros detentos da Cadeia Pública.

Meu Pai foi, nos anos vinte, várias vezes visitar o poeta na prisão e, quando foi publicado o livro *Poemas do Cárcere*, levava, segundo me disse, exemplares para os amigos comprarem. Só nunca eu soube como foi que o autor conseguiu publicar o livro.

E já que, mais uma vez, falei no meu Pai, há um soneto no livro dedicado "A Otacílio de Azevedo". É um dos poemas em que o autor esquece um pouco sua desdita e trabalha pensando apenas na obra de arte. Trata-se de "As Ondas":

Rolando as algas e lambendo as fragas,
Passam as ondas, céleres e frias,
– Formas nervosas de Nereidas vagas,
Esculturas de espumas fugidias.

Ora em coreias, como estranhas magas,
Recamadas de argênteas pedrarias,
Entoando ritos e cuspindo pragas,
Chegam para o ***sabbat*** *das ardentias.*

E, cheias de ânsias, cheias de desejos,
Ora, como serpentes enlaçadas,
Gemem suspiros e soluçam beijos...

E, loucas, retorcendo-se na areia,
Como outras tantas Heros desgrenhadas,
Morrem, na praia, que o luar prateia.

Depois de falar nas Nereidas, filhas de Nereu, que vêm para um sabá (assembleia demoníaca), no final, alude ao mito de Leandro e Hero: vivendo um na Ásia e outro na Europa, Leandro atravessava a nado o

Helesponto, a fim de ver sua amada, Hero; numa tempestade, Leandro apareceu morto na praia, e Hero, desesperada, lançou-se ao mar.

É interessante ver como o poeta refundia várias vezes um mesmo poema, como a procurar a forma ideal. Seu poema "Solidão", por exemplo, publicado no *Jornal do Ceará*, em 18 de novembro de 1904, e que deveria figurar num prometido livro *Sargaços*, que jamais veio a lume, terminava com esta estrofe:

Alda! Não voltarás ao remoto Passado,
E o teu frágil batel aporta em outro porto!...
Nunca mais acharei o bálsamo sagrado
Para meu coração despedaçado e morto!

Parece que o poeta deixou que amadurecesse a ideia e, doze anos depois, publicava no *Diário do Estado*, em 15 de janeiro de 1916, "No Silêncio da Noite", cujo final diz:

Elsa, não voltarás ao longínquo passado.
– Castelo que em seu pó meu sonho sepultou!...
– Só me resta da angústia o trasgo debruçado
Sobre o meu coração, como o corvo de Poe.

O poema não foi incluído no livro de 1923, mas em 30 de maio de 1925 ei-lo novamente, com alterações, sob o título "Recordação", na revista *Fanfarra*, dirigida por Edigar de Alencar, desta vez com a indicação de que figuraria no livro *Sonho Morto*, que igualmente ficaria inédito ou mudaria de título), e terminando assim, com a Elsa que estava no poema em 1916:

Elsa! Não voltarão os dias do passado!
Desmaiam no jardim as rosas, sem fragrância...
Só me resta a ilusão de ver teu vulto amado
Na curva da distância!

Mas ainda não ficou satisfeito o artista, em sua ânsia de perfeição, e em seu derradeiro livro, de 1929, vamos encontrar um poema com vários versos daquele de 1904 e outro do de 1916, intitulado, como este, "No Silêncio da Noite", e retomando a imagem do Corvo de Poe:

Não voltarão os dias do passado,
– Almo rio de luz a deslizar risonho...
Só me resta da Angústia o Corvo, empoleirado
Sobre os escombros do meu Sonho.

No que se refere aos primeiros versos de Carlos Gondim na imprensa, Dolor Barreira alude a "O Amor", que o jornal *A República* estampou em 18 de março de 1903, dizendo prudentemente que esses versos "devem ser considerados (até que se possa provar o contrário) *a primeira manifestação poética* publicada por Carlos Gondim". (5) Os grifos são do autor.

E andou bem o historiador sendo prudente, porque no mesmo jornal, *A República*, desta vez em 3 de março desse ano de 1903, encontro os versos de "Exilado", nos quais o poeta, então com 16 anos de idade, ainda escreve romanticamente:

E a morte ameigue o precito,
Que o infortúnio maldito
A última esp'rança levou!...

UMA EMENDA FELIZ

Com o tempo, iria o poeta evoluir, a ponto de se ombrear com os maiores do tempo, aproximando-se da arte parnasiana, mas vez por outra atingindo aqueles semitons que caracterizam a arte simbolista.

Dou logo um exemplo: *Poemas do Cárcere* dividem-se em três partes, "Horto de Angústia", "Símbolos" e "Sinfonia Vesperal". Desta última parte transcrevo o soneto "Noturno", mas como apareceu na

Folha do Povo, em 6 de outubro de 1917, o que já fiz no meu livro *Aspectos da Literatura Cearense* (1982):

Desce sobre a floresta a noite. O rio
Por um luar de topázio iluminado,
Desliza manso, lânguido, macio,
Como um píton de prata despertado.

Na mata o cabalístico assobio
Atroa do acauã, no ermo, isolado;
– Terror supersticioso do gentio,
– Enigmático pássaro execrado.

Corre um vago sussurro de lamentos,
Um salmo, um ***De Profundis****, um saltério*
Na harpa chorosa de Israel dos ventos.

E como monjas brancas que soluçam,
Pelas ogivas do convento etéreo
As magoadas estrelas se debruçam!

De tal maneira se acha esse "Noturno" modificado nos *Poemas do Cárcere,* que ninguém poderá supor tratar-se do mesmo soneto, antes de chegar aos tercetos, que são praticamente os mesmos, com levíssima alteração no primeiro verso. Os quartetos foram totalmente substituídos:

Noite. A fronde estremece. O luar gelado
Desmaia nas corolas amorosas:
Escuto, ao longe, um piano enamorado...
Geme Chopin nas sombras misteriosas.

Espalha a brisa em torno um delicado,
Vago perfume de jasmins e rosas,
E como que anda no ar, sutilizado,
Todo um cortejo de visões radiosas.

Passa um triste sussurro de lamentos,
Um salmo, um ***De Profundis****, um saltério,*
Na harpa chorosa de Israel dos ventos.

E, como monjas brancas, que soluçam,
Pelas ogivas do convento etéreo,
As magoadas estrelas se debruçam...

O poeta salvou o poema, sem dúvida: na primeira lição, havia uma quebra inexplicável entre a atmosfera dos quartetos e a dos tercetos. Contrastavam as notas bárbaras daqueles (a floresta, o assobio do acauã, o terror do gentio, a comparação do rio com uma serpente de prata) com as referências litúrgicas (salmo, De Profundis, saltério, harpa de Israel, monjas, ogivas do convento) destes. A aristocracia dos tercetos não combinava com a ambiência rude dos quartetos.

Na segunda variante, incomparavelmente superior, o luar não se vai refletir num rio em meio à selva, mas "desmaia nas corolas amorosas", enquanto o poeta, que não figurava no poema antes, agora escuta, não mais o assobio cabalístico do acauã, mas um noturno de Chopin. Trata-se de um jardim (e não uma selva) onde a brisa espalha "vago perfume de jasmins e rosas".

Vê-se que a objetividade da cena anterior cede lugar à subjetividade de uma noite em que, sob o prestígio do luar e do perfume das flores, todo o ar se povoa "de visões radiosas". Acrescente-se o significante introduzido pela pontuação, que vem conferir à primeira estrofe maior

fluidez, obrigando-nos a cinco pausas. Pode não ter havido muita mudança de "Corre um vago sussurro de lamentos" para "Passa um triste sussurro de lamentos" no primeiro verso do primeiro terceto. Já o verso final, porém, ganhou muito em trocar a exclamação pelas reticências.

Temos um soneto de tons simbolistas na obra de um poeta que foi mais vezes parnasiano.

LIVROS

Tudo indica que a estreia do poeta, em livro, se deu com um bem fraco poemeto de nove páginas, intitulado *Ode Republicana*, de 1913. Dois anos depois viria *A Tortura do Artista* (1915), com 19 páginas. Em 1923 sairia o tantas vezes citado *Poemas do Cárcere* e, em 1929, *Ânsia Revel,* que abre com "Ânsia de Perfeição" e é, com várias alterações, o mesmo segundo livro, *A Tortura do Artista*, como lembra Dolor Barreira.

Como já foi dito, Carlos Gondim incluiu em *Ânsia Revel* poemas anteriores ao livro de 1923. Desses poemas destaco um soneto de feição parnasiana, no sentido francês, em alexandrinos que lembram a arte de um Heredia. Foi lendo textos como esse que Cruz Filho, falando do seu autor, afirmou ser ele "poeta parnasiano de largo voo, cujos versos se impõem pela forma e pela força do pensamento". (6) Trata-se de "As Cimbúlias", e seus versos focalizam seres voadores nunca citados em enciclopédias ou dicionários consultados.

Aparecido na *Folha do Povo* de 7 de novembro de 1917 e, com alterações em seis versos, assim está em *Ânsia Revel*, o último livro do poeta:

Irrequietas, à flor das ondas, em cardumes,
Ora róseas, abrindo as asas, ora azúleas,
Vogam na espuma argêntea, em seus radiosos lumes,
Como efêmeros sóis, errantes, as cimbúlias.

Centenares, ao léu das vagas, em cerúleas
Conchas, de burgalhões e remotos negrumes,
Surgem, bailando ao som de misteriosas dúlias,
Haurindo à equórea planta os estranhos perfumes.

Loucas, no amplo lençol das águas espumantes,
Brincam: – e é todo mar refulgida Golconda
De topázios, rubis, safiras e diamantes...

E, volúveis, ruflando as asas sobre as vagas,
Em farândola ideal, elas vão de onda em onda:
– Borboletas do oceano, adormecer nas fragas.

Outro soneto, desse mesmo livro, no qual o poeta se mostra um seguidor das normas do Parnasianismo, em composição descritiva e vazada em alexandrinos, é "A Garça":

Num rincão da Amazônia, entre a flora opulenta,
– Asilo do pernalta esquivo e solitário,
Poeta do ermo, a evocar um passado lendário,
A garça sonha ao pé da vasa lodacenta.

Negro, o topete heril, indiferente ostenta,
A contrastar com o branco e macio plumário;
E, alheia à pompa real que exibe do vestuário,
Majestade infeliz, definha lenta e lenta!

Talvez a recordar uma história remota
Dos seus avós, de um vago império decaído,
As asas fecha, os olhos cerra, e fica imota...,

E, assim, sempre a sonhar, dolorida e distinta,
– É a imagem de um poder apagado no olvido,
– É o símbolo de toda uma grandeza extinta!

Não estranhe o leitor, no último verso do primeiro terceto, com ictos (acentos) nas sílabas 4ª, 8ª e 12ª, a ausência da clássica cesura medial do alexandrino, o que não se encontra em Olavo Bilac, por exemplo. Mas, depois da revolução do verso no Simbolismo, não poucos parnasianos escreveram versos assim, bastando citar um dos maiores, Alberto de Oliveira.

MODIFICAÇÃO ESTRANHA

Temos visto que o poeta fez alterações em vários de seus poemas, geralmente com a intenção de melhorá-los. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o soneto "Noturno", dos *Poemas do Cárcere*.

Mas um poema de seis estrofes e metros variados, de *Ânsia Revel,* a "Sinfonia da Última Lágrima" sofreu, e logo no início, uma alteração difícil de se entender. Eis os cinco versos que compõem a primeira estrofe:

A lágrima, que deslizara
À tua face, a dizer a cruel separação,
Foi uma estrela que se deslocara
Do engaste azul e penetrara
Meu ermo coração.

Meu Pai que, como foi dito, conviveu com o poeta, nunca entendeu o motivo pelo qual Carlos Gondim introduziu nessa estrofe alterações que a desfiguraram. Tão bela era a estrofe, que meu Pai a decorou e, segundo seu testemunho, esses versos, quando ainda inédito o livro, eram assim:

A lágrima que tu, à partida, choraste,
Silenciosa, a dizer toda a tua emoção,
Foi Sírius, que do azul do céu desengastaste,
E piedosa deixaste
Cair e penetrar meu ermo coração.

Pretendendo fazer um trabalho imparcial, não me caberia pôr aqui apenas versos que o poeta melhorou, como foi o caso do soneto "Noturno". Aqui, ao contrário, o autor eliminou uma estrofe belíssima, e pôs em seu lugar uns versos bem inferiores aos outros, o que constitui um mistério...

POLIMETRISMO

Por influência talvez dos primeiros poemas modernistas que em 1927 surgiram na literatura cearense, Carlos Gondim abre seu livro *Ânsia Revel* não com poemas em verso livre, mas com o emprego do polimetrismo, como havia feito Mário Pederneiras, que confundiu vários autores, julgando-se diante do verso livre. Claro, polimetrismo é a mistura de versos de várias medidas, embora já seja um avanço quanto ao verso ortodoxo.

Abrem o livro dois poemas com versos de vários metros. O mais longo é a "Ode ao Brasil", que se inicia com esta estrofe, em que há versos de duas sílabas, de quatro, de seis e até alexandrinos (doze sílabas):

Brasil!
Canaã doirada
Da eterna Primavera!...
Num gineceu de fada,
Tendo à noite o esplendor da galáxia imortal,
De dia – um sol que quase te incinera,

Sonhas, ao pé do mar e sob o céu de anil
Da terra tropical!

Pulando a segunda estrofe, vamos encontrar estes belos versos:

Narcotizados
Pela adurência do bochorno,
À margem das estradas,
Os sáurios brônzeos, furta-cores,
Jazem espapaçados.
De um flamboyant em torno,
Zombando da soalheira e do torpor,
Ébrios de aroma e luz,
Bandos de beija-flores,
Com seus rebrilhos verde-azuis,
Em policrômicas revoadas,
Saciados de hidromel, poisam de flor em flor.

É a hora
Em que a araponga preludia,
No ádito dionisíaco da mata,
E a orquestra dúlcida e canora
Dos sabiás acorda...
E que poesia
Transborda
Do bosque, que em gorjeios se desata,
E à voz gemente da cascata
– Violoncelo de súplicas – se alia!

Por ser longo o poema, pulemos mais umas duas estrofes para chegar às três finais, sendo que a última tem apenas dois versos:

Do Amazonas ao Prata,
Em pompa verde e luxuriante,
Ostentas no vigor da selva exuberante,
Templos de Floras e Pomonas...
E, à água que te retrata
Do estuário colossal,
Revês a tua força sem rival
Correndo pela artéria do Amazonas...

Ó Paradísia ideal, terra opima e fecunda,
És do universo o coração!
Do orbe inteiro o esplendor o solo teu encerra,
Terra formosa e rica!
– Tens o amor, que edifica,
E a luz radiosa, que fecunda...
Seio de Abraão!
Pátria de toda a humanidade!

Ó terra quase virgem!... Terra
Do Sonho, da Beleza e da Fraternidade!

MAIS VERSOS DE DOR

Um soneto típico da tristeza do poeta, em *Ânsia Revel*, não fala claramente de sua dor, mas não é nada alegre. Trata-se de "Floresta Morta", vazado em decassílabos:

Nesta escalvada, secular floresta,
Exultou, à aleluia das matinas,
Quando a luz do arrebol, radiosa e presta,
Vinha acordar as pombas turturinas.

Também de um Fauno o cálamo, a surdinas,
Modulado, na sombra de uma giesta,
Nuas, pulando à margem das ravinas,
Assustou as Oréades em festa!

Combusta, negra, desolada, agora,
Nem abriga uma fonte, nem na agita
A passarada gárrula de outrora...

Nem vibra o vento os carnaubais erguidos...
– Só a alma vegetal ainda palpita
Nas raízes dos troncos carcomidos.

Em uma errata no fim do livro, há várias emendas, mas uma escapou: no último verso do primeiro terceto, está "passada", que emendei para "passarada"...

"Retrospecto", em treze estrofes, tem como epígrafe as palavras que Dante pôs na boca de Francesca da Rimini, constatando que não há maior dor do que se recordar o tempo feliz na miséria, e fala da viuvez do poeta:

Evoco... a ouvir um piano soluçando
O Noturno divino... E, em cisma, absorto,
Vejo dos cinerais ressuscitando,
O álgido espectro do meu Sonho Morto.

Verde, opulenta, ubérrima floresta,
Que o fogo comburiu, desapiedado,
– Escombros, mais escombros, é o que resta
Deste alcaçar desmoronado.

Como inda escuto, enleado, enternecido,
Este harpejar dos lábios teus: "Eu te amo!..."
– Pássaro ideal, gorjeando-me no ouvido,
Como o sabiá no pêndulo de um ramo.

Oito estrofes depois, diz o poeta, ainda deslumbrado com a lembrança:

Após, num steeplechase, *improvisado*
Com fina garridice e graça tanta,
Eu me atrasava – Páris deslumbrado
Dessas nervosas formas de Atalanta...

*

Separou-nos a sorte, a cruel megera
Que os nossos sonhos todos desbarata,
Quando mal sobre nós a Primavera
Em flores se desata...

Tudo acabou, num derradeiro arquejo...
– Restam-me só os túrbidos ressábios
Desse primeiro e inconfundível beijo
Que eu te colhera, sôfrego, nos lábios!

Como aos poetas tudo é permitido, na antepenúltima estrofe Páris que, na Mitologia clássica, se apaixonou por Helena, mulher de Menelau, aqui se vê encantado por Atalanta, amante de Hipômenes...

Poemas do Cárcere, de 1923, abre com um poema em versos de dez sílabas, com quinze estrofes e intitulado "No Cárcere". Suas duas primeiras estrofes dizem:

Cismo, à noite, galé da minha sina,
Junto às grades geladas da prisão...
O luar as ondas trêmulas platina
E se insinua no meu coração.

Tanta lágrima, tanta, hei derramado,
No silêncio da noite, ermo e dorido,
Que já não sei chorar, como hei chorado,
E, mais que nunca, tenho padecido!

As duas estrofes finais seguem esse mesmo clima de profunda tristeza:

Quem te sondasse o arcano indefinido,
Vida – caleidoscópio alucinante,
Nunca te agradecera o ter nascido,
Antes te amaldiçoara a todo instante!

Já não posso chorar! Que desalento!
Quanta angústia! Que frio tumular!...
Pudesse, ao menos, sob o luar de argento,
Apenas uma lágrima chorar!

O "Epílogo", com que o poeta fecha o livro de 1923, é das páginas mais amargas de sua obra:

Depois de tanto irrefletido ardor,
A que foi sempre, por seu mal, atreito,
Quedou meu coração, na urna do peito,
Hirto, nirvanizado pela dor!

Tanto bateu por ti, que hoje, desfeito
Jaz, como as cinzas de uma pobre flor,
– Relíquia triste de um frustrado amor,
Por nívea mão guardado em cofre estreito.

Fibra a fibra estalou! E, ao derradeiro
Treno, que era um gemido, emudeceu,
Como uma harpa suspensa de um salgueiro...

E assim findou – falena tresloucada –
Às chamas do holocausto que acendeu,
Sem sonho, sem amor, sem fé, sem nada!

O poeta que, no "Canto Pária", como vimos, evocara personagens dos dramas shakespearianos, tem nesse livro sonetos a Cristo, a Maria, a Ahsverus, a Fausto, a Sócrates, a um Brâmane, a Santo Antão, a Orfeu, a Salomé e a Eva. Como me observou Cruz Filho (de quem tive a honra de ser amigo), Carlos Gondim teria aproveitado os anos de reclusão para ler muito, o que redundaria nessa erudição que povoa os versos de seus poemas.

E, voltando ao tema da dor, o último poema de *Ânsia Revel*, que é o soneto "Canto do Cisne", não poderia ser mais triste:

Depois de tanto anseio, nada resta
Ao meu desiludido coração,
Que dantes fora roseiral em festa,
E é um cemitério de recordação!
Como uma virgem tropical floresta,
Exultando à luz plena de um verão,
A minha alma exultou, radiante e lesta,
Iluminada pelo teu clarão!

A chama peregrina já não sinto
Que a alma, sedenta, me abrasara... (Assuste-a,
Embora, o espectro deste amor extinto!)

Tudo ruiu, desabou com som medonho...
Restam-me apenas as visões da angústia
Num dissecado cérebro sem sonho.

O POETA E ALGUNS CRÍTICOS

Já tive a oportunidade de falar da opinião de alguns escritores sobre a poesia de Carlos Gondim, como Otacílio de Azevedo, Mário Linhares e Cruz Filho.

Ânsia Revel, livro editado pela Tipografia Central, em 1929, traz, nas suas últimas páginas, alguns julgamentos sobre *Poemas do Cárcere*.

Citarei apenas textos assinados:

"Quem quer que ponderadamente observe e julgue os poetas cearenses pelo que fazem e não pelo que parecem (...) este, inevitavelmente, há de convir comigo, em colocar as insígnias da nobreza da poesia da Terra de Sol nas mãos de Carlos Gondim, que as reterá muito dignamente." (Elias Mallmann – *Diário do Ceará*.)

"Repassada de dor sincera e sentida, eloquente na inspiração e, muita vez, sublime nos conceitos, a arte de Carlos Gondim, revelando-o uma mentalidade superior, fá-lo, de igual passo, um belo e altíssimo poeta." (Rubens Falcão – *Ceará Ilustrado*.)

Os dois trechos que seguem figuraram na revista *Terra de Sol:*

"Este, sim, é um grande, um verdadeiro, um profundo poeta." (Gilberto Câmara.)

"Como mentir o artista ao seu motivo único de beleza, presente negro embora, mas... presente dos deuses?" (Sidney Neto.)

No livro *Páginas Acadêmicas*, José Waldo Ribeiro Ramos escreveu:

"Carlos Gondim é uma individualidade que se não confunde; um poeta delicado do modelo de Humberto de Campos. (...) A muitos tenho ouvido dizê-lo o maior poeta cearense da atualidade."

No periódico *A Classe* um jovem de menos de vinte anos de idade escreveu: "De versos sentimentais, espontâneos, profundíssimos na metafísica, é composto o livro do sr. Carlos Gondim." Esse jovem, que se referia aos *Poemas do Cárcere*, assinava-se Martins Filho e seria futuramente o fundador da Universidade Federal do Ceará...

Sobre *Ânsia Revel* publicou na *Folha do Povo* um artigo o filólogo Clóvis Monteiro, artigo no qual, entre outras coisas, afirma: "Submeta-se a análise uma única das poesias de Carlos Gondim, e dir-se-á: é um talento. Embrenhando-se, porém, na sua obra, a gente só terá esta exclamação: um monstro!"

É interessante comparar a fotografia do poeta com a descrição de Carlos Gondim que está num livro de memórias de Herman Lima: "Tinha, no todo, desde o perfil adunco ao jeito de andar, um tanto recurvado e rígido, qualquer coisa de aquilino, um traço incisivo que lhe marcava de logo o caráter introspectivo e agreste: uma águia de asas podadas, que a obrigassem a andar no chão.

"Os olhos vagos, cravados numa distância que se adivinhava longa, sob os arcos das grandes sobrancelhas nítidas, como a boca em largo risco desdenhoso e frio, davam-lhe à máscara, tão bem fixada no único retrato que dele se conhece, um certo quê de predestinado a ignotas tragédias." (8)

Dolor Barreira já o dissera, no último volume que trata da história das nossas letras, ao transcrever poemas de Carlos Gondim: "Cantou

porque sofreu, e foi o sofrimento – crisol mágico – que o fez produzir versos de rica inspiração e da maior harmonia." (9)

CONCLUSÃO

Mesmo sem ter certeza de que este trabalho será publicado um dia, escrevi-o, como homenagem a um dos grandes poetas do Ceará, na talvez baldada esperança de que seu nome e pelo menos alguns de seus versos fiquem na memória de quem por acaso leia estas páginas escritas por alguém que conviveu, desde a mocidade, com a literatura cearense.

Poderia ter-me debruçado sobre a obra de vários outros poetas, alguns dos quais conheci pessoalmente, como, além de meu Pai, Cruz Filho, Júlio Maciel, Mário Linhares e Filgueiras Lima; escolhi, porém, aquele que me parece menos lembrado e cujos versos impressionam pela angústia que ressumam. O fato de dois de seus livros terem sido reeditados em 1997 não altera muito a raridade de sua obra, visto que essas reedições, em Fortaleza, não têm grande tiragem e logo os volumes desaparecem das prateleiras das livrarias.

Seja como for, consola-me o fato de, com a ajuda de alguns amigos, ter-me dedicado a esse trabalho arqueológico de exumar velhos textos que um dia foram lidos e transmitiram a alguns leitores um pouco da angústia desse grande poeta, cuja arte só se compara à sua imensa infelicidade...

Notas

1. AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. 3ª ed. Fortaleza: SECULT/CE, 2010. p. 231.
2. BARREIRA, Dolor. *História da Literatura Cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1962, v. 4.; p. 118.
3. LINHARES, Mário. *Semeadores*. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado, 1926. p. 129.
4. Apud LINHARES, Mário. Op. Cit., p. 130.
5. BARREIRA, Dolor. Op cit., 1951, v. 2; p. 127.
6. CRUZ FILHO. *História do Ceará*. São Paulo: Melhoramentos, 1931. p. 197.
7. RAMOS, José Waldo Ribeiro. *Páginas Acadêmicas*. Fortaleza: Tipografia Comercial, 1923, p. 52-3.
8. LIMA, Herman. *Poeira do Tempo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. p. 147-148.
9. BARREIRA, Dolor. Op. Cit., v. 4, p. 117.

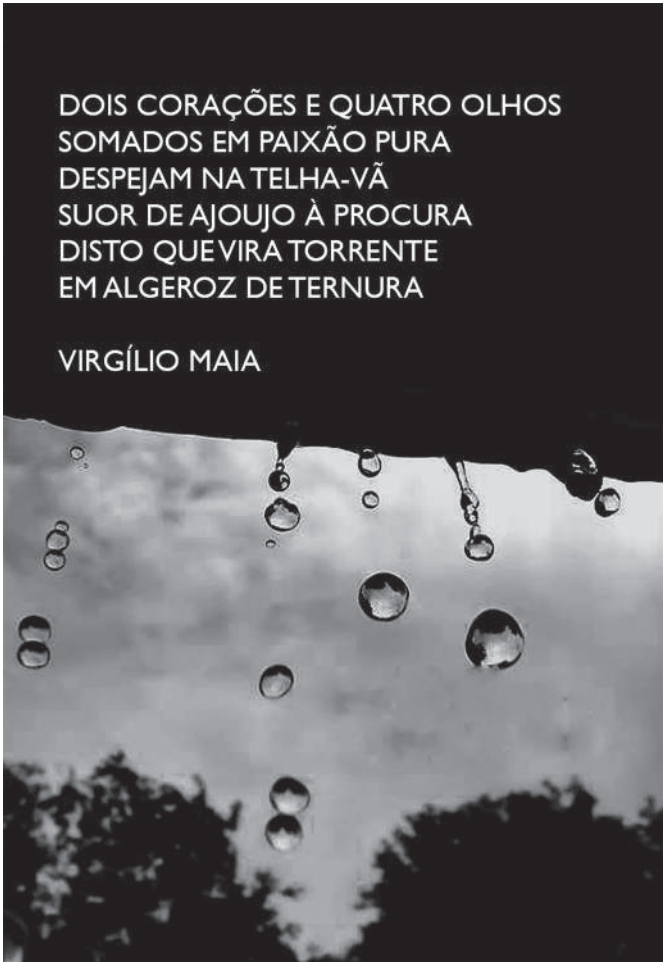
9ª Parte

Literatura Intercontextual

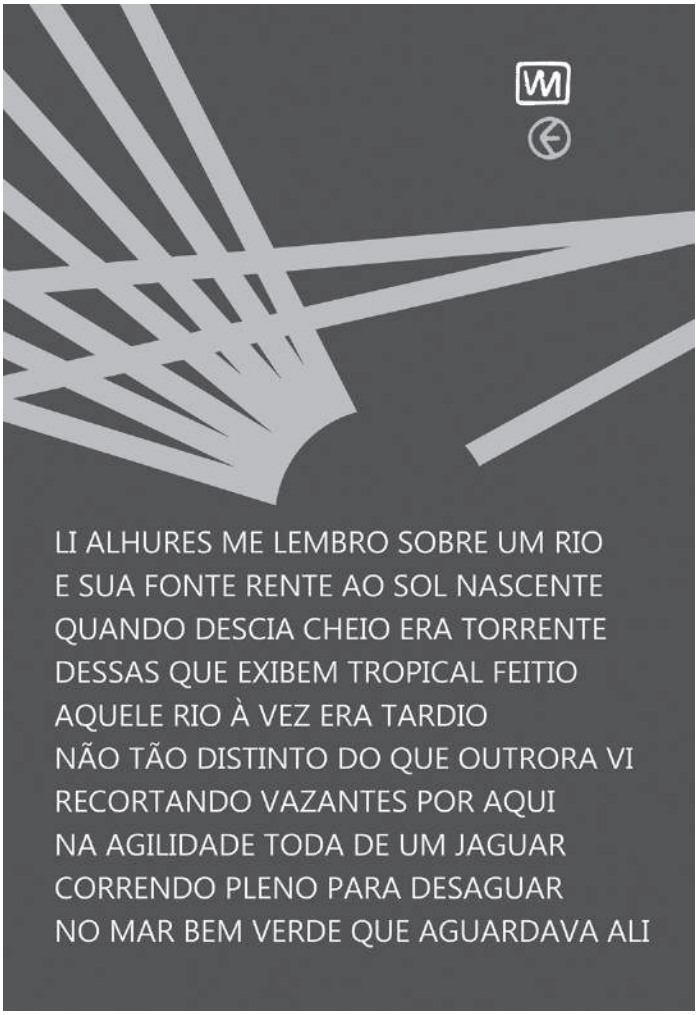
EPISÓDIOS DE INFÂNCIA E DE LEITURAS

Virgílio Maia

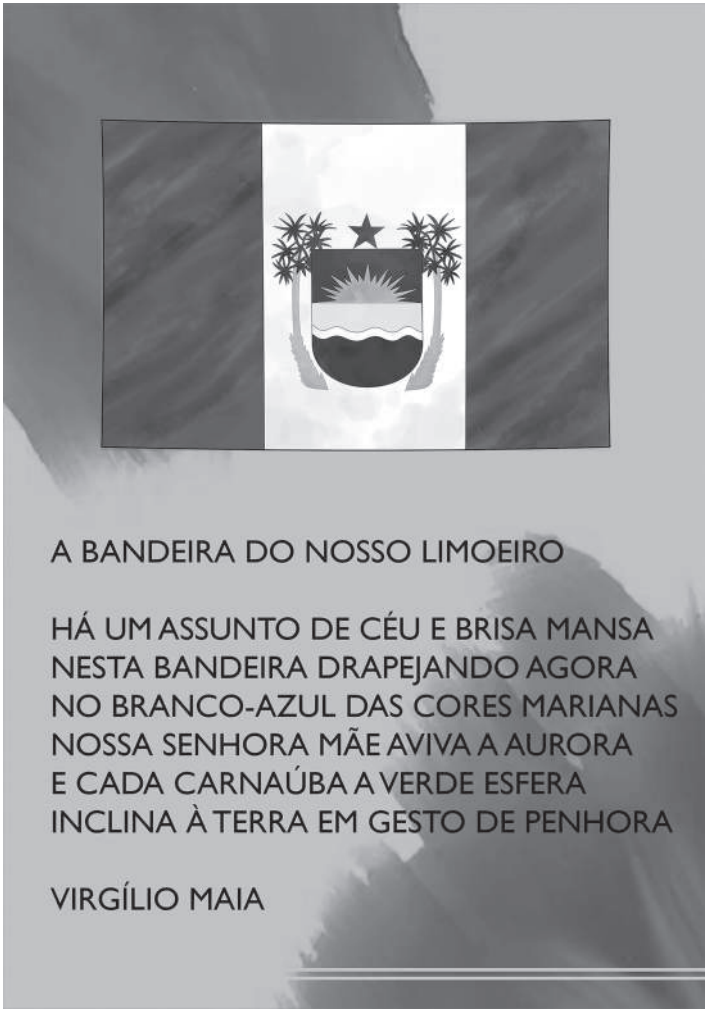
COM COLABORAÇÃO ARTÍSTICA DE ELBERTY OLIVEIRA


DOIS CORAÇÕES E QUATRO OLHOS
SOMADOS EM PAIXÃO PURA
DESPEJAM NA TELHA-VÃ
SUOR DE AJOUJO À PROCURA
DISTO QUE VIRA TORRENTE
EM ALGEROZ DE TERNURA
VIRGÍLIO MAIA

algeroz


LI ALHURES ME LEMBRO SOBRE UM RIO
E SUA FONTE RENTE AO SOL NASCENTE
QUANDO DESCIA CHEIO ERA TORRENTE
DESSAS QUE EXIBEM TROPICAL FEITIO
AQUELE RIO À VEZ ERA TARDIO
NÃO TÃO DISTINTO DO QUE OUTRORA VI
RECORTANDO VAZANTES POR AQUI
NA AGILIDADE TODA DE UM JAGUAR
CORRENDO PLENO PARA DESAGUAR
NO MAR BEM VERDE QUE AGUARDAVA ALI

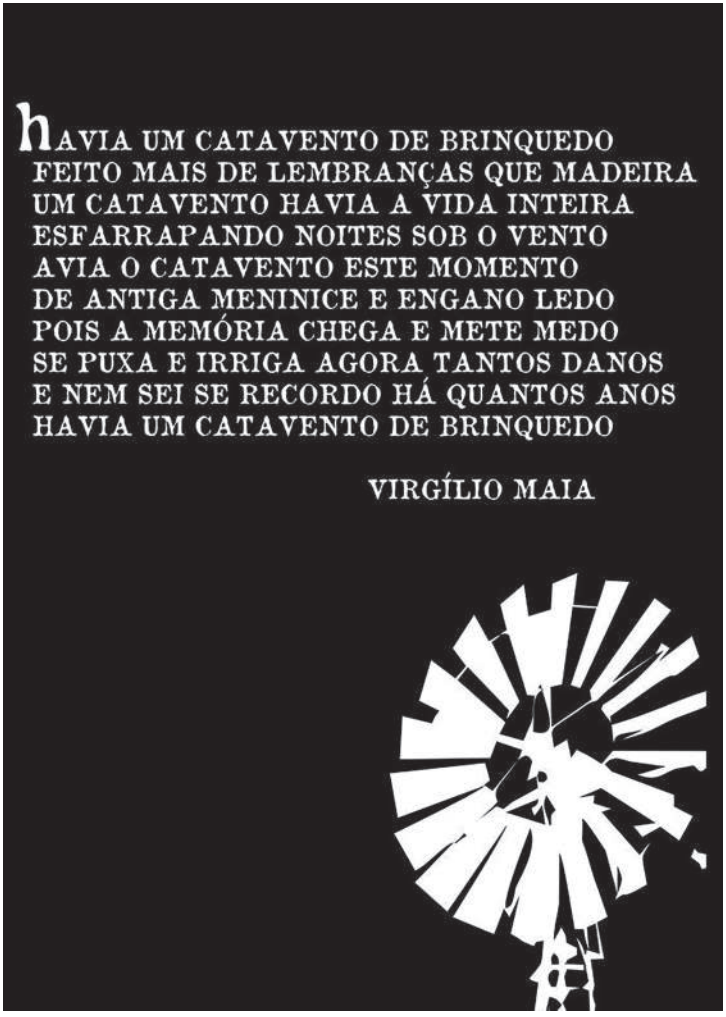
alhures


A BANDEIRA DO NOSSO LIMOEIRO
HÁ UM ASSUNTO DE CÉU E BRISA MANSA
NESTA BANDEIRA DRAPEJANDO AGORA
NO BRANCO-AZUL DAS CORES MARIANAS
NOSSA SENHORA MÃE AVIVA A AURORA
E CADA CARNAÚBA A VERDE ESFERA
INCLINA À TERRA EM GESTO DE PENHORA
VIRGÍLIO MAIA

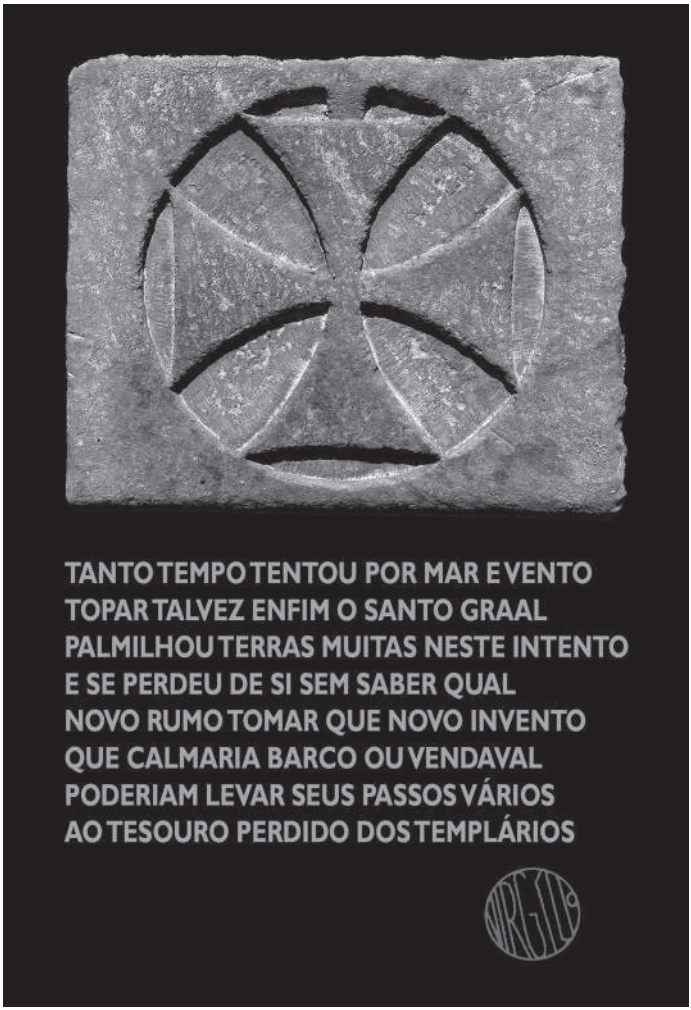
bandeira LN

MEU TRISAVÔ FERRAVA A VELHA MARCA
QUAL UM BRASÃO DE SOL QUEIMADO À GUISA
DE PORTUGUÊS BRASÃO DESSES ALÇADOS
NOS METAIS NOS ESMALTES NA DIVISA
EM EXÍLIO QUE SOBREPUJA RIMA
ME MARCA A MARCA QUE A MEMÓRIA GIZA

brasãoport


HAVIA UM CATAVENTO DE BRINQUEDO
FEITO MAIS DE LEMBRANÇAS QUE MADEIRA
UM CATAVENTO HAVIA A VIDA INTEIRA
ESFARRAPANDO NOITES SOB O VENTO
AVIA O CATAVENTO ESTE MOMENTO
DE ANTIGA MENINICE E ENGANO LEDO
POIS A MEMÓRIA CHEGA E METE MEDO
SE PUXA E IRRIGA AGORA TANTOS DANOS
E NEM SEI SE RECORDO HÁ QUANTOS ANOS
HAVIA UM CATAVENTO DE BRINQUEDO
VIRGÍLIO MAIA

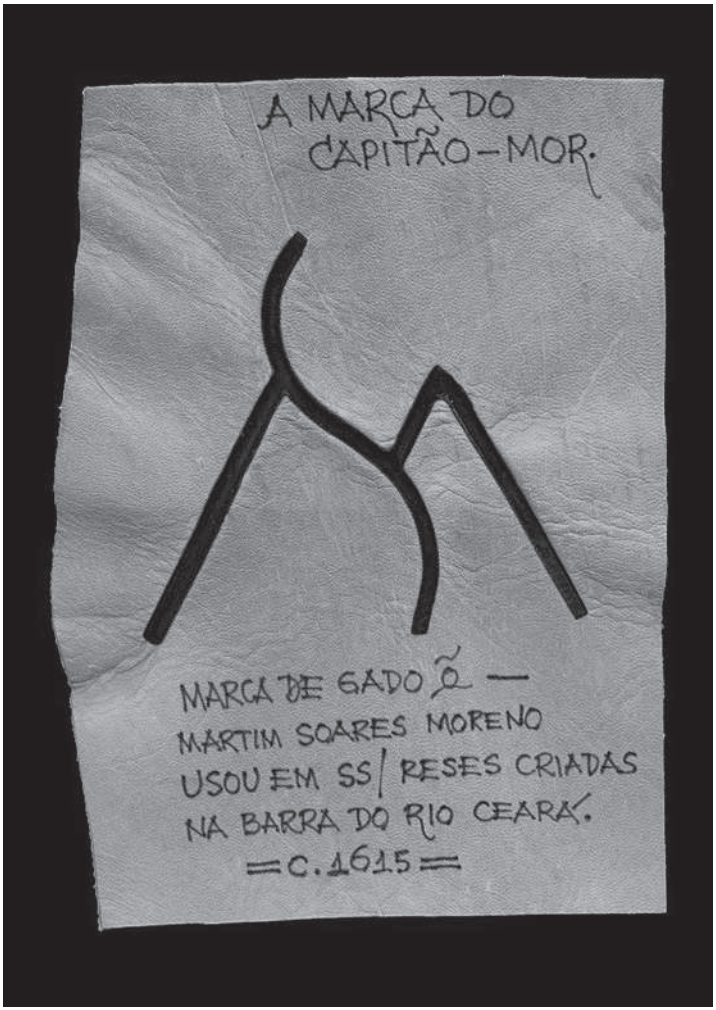
Catavento 5



cruztemplaria2

Eis uma escrava da perfeita escrita,
do aluvião patroa e camarada;
escreve estrofes que o torrão lhe dita,
de farta chuva e outra vez de nada;
o chão inteiro sem querer se agita,
aos anseios de safra de uma enxada.

enxada (2)

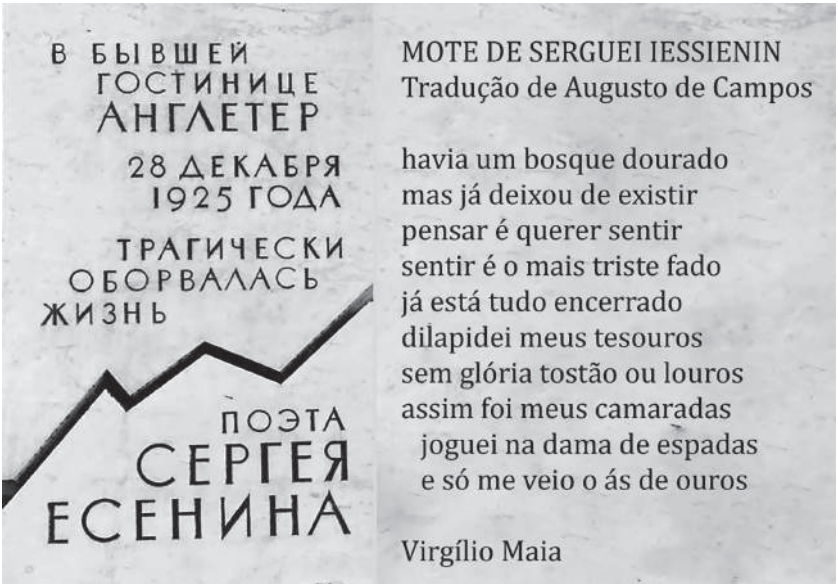

A MARCA DO
CAPITÃO-MOR.
MARCA DE GADO Õ —
MARTIM SOARES MORENO
USOU EM SS/ RESES CRIADAS
NA BARRA DO RIO CEARÁ.
=C.1615=

hsg

PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA
(1844-1934)

TRAZ DO SACERDÓCIO A CRUZ
COM AS 3 INICIAIS
PERANTE OUTRAS MARCAS TAIS
É ESTA A QUE MAIS RELUZ
EIS QUE ESTE FERRO FAZ JUS
ÀS ESPERANÇAS DA SORTE
TANGE O GADO FIRME E FORTE
NOS CAMPOS DESSE SERTÃO
DO PADRE CÍCERO ROMÃO
DO JUAZEIRO DO NORTE

hspc

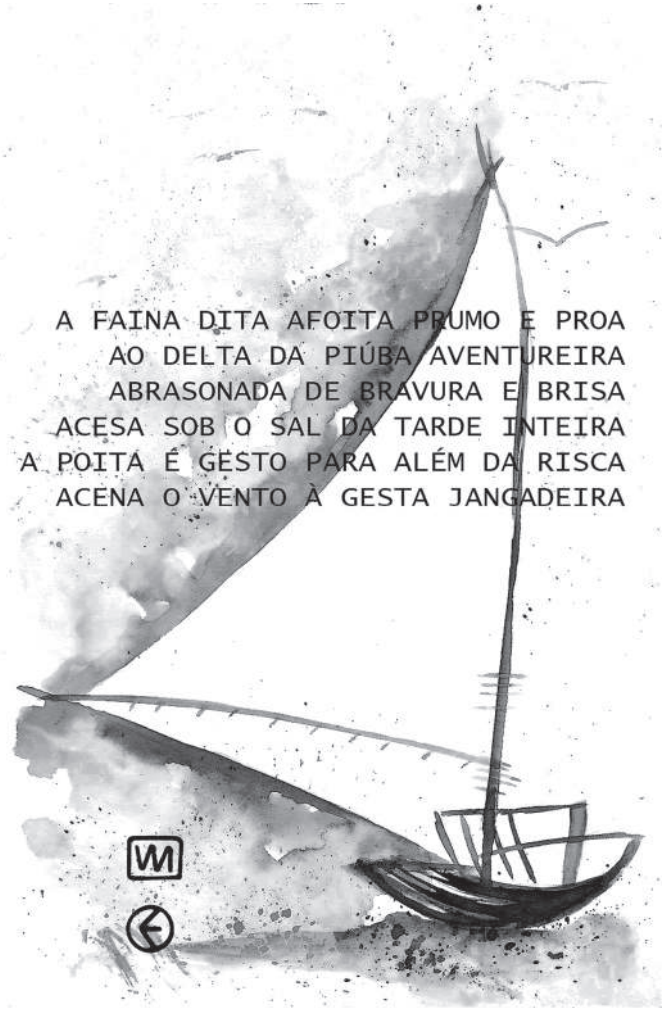


MOTE DE SERGUEI IESSIENIN
Tradução de Augusto de Campos

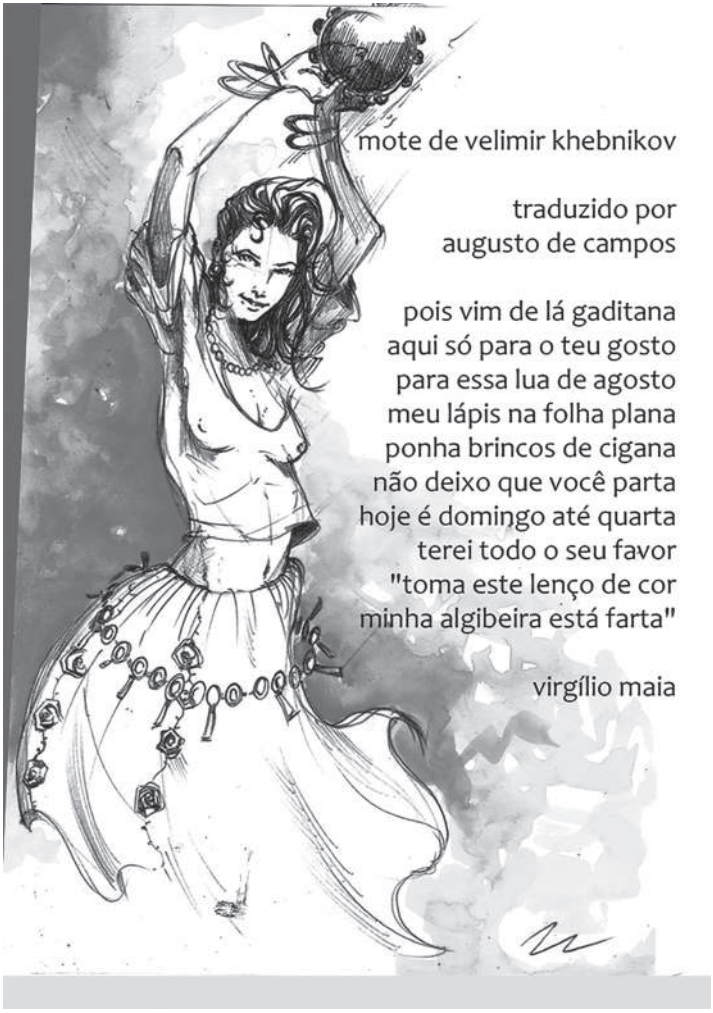
havia um bosque dourado
mas já deixou de existir
pensar é querer sentir
sentir é o mais triste fado
já está tudo encerrado
dilapidei meus tesouros
sem glória tostão ou louros
assim foi meus camaradas
joguei na dama de espadas
e só me veio o ás de ouros

Virgílio Maia

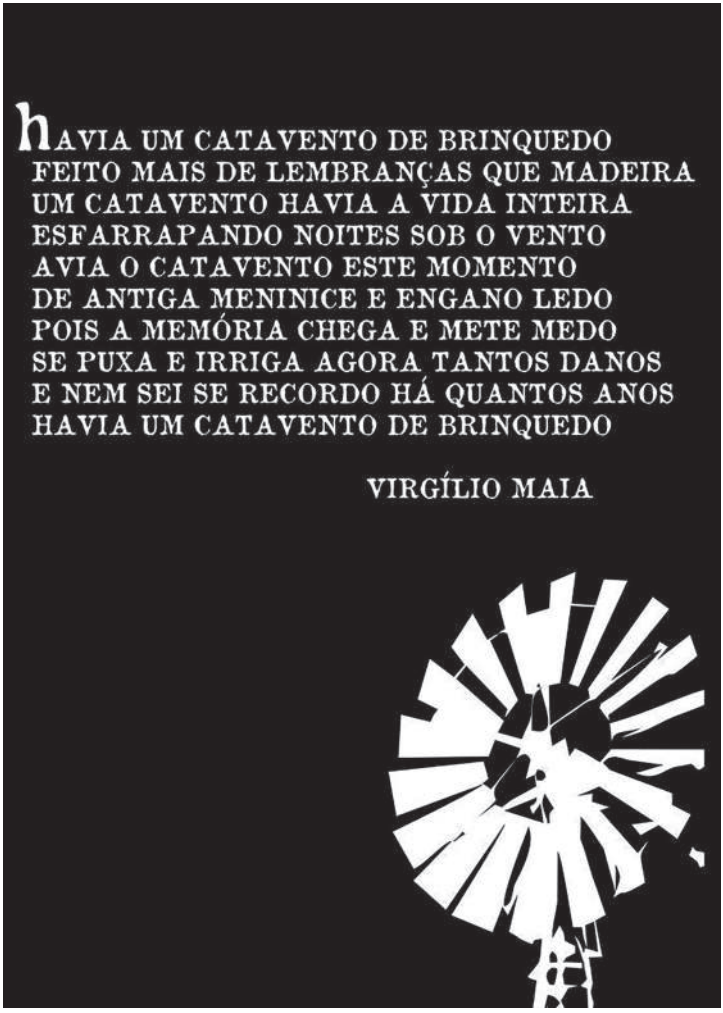
iIessienin 2


A FAINA DITA AFOITA PRUMO E PROA
AO DELTA DA PIÚBA AVENTUREIRA
ABRASONADA DE BRAVURA E BRISA
ACESA SOB O SAL DA TARDE INTEIRA
A POITA É GESTO PARA ALÉM DA RISCA
ACENA O VENTO À GESTA JANGADEIRA

jangada 2



la gaditana 2


HAVIA UM CATAVENTO DE BRINQUEDO
FEITO MAIS DE LEMBRANÇAS QUE MADEIRA
UM CATAVENTO HAVIA A VIDA INTEIRA
ESFARRAPANDO NOITES SOB O VENTO
AVIA O CATAVENTO ESTE MOMENTO
DE ANTIGA MENINICE E ENGANO LEDO
POIS A MEMÓRIA CHEGA E METE MEDO
SE PUXA E IRRIGA AGORA TANTOS DANOS
E NEM SEI SE RECORDO HÁ QUANTOS ANOS
HAVIA UM CATAVENTO DE BRINQUEDO
VIRGÍLIO MAIA

thumbnail

CANUDOS RECORTES

Côca Torquato

Alumbramento dos trabalhadores

As aventuras do Columbi

Canaã Sagrada

Espírito Santo

Monte Santo

O mito de Dom Sebastião

O monte da favela

Repouso dos peregrinos

Rio Vaza Barris

Os ventos martirizados

Destruição – A matadeira

10ª Parte

Nossos Mortos

PEDRO PAULO DE SOUSA MONTENEGRO

Faleceu aos 91 anos, o professor e ensaísta, PEDRO PAULO DE SOUSA MONTENEGRO, era Titular da cadeira nº 24, da Academia Cearense de Letras, e que tem como patrono, o poeta Lívio Barreto, tendo tomado posse no dia 7 de outubro de 1970. Natural da Cidade de Quixadá, nasceu no dia 9 de janeiro de 1928 era filho de: Plutarco de Moura Montenegro e Maria Stella de Sousa Montenegro. Estudou no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, concluiu o curso de Filosofia no Seminário São Vicente de Paulo, em Petrópolis (RJ), em 1949, e o bacharelado e licenciatura em Letras Neolatinas pela PUC do Rio de Janeiro, 1953. Era também bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, 1958. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade de Madrid, Espanha, 1963 e livre-docente em Língua e Literatura Espanhola, 1994. Profissionalmente foi consultor jurídico da Delegacia do Tribunal de Contas do Ceará. Dedicou-se ao Magistério como professor catedrático de Espanhol e Português do Colégio Militar de Fortaleza e professor titular de Teoria da Literatura na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também exerceu as seguintes funções administrativas: pró-reitor de extensão, assessor especial do reitor Antônio Martins Filho e coordenador dos cursos de pós-graduação em Letras. Foi membro do Conselho Diretor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Ministério da Educação, em 1979/1980, e assessor do professor Paulo Elpídio de Menezes Neto quando secretário de Educação do Ceará, no primeiro governo Tasso Jereissati. Professor visitante de Literatura Brasileira nas Universidades de: Colônia, Alemanha e na do Tennesse, Estados Unidos.

Publicou: *La dinâmica de los pronombres personales em español*, 1959; *Convivências*: estudos de teoria da literatura, 1966; *A teoria*

literária na obra de Araripe Júnior, 1974*; Lívio Barreto e Gastão Justa*, 1977; Introdução crítica às obras de Araripe Júnior. In: *Luizinha e Perfil literário de Alencar*, 1980; Colaboração n' *O Romance de 30 no Nordeste*, 1983; *O projeto crítico de Eduardo Portela*, 1985 e *Situações e interpretações literárias*, 1996. E traduziu o livro de Magalón Barceló: *A literatura espanhola do século de ouro*, 1971 e colaborou com vários periódicos de Fortaleza: *Revista da Academia Cearense Letras*; *Revista de Letras* e *Jornal de letras*/ UFC; *Revista Clã* e etc.

Detinha a Medalha Marechal Trompowski, por serviços relevantes ao Magistério do Exército Brasileiro, e em 1998 recebeu o título de Professor Emérito da UFC. Era membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

O professor Pedro Paulo era casado com Germana de Souza Montenegro, deixa cinco filhos: Inês, Paulo, Marcos, Carlos e Flávio e netos.

11ª Parte

Atas das Sessões

Aos dezessete dias do mês de janeiro do ano de dois mil e dezenove, às quinze horas, no salão nobre da Academia Cearense de Letras – ACL, deu-se início à Assembleia Geral para escolha de Membro Titular para a Cadeira 8, decorrente do falecimento do poeta e Acadêmico Horácio Dídimo. Assinaram a lista de presença as Acadêmicas e os Acadêmicos: José Batista de lima, Carlos Augusto Viana, Virgílio Maia, Marly Vasconcelos, Ednilo Soárez, José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa Lima, Beatriz Alcântara, Angela Gutiérrez, Juarez Leitão, Lúcio Alcântara, Ubiratan Aguiar, Linhares Filho, João Soares Neto e Flávio Leitão, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício. Por determinação do Sr. Presidente Árcade Ubiratan Aguiar foi constituída a Comissão Eleitoral composta por: Angela Gutiérrez, como Presidente da referida Comissão e dos Acadêmicos Batista de Lima e Flávio Leitão, este último designado, pela Presidente, Secretário *Ad hoc.* Por solicitação da Presidente o Secretário Flávio Leitão abriu a urna e verificou a inexistência de cédulas em seu interior. Fechada novamente a urna, iniciou-se a votação, com a deposição na urna dos votos dos árcades que votaram por correspondência, quais sejam: Sânzio de Azevedo, José Murilo de Carvalho Martins, Eduardo Diatahy B. De Menezes, Francisco Manfredo T. Ramos, Paulo Bonavides, Cid Sabóia de Carvalho, Pedro Paulo Montenegro, Pedro Henrique Saraiva Leão, Cesar Barros Leal, Giselda Medeiros, Napoleão Nunes Maia Filho, Noemi Elisa Aderaldo, Révia Maria Lima Herculano, Teoberto Landim, Mauro Benevides e Durval Aires Filho, num total de dezesseis. A seguir votaram as Acadêmicas e os Acadêmicos que compareceram, num total de quinze. Às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos, por determinação da Presidente da Comissão Eleitoral, a Diretora Administrativa Claudia telefonou para o Acadêmico Luciano Maia, indagando da sua disposição em votar, tendo o mesmo

solicitado que lhe fossem remetidas as cédulas eleitorais, devidamente rubricadas, por moto-taxista, vez que o mesmo estava impossibilitado de comparecer. Foram encaminhadas as cédulas eleitorais e como se tivessem passados trinta minutos do prazo para término do período destinado a votação (dezessete horas), e já tivessem sido contabilizados os votos sendo dezenove (19) para Greiciane, onze (11) para José Maria Chaves e dois (2) para Luciano Dídimo e não tivesse chegado o voto do Acadêmico Luciano Maia, a Presidente considerou encerrado o processo eleitoral. A seguir a Presidente indagou de todos os presentes se poderia proclamar a candidata Grecianne como eleita, no que houve concordância de todos os presentes, com o voto em contrário do Acadêmico Luciano Maia e abstenção dos membros da Comissão Eleitoral. E como nada mais houvesse a ser tratado foi lavrada esta ata.

Aos cinco dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezenove, às quinze horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras – ACL, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos José Batista de Lima, José Augusto Bezerra, Angela Gutiérrez, Presidente desta Arcádia, Juarez Leitão, Linhares Filho, Ednilo Soarez, Noemi Elisa Aderaldo, Maria de Lourdes Leite Barbosa, Beatriz Alcântara e Flávio Leitão, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício, realizou-se a primeira sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020. Assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. A Presidente Angela Gutiérrez declara aberta a sessão e dá conhecimento aos seguintes assuntos do expediente: 1º. Ressaltou a importância do trabalho conjunto da Diretoria, lembrando que em seu discurso de posse referiu-se "à plêiade de acadêmicos e acadêmicas que formam a Diretoria da ACL, a começar pelo vice-presidente Juarez

Leitão, continuando com Secretário Geral Flávio Leitão, Secretário Adjunto Batista de Lima, Diretora Financeira Giselda Medeiros, Diretora Cultural Lourdinha Leite Barbosa, Diretora de Publicação Noemi Elisa Aderaldo, Diretora de Comunicação Beatriz Alcântara, Diretor de Patrimônio Linhares Filho e Diretor Jurídico Ernando Uchoa Lima". 2º. Agradeceu aos acadêmicos Ednilo Soárez e José Augusto Bezerra pela presença e colaboração; 3º. Comunicou a oferta de apoio às atividades da ACL, por parte do Grupo M. Dias Branco e da SECULT; 4º. Informou que o fulcro das atividades da ACL seria a promoção da Literatura e do Autor Cearenses; 5º. Afirmou que as visitas guiadas de estudantes ao Palácio da Luz seriam a oportunidade para promover não só a literatura cearense, bem como os autores cearenses, incentivando os jovens a admirarem a literatura cearense, estimulando-os à pesquisa na Biblioteca da ACL; 6º. Transmitiu que promoverá encontros com todos os elos da cadeia de produção do livro; 7º. Estabeleceu que incentivará as reuniões de clubes de leitores, os saraus de poetas, as oficinas de criação e as exposições, de um modo geral; 8º. Prometeu retomar o Ciclo de Conferências da ACL, sua publicação, assim como organizar e ampliar o acervo do nosso Memorial e assegurar a continuidade da publicação da Revista da Academia; 9º. Por último expressou sua preocupação com o aprimoramento do *site* da ACL. Durante a apresentação do plano de trabalho da Presidência foram discutidos diversos assuntos como a necessidade de um estudo da segurança física do Palácio da Luz, incluindo a segurança elétrica, a reforma definitiva do piso do subsolo da ACL, a manutenção dos livros, a necessidade da criação de uma oficina para reparos em obras que se encontrem deterioradas pelo tempo. Durante as discussões houve manifestação por parte da maioria dos presentes. Em seguida, a Presidente passou a palavra ao Acadêmico Ednilo Soárez que apresentou aos presentes minudente trabalho

com sugestões para atividades a serem desenvolvidas no biênio dessa nova Diretoria. Registramos alguns dos tópicos apresentados: 1. Intercâmbio da ACL com as demais congêneres de Fortaleza e dos demais municípios; 2. Estabelecer data fixa para o Ciclo Anual de Palestras; 3. Divulgar os eventos da ACL através das Colunas Sociais e da internet; 4. Convidar os Secretários de Educação do Estado e do Município, ocasião em que seria apresentado o plano do Ciclo de Palestra e feito o convite aos estudantes; 5. Fazer uma visita de cortesia aos principais jornais de Fortaleza; 6. Comemorar nas reuniões mensais os aniversariantes de cada mês; 7. Promover tertúlias literárias ou apresentações musicais na Praça dos Leões; 8. Editar um vídeo sobre a ACL; 9. Gravar um arquivo com entrevistas dos atuais membros da ACL; 9. Programar visita de cortesia às principais autoridades do Estado e do Município; 10. Convidar os acadêmicos das Academias de Letras dos Estudantes existentes em alguns estabelecimentos de ensino de Fortaleza para comparecimento ao Ciclo de Palestras; 11. Programar a ida do maior número possível de Acadêmicos à Festa Literária Internacional de Paraty. Após a apresentação de suas propostas o Acadêmico Ednilo Soárez entregou-as à Diretora Adjunta Claudia Queiroz para os devidos fins. A seguir a Presidente facultou a palavra tendo a Acadêmica Beatriz Alcântara informado que está aguardando o interesse de todos os acadêmicos com referência à atualização de seus dados no *site* da ACL. Ainda com a palavra facultada, o Acadêmico Juarez Leitão comunicou que tem agendada visita, juntamente com a Bibliotecária Madalena Figueiredo, à rica biblioteca do acadêmico José Maria Barros Pinho. Disse mais que nessa ocasião fará rigorosa seleção de livros que passarão para o acervo da Biblioteca da ACL, conforme desejo da esposa daquele acadêmico. Como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, lavrei a presente ata que, após discussão, será assinada pelos participantes.

Aos dez dias do mês de abril do ano de dois mil e dezenove, às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras – ACL, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos Marly Vasconcelos, Ernando Uchoa, Angela Gutiérrez, Juarez Leitão, Ubiratan Aguiar, Linhares Filho, Flávio Leitão, Révia Herculano e Pádua Lopes, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício, realizou-se a segunda sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020, desta feita tendo a Presidente convidado todos os Acadêmicos. Justificaram a ausência as confreiras e confrades Cesar Barros Leal, Eduardo Diatahy, Regine Limaverde, Batista de Lima, Beatriz Alcântara, Ednilo Soárez, Pedro Henrique Saraiva Leão, Giselda Medeiros e José Augusto Bezerra. Assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz, e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. A Presidente Angela Gutierrez declarou aberta a sessão e passou a relembrar pontos do programa de sua gestão, afirmando que a Literatura e o Autor Cearense serão o fulcro das atividades da ACL. Para consecução deste objetivo, informou que a estratégia seria desenvolvida através de: visitas que já vêm sendo realizadas por estudantes ao Palácio da Luz e que passarão a ser ocasião para difusão da História da ACL e do próprio Palácio da Luz; promoção de atividades sobre obras dos Acadêmicos; realização de encontros com os agentes da cadeia de produção do livro; incentivo de reuniões de clubes de leitores, oficinas de criação, exposições, etc.; organização e ampliação do acervo do Memorial da ACL; garantia da continuidade da publicação da Revista da Academia; aperfeiçoamento do site para divulgação das atividades da ACL; promoção da aproximação e do entrosamento da ACL com outras instituições culturais e de ensino. Em seguida a Presidente lembrou o Aniversário da ACL no dia 15 de agosto vindouro, assim como os 30 anos de instalação da ACL

no Palácio da Luz, no dia dois de novembro. Informou que sendo os referidos dias feriados, solicitaria que na próxima reunião já tivéssemos sugestão de datas. Ainda com a palavra a Presidente comunicou que esteve presente à abertura da Feira do Livro, na Casa Juvenal Galeno, lembrando que há vinte anos, semelhante solenidade teve como orador o confrade Juarez Leitão. Comunicou que a 13ª. Bienal A Cidade e o Livro será realizada de 16 a 25 de agosto vindouro, estando para garantia do êxito do evento, confirmados expressivos nomes da literatura brasileira como Raduan Nassar, Frei Beto, Conceição Evaristo, Antônio Torres, bem como Ana Inês e Carlos Vasconcelos, curadores da Bienal. Afirmou que é intenção dos organizadores fazerem a promoção de um livro internacional, um brasileiro e um cearense. Ainda com a palavra a Presidente informou que em maio vindouro será realizado o III Encontro Clariciano onde Ângela Facó fará o discurso de abertura, numa clara demonstração de prestígio dado pela UFC. Lembrou que gastamos em média R$20.000,00 e que se todos os confrades e todas as confreiras pagassem em dia, mesmo assim teríamos um déficit de R$8.000,00. Comunicou que o hidrômetro que serve à ACL em caso de incêndio foi furtado, mas que já havia sido comprada uma peça nova. Aproveitou a palavra para lamentar a ocorrência da recente catástrofe do Estado do Rio de Janeiro. Facultada a palavra o confrade Ubiratan Aguiar lembrou que Fortaleza está dividida em Regionais e que a ACL deveria procurar os Diretores dos colégios municipais dessas regionais, no sentido de incentivar a criação de grêmios literários, a promoção de concurso de poesia, de contos, de literatura de um modo geral que seriam supervisionados por acadêmicos da ACL, previamente determinados. Como nada mais houvesse a ser tratado, eu, Flávio Leitão, lavrei a presente ata que, após discussão e aprovação, será assinada pelos presentes.

Aos dez dias do mês de maio do ano de dois mil e dezenove, às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras – ACL, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos Grecianny Cordeiro, Tales de Sá Cavalcante, José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa, Angela Gutiérrez, Juarez Leitão, Giselda Medeiros, Linhares Filho, Maria de Lourdes Leite Barbosa, Flávio Leitão e Pádua Lopes, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício, realizou-se a terceira sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020. Justificaram a ausência as confreiras e confrades Eduardo Diatahy, Pedro Henrique Saraiva Leão, por problema de saúde; e por motivos vários: João Soares Neto, César Barros Leal, Batista de Lima, Beatriz Alcântara, Lucio Alcântara, Ednilo Gomes de Soárez, Teoberto Landim, Noemi Elisa Aderaldo, Révia Herculano, Regine Limverde e Ubiratan Aguiar. Como de costume, assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Em seguida, a Presidente, como de hábito, deu as boas-vindas aos colegas acadêmicos e acadêmicas, pedindo permissão para fazer especial registro da posse do novel Acadêmico Tales de Sá Cavalcante, lembrando que a escolha da data recaíra, a pedido do novel acadêmico com a data do nascimento de seu antecessor, o professor e Acadêmico Genuíno Sales. Nessa ocasião, o confrade Juarez Leitão comenta ter lido esplendorosa peça telúrica da lavra do professor de Biologia Dr. Nonato da Costa sobre o Acadêmico Genuíno Sales. Novamente com a palavra, a Presidente elogiou os discursos tanto do recipiendário Tales de Sá Cavalcante como do Acadêmico José Augusto Bezerra, tendo este último estruturado sua oração de recepção a partir de belas metáforas. Permanecendo com a palavra, a Presidente solicitou que fosse registrado em ata seu profundo pesar pelo falecimento do competente e dedicado médico Sergio

Gomes de Matos, intelectual de reconhecido saber, possuidor de riquíssima biblioteca, apreciadíssimo pela redação que emprestava às atas da Academia Cearense de Medicina, prenhes de humor, graça e cultura. Os elogios foram confirmados pelo Acadêmico Juarez Leitão, que se valeu de metáfora, afirmando que nunca fora ao médico Sergio Gomes de Matos "buscar água que não voltasse com o copo cheio". Ainda com a palavra, Juarez Leitão disse da sua estranheza quando, recentemente, representando a Academia Cearense de Letras na solenidade de instalação da Academia Cearense de Matemática, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, não foi convidado para compor a Mesa Diretora. Justificou sua estranheza afirmando que a ACL é a academia *mater*, vez que a primeira do Brasil. Com a chegada ao recinto da Presidente da Associação Feminina de Letras do Ceará – AFELCE, Senhora Clara Lêda de Andrade Ferreira, a palavra lhe foi dada, tendo então a referida senhora dito trazer uma solicitação da AFELCE à Presidência da ACL para que, como homenagem aos cem anos da Casa Juvenal Galeno, fosse colocado no Memorial da ACL retrato de Henriqueta Galeno. Comunicou que, dentre as comemorações, haverá um sarau no dia primeiro de junho vindouro, relembrando os antigos encontros que eram organizados por Henriqueta Galeno e que contavam com a presença de governadores e das mais altas autoridades do Estado. Aproveitou a ocasião para convidar todos os acadêmicos deste sodalício para esse evento. Depois de Henriqueta Galeno ter sido lembrada como a primeira cearense participante do primeiro congresso de feministas no Rio de Janeiro, o Acadêmico José Augusto Bezerra sugeriu que não haveria necessidade de se pôr em votação a proposição da Presidente da AFELCE, vez que Henriqueta Galeno honrara o quadro de Acadêmicos da ACL, sendo, portanto, *ipso facto,* plenamente justificada a aposição de seu retrato no Memorial da ACL. Ainda com a palavra, o Confrade José

Augusto Bezerra comunicou que, em relação às comemorações do centenário da Casa Juvenal Galeno, recebeu de Raquel de Queiroz todo o acervo de sua biblioteca. Disse haver, nesse acervo, poesia inédita de Raquel de Queiroz que fora lida unicamente na Casa Juvenal Galeno. José Augusto Bezerra propôs-se a fazer cópia da referida poesia, para ser declamada no sarau de primeiro de junho da Casa Juvenal Galeno, bem como cópia de uma foto de Henriqueta Galeno com toda sua família no Rio de Janeiro, para enriquecer o memorial da ACL. Foi lembrada a poesia *Telha de Vidro*, de Raquel de Queiroz, que fora tema da dissertação do vestibular de janeiro de 1968, quando, coincidentemente, eram vestibulandos os confrades Juarez Leitão e Tales de Sá Cavalcante. Nessa ocasião, o árcade Juarez Leitão disse que, em encontro com Raquel de Queiroz, falou na poesia *Telha de Vidro*, tendo a famosa escritora dito peremptoriamente: "Não me fale nessa *Telha de Vidro*! ". De volta com a palavra, a Presidente da AFELCE disse ter visitado a Escola de Ensino Fundamental e Médio Henriqueta Galeno no bairro Manuel Sátiro, onde encontrou o retrato de Juvenal Galeno ladeado por uma dama, sabendo, posteriormente, tratar-se da filha de Manuel Sátiro, rico proprietário de terras no bairro, que depois viria a receber seu nome. Curiosa pelo fato de não estar a filha de Juvenal Galeno, soube pela Direção do colégio que o terreno fora uma doação de Manuel Sátiro, tendo a própria Henriqueta Galeno preferido fazer uma homenagem à filha do benfeitor do colégio. O confrade Linhares Filho afirmou ter sido frequentador da casa de Juvenal Galeno e que, na comemoração dos quarenta anos desse templo da cultura no Ceará, foi orador da solenidade. Novamente com a palavra, a Presidente solicitou ao Secretário-Geral, Flávio Leitão, que fosse lida a ata da sessão anterior, no que foi atendida, tendo sofrido referida ata alguns reparos antes da aprovação. Em seguida, comunicou ter tido reunião com o Senhor

Secretário da Cultura, Fabiano dos Santos Piúba, ocasião em que o mesmo, com muita solicitude, informou que desejava receber da ACL um projeto amplo que contemplasse todo o plano de desenvolvimento da ACL e que fosse entregue até junho vindouro. A Presidente comunicou que, além da programação cultural, colocaria no Projeto para a Secretaria de Cultura itens referentes às necessidades de consertos e manutenção no Palácio da Luz. Relacionou compra de peças para as bobinas da subestação elétrica, uma peça furtada da caixa de bombeiros, a aquisição de novo computador para a Biblioteca, a manutenção dos dez aparelhos de ar-condicionado e dedetização de todo o prédio contra cupins, ratos, baratas e escorpiões. Ainda com a palavra, a Presidente disse ter dado o título *Cidades Escritas* ao Ciclo de Conferências da ACL, que dará prioridade a textos sobre cidades cearenses, submetendo essa decisão ao plenário, tendo sido aprovada por unanimidade. Afirmou a Presidente que as conferências e mesas-redondas seriam publicadas em coletânea, bem como *Falas Acadêmicas I, II, III e IV* e os *Ciclos ACL 2015, 2016 e 2019*. Dando continuidade, a Presidente asseverou a premente necessidade de encontros da ACL com os diversos elos da cadeia de produção do livro. Para tal, sugeriu a criação de uma Comissão Especial composta por Juarez Leitão, Tales de Sá Cavalcante, Grecianny Cordeiro, presidida por ela própria. A proposta foi aceita por unanimidade. Comunicou ainda que o Secretário Piúba, a seu pedido, comprometeu- se a intermediar a vinda de Oficial do Corpo de Bombeiros para verificar a segurança do prédio contra incêndio, enviando também um engenheiro ou arquiteto, para acompanhar a visita, e avaliar também a segurança da edificação, vez ser o Palácio da Luz, prédio histórico tombado pelo Governo do Estado. Continuando com a palavra, a Presidente fez questão de agradecer a todos que contribuíram para o êxito das visitas de estudantes ao Palácio da Luz, principalmente à Diretora Administrativa

Regina Fiuza, à Diretora Adjunta Claudia Queiroz, à Bibliotecária Madalena, assim como aos acadêmicos e acadêmicas Lourdinha L. Barbosa, Révia Herculano Batista de Lima, Flávio Leitão e aos funcionários da Casa. Acrescentou ainda a Presidente que foi apresentada a prestação de contas com a Secult-Ce, no dia três de maio próximo passado, relativa a 2018, gestão do Acadêmico Ubiratan Aguiar. Dando sequência às atividades da Presidência, informou ter recebido do árcade João Soares Neto correspondência em que o mesmo disponibiliza o serviço de imprensa do Shopping Benfica, a fim de editar, em CDs e em *pen drives*, vídeos curtos sobre os acadêmicos e acadêmicas para o Memorial e para a TV do Shopping. Condicionava essa atenção para com a ACL a que pelo menos vinte acadêmicos se prestassem a colaborar com as entrevistas. Informou ainda a Presidente ter recebido dois convites, sendo um da jornalista Ângela Gurgel, da TV Assembleia, extensivo a todos os titulares da ACL, para participação em vídeo sobre Herman Lima; e um outro do Presidente da Academia de Letras de Limoeiro do Norte, José Maria Nunes Guerreiro, para participarmos do *II Encontro de Academias Literárias*, em Limoeiro do Norte, nos dias 17, 18 e 19 de maio, promovido pela Academia Cearense de Médicos Escritores. Infelizmente, o convite, por telefone foi feito às vésperas do evento. Em continuação, a Presidente deu ciência, de ofício, ao Sr. Luciano Dídimo, filho do Acadêmico Horácio Dídimo, avisando a todos os membros titulares da ACL que dispõe de poucos exemplares de seu livro recém-lançado, *Sol da Poesia*, sobre Horácio Dídimo. Dispunha-se a deixar em casa daqueles que desejassem adquiri-lo. Ainda com a palavra, a Presidente comunicou a visita à nossa arcádia do Acadêmico Emanuel Mirtil Rodrigues de Almeida, da Academia Maçônica de Letras de Roraima, que deixou três livros para a ACL. A seguir, a Presidente comunicou ter recebido ofício do Acadêmico César Barros

Leal, solicitando doação de livros de autoria dos confrades e confreiras, para serem distribuídos no *VII Curso Brasileiro Interdisciplinar em Direitos Humanos*, a ser realizado em Fortaleza, no período de 19 a 30 de agosto. Com relação ao calendário de eventos da ACL, a Presidente propôs comemorar o aniversário da ACL no dia treze de agosto, uma vez que o dia 15 é feriado e no dia 16 se inicia a Bienal Internacional do Livro do Ceará de 2019; lembrou os trinta anos de instalação da ACL no Palácio da Luz, a ser comemorado provavelmente no dia cinco de novembro, e os 90 anos do Acadêmico e Presidente de Honra da ACL José Murilo Martins e os 80 anos dos Acadêmicos Linhares Filho, Flávio Leitão e Ednilo Soares, em data a ser combinada. A Presidente comunicou ainda que o *III Encontro Clariceano*, intitulado "Como em Flor(a) foi feita". promovido pelo Programa se Pós-Graduação em Letras da UFC, Grupo de Pesquisa: Espaços de Leitura: Cânones e Bibliotecas", a ser realizado no período de 28 a 31 de maio do corrente ano, está recebendo inscrição dos membros para comunicação sobre Clarice Lispector e/ou Angela Gutiérrez e que a Conferência Inaugural do evento, no dia 28 de maio, às 15 horas, será pronunciada por ela, tendo sido convidada a falar sobre o nascimento de seu romance de estreia *O mundo de Flora*. A Acadêmica Giselda fará comunicação sobre o mesmo romance, a Escritora Vera Moraes pronunciará conferência sobre *O silêncio da penteadeira*, da autora, a mestra Ayla Kataoka participará de mesa-redonda sobre o tema da infância na obra de Angela Gutiérrez, entre outros estudiosos que apresentarão trabalhos sobre a obra da escritora cearense.

O árcade José Augusto Bezerra afirmou que pretende fazer comunicação sobre Angela Gutiérrez nesse evento. Como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão – Secretário Geral da ACL lavrei a presente ata.

Aos dez dias do mês de julho do ano de dois mil e dezenove, numa quarta-feira, pontualmente às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras/ACL, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos Ednilo Soárez, José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa, Beatriz Alcântara, Juarez Leitão, Regine Lima Verde, Lúcio Alcântara, Giselda Medeiros, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Révia Herculano e Pádua Lopes, sob a presidência da Acadêmica Angela Gutiérrez realizou-se a quinta sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020, para a qual foram convidados todos os membros titulares deste sodalício. Como de praxe, assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora-Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Em seguida, a Presidente Angela Gutiérrez abriu a sessão, comunicando permissão para inscrição para candidatos à Cadeira 24 que fora ocupada pelo Acadêmico Pedro Paulo Montenegro, informando que recebera ofício do Náutico Atlético Cearense com voto de pesar pelo seu falecimento. Ainda com a palavra a Presidente comunicou que as Acadêmicas Marly Vasconcelos e Giselda Medeiros, bem como o Acad. César Barros Leal aniversariavam no mês de julho, sendo os mesmos saudados com uma salva de palmas por todos os presentes. Seguindo a pauta a Presidente prestou as seguintes informações: que no dia 12 vindouro, às 11:30h, no Bairro Guararapes, seria descerrada a placa de inauguração da Rua com nome do Acad. José Telles; que receberá no dia 25 do corrente mês, às 9:30h um grupo de crianças da LBV; que nos dias 25 e 26 do mês de julho, na Casa de José de Alencar ocorrerá o VII Congresso de Escritores, Poetas e Leitores do Ceará, devendo esta Academia ser representada pelo Acad. Ubiratan Aguiar; que recebeu do cerimonial da UFC convite para a outorga de seu título de Professora Emérita. A seguir a Presidente convidou todos os presentes para uma homenagem aos

aniversariantes de 80 anos (Acadêmicos Ednilo Soarez e Flávio Leitão) e de 90 anos (Acad. José Murilo de Carvalho Martins) a se realizar no dia 13/08/2019, com um jantar no Ideal Clube. Permanecendo com a palavra a Presidente disse que o ciclo de conferências na ACL realizar-se-á nos dias 15, 17, 22, 14 e 29 de outubro do corrente ano, tendo discutido detalhes com a Acad. Lourdinha Leite Barbosa e aproveitado a oportunidade para convidar os acadêmicos que desejarem participar do mesmo. Dando continuidade à sessão a Presidente lembrou que a comemoração dos 30 anos da sede da ACL no Palácio da Luz ocorrerá provavelmente no dia 05 de novembro vindouro, na ACL, às 19h e que a confraternização natalina ocorrerá no dia 10 de dezembro. Por último a Presidente fez minucioso relatório de sua atividade para solucionar o problema da energia elétrica que vinha se arrastando desde a gestão anterior, com risco iminente de incêndio, informando que recebeu visita e orientação do Corpo de Bombeiros, que fez inúmeras gestões junto à Secretaria de Cultura, que obteve uma verba de R$1.500,00 para manutenção da subestação. Todas as comunicações foram amplamente discutidas pelos presentes. Na sequencia a confeira Beatriz Alcântara apresentou uma bela conferência sobre as Escritoras contemporâneas de língua portuguesa a serem lembradas em 2019: Agustina Bessa Luis; Sophia de Mello Brayner Andresen, portuguesas – e uma grande expressão da literatura brasileira – a poetisa Stella Leonardos. Disse que vem promovendo conferências sobre essas três personalidades no Grupo de Estudos sobre Brasileiros/GEB, Amigas do Livro e, proximamente, na Academia de Letras e Arte do Nordeste/Alane. Por último, o Acadêmico Durval Aires Filho fez duas comunicações: que o Acadêmico José Olímpio, da Academia Brasileira de Letras, demonstrou-lhe interesse em conversar conosco na ACL; e que recebeu o honroso terceiro lugar em concurso de literatura entre magistrados do Brasil, com o livro de contos *Naus*

Frágeis. Após ter sido parabenizado, e como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão, Secretário-Geral da ACL, lavrei a presente ata.

Aos treze dias do mês de agosto do ano de dois mil e dezenove, numa terça-feira, às dezenove horas, no salão nobre do Ideal Clube, em Fortaleza, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos José Batista de Lima, Carlos Augusto Viana, Grecianny Cordeiro, Ednilo Gomes de Soárez, José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa, Beatriz Alcântara, Juarez Leitão, Regine Lima Verde, Luciano Maia, Lúcio Alcântara, Linhares Filho, Lourdinha Leite Barbosa, Noemi Elisa Aderaldo, Révia Herculano, Pádua Lopes e Mauro Benevides, aqui relacionados pela ordem crescente de suas Cadeiras neste sodalício, sob a presidência da Acadêmica Angela Gutiérrez, realizou-se sessão festiva da ACL. Marcava-se assim, o início das comemorações da criação deste sodalício, bem como a comemoração dos trinta anos de mudança da ACL para o Palácio da Luz e, finalmente, o regozijo dos noventa anos do acadêmico José Murilo de Carvalho Martins e dos oitenta anos dos acadêmicos Ednilo Gomes Soárez, Flávio Leitão e Linhares Filho. Assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora-Adjunta Cláudia Queiroz. Vários acadêmicos se fizeram acompanhar de seus familiares. Num ambiente de esfuziante alegria e prazerosa descontração, a Presidente Angela Gutiérrez justificou a realização desse jantar festivo e solicitou ao Acad. Juarez Leitão que fizesse, em nome da ACL, a apologia aos quatro aniversariantes. O Acad. Juarez Leitão, como sói acontecer em seus pronunciamentos, discursou com irretocável retórica, lembrando a vitória do homem moderno na manutenção de sua atividade mesmo após provecta idade, "ajudando na construção do mundo e palmilhando, serelepes, os múltiplos caminhos da felicidade". Iniciou fazendo breve relato

da vida de José Murilo de Carvalho Martins, lembrando suas obras tanto científicas como de caráter puramente literário, acentuando sua invejável ascensão à posição ímpar de Presidente da mais antiga arcádia do Brasil. Lembrou que na culminância de sua vida, a Universidade Federal do Ceará outorgou-lhe o excelso título de Professor Emérito. A seguir teceu elogios ao Acad. Flávio Leitão recordando sua filiação ao professor e poeta José Valdivino de Carvalho que pertenceu a esta casa. Comentou sua passagem pelo Seminário da Prainha e sua contribuição literária junto à Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES).Dando continuidade ao seu discurso, fez o panegírico do Acad. Ednilo Gomes Soárez, recordando sua trajetória como capitão da Marinha Brasileira, sua passagem como Secretário da Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, sua atividade como diretor do Colégio e das faculdades 7 de Setembro, sua militância no Rotary Club Fortaleza e na Academia Fortalezense de Letras. Por último teceu loas a José Linhares Filho, lembrando a existência na sua estirpe de dois membros desta Academia, Joel e Josaphat Linhares, o primeiro poeta como ele; relembrou sua graduação, mestrado e doutorado em Letras Vernáculas; comentou excelente trabalho do Poeta Carlos Augusto Viana sobre a poesia de Linhares Filho; referiu-se à belíssima crônica de Carlos Drummond de Andrade sobre uma criança – "um caso de poesia" – com claro relacionamento ao Príncipe dos Poetas Cearenses. Finalmente mostrou a nossa importância de escritores, na utilização "da palavra contra a ignorância, contra o medo, contra a dor e contra a vilania". Terminado o jantar, foi encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão, Secretário-Geral da ACL, lavrei a presente ata.

Aos dez dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezenove, numa terça-feira, pontualmente às dezesseis horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras/ACL, com a presença

das Acadêmicas e dos Acadêmicos José Batista de Lima, Carlos Augusto Viana, Marly Vasconcelos, Grecyanne Cordeiro, José Augusto Bezerra, Beatriz Alcântara, Juarez Leitão, Regine Limaverde, Lúcio Alcântara, César Barros Leal, Giselda Medeiros, Linhares Filho, Maria de Lourdes L. Barbosa, Flávio Leitão e Pádua Lopes, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício, realizou-se mais uma sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020,desta feita sob a Presidência do Acadêmico Juarez Leitão, em virtude da falta da Presidente Angela Gutiérrez, que se encontrava em Portugal, instalando o neto, Oswaldo Neto, naquele país amigo, onde fará Direito na Universidade de Lisboa. Justificaram a ausência os confrades Eduardo Diatahy B. de Menezes, Tales de Sá Cavalcante, Ednilo Soárez, Ernando Uchoa, Angela Gutiérrez, Pedro Henrique Saraiva Leão, Ubiratan Aguiar, Noemi Elisa Aderaldo, João Soares Neto e Revia Herculano. Como de praxe, assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora-Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. Em seguida, o Presidente em exercício, árcade Juarez Leitão, abriu a sessão, solicitando a leitura da ata da sessão anterior, que, após lida, foi posta em discussão e, logo em seguida, aprovada por unanimidade. Ainda com a palavra, o Presidente em exercício fez as seguintes comunicações: 1º) que apenas uma candidata solicitara admissão neste sodalício, para a cadeira que fora ocupada pelo eminente árcade Pedro Paulo Montenegro; 2º) que a Comissão Especial para Emissão de Parecer sobre a referida pretendente fora constituída pelas Acadêmicas Giselda Medeiros e Regine Limaverde e pelo Acadêmico Pádua Lopes; 3º) que os aniversariantes do mês em curso são o Acadêmico Ubiratan Aguiar, no dia sete próximo passado, e Dimas Macedo, no dia quatorze vindouro, para os quais solicitou uma salva de palmas; 4º) que a Agenda Cultural ficou assim constituída: no dia 19 de setembro, de

16h às 17h, na sede deste silogeu, haverá uma mesa redonda sob o título *O Conto: leitura e depoimento*, com o concurso da confreira Maria de Lourdes L. Barbosa e do confrade Flávio Leitão. Ambos terão que apresentar um conto de sua autoria e, em seguida, dialogar com a plateia sobre o assunto; no mesmo dia, vernissage *100 anos de Estrigas*, no Museu de Arte da Universidade do Ceará - MAUC, às 17h; no dia 26 de setembro, mesa redonda sobre *A Obra de Estrigas*, às 15h, no Centro Dragão do Mar, com a colaboração de Angela Gutiérrez e Gilmar de Carvalho; no dia 03 de outubro, às 9h, roda de conversa sobre a obra *Iracema* de José de Alencar, na Escola Estadual de Educação Profissional Ícaro de Sousa Moreira, no bairro Granja Lisboa, com o concurso da Acadêmica Angela Gutiérrez; no dia 09 de outubro, mesa redonda, na ACL, sobre *Poesia: leitura e depoimento,* às 16h, com a Acadêmica Beatriz Alcântara. Ainda com a palavra, o Presidente em exercício comunicou que a eleição para a Cadeira 24 será no dia 10 de outubro e lembrou que o Ciclo de Conferências da ACL será levado a cabo nos dias 17 de outubro (com a colaboração do Acadêmico Linhares Filho), 22 de outubro (com o Acadêmico Batista de Lima), 24 de outubro (com a árcade Grecianny Cordeiro) e 31 de outubro (com o confrade Lúcio Alcântara – a ser confirmado). Todas as conferências versarão sob o título *Cidades Escritas* e precisarão ser difundidas nos diversos meios de comunicação, inclusive nas redes sociais. Por último, o Presidente Juarez Leitão fez uma rápida apreciação sobre o sucesso da *XVIII Bienal Internacional do Livro do Ceará*, enaltecendo a inestimável colaboração dos membros desta arcádia, referindo-se: 1) à contribuição do Acadêmico José Augusto Bezerra, lançando o livro *A Carta de Américo Vespucci*, em Lisboa (1504), e o mapa de Martin Waldseemüller, com o nome de *América*, delineando as terras do futuro Brasil (1507); 2) ao lançamento do livro *Operação Prometeu: os bastidores do tráfico de órgãos,* de autoria

da nossa confreira Grecianny Cordeiro; 3) à apresentação de livros por ele próprio; 4) à intervenção do Acadêmico Sânzio Azevedo, no bate papo *Leituras de Fortaleza*, com Pedro Salgueiro e Raymundo Netto; 5) à participação do árcade Eduardo Diatahy B. de Menezes, na mesa-redonda sobre *Os Sertões*; 6) à intervenção do Acadêmico Batista de Lima no *V Colóquio de Literatura e Psicanálise,* bem como no lançamento do livro de sua autoria *Assim Falou Simpaúbas*. Finalmente, ainda sobre a Bienal do Livro, o Presidente ressaltou também a contribuição da Presidente Angela Gutiérrez, discorrendo sobre *A Casa,* de Natércia Campos*,* numa entrevista para o vídeo oficial do encerramento da Bienal; participando da mesa-redonda *Memórias, Afetos e Leituras na Escola*, juntamente com a escritora Ana Miranda, abrindo o Salão do Professor, apresentando o romance *O Segredo da Boneca Russa*, de Celma Prata, num diálogo com a Professora Hermínia de Lima, bem como no diálogo com Descartes Gadelha e Pablo Manyé, e ainda na mesa-redonda *Jangurussu, Paris, Canudos*, com mediação da Professora Maria Inês Cardoso. O Presidente também ressaltou o trabalho contínuo e eficiente das Diretoras da ACL Regina Fiúza e Cláudia Queiroz, que tiveram presença marcante no Espaço Natércia Campos – Stand da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa – Secult. Ainda com a palavra, o Presidente deu conhecimento a todos sobre convite que a ACL recebeu do Presidente da Academia Cearense de Odontologia, Acadêmico Manoel Perboyre Gomes Castelo, para a solenidade comemorativa dos 35 anos daquela instituição, bem como de convite da Presidente Matusahila Santiago, da primeira entidade literária feminina do Ceará, a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, em comemoração aos 83 anos daquela entidade, a ser realizada no dia 15 de setembro vindouro. Com a palavra facultada, o Acadêmico Lúcio Alcântara lembrou a programação do centenário de Virgílio Távora

com sessão no Instituto do Ceará, às 18h30min, no dia 24/09; Missa na Paróquia da Paz, no dia 25 de setembro, às 19h, e sessão solene na Assembleia Legislativa, no dia 26 de setembro, às 18h30m. Informou ainda a reedição do livro do Acadêmico Vinicius de Barros Leal sobre a história da Medicina no Ceará, pelo Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa – Inesp. O Príncipe dos Poetas Cearenses Linhares Filho registrou o falecimento de sua irmã, Dulce Férrer Linhares Garcia, ocorrido na cidade de Lavras da Mangabeira, no dia 21 de agosto próximo passado, faltando apenas um mês para completar 100 anos, ressaltando a importância política desenvolvida pela mesma e convidando a ACL para a missa de trigésimo dia, a ser celebrada na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, nas Dunas, no dia 20 de setembro vindouro, sexta-feira, às 19h30min, agradecendo, de antemão, aos que puderem comparecer a esse ato cristão. Ainda facultada a palavra, a confreira Regine Limaverde disse que seu último livro será doado para os membros das diversas academias cearenses, vez que a alegria maior do escritor é ter sua obra lida. Em seguida, autografou para os presentes sua última obra *Mudança de Estação,* que recebeu caprichosa elaboração gráfica da Expressão Gráfica Editora, que foi elogiada pelo Presidente Juarez Leitão, e recebeu esmerada e inteligente apresentação da Acadêmica Lourdinha L. Barbosa. Permanecendo facultada a palavra, o Acadêmico César Barros Leal comunicou que vem, há vários anos, realizando o *Congresso Brasileiro Interdisciplinar de Direitos Humanos*, ocasião em que os trabalhos são apresentados na forma de livros. Desta feita, foram criadas as seguintes obras: 1) *Direito à Reparação: Origem e Evolução no Direito Internacional*, de Antônio Augusto Cançado Trindade; 2) *Série Estudios En Ciencias Penales – VII Curso Brasileño Interdisciplinario en Derechos Humanos*; 3) *The Challenge of Economic, Social and Cultural Rights*; 4) *O Desafio dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais*; 5) *Le defit des Droits*

Economiques, Sociaux et Culturels; 6) *El desafio de los Derechos Economicos, Socialles Y Culturales* (os quatro últimos coordenados por Antonio Augusto Cançado Trindade e César Barros Leal); 7) Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, 2017/2018; finalmente, 8) Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, 2019. Todas as oito obras de profundo conhecimento jurídico e de acentuado interesse – no momento em que o mundo vê, desolado, o ataque sistemático aos Direitos Humanos – foram doadas para a Biblioteca deste silogeu. Como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão, Secretário-Geral da ACL, lavrei a presente ata que, após discutida, será aprovada.

Aos oito dias do mês de outubro do ano de dois mil e dezenove, numa terça-feira, pontualmente às quinze horas, no salão de reuniões da Academia Cearense de Letras/ACL, com a presença das Acadêmicas e dos Acadêmicos José Augusto Bezerra, Ernando Uchoa Lima, Beatriz Alcântara, Giselda Medeiros, Linhares Filho e Flávio Leitão, aqui relacionados pelo número crescente da Cadeira a que pertencem neste sodalício, realizou-se mais uma sessão ordinária da Diretoria da ACL do biênio 2019/2020, sob a Presidência da Acadêmica Angela Gutiérrez. Como de praxe, assessoravam a Presidência a Diretora Administrativa Regina Fiúza, a Diretora-Adjunta Cláudia Queiroz e a Bibliotecária Madalena Figueiredo. A Presidente abriu a sessão e comunicou que a utilização da verba pleiteada por este sodalício junto à Secretaria da Cultura/Secult deverá ser postergada em face das dificuldades financeiras porque vêm passando os diversos órgãos da Administração Pública. Disse que os recursos financeiros de que dispunha a ACL e que foram concedidos pelo grupo M. Dias Branco, no valor de oitenta mil reais, foram utilizados, em parte, para sanar os problemas da rede elétrica e hidráulica, já existentes na administração

anterior, enfatizando, contudo, que, finalmente, temos aprovação do Corpo de Bombeiros para funcionarmos legalmente. Ainda com a palavra, a Presidente afirmou que, agindo como verdadeiro mecenas, o Acadêmico Tales de Sá Cavalcante comprometeu-se a imprimir, sem ônus para esta Arcádia, trezentos exemplares da Revista da ACL 2018. Nessa ocasião, a Presidente agradeceu à Bibliotecária Madalena Figueiredo sua valiosa contribuição na organização da Revista da ACL e comunicou que o Acadêmico Flávio Leitão passará a integrar o corpo editorial da revista da ACL, juntamente com Linhares Filho, Sânzio de Azevedo e Giselda Medeiros, tendo solicitado aos editores da revista a apresentação de normas e critérios para publicação de futuros trabalhos. Informou ainda que os cento e vinte e cinco anos de existência da ACL, bem como os trinta anos de transferência da ACL para o Palácio da Luz serão comemorados, conjuntamente, no dia vinte e um de novembro vindouro. Comentou a necessidade de a ACL criar normas para outorga das Medalhas Tomaz Pompeu, Barão de Studart e Claudio Martins, e convidou os presentes para a solenidade de entrega da Medalha Antônio Martins Filho à sua pessoa, pela Academia Fortalezense de Letras, que tem como Presidente Seridião Correia Montenegro. A seguir, a Presidente deu conhecimento da Agenda Cultural, recordando que: no dia dez de julho próximo passado realizou-se o Diálogo sobre Agustina Bessa-Luís, Sophia de Mello Breyner Andresen e a escritora brasileira Stella Leonardos, com as Acadêmicas Beatriz Alcântara e Lourdinha Leite Barbosa; no dia treze de agosto próximo passado, foi realizado, com significativa participação dos membros deste sodalício, jantar de felicitações pelos noventa anos do confrade José Murilo Martins e dos oitenta anos dos árcades Ednilo Soárez, Linhares Filho e Flávio Leitão; no dia dezenove de setembro próximo passado, realizou-se mesa-redonda sob o título *O Conto: leitura e depoimento*, com o concurso da confreira

Maria de Lourdes L. Barbosa e do confrade Flávio Leitão, tendo as discussões sido mediadas pela excelente participação da Acadêmica Beatriz Alcântara, que, na ocasião, comentou o grande entusiasmo dos alunos secundaristas da Academia Maria Ester de Leitura e Escrita, que brindaram os presentes com uma antologia de contos de autoria deles; no dia três de outubro próximo passado, a Presidente Angela Gutiérrez e a confreira Beatriz Alcântara dirigiram Roda de Conversa sobre a obra *Iracema* de José de Alencar, na Escola Estadual de Educação Profissional Ícaro de Sousa Moreira, no bairro Granja Lisboa, ocasião em que foi lembrado que, das cem melhores escolas de ensino médio no Brasil, cinquenta estão no Ceará; no dia nove de outubro próximo passado, realizou-se mais um Diálogo, desta feita sobre poesia, com a apresentação da Acadêmica Beatriz Alcântara e do Acadêmico Carlos Augusto Viana, quando estiveram presentes alunos da Acad7 do Colégio 7 de Setembro. Ainda com a palavra, a Presidente comunicou que a eleição para a Cadeira 24 será no dia 10 de outubro vindouro. Por último, com referência à Agenda Cultural, lembrou que teremos dois Diálogos, nos dias cinco e doze de novembro respectivamente. Como nada mais houvesse a ser tratado, foi encerrada a sessão, da qual eu, Flávio Leitão, Secretário-Geral da ACL, lavrei a presente ata que, após discutida, será aprovada.

12ª Parte

Relação dos Acadêmicos e seus Endereços

DISTRIBUIÇÃO DOS PATRONOS E ACADÊMICOS POR ORDEM DE CADEIRAS[1]

Acadêmicos da primeira fase, sem patronos e sem cadeiras

Farias Brito – Drumond da Costa – José Domingues Fontenele – Benedito Sidou – Franco Rabelo – Pedro de Queirós – F. Alves de Lima – Valdemiro Cavalcante – Álvaro Mendes – José Carlos Júnior – Virgílio de Morais – José de Barcelos – Antônio Bezerra – Eduardo Studart – Adolfo Luna Freire – Eduardo Salgado – Alcântara Bilhar – Valdivino Nogueira – Henrique Théberge – Rodrigues de Carvalho

OBS – * – Acadêmicos que ocuparam duas ou três cadeiras durante sua vida na Instituição.

Cadeira 1	
Patronos:	Ocupantes:
José de Alencar (1922)	Justiniano de Serpa
Adolfo Caminha (1930)	Ermínio Araújo
Adolfo Caminha (Atual)	Sidney Neto
Atual: Sânzio de Azevedo	
Rua: Leonardo Mota, 1080 – Apto. 501 / CEP: 60.170-041 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 2	
Patronos:	Ocupantes:
Paulino Nogueira (1922)	Guilherme Studart
Agapito dos Santos (1930)	Amora Maciel
Álvaro Martins (Atual)	Luís Sucupira*
Atual: José Batista de Lima	
Rua: José Alves Cavalcante, 1163 / CEP: 60.822-570 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 3	
Patronos:	Ocupantes:
Senador Pompeu (1922)	Tomás Pompeu
Álvaro Martins (1930)	Luís Sucupira
Antônio Augusto (Atual)	Martins Filho
Atual: Carlos Augusto Viana	
Rua: Manoel Jacaré, 171/1500 / CEP: 60.175-110 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 4	
Patronos:	Ocupantes:
Joaquim Catunda (1922)	Antônio Augusto
Antônio Augusto (1930)	J. J. Pontes Vieira
Antônio Bezerra (Atual)	Raimundo Girão
	Milton Dias
	Joaryvar Macedo
Atual: José Murilo de Carvalho Martins	
Av. Beira Mar, 3660/401 / CEP: 60.165-121 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 5	
Patronos:	Ocupantes:
Adolfo Caminha (1922)	Alf. Castro
Antônio Bezerra (1930)	Antônio Furtado
Antônio Papi Júnior (Atual)	Fran Martins
Atual: Eduardo Diatahy Bezerra de Meneses	
Rua: Marlio Fernandes, 140 – Guararapes / CEP: 60.810-025 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 6	
Patronos:	Ocupantes:
Fausto Barreto (1922)	Tomás Pompeu Sobrinho
Antônio Pompeu (1930)	F. Alves de Andrade
Antônio Pompeu (Atual)	Natércia Campos
Atual: Virgílio Maia	
Rua: Joaquim Nabuco, 250/600 / CEP: 60.125-120 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 7	
Patronos:	Ocupantes:
Liberato Barroso (1922)	Antonino Fontenele
Araripe Júnior (1930)	Cruz Filho
Clóvis Beviláqua (Atual)	Mário Linhares
	Nertan Macedo
Atual: Marly Vasconcelos	
Rua: Martinho Rodrigues, 88 – Fátima / CEP: 60.411-280 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 8	
Patronos:	Ocupantes:
Álvaro Martins (1922)	Alba Valdez
Capistrano de Abreu (1930)	Valter Pompeu
Domingos Olímpio (Atual)	Fernandes Távora*
	Aderbal Sales
	Horácio Dídimo
Atual: Grecianny Carvalho Cordeiro	
Rua: Bento Albuquerque, 360 – Ap. 1302 / CEP: 60.192-060 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 9	
Patronos:	Ocupantes:
Tomás Lopes (1922)	Carlos Câmara
Domingos Olímpio (1930)	Fernandes Távora
Fausto Barreto (Atual)	Alencar Matos
	João Clímaco Bezerra
	Genuino Francisco de Sales
Atual: Tales Montano de Sá Cavalcante	
Rua: Barão do Rio Branco, 2424 – Centro / CEP: 60.192-060 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 10	
Patronos:	Ocupantes:
Lívio Barreto (1922)	Sales Campos
Farias Brito (1930)	Matos Peixoto*
Gonçalo Mororó, Padre (Atual)	Abelardo Montenegro
Atual: Ednilo Gomes de Soárez	
Rua: Av. Beira Mar, 4777/1500 / CEP: 60.165-121 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 11	
Patronos:	Ocupantes:
Antônio Bezerra (1922)	Otávio Lobo
Fausto Barreto (1930)	Carvalho Júnior
Guilherme Studart, Barão (Atual)	Joaquim Alves
	José Valdivino
Atual: Dimas Macedo	
Rua: Fonseca Lobo, 1355/801-A / CEP: 60.175-020 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 12	
Patronos:	Ocupantes:
Araripe Júnior (1922)	Cursino Belém
Franklin Távora (1930)	Joel Linhares
Heráclito Graça (Atual)	Natanael Cortez*
	J. C. Alencar Araripe
Atual: José Augusto Bezerra	
Av. Rui Barbosa, 748/800 / CEP: 60.115-220 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 13	
Patronos:	Ocupantes:
Martinho Rodrigues (1922)	Soares Bulcão
Heráclito Graça (1930)	Natanael Cortez
Jerônimo Tomé, Dom (Atual)	Misael Gomes
	Ribeiro Ramos
Atual: Mons. Francisco Manfredo Tomás Ramos	
Rua: Tavares Coutinho, 1736/601-Varjota / CEP: 60.155-190 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 14	
Patronos:	Ocupantes:
Antônio Ibiapina (1922)	Jorge de Sousa
Jerônimo Tomé (1930)	Misael Gomes
João Brígido (Atual)	Jáder de Carvalho*
	José Maria Barros de Pinho
Atual: Ernando Uchoa Lima	
Av. Beira-Mar, 4320/500 / CEP: 60.165-121 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 15	
Patronos:	Ocupantes:
Antônio Martins (1922)	José Lino da Justa
João Brígido (1930)	Jáder de Carvalho
João Capistrano de Abreu (Atual)	Braga Montenegro
Atual: Mons. Francisco Sadoc de Araújo	
Rua da Ressurreição, 926, Bairro: Pe. Ibiapina / CEP: 62.022-345 – Sobral – Ceará	

Cadeira 16	
Patronos:	Ocupantes:
Antônio Ibiapina, Padre (1922)	Júlio Ibiapina
João Moreira (1930)	Antônio Teodorico
João Franklin Távora (Atual)	Joel Linhares*
	Newton Gonçalves
Atual: Maria Beatriz Rosário de Alcântara	
Av. Antônio Justa, 3320/300 / CEP: 60.165-090 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 17	
Patronos:	Ocupantes:
José Avelino (1922)	Álvaro de Alencar
Joaquim Catunda (1930)	Renato Braga
Joaquim Catunda (Atual)	
Atual: Paulo Bonavides	
Rua: Manoelito Costa, 281 - Lagoa Redonda / CEP: 60.831-374 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 18	
Patronos:	Ocupantes:
Soares Bezerra (1922)	Andrade Furtado
Joaquim José Vieira, Dom (1930)	Otávio Lobo*
José Cardoso de Moura Brasil (Atual)	Antônio Girão Barroso
	Geraldo Fontenele
Atual: Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez	
Rua: Deputado Moreira da Rocha, 865 / CEP: 60.160-060 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 19	
Patronos:	Ocupantes:
Antônio Tibúrcio, General (1922)	Raimundo Arruda
José Albano (1930)	Martinz de Aguiar
José Albano (Atual)	Mozart Soriano Aderaldo
Atual: Juarez Leitão	
Rua: Silva Jatahy, 760/1000 / CEP: 60.165-070 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 20	
Patronos:	Ocupantes:
Tristão Araripe (1922)	Antônio Drumond
José de Alencar (1930)	Antônio Sales*
José Liberato Barroso (Atual)	Clodoaldo Pinto*
Atual: Cid Sabóia de Carvalho	
Rua: Gustavo Sampaio, 1999 – Alagadiço / CEP: 60.455-001 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 21	
Patronos:	Ocupantes:
Oliveira Sobrinho (1922)	Raimundo Ribeiro
José Liberato Barroso (1930)	Clodoaldo Pinto
José de Alencar (Atual)	Filgueiras Lima
	Raimundo Girão*
	Osmundo Pontes
Atual: Regine Limaverde	
Rua: Leonardo Mota, 460/202 / CEP: 60.170-040 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 22	
Patronos:	Ocupantes:
Paula Nei (1922)	Quintino Cunha
Justiniano de Serpa (1930)	Leiria de Andrade*
Justiniano de Serpa (Atual)	Alba Valdez*
	Eduardo Campos
Atual: César Asfor Rocha	
Av. Beira Mar, 1140 / 700 / CEP: 60.165-121 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 23	
Patronos:	Ocupantes:
José Sombra (Pai) (1922)	José Sombra Filho
Lívio Barreto (1930)	Elias Mallmann
Juvenal Galeno (Atual)	Henriqueta Galeno
	Florival Seraine
Atual: Luciano Maia	
Rua: Paula Ney, 155/200 / CEP: 60.140-020 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 24	
Patronos:	Ocupantes:
Heráclito Graça (1922)	Ferreira dos Santos
Mário da Silveira (1930)	Júlio Maciel
Lívio Barreto (Atual)	Gastão Justa
	Pedro Paulo Montenegro († 9/6/2019)
Atual: Laéria Bezerra Fontenele (Eleita: Out. 2019)	
Rua: Manoel Jacaré, 171/1500 / CEP: 60.175-110 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 25	
Patronos:	Ocupantes:
Valdemiro Cavalcante (1922)	Francisco Prado
Gonçalo Mororó Padre (1930)	Demócrito Rocha
Manuel de Oliveira Paiva (Atual)	Carlyle Martins
Atual: Pedro Henrique Saraiva Leão	
Rua: Marcos Macêdo, 1301/301 / CEP: 60.150-190 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 26	
Patronos:	Ocupantes:
Visconde de Sabóia (1922)	Leiria de Andrade
José Cardoso de Moura Brasil (1930)	Otávio Lobo
Manoel Soares Bezerra (Atual)	Andrade Furtado*
	Otacílio Azevedo
Atual: Lúcio Gonçalo de Alcântara	
Av. Antônio Justa, 3320/300 / CEP: 60.165-090 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 27	
Patronos:	Ocupantes:
Rocha Lima (1922)	Cruz Filho
Manuel de Oliveira Paiva (1930)	Papi Júnior*
Manuel Soriano de Albuquerque (Atual)	Epifânio Leite
	Adonias Lima*
	Durval Aires
Atual: César Oliveira Barros Leal	
Rua: José Carneiro da Silveira, 15/301 / CEP: 60.150-260 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 28	
Patronos:	Ocupantes:
João Brígido (1922)	Antônio Teodorico
Oto de Alencar (1930)	José Sombra Filho*
Mário da Silveira (Atual)	Leonardo Mota*
	Júlio Maciel
	João Jacques
Atual: Giselda Medeiros	
Rua: Carlos Vasconcelos, 1847/1203 / CEP: 60.115-171 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 29	
Patronos:	Ocupantes:
Farias Brito (1922)	Matos Peixoto
Paulino Nogueira (1930)	Carlos Studart Filho
Paulino Nogueira (Atual)	Itamar Espindola
	José Costa Matos
	José Alves Fernandes
Atual: Ubiratan Diniz de Aguiar	
Av. Chanceler Edson Queiroz, 200/1301-B / CEP: 60.810-145 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 30	
Patronos:	Ocupantes:
Alberto Nepomuceno (1922)	Beni Carvalho
Senador Pompeu (1930)	Adauto Fernandes
Raimundo Rocha Lima (Atual)	Josaphat Linhares*
Atual: Linhares Filho	
Rua: Mário de Alencar Araripe, 185 / CEP: 60.883-500 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 31	
Patronos:	Ocupantes:
Domingos Olímpio (1922)	Fernandes Távora
Pompílio Cruz (1930)	Mozart Damasceno
Raimundo Farias Brito (Atual)	Leite Maranhão
	Cursino Belém
	Cláudio Martins
	Francisco Carvalho
Atual: Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa	
Rua: Bento Albuquerque, 399/702 / CEP: 60.190-080 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 32	
Patronos:	Ocupantes:
Franklin Távora (1922)	Leonardo Mota
Raimundo Rocha Lima (1930)	Josaphat Linhares
Raimundo Ulisses Pennafort, Cônego (Atual)	J. V. Ribeiro Ramos
	Moreira Campos
	Rachel de Queiroz
Atual: Napoleão Nunes Maia Filho	
Rua: Cônego Braveza, 475 / CEP: 60.822-820 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 33	
Patronos:	Ocupantes:
Visconde de Sabóia (1930)	Antônio Sales
Rodolfo Teófilo (Atual)	Tomás Pompeu Filho
	Perboyre e Silva
	Otacílio Colares
Atual: Noemi Elisa Aderaldo	
Rua: Andrade Furtado, 333 / Apto 101 / CEP: 60.192-070 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 34	
Patronos:	Ocupantes:
Samuel Uchoa (1930)	Papi Júnior
Samuel Uchoa (Atual)	Dolor Barreira
	J. Figueiredo Filho
	Denizard Macedo
	Vinicius Barros Leal
	José Telles da Silva
Atual: Flavio Leitão	
Av. Rui Barbosa, 255/400 / CEP: 60.115-220 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 35	
Patronos:	Ocupantes:
Manuel Soriano Albuquerque (1930)	João Augusto Frota, Padre
Tomás Pompeu (Atual)	Teodoro Cabral
	Livino de Carvalho
	Cândida Galeno
	Argos Vasconcelos
	Alberto Nepomuceno de Oliveira
Atual: João Soares Neto	
Av. Beira Mar, 2300/1300 / CEP: 60.165-120 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 36	
Patronos:	Ocupantes:
Tibúrcio Rodrigues (1930)	Rodolfo Teófilo
Tomás Pompeu, Senador (Atual)	J. Martins Rodrigues
	Hugo Catunda
	Carlos Neves D'Alge
Atual: Révia Maria Lima Herculano	
Av. Beira Mar, 4344/702 – Meireles / CEP: 60.165-121 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 37	
Patronos:	Ocupantes:
Tomás Lopes (1930)	Adonias Lima
Tomás Lopes (Atual)	Mozart Firmeza
	Manoel Albano Amora
Atual: Teoberto Landim	
Av. Barão de Studart, 1966/502 / CEP: 60.120-001 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 38	
Patronos:	Ocupantes:
Tomás Pompeu (1930)	Júlio Maciel
Tibúrcio Rodrigues (Atual)	Monte Arrais
	Menezes Pimentel
	F. S. Nascimento
Eleito: Antônio de Pádua Lopes de Freitas	
Rua: Jacinto Botelho, 94 / CEP: 60810-050 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 39	
Patronos:	Ocupantes:
Ulisses Pennafort, Cônego (1930)	Moreira Azevedo
Tristão de A. Araripe Júnior (Atual)	Beni Carvalho*
	Cruz Filho*
	Plácido Aderaldo Castelo
	José Rebouças Macambira
Atual: Mauro Benevides	
Rua: Tiburcio Cavalcante, 700/21.and. / CEP: 60.125-100 – Fortaleza – Ceará	

Cadeira 40	
Patronos:	Ocupantes:
Luis Miranda (1922)	Antônio Tomás, Padre
Valdemiro Cavalcante (1930)	Emídio Barbosa
Visconde de Sabóia (Atual)	Carlos Oliveira Ramos
	Tomás Pompeu Filho*
	Artur Eduardo Benevides
Atual: Durval Aires Filho	
Rua: Nelson Studart, 227 / CEP: 60.811-040 – Fortaleza – Ceará	